

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**JOÃO JOSÉ BEZERRA**

**A ESTRUTURA DINÂMICA DA LITURGIA À LUZ DO REALISMO ZUBIRIANO E  
DO N° 9 DA *REDEMPTIONIS SACRAMENTUM***

**DOCTORADO EM TEOLOGIA**

**SÃO PAULO  
2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**JOÃO JOSÉ BEZERRA**

**A ESTRUTURA DINÂMICA DA LITURGIA À LUZ DO REALISMO ZUBIRIANO E  
DO Nº 9 DA *REDEMPTIONIS SACRAMENTUM***

**DOUTORADO EM TEOLOGIA**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Teologia sob a orientação do Prof. Doutor Valeriano dos Santos Costa.

**SÃO PAULO**

**2023**

## PÁGINA DE APROVAÇÃO

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa.

Orientador

PUC – SP

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Giovani Meinhardt

Instituto Ivoti

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Matheus da Silva Bernardes

PUC-Campinas

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Antonio Manzatto

PUC-SP

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Donizete José Xavier

PUC-SP

Assinatura \_\_\_\_\_

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior –Brasil (CAPES). Número de Processo é 88887.351848/2019-0

This work was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Brazil (CAPES). Process Number is 88887.351848/2019-0

## Agradecimento

Certa vez, um grande teólogo e liturgista sentado em sua mesa ao me propor pesquisar o pensamento do Xavier Zubiri pelo qual se apaixonara pesquisar intensamente me disse: “Essa tese se trata de uma missão divina...” Essas foram as palavras do Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa que me motivaram a me lançar também nessa pesquisa com o desejo de trazermos um novo caminho de reflexão e entendimento para a Teologia da Liturgia. Hoje, realmente, estou mais que convicto que se trata de uma missão divina que ainda não chegou ao seu cume, ainda falta muito a percorrer com empenho e labor para mergulhar cada vez mais no pensamento de Zubiri para compreender melhor todas as realidades, sobretudo, a realidade da Sagrada Liturgia. Minhas preces e súplicas de gratidão a Deus, a Virgem Maria aos Santos São João Paulo II e ao Santo Papa Paulo VI, São Bento e a Santa Madre Tereza de Calcutá a quem supliquei intercessão por esta tese. Gratidão ao Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa, mais que um orientador, um verdadeiro doutor da ciência litúrgica e da fé por me ter conduzido nesse caminho tão desafiador e árduo. A meus pais Alta e Antônio, minha irmã Luciene e meus queridos sobrinhos que sempre estiveram comigo; aos meus amigos, fiéis leigos e padres, que ao longo desse caminho me incentivaram e me ajudaram de todas as formas até aqui. São tantos amigos! A todos aos padres da minha Igreja particular e ao meu Arcebispo, Dom Maurício Grotto de Carmargo que me autorizou a prosseguir meus estudos no programa de doutorado e todo o Conselho de Presbítero. Ao querido Monsenhor Edmilson, meu colega de estudos no doutorado e irmão, ao Padre Márcio e ao Cônego Marcos Paulo ao quais não tenho palavra para agradecê-los. Simplesmente gratidão! Ao padre Tarcísio que tanto me ajudou em minhas dúvidas técnicas e que tantas vezes leu os meus textos e sobretudo pela amizade e apoio.

Minhas preces a Deus e gratidão a todos, simplesmente gratidão!

“Assim, creio eu, a sua renovada *atualidade* depende da preciosa redescoberta de *um lado desatualizado, opaco e dificilmente em ideias claras e distintas*”.  
(ANDREA GRILLO, Para Além de Pio V. A Reforma Litúrgica após a *Traditionis Custodes*)

## Resumo

A presente tese tem como objeto a Estrutura Dinâmica da Liturgia à luz do pensamento do filósofo basco Xavier Zubiri (1898-1983) e da Instrução *Redemptionis Sacramentum* escrita a pedido do papa João Paulo II no ano de 2004. Após um ano da publicação da carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de Abril de 2003), o papa João Paulo II, solicitou ao Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos uma instrução de cunho normativo para dirimir os abusos recorrentes durante a celebração da Santíssima Eucaristia, o que não era a primeira preocupação da carta encíclica a não ser seu conteúdo teológico-pastoral, apesar de tratar de alguns pontos acerca do perigo que os abusos perpetrados podem oferecer não somente à celebração dos outros sacramentos e sacramentais mas, principalmente, no que toca a celebração do santo sacrifício do altar. Tanto a carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia* como a Instrução *Redemptionis Sacramentum*, recuperam e direcionam todos os que tomam parte desse mistério pela fé, sejam os fiéis ou aqueles que presidem a redescobrir, compreender melhor e celebrar o seu verdadeiro fundamento que é o Mistério Pascal de Cristo. Tanto a carta encíclica como a instrução RS aponta para o “ofuscamento” e para a perda da noção dessa profunda realidade e seu dinamismo próprio. Os abusos perpetrados dentro da Sagrada Liturgia, seja no momento da celebração dos sacramentais da Igreja, dos sacramentos, principalmente, no que se refere ao sacrifício do altar, na tentativa de dinamizar e tornar mais atraente para os fiéis as celebrações da Igreja demonstram claramente que é de máxima urgência recuperar a verdadeira noção da realidade da liturgia da Igreja e, somente, assim será possível entender e celebrar com admiração e respeito que o mistério da nossa fé exige. É nesse sentido que o pensamento filosófico de Xavier Zubiri se torna relevante para nossa pesquisa. Para ele a noção de realidade não é fruto de afirmações conceituais ou de ideias que podemos ter de alguma coisa real. Os conceitos e as ideias são momentos posteriores. O primeiro momento é a “nua realidade” apreendida como ela é em e si mesma em todas as suas notas e estrutura que pouco a pouco através do sentir senciante passo a individuar intelectivamente. Aqui, o sentir não é uma mera “captação” de dados que algo real possa vir oferecer, mas se constitui o momento primordial do movimento intelectual até a plena constituição da realidade sentida. No entanto, a realidade não é o que posso conceituar como se pensava na filosofia clássica, mas algo que se sente e ao mesmo tempo entende. Somente a partir desse momento unitário de sentir entendendo que se pode obter o conceito ou a ideia de algo o que pode se alterar na medida que sinto e entendo outras notas. Por assim, dizer a realidade não é algo pronto e acabado, mas realidade em construção (*realitas in essendo*). Essa nova via de entendimento da realidade para a reflexão

teológica na busca de uma interface se torna uma via noológica necessária e um “feixo” de luz para o entendimento da realidade da Sagrada Liturgia. O pensamento zubirano nos leva a compreender a realidade da liturgia, não como algo pronto e acabado, ou como algo rígido e fixo que basta a mera observação de rubricas e normas, mas trata-se de uma realidade dinâmica que se “faz e perfaz” em e por si mesma sem precisar de qualquer adendo desnecessário. Em um segundo momento nos leva a compreender que a realidade da liturgia não é conceito ou alguma ideia sobre a graça de Deus ou sobre a presença de Deus, mas ali está a realidade “nua e crua” e que pode ser sentida e inteligida progressivamente através da apreensão primordial de realidade. Em um terceiro momento que ao apresentar o sentir senciente enquanto processo do sentir humano demonstrando seu momento primordial e seus modos ulteriores nos mostra que o ser humano está profundamente implicado em sua totalidade constitutiva no conhecimento de toda e qualquer realidade. Não um passivo, mas consciente, ativo e piedoso frente a qualquer realidade que se impõe sobre ele, principalmente, a realidade da Sagrada Liturgia em todo seu dinamismo, estrutural ritus et preces.

Palavras chaves: Liturgia, Abusos, Realidade, Dinamismo, Estrutura.

## Abstract

This thesis focuses on the Dynamic Structure of the Liturgy in the light of the thinking of the Basque philosopher Xavier Zubiri (1898-1983) and the Instruction *Redemptionis Sacramentum* written at the request of Pope John Paul II in 2004. One year after the publication of the Encyclical *Ecclesia de Eucharistia* (April 17, 2003), Pope John Paul II asked the Dicastery for Divine Worship and the Discipline of the Sacraments for an instruction of a normative nature to resolve recurrent abuses during the celebration of the Most Holy Eucharist, which was not the first concern of the encyclical letter other than its theological-pastoral content, despite dealing with some points about the danger that perpetrated abuses can pose not only to the celebration of other sacraments and sacramentals, but mainly, with regard to the celebration of the holy sacrifice of the altar. Both the encyclical letter *Ecclesia de Eucharistia* and the Instruction *Redemptionis Sacramentum*, recover and direct all those who take part in this mystery by faith, whether the faithful or those who preside, to rediscover, better understand and celebrate its true foundation, which is the Paschal Mystery of Christ. Both the encyclical letter and the RS instruction point to “overshadowing” and to the loss of the notion of this profound reality and its own dynamism. The abuses perpetrated within the Sacred Liturgy, whether at the time of celebration of the sacramentals of the Church, of the sacraments, especially with regard to the sacrifice of the altar, in an attempt to streamline and make Church celebrations more attractive to the faithful demonstrate clearly that It is extremely urgent to recover a true sense of the reality of the Church's liturgy, and only then will it be possible to understand and celebrate with the admiration and respect that the mystery of our faith demands. It is in this sense that Xavier Zubiri's philosophical thought becomes relevant to our research. For him, the notion of reality is not the result of conceptual statements or ideas that we may have of something real. Concepts and ideas come later. The first moment is the “naked reality” apprehended as it is in and of itself in all its notes and structure that little by little through sentient feeling I proceed to individuate intellectually. Here, feeling is not a mere “capturing” of data that something real can offer, but constitutes the primordial moment of the intellectual movement towards the full constitution of the felt reality. However, reality is not what I can conceptualize as thought in classical philosophy, but something that is felt and at the same time understood. Only from that unitary moment of feeling and understanding that one can obtain the concept or idea of something that can change as I feel and understand other notes. In other words, reality is not something ready and finished, but reality under construction (*realitas in essendo*). This new way of understanding reality for theological reflection in the search for an interface becomes a

necessary noological way and a “beam” of light for understanding the reality of the sacred liturgy. Zubirano's thought leads us to understand the reality of the liturgy, not as something ready and finished, or as something rigid and fixed that the mere observation of rubrics and norms is enough, but it is a dynamic reality that "makes and makes up" in and of itself without needing any unnecessary addendum. In a second moment, it leads us to understand that the reality of the liturgy is not a concept or some idea about the grace of God or about the presence of God, but there is the “naked and raw” reality that can be felt and understood progressively through the liturgy. primordial apprehension of reality. In a third moment, when presenting the sentient feeling as a process of human feeling, demonstrating its primordial moment and its ulterior modes, it shows us that the human being is deeply involved in its constitutive totality in the knowledge of any and all reality. Not passive, but conscious, active and pious in the face of any reality that imposes itself on him, especially the reality of the Sacred Liturgy in all its dynamism, structural ritus et preces.

Keywords: Liturgy, Abuses, Reality, Dynamism, Structure.

## Sumário

<b>Capítulo I: O realismo zubiriano</b> .....	10
Introdução.....	10
1. Zubiri e sua luta para compreender a realidade .....	12
2. Dois aspectos inéditos da filosofia zubiriana .....	13
2.1 A hermenêutica da transcendentalidade .....	13
2.2 Visão totalmente nova de metafísica e noologia .....	15
3. A Adesão dos estudiosos ao pensamento zubiriano .....	16
4. Atualidade do pensamento zubiriano .....	17
5. Alguns aspectos fundamentais da filosofia de Zubiri .....	18
5.1 Inteligência senciente como fundamento da realidade.....	18
5.2 A distinção entre puro sentir animal e sentir senciente humano.....	19
5.3 A Impressão de realidade e seus momentos característicos .....	24
5.4 O conhecimento como imposição de realidade .....	26
5.5 Dinamismo e alteridade.....	30
5.6 O devir como momento dinâmico.....	34
5.7 Estrutura própria da realidade.....	41
5.8 A estrutura dinâmica da realidade.....	47
6. Obras referenciais para compreensão da filosofia zubiriana .....	52
6.1 A trilogia da ineligência senciente .....	52
6.2 Natureza, História, Deus.....	57
6.3 Sobre a Essência .....	58
Conclusão .....	63
<b>Capítulo II: A Estrutura da liturgia</b> .....	64
Introdução.....	64
1. A estrutura da Liturgia.....	64
1.1 O percurso intelectual da busca de uma definição da realidade da liturgia.....	64
1.2 Liturgia como sistema substantivo.....	69
1.3 Estrutura da Liturgia e sua dimensão substantiva.....	73
1.4. Inteligência Sentiente como via intelectual do sentir a liturgia .....	80
1.5. Liturgia como princípio intelectual senciente da atualidade do Mistério de Cristo. ....	87
2. Instrução Redemptionis Sacramentum.....	102
2.1. O contexto do Documento.....	102

2.2 Superação da Ignorância em rejeitar o que não se compreende na liturgia.....	105
3. Outros documentos correlatos.....	114
Conclusão.....	119
<b>Capítulo III: Repropora prática e o estudo da liturgia hoje.....</b>	<b>120</b>
Introdução.....	120
3.1 Os princípios norteadores da Sagrada Liturgia.....	121
3.1.1 Recuperação ritual.....	121
3.1.2 Abandonar radicalmente a inteligência concipiente.....	124
3.1.3 Mergulhar no rito enquanto atualidade do Mistério Pascal.....	128
3.2 Recuperação do sentido teológico da participação ativa a partir da ação ritual.....	129
3.3 A retomada da Lex Orandi.....	141
3.4 Recuperar o objeto da Sagrada Liturgia.....	147
3.5 Recuperando o método da investigação litúrgica à luz do método zubiriano.....	161
3.6 A recuperação do sentido teológico da estrutura dinâmica da liturgia.....	174
Conclusão.....	185
Bibliografia.....	187

## **Siglas e Abreviações**

DSd Documento de Santo Domingo

DV Constituição Dogmática Dei Verbum

ELM Elenco das Leituras da Missa

IGM Instrução Geral do Missal Romano

LG Constituição Dogmática Lumem Gentium

MD Carta Encíclica Mediator Dei

RS Instrução Redemptionis Sacramentum

SC Constituição Litúrgica Sacrosanctum Concílium

DD Carta Apostólica Desiderio Desideravi

# Capítulo I

## O Realismo Zubiriano

### Introdução

O nosso estudo tem como objeto formal a dinamicidade própria da liturgia sacramental. Segundo a Teologia Litúrgica, a dimensão dinâmica da liturgia está na própria liturgia e não em adendos externos que pudessem dar à liturgia o que não teria por si mesma. Isto é claro para a Teologia Litúrgica, que é nossa episteme e o objeto primário do nosso Grupo de Pesquisa. A Teologia é, cada vez mais, reconhecida como um saber necessário e abrangente para que a humanidade possa dar-se conta do seu papel e de suas possibilidades históricas, sobretudo na linha da vida vivida como dom divino. Abre-se, portanto, um horizonte que alarga o olhar para as mais variadas questões, como a sobrevivência do planeta e o despertar das questões ecológicas e da economia solidária. É a base da nossa pesquisa geral, sem, contudo, abordar neste trabalho as questões particulares apontadas acima.

A questão específica é que, embora a Teologia Litúrgica continue insistindo que a liturgia fala por si, comportamentos estranhos também continuam tumultuando a prática da liturgia. Tais comportamentos foram chamados oficialmente de *abusos*. Nossa tese é que falta um patamar filosófico que ajude a esmiuçar a questão. E esse patamar encontra-se, em nossa opinião, no pensamento filosófico de Xavier Zubiri. Então nosso estudo faz interface entre Teologia e Filosofia, apoiado em dois objetos materiais: o n° 9 da Instrução *Redemptionis Sacramentum* e os textos que, a nosso ver, são determinantes no pensamento de Xavier Zubiri para a questão que abordamos aqui.

A Instrução *Redemptionis Sacramentum* é o título de um documento da Igreja Católica de categoria instrucional sobre a maneira correta de celebrar a Missa no rito latino e, com as devidas adaptações, em outros ritos litúrgicos. Essa Instrução foi publicada pela Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, do Vaticano, em 25 de março de 2004, com o intuito de promover a celebração condizente e correta da Eucaristia e coibir algumas iniciativas consideradas abusivas.

O segundo objeto material, constituído pelo pensamento filosófico de Xavier Zubiri, é transversal, justamente porque este autor basco apresenta uma plataforma filosófica apoiada radicalmente na realidade compreendida como o primeiro e o último parâmetro de todas as coisas. Então vemos a liturgia como uma realidade.

Xavier Zubiri faz uma crítica a toda a filosofia anterior, desde os gregos até os dias de hoje, porque na história da Filosofia não se soube compreender a fundo a questão da realidade e seu dinamismo interno. Por isso mesmo foi separando “sentir” e “inteligir” como duas faculdades diferentes e até contrárias. E, como já dissemos, o estudo que vamos fazer sobre as críticas que a *Redemptionis Sacramentum* levanta a respeito das iniciativas “abusivas” de celebrar a Eucaristia precisa de uma plataforma filosófica atual que ajude a discernir a questão decorrente da incompreensão da realidade em seu dinamismo próprio. A realidade e seu dinamismo constituem o coração da filosofia zubiriana. Então não podemos senão iniciar a nossa pesquisa abordando primeiramente o pensamento filosófico zubiriano, e o vamos fazer oferecendo um panorama da filosofia zubiriana numa espécie de ousadia da nossa parte, pois a filosofia mencionada é tão inédita quanto complexa e de uma riqueza ineludível.

Em tom de uma pequena síntese, nossa pesquisa tem como objeto de investigação a *Estrutura Dinâmica da Sagrada Liturgia* em simetria com o nº 9 da Instrução *Redemptionis Sacramentum*<sup>1</sup>, à luz do realismo zubiriano. Assim poderemos enfrentar algumas questões emblemáticas, em torno das quais giram o que em nossa episteme litúrgica chamamos de abuso. É uma questão de princípio mesmo da realidade.

E para não confundirmos princípio com começo de alguma coisa, trazemos a reflexão de Sáez Cruz a respeito da definição de princípio em Zubiri, lembrando que optamos por oferecerem nota de rodapé o texto em sua versão original, quando a tradução for nossa: “Princípio não é mero começo, nem é, contra a opinião autorizada de Aristóteles, só aquilo (*hóthen*) «desde o qual» algo vem [...], senão «aquilo que *desde si mesmo e por si mesmo se realiza no fundado*»” (SÁEZ CRUZ, 1995, p. 43)<sup>2</sup>. O fundado aqui é a liturgia, que tem como fundamento o próprio Deus. Os abusos litúrgicos, muitas vezes sob justificativa de inovação, não só provocam uma deturpação dos princípios fundamentais da liturgia, mas também um distanciamento do verdadeiro objetivo do culto cristão, que é unir a humanidade a Deus. Vamos descrever um panorama tosco de algumas atitudes atuais que podem ser enquadradas no cenário dos abusos litúrgicos: entradas triunfantes pelos tetos das igrejas, ministros sagrados dançando “hits”, explosões de fogos de artifício ou aspersão com água benta realizada por “pulverizadores”. Isso não passa de uma tentativa efêmera e desenfreada e quase um desespero para atrair multidões e provocar o fascínio momentâneo do espetáculo.

---

<sup>1</sup> Frente aos abusos relacionados à celebração dos sacramentos, principalmente, no que diz respeito à Eucaristia, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos promulgou em 25 de março de 2004 a Instrução *Redemptionis Sacramentum* sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia.

<sup>2</sup> “Principio no es mero comienzo, ni es, contra la opinión autorizada de Aristóteles solo aquello (*hóthen*) «desde lo cual» algo viene [...], sino «aquello que *desde sí mismo y por sí mismo se realiza en el fundado*»”.

Na verdade, é um atentado contra a verdadeira dinamicidade da realidade litúrgica, como se a Sagrada Liturgia enquanto ação ritual da Igreja não bastasse por si mesma para salvar e edificar a realidade humana na sua totalidade. O espaço litúrgico para muitos ministros e fiéis tornou-se uma espécie de “palco” artístico no qual o centro são os efeitos humanos e os espetáculos externos. Por isso, é urgente voltar à verdadeira realidade da liturgia como “locus” da comunhão entre Deus e o homem na dimensão experiencial sensível do real.

Diante desse quadro, buscamos no pensamento filosófico de Zubiri um “feixe de luz” que aponte para um caminho de retorno à dinâmica autêntica da liturgia, em que o sentir e o inteligir a realidade em seus modos de apreensão primordial, apreensão em logos e apreensão em razão favorecerão o desaparecimento dos abusos que tanto perturbam nossa liturgia. Vamos então, a partir de agora salientar alguns destaques da filosofia de Zubiri para oferecer um panorama de um pensamento complexo que nos ajude a discutir o tema desta tese.

## **1. Zubiri e sua luta para compreender a realidade**

Xavier Zubiri é um filósofo contemporâneo (1898-1983) que oferece um novo horizonte no qual se insere uma nova compreensão do que é a realidade. Neste campo, o nosso autor lança luzes sobre o embate filosófico que se desdobrou ao longo da história desde aqueles esforços que tinham como expoente as escolas platônica e aristotélica até as escolas atuais que floresceram com a fenomenologia de Husserl a Heidegger. Percebemos tal relevância, cada vez mais crescente, em diversos autores que se debruçaram sobre o pensamento de Zubiri.<sup>3</sup> Temos, portanto, de admitir que ele deixou, um legado valioso para o pensamento atual. Entralgo diz a esse respeito:

O que é verdadeiramente essencial do legado filosófico de Zubiri se tem constituído, como é óbvio, pelo sistema de conceitos em que, a partir desse ponto de partida e segundo esse método, se expressou a posse crescente da

---

<sup>3</sup>CAPONIGRI, A. Robert. A propósito de sobre a essência: o realismo de Zubiri. In: SECRETAN, Philibert (org.). Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações, 2014, p. 47-64; ELLACURIA, Ignacio. Uma abordagem da filosofia de Zubiri; FERRAZ FAYOS, Antônio. A trilogia sobre a inteligência. SECRETAN, Philibert (org.). Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações. 2014, 65-76; GRACIA, Diego. Zubiri (1898-1983); PINTOR-RAMOS, Antonio. Uma filosofia da religião cristã. Philibert (org.). Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações. 2014, 77-108; TEIXEIRA, João Antônio Pinheiro. A finitude do infinito: o itinerário teológico do homem em Xavier Zubiri. Lisboa: Universidade Católica, 2007; TEJADA, José Fernández. Prefácio. Também temos como fonte online para obter um maior conhecimento de suas obras e sua vida acessar <https://www.zubiri.net/bienvenida/>. Encontramos também uma notável contribuição sobre o entendimento da sua vida e obra no artigo de Giovanni Meinhardt. Cf. MEINHARDT, Giovanni. Zubiri no Brasil: encobrimento e descobrimento: In: Xavier Zubiri: Interfaces/ COSTA, Valeriano dos Santos; NEVES, Marcos Vieira das; BERNARDES, S. Matheus (Orgs.). São Paulo: Ideia & Letras, 2020.

meta que Zubiri propunha: a elaboração de um sistema filosófico da realidade intramundana, enquanto realidade, e a partir dela, a descoberta de uma via de acesso à realidade de Deus, como fundamento último da realidade do mundo. (ENTRALGO, 2005, p.112).

Portanto, o legado filosófico de Zubiri se constitui como um caminho que vai ajudar a humanidade a conhecer a verdade, e temos certeza que trará um enorme benefício em termos de um conhecimento que unirá verdade e libertação, como afirma o Apóstolo João: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). A filosofia de Zubiri nos educa para buscar na dimensão intramundana aquilo que fomos educados para ver somente fora da realidade, como é o caso de Deus. Desde já podemos dizer que o pensamento de Zubiri prima pelo que teologicamente chamamos de “encarnação”, pois encarnação é a fina flor da alteridade, pois não fala do outro estando fora do outro, mas a partir do outro estando nele.

## **2. Dois destaques inéditos da Filosofia zubiriana**

Para iniciar o panorama da filosofia zubiriana, vamos apresentar dois destaques que definem a grandeza da inovação do pensamento do nosso autor basco: a hermenêutica da transcendentalidade e uma visão totalmente nova de metafísica e noologia.

### **2.1. A hermenêutica da transcendentalidade**

A compreensão comumente aceita de que Deus e a humanidade estão em planos diferentes no que toca a realidade, se apoia na ideia de “transcendência” para explicitar que Deus está fora da realidade, gerando uma compreensão do sufixo *trans* bem adequada a esse tipo de visão. Em consequência se buscava Deus “para além” da realidade física (*metafísica*). Porém, como “a ideia do *metá* é carregada de muitos sentidos, é preciso delimitar o que significa aqui ‘metafísica’ (ZUBIRI, 2011a, p.89). Sem dúvida, não pode ser aquela ideia de Metafísica concebida como aquilo que está para além da física, uma espécie de *transfísica* ou *pós-física* segundo a visão de Andrônico de Rodes (Zubiri 2011a, p.89), que foi um filósofo grego, cuja principal contribuição foi a organização dos escritos de Aristóteles.

O ensinamento filosófico de Zubiri constitui a elaboração de um sistema da realidade intramundana como via de acesso à realidade de Deus, fundamento último da realidade do mundo. Esse sistema filosófico nos proporciona o entendimento de que a realidade em si dispõe de um aspecto para além da própria realidade e que, ao mesmo tempo, sem sair da realidade, constitui o seu fundamento máximo ou aquilo que Zubiri chama de

*transcendentalidade*, em vez de transcendência. Aqui está uma conceituação teórica da própria realidade (ZUBIRI, 2011a, p. 89) que nos ajuda a entender que a coisa real possui duas funções: uma de ser coisa real e outra de ser pura e simples realidade. Entre as duas existe uma articulação essencial. A realidade não é um mar onde “flutuam” as coisas, pois a realidade não é nada fora das coisas reais. A transcendentalidade consiste ao mesmo tempo em ser realidade e coisa real, porém, em momentos distintos. Para Zubiri, a transcendentalidade de “algo” é um momento estrutural e dinâmico, por isso radical e não secundário, que é o termo formal da inteligência. Ruiz diz que o momento da transcendentalidade consiste no momento primordial em que a coisa real se instala na intelecção. “E isto não é somente um fato científico, mas algo primário e radical. É a transcendentalidade dinâmica” (ZUBIRI, 2011a, p.92). Ruiz afirma:

A transcendentalidade é algo que se estende da formalidade da realidade de uma coisa à formalidade da realidade de outra coisa. A transcendentalidade, então, não é comunidade, mas comunicação, e uma comunicação que não é causal, mas formal. A realidade, portanto, não é um caráter de conteúdo já concluído, mas uma formalidade aberta. (RUIZ, 1998, p. 43).<sup>4</sup>

E aqui vemos a grande diferença entre o transcendente e a transcendentalidade. Algo transcendente é “fechado” e já “acabado”. E o que garante a abertura da formalidade de realidade é justamente a transcendentalidade da realidade. A formalidade da realidade é o ponto primordial e radical desse momento de transcendentalidade. Sem sair do conteúdo apreendido, se lança na busca de outros modos de apreensão, modos que já mencionamos acima. Por isso, para Zubiri, a transcendentalidade não consiste em estar fora ou para além da realidade, mas antes instalado nela. Em outras palavras, aprofundado nela. Tejada, falando da filosofia de Zubiri, diz

O objeto formal da sua filosofia é a realidade atualizada na inteligência. A radicalidade do saber está em algo prévio. Algo que, para os filósofos, as filosofias grega e medieval e moderna, incluindo Husserl e Heidegger, colocaram entre parênteses. O giro metafísico zubiriano é do sentido à realidade. (TEJADA In: Zubiri, 2011a, p. XXXVI).

Justamente o giro metafísico zubiriano significou ir à radicalidade da realidade enquanto realidade, partindo daí para o sentido e para as interpretações etc. Então a ideia de transcendentalidade implica uma realidade aberta e dinâmica, completamente diversa da ideia de transcendência que supõe realidades fechadas e conceitualmente acabadas, o que

---

<sup>4</sup> “La trascendentalidad es algo que se extiende desde la formalidad de realidad de una cosa a la formalidad de realidad de toda otra cosa. Trancendentalidad, entonces, no es comunidad, sino comunicación y una comunicación no causal sino formal. Realidad es así no un carácter de contenido ya concluso, sino formalidad abierta”.

tem enorme importância para a nossa pesquisa e consequências assertivas para a teologia como vamos ver ao longo deste trabalho.

## 2.2. Visão totalmente nova de metafísica e noologia

Como acabamos de ver, assim como a transcendentalidade zubiriana constitui uma hermenêutica radicalmente nova, a metafísica e a noologia deste autor acompanham o mesmo caminho, pois são coisas interligadas. A grande discussão que se impõe e que já adiantamos é o que significa o prefixo *metá* em relação à física. E assim é com a noologia como fruto de uma teoria do conhecimento ajustada ao que se entendia por metafísica.

Por trás do sistema filosófico zubiriano temos uma metafísica e uma noologia que permitem compreender a realidade de um modo novo e abrangente. O ponto de partida da sua metafísica é a realidade na qual se funda o ser. Ou seja, não se parte do ser, mas da realidade. O ser é ulterior à realidade. O ser se funda na realidade enquanto realidade. Esta constitui um “*prius*” para o ser. Isto indica uma nova abordagem do ponto de vista ontológico e metafísico, em que não se parte de conceitos, mas da própria realidade como ultimidade. Os conceitos fazem parte dessa estrutura metafísica, mas não são o ponto de partida na apreensão primordial da realidade. Não se aprendem conceitos, mas coisas reais. Sobre isso Salado afirma:

Tratar sobre a metafísica é, em geral, uma orientação de outra forma [...]. Zubiri trata o ser no plano da realidade. A primeira coisa, o que é radical na terminologia orteguiana, não é o ser, mas a realidade, que constitui um “*prius*” para o mesmo ser. (SALADO, 2001, p. 103).<sup>5</sup>

Isto retoma o que já dissemos no início deste trabalho: para Zubiri a realidade é o primeiro e o último parâmetro de todas as coisas. Nesse sentido podemos dizer que o pensamento, sobretudo ocidental, é um pensamento em crise, correndo o agravante risco de sair totalmente da realidade, sem perceber que inexoravelmente estamos instalados na realidade, entendida como Zubiri a entende. A enxurrada de discursos e propaganda não cessa de ganhar contornos cada vez mais sofisticados no mundo digital da nossa era. Zubiri viu e previu tudo isso muito claramente e apontou a saída da crise, quando afirmou em 1980:

---

<sup>5</sup> “Tratar de la metafísica es, por lo general, desde una otra orientación o forma, realizar una investigación acerca del ser. Zubiri trata el ser en el plano de la realidad. Lo primero, lo radical en terminología orteguiana, no es el ser sino la realidad, que se constituye en un “*prius*” para el mismo ser”.

Hoje somos inegavelmente envolvidos, no mundo inteiro, por uma grande onda de sofística. Como no tempo de Platão e Aristóteles, também hoje somos arrastados por uma enxurrada de discurso e propaganda. A verdade, porém, é que estamos instalados modestamente, na realidade. Por isso, mais do que nunca, é necessário hoje fazermos um esforço de submersão no real em que já estamos, para extrair com rigor da sua realidade ainda que sejam alguns pobres fragmentos da sua inteligibilidade (ZUBIRI, 2011a, Ivi).

O sistema filosófico zubiriano nos ajuda a compreender mais adequadamente esses momentos essenciais a que até então a filosofia clássica não atentara. Portanto, Zubiri é um crítico de toda a Filosofia, um inovador que merece reconhecimento, pois seu conceito de metafísica e noologia é totalmente novo, não se encaixando de modo algum na crítica do autor bíblico sobre remendo novo em roupa velha (Mt 9,16).

### 3. A adesão de estudiosos ao pensamento zubiriano

Se por um lado Zubiri iniciou um itinerário árduo de investigação filosófica a respeito da noologia da inteligência humana sobre como se pode conhecer a realidade e dizer algo sobre ela, por outro lado, surgiram esforços de estudiosos como Diego Gracia, Ellacuría, Tejada, Antônio Gonzáles, para destacar os mais importantes, a nosso ver. Para além desses esforços pouco ao pouco o pensamento de Zubiri foi se expandindo através de outros marcos como o surgimento da Fundação Xavier Zubiri na Espanha,<sup>6</sup> bem como a *Foundation of North America* realizada por Thomas Fowler<sup>7</sup> com finalidade de compreender seu vasto pensamento e sua complexidade e o que oferece de novo para o campo filosófico e para as outras ciências que têm como objeto as realidades humanas e o próprio homem enquanto realidade fundamental. O surgimento dessas fundações, que têm como finalidade promover o pensamento de Zubiri através de um estudo sistemático, ganha corpo com a realização dos Congressos que ocorrem a cada cinco anos, em média, em vários países em Faculdades e Universidades de renome internacional. O próximo Congresso será em 2023, aqui na PUC de São Paulo.

Gonzáles, falando sobre a metafísica do futuro, diz:

---

<sup>6</sup> O instituto espanhol dedicado a zubiri dispõe de uma vasta biblioteca sobre “de suyo” e seus escritos são reunidos, dispondo não só uma vasta coleção fruto do seu pensamento, mas de um intenso trabalho de seminário e estudos realizado por peritos que foram alunos de Xavier Zubiri ou de filósofos que se debruçaram sobre seu pensamento. Para um maior conhecimento do instituto conferir: <http://zubiri.org/>

<sup>7</sup>A fundação zubiriana americana vai na mesma linha do instituto espanhol. Tem como finalidade fazer eco das obras e do seu pensamento. Tem sido um grande instrumento nessa tarefa ainda mais por disponibilizar inúmeros artigos que não só aprofundam seu pensamento, mas mostram a sua relevância para a reflexão científica atual. Cf. <http://zubiri.org/>.

[...] o pensamento de Zubiri, por mais que ele mantenha uma vontade sistemática e construtiva, sempre foi também uma reflexão aberta, caracterizada por um constante processo de revisão, expansão e radicalização. É por isso que vale a pena perguntar para onde a reflexão de Zubiri apontava e para onde suas linhas de força fundamentais estavam levando. Essa questão é inexoravelmente colocada antes da 'atualidade' como um conceito central nos últimos anos de sua evolução intelectual. (MEINHARDT apud GONZÁLEZ, 2019, p. 2).

Gonzáles entende a proposta de Zubiri como abertura e evolução. Diante dos conceitos tradicionais que parecem consolidados e fechados, as categorias zubirianas de apreensão primordial da realidade, impressão, intelecção senciente, logos senciente e razão senciente constituem um patrimônio original do seu pensamento e ao mesmo tempo uma proposta inovadora na modalidade de como se pode conhecer algo. Seu pensamento, por assim dizer, pode ser considerado um impulso para o pensamento filosófico atual, as categorias de real, realidade e ser e o modo como se faz a intelecção delas devem ser repensadas com novas categorias. Como já vimos afirmando, o pensamento de Zubiri, a nosso ver, é a fina flor do pensamento atual, e ousamos dizer que os pensadores que estiverem fora do pensamento de Zubiri no futuro estarão fora da realidade acadêmica vital

#### **4. A atualidade do pensamento zubiriano**

Diante do que dissemos até aqui, é inegável a atualidade do pensamento zubiriano. Durante os trabalhos do V Congresso Internacional Xavier Zubiri, Diego Gracia disse:

Não se trata de fazer uma “escolástica” de Zubiri, mas de continuar o que ele deixou em um determinado momento. O resto é erudição. Os professores são gigantes que nos permitem andar sobre eles, não para repetir o que fizeram, mas para ver um pouco mais. O próprio Sócrates dizia: não se ocupe de mim, se ocupe da verdade. Neste congresso o objetivo não é Zubiri, é a verdade. (GRACIA, V Congresso Internacional Xavier Zubiri, manhã do dia 25 de setembro, no Dipartimento di Studi Umanistici Santa Teresa dei Maschi – Università Degli Studi di Bari Aldo Moro).

Gracia é enfático ao afirmar que se trata mesmo de uma superação de categorias, e não de um “ruminar” daquilo que foi elaborado anteriormente. Não é só um esforço pessoal, mas um trabalho audacioso que culmina na sua trilogia senciente apresentando de uma forma complexa e aprofundada os conceitos já então radicados no pensamento filosófico. Zubiri conduz à percepção de que o real e a realidade são dimensões que não estão fora “de mim” e que eu a apreendo dentro de uma dinâmica de reciprocidade intelectual e física. A realidade deixa de ser um mero conceito, uma mera elaboração da intelecção humana, mas algo que se apreende como realidade física e real e que pela via

senciente podemos aprender algo e afirmar qualquer coisa sobre ela. Sendo assim, a realidade deixa de ser “abstração” e se torna algo que nos “instala” nela mesma com uma poderosa força de imposição e que provoca na intelecção estímulos que, por sua vez, geram respostas diversas. Isso não só nos oferece a possibilidade de conhecer a realidade, mas de fazer leituras diversas sobre ela. A realidade que se impõe sobre nós e nos instala nela exerce uma força intelectual e que nos provoca a “adentrar” nessa via intelectual e não permanecer somente no estágio primário da intelecção humana que é a apreensão primordial dessa realidade. O mergulhar ou se interessar por essa realidade exige um esforço secundário ou atualização do conteúdo na intelecção humana, o que vai gerar uma nova formalização intelectual.

Uma coisa que o pensamento de Zubiri elucidada em relação ao que classicamente se tem como conhecimento é que o conhecimento não é uma opção dos que dispõem de recursos ou de iluminação, mas uma imposição da própria estrutura do conhecimento. Sem fazer muito esforço, vamos perceber uma certa democratização do pensar e que isso é função das estruturas do poder. Porém não o é tema deste trabalho

A solução apontada por Zubiri chama-se “inteligência senciente”, que vamos agora descrever em seus contornos essenciais.

## **5. Alguns aspectos fundamentais da filosofia de Zubiri**

Seria útil à nossa reflexão em vista de um panorama sobre a filosofia de Zubiri elencar mais alguns aspectos determinantes de um pensamento inédito e abrangente.

### **5.1. Inteligência senciente como fundamento do pensamento zubiriano**

Outro aspecto que queremos salientar e que constitui um fundamento abrangente do pensamento zubiriano é o que ele determinou como “inteligência senciente”. Foi necessário fazer esta determinação para opor ao que o próprio Zubiri denominou de “inteligência concipiente”, baseada unicamente em conceitos. Inteligência senciente é um dado fundamental em que o sentir e o inteligir estão vinculados estruturalmente num ato único de apreensão de realidade. Para isso é preciso corrigir um erro grave da filosofia antiga segundo a qual “tudo o que a intelecção tem seria tão somente momentos do logos” (ZUBIRI, 2011a, p. 121). Isso é logificar a intelecção. “Em vez de logificar a intelecção, é preciso intilizar o logos” (ZUBIRI 2011a, p. 121)

Num tipo de inteligência que se pautou pelo racionalismo e idealismo (inteligência concipiente), inteligir é *entender*, que consistiria racionalmente na força da inteligência. Porém, para Zubiri, “a força de inteligência não consiste primariamente em força

de entender, mas em força de apreensão de realidade”. (ZUBIRI, 2011a, p. 181). Trata-se de um movimento da intelecção humana que só pode acontecer em impressão de realidade. E isto se dá pelos sentidos. Consequentemente os canais receptores do real no corpo humano captam a realidade na formalidade em que não somente sentir e inteligir são inseparáveis e concomitantes, mas a ordem formal do ato intelectual tem que ser exatamente “sentir e inteligir”, pois não há nenhuma intelecção que não passe pelos sentidos, inclusive a intelecção de Deus.

Aqui é que Zubiri faz a grande crítica ao racionalismo e idealismos decorrentes. Por isso ele propôs a ordem da transcendentalidade. É um movimento intelectual em que, uma vez apreendida a realidade direta, imediata e unitariamente em apreensão primordial, não se sai da realidade, senão que, estando nela, e buscando sempre mais realidade na própria realidade. Como diz Zubiri em *Sobre la Esencia*:

A coisa nos retém *velis nolis* porque sua atualização intelectual é «fisicamente» remetente. E, portanto, na intelecção não há uma «saída» da coisa real para algo outro que ela (conceito, ideia etc.), senão que, pelo contrário, há um forçoso ato de «não sair», um ato de «ficar» no que a coisa realmente é em sua própria realidade (ZUBIRI, 2018, p.118)<sup>8</sup>.

O que temos então é uma elaboração integral da inteligência que se propõe a conhecer ou afirmar algo que se lhe apresenta na intelecção diretamente e, depois tomando a devida distância, continua a apreender a mesma coisa em logos e razão. O que Zubiri propõe é uma descrição precisa do ato de inteligir em sua unidade, que supera o mero sentir animal em favor de uma apreensão muito mais complexa. Sobre este aspecto Entralgo afirma:

A apreensão humana da realidade é *ao mesmo tempo unitariamente* senciente e intelectual; sem a necessidade de representações intermediárias, o homem apreende nela a realidade de uma maneira direta e imediata, primordialmente, e o faz no ato psicológico de “dar conta”. (ENTRALGO, 2005, p. 113)<sup>9</sup>

## 5.2. A distinção entre puro sentir animal e sentir senciente humano

A compreensão da intelecção leva nosso autor a travar uma “luta” para distinguir os conceitos do puro sentir e sentir senciente.

---

<sup>8</sup>“La cosa nos retiene *velis nolis* porque su actualización intelectual es físicamente remitente. Y, por lo tanto, en la inteleción no solo no hay una «salida» de la cosa hacia algo otro que ella (concepto, idea, etc.), sino que, por el contrario, hay el positivo y forzoso ato de «no salir», el ato de «quedar» en que la cosa realmente es, su realidad propia”.

<sup>9</sup>“La aprehensión humana de la realidad es *a la vez y unitariamente* sentiente e (sic) intelectual; sin necesidad de representaciones intermediadoras, el hombre aprehende en ella la realidad de un modo directo e inmediato, primordialmente, y lo hace en el acto psicológico del «darse cuenta”.

Analisando a diferença modal dessas apreensões na apreensão de um mesmo objeto. Para facilitar o trabalho, porém, é mais útil pôr diante dos olhos a apreensão sensível em e por si mesma; isto é, o que é sentir. Como apreensão sensível é comum ao homem e ao animal, parece eu determinar a apreensão intelectual partindo da apreensão sensível seria partir do animal como fundamento da inteligência humana. Mas não se trata de partir do animal como fundamento, mas tão somente de esclarecer a inteligência humana contrastando-a com o “puro” sentir animal. (ZUBIRI, 2011a, p. 8).

A realidade é sentida e inteligida em apreensão primordial de realidade. O processo senciente do sentir em Zubiri implica alguns momentos fundamentais que se dão de modo orgânico e unitário, apesar de que cada momento dispõe de uma característica própria. Zubiri não só estabelece uma clara distinção entre a sua noção de sentir puro, que é o próprio dos animais e do sentir intelectual ou inteligência senciente, que é propriamente humana. Sobre essa questão Fernández afirma:

Por outro lado, deve-se levar em conta que o termo “intelecção” tem dois sentidos em Zubiri: um sentido amplo em que é identificado com a formalidade humana diferente do animal e, portanto, se refere à estrutura formal do sentimento em seus três momentos, e outro restrito que se refere ao momento de suscitação do sentimento humano. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 137).<sup>10</sup>

Em outras palavras, no animal, o puro sentir, provoca apenas um estímulo sobre algo, mas não o leva a compreender esse algo a partir das suas notas reais. A apreensão primordial desencadeia um processo de estímulo humano como nos outros animais. Isso indica que a dimensão de estimulidade é parte integrante da unidade essencial do processo senciente como um todo. Arbazúa afirma que a diferença entre o humano e os animais, apesar de que nos dois temos a dimensão de estímulos, somente o humano, pela intelecção, pode sistematizar e individuar as notas da coisa real que foi apreendida. O caráter de estimulidade no homem desencadeia um processo senciente e não somente uma mera resposta. (ARBAZÚA, 2007, p. 8-14).

O seu exemplo clássico sobre este aspecto é o calor. O animal sente apenas o estímulo do calor esquentando, mas não o apreende dando resposta do que esse calor é em realidade como algo quente. A questão fundamental é se existe algum tipo de intelecção no animal assim como no homem. Para Zubiri, é claro que tanto nos animais como no homem o sentir como puro sentir é uma dimensão comum aos dois. Porém, o homem se distingue pela

---

<sup>10</sup> “Por otro lado hay que tener en cuenta que el término “intelecção” tiene en Zubiri dos sentidos: uno amplio en el que se identifica con la formalidad humana que la diferencia del animal y que por lo tanto hace referencia a la estructura formal del sentir en sus tres momentos, y otro restringido que hace referencia al momento de suscitación del sentir humano”.

sua capacidade e inteligir aquilo que foi sentido, o que no animal não acontece. O animal humano, por assim dizer, possui uma estrutura intelectual dinâmica que não só possibilita sentir a coisa real, mas inteli-la concomitantemente. A formalidade própria do animal é o seu caráter de estimulidade e no homem é seu caráter de inteligir as coisas. O ponto distintivo entre os dois é que o animal apreende estimulicamente (apreensão de estimulidade) o calor como sensação térmica; o homem apreende realidades, ou seja, o calor como “estar” esquentando ou “ser” algo quente. (ENTRALGO, 2005, p. 113). A unidade do processo do estímulo animal não se trata só de um momento de estímulo por si só, mas um momento de realização. A realidade que afeta os sentidos desencadeia um processo senciante que somente o humano possui. Como diz Ruiz, os sentidos são analisadores da própria realidade e fundamento das notas. (RUIZ, 1998, p 43). Sendo assim, para Zubiri tanto no homem como no animal, temos o caráter de estimulidade, porém, as notas apreendidas individualmente do sistema de notas de uma coisa real são aprendidas de forma distinta.

A apreensão da realidade estimulante no homem é um assunto descritível [...] É urgente fazer uma descrição deste tópico. Não podemos expandir neste ponto. Por ora, basta-nos afirmar que podemos constatar o que Zubiri chamou de realidade estimulante no homem. (ARBAZÚA, 2007, p. 10 ).<sup>11</sup>

No homem, essa apreensão acontece por impressão (*impresión*), e no animal apenas por estímulo. Zubiri afirma que “a impressão tem sempre um momento de afecção. Pois bem, a impressão que consiste em determinar por afecção o processo de resposta é o que chamamos de estímulo”. (ZUBIRI, 2011a, p. 28). Segundo o filósofo basco, o animal apreende o calor apenas esquentando (*calentando*) e somente esquentando. O frio é a mesma questão. O homem não só sente frio, mas que realmente o sente enquanto realidade fria, como uma nota real. O sentir intelectual no homem o possibilita que ele não sinta apenas o frio como algo que esfria, mas como algo realmente frio. Neste seu esforço filosófico, Zubiri nos ajuda a compreender que o sentir é um momento primordial no processo senciante. Para ele, impressão-estímulo-afecção são modos da formalização daquilo que vem a ser aprendido em apreensão primordial da realidade, ou seja, faz parte da estrutura e do processo formal do sentir enquanto ato da intelecção senciante. Isto quer dizer que é um processo senciante estritamente unitário e que consiste na unidade radical, na unidade indissolúvel dos três momentos do sentir que são suscitação, modificação tônica e resposta. Estes três momentos constituem a estrutura do momento do sentir e evidenciam que o sentir não é somente um puro sentir privado, mas um momento primordial da intelecção humana, que

---

<sup>11</sup> “La aprehensión de la realidad estimulante en el hombre es un tema describable, de infinita riqueza. Urge realizar una descripción de este tema. No podemos extendernos en este punto. Por ahora, nos basta constatar que podemos atender a lo que Zubiri ha llamado realidad estimulante en el hombre”.

desencadeia outros processos do sentir recuperando, dessa forma, o corpo como momento estrutural do sentir senciente. O homem inteiro na sua estrutura bioquímica está envolvido nesse processo. Por isso, podemos dizer que o ato intelectual não é um momento de elaboração conceitual, mas é mais que isso, é propriamente algo muito mais complexo, não é só um momento cerebral, mas a inteligência é toda a vida humana implicada na realidade. Não somente uma parte ou um aspecto, mas a vida toda, todas as fases, inclusive o homem como parte da mesma realidade. (RUIZ, 1998, p 45).

Para Zubiri o sentir está alicerçado sobre esses três momentos essenciais que compõem o processo do sentir intelectual. Sobre o caráter de suscitação, ele diz: No animal (tanto animal como no humano), o processo senciente é suscitado por algo de caráter às vezes exógeno ou endógeno. É o momento de suscitação. (ZUBIRI, 2001a, p.11). A coisa real que foi apreendida desencadeia no apreensor uma ação externa e interna ou uma reação. O sentir como processo senciente possui esta força de impacto. García ao falar sobre o poder do real, diz que o real possui uma “força imperiosa” e determinante sobre outras realidades. Esse poder dominante tem seu momento na apreensão primordial enquanto realidade, impõe-se e fica dominado na apreensão primordial e como, consequência, desenvolve outros tipos de reação. Então a realidade se impõe como ela é em si mesma, sem qualquer alteração ou modificação. É a “forçosidade”. É por esse momento a “dominância” da realidade não somente provoca diversas reações no apreensor, mas ao mesmo tempo essa realidade é atualizada na inteligência senciente. Os três momentos essenciais do inteligir senciente são fruto da “poderosidade” que a realidade possui sobre as outras realidades, inclusive sobre a realidade homem. (GARCÍA, 2002, p. 25-30).

Afirma Garcia sobre este aspecto quando trata do princípio da alteridade tendo Deus como “*alter*”:

Essa alteridade se mostra também irreduzível porque carrega em si uma força que a faz prevalecer: o poder do real. Imposição que está antes de o sujeito decidir. No ato de sentir, o homem se descobre sentindo algo que já está ali antes que possa convertê-lo em conteúdo da consciência, pois se impõe como outro com tal força que Zubiri chega a dizer que estamos “possuídos” pela realidade. (GARCÍA, 2002, p. 23-24).<sup>12</sup>

Podemos dizer que a suscitação é o momento primário do sentir intelectual. O segundo momento do processo senciente é a *modificação tônica*. Zubiri diz que a modificação tônica está determinada pela suscitação. A modificação tônica aqui pode ser

---

<sup>12</sup> “Esa alteridad se muestra también irreductible porque lleva en sí una fuerza que la hace imponerse: el poder de lo real. Imposición que está antes de que el sujeto decida. En el acto de sentir, el hombre se encuentra sintiendo algo que ya está ahí previamente a que pueda convertirlo en un contenido de conciencia, porque se impone como otro con tal fuerza que Zubiri llega a decir que estamos “poseídos” por la realidad”.

entendida como uma ação que pode ser fisiológica ou não. Provoca, por assim dizer, uma alteração na própria estrutura vital do animal como por exemplo uma reação física ou instintiva. Para Entralgo o aprendido, por meio da sua força de imposição, se impõe como algo real, oferecendo o conteúdo das onze<sup>13</sup> dimensões sensoriais que determinam o modo da apresentação da coisa real. (ENTRALGO, 2005, p. 113-114).

Para ele a suscitação provoca uma modificação tônica porque o processo senciente trata do sentir inteiro do tono vital do animal. Dessa forma, a formalização do sentir senciente propria do animal humano abre possibilidade de inúmeras respostas. Zubiri diz:

O sentir como processo não é somente uma atividade fisiológica, mas um processo que constitui a vida, de certo modo inteira, do animal. Com as mesmas excitações, o animal executa ações sumamente diversas. E essas ações não são determinadas somente por uma atividade biológica, mas por tudo o que o animal apreende sencientemente, como por exemplo uma presa etc. (ZUBIRI, 2011a, p. 12).

O terceiro momento do sentir é o que nosso autor chama de *respuesta*. Ruiz diz: “O desprendimento em não estar inscrito em um processo de estímulo-signo-modificação tonal-resposta possibilita a liberdade e a possibilidade de ser mais”. (RUIZ, 1998, p. 42).<sup>14</sup>

O momento de resposta é propriamente um momento de ação como no animal a apreensão de uma presa que provoca uma reação de ataque. Por conseguinte, no animal humano tal resposta pode ter várias modalidades de simplesmente não responder nada. Pensem, por exemplo, na atitude radical de não violência como postura política humana. Isso quer dizer que o sentir de algo constituído como real gera sempre uma resposta até mesmo a resposta de não responder. Outra dimensão que deve ser considerada no processo senciente é a sua estrutura formal. O momento da impressão senciente é um dos momentos determinantes do processo senciente propriamente dito. No momento constitutivo da impressão pelos momentos de afecção-alteridade-imposição inicia-se o processo senciente da impressão de notas em constelação e progressivamente elas passam a ser individuadas. O momento da impressão dá ao apreensor toda uma constelação de notas de uma determinada realidade, mas também dá uma determinada nota de afeto, de alteridade e de imposição. (RUIZ, 1998, p. 42).

Entralgo, ao tratar sobre a estrutura do sentir senciente, afirma: “Uma análise mais atenta da primeira atividade da inteligência exige distinguir entre a estrutura da

---

<sup>13</sup>Para Zubiri, temos não apenas os cinco sentidos clássicos, mas, pelo menos onze sentidos, que serão estudados em momento mais adequados esse trabalho.

<sup>14</sup> “El desasimiento en no estar inscrito en un proceso estímulo-signo-modificación tonal-respuesta hace posible la libertad y la posibilidad de ser más”.

apreensão e a estrutura do apreendido”. (ENTRALGO, 2005, p. 113-114).<sup>15</sup> Assim como o sentir possui elementos essenciais, como vimos anteriormente, a apreensão impressiva possui uma estrutura formal que vai garantir a esse modo de sentir uma originalidade própria. Zubiri, afirma que esse momento de impressão da realidade também se constitui de três elementos: momento de *afecção*, momento de *alteridade*, momento de *imposição*. Assim como os três elementos essenciais do sentir também estes constituem uma unidade intrínseca da apreensão sensível. Essa unidade fundamental é determinante para o processo senciente. Essa unidade que vai determinar o processo do sentir e é justamente esses três momentos que irão favorecer a formalização da coisa real que foi apreendida. Nessa unidade do sentir a nota apreendida, não somente possui um conteúdo próprio, mas tem um modo específico de ficar. Ruiz afirma que a coisa real por ser real está presente na impressão como real e ao mesmo tempo a formalidade determina o momento unitário da impressão. O real apreendido imprime um aspecto dessa realidade presente. O resultado desse processo é a formalização ou o conteúdo sentido. (RUIZ, 1998, p. 40-41).

Dito isto é muito importante analisar a impressão na apreensão de realidade. A impressão se dá sempre pelos sentidos, que para Zubiri não se restringem apenas aos cinco sentidos clássicos, pois ele considera isto um “escorregão” da Filosofia. Pois há também os sentidos “interiores” que nos faz captar a realidade muito mais precisamente. Não vamos tratar disso agora.

### **5.3. A impressão de realidade e seus momentos característicos**

A impressão é um momento fundamental daquilo que foi apreendido sencientemente, deixando sua marca no apreensor. Como diz Zubiri:

Perguntamo-nos, pois, em que consiste a estrutura da apreensão sensível precisa e formalmente enquanto senciente. Pois bem, a apreensão sensível consiste formalmente em ser apreensão impressiva. Aqui está formalmente o constitutivo do sentir: impressão. (ZUBIRI, 2011a, p. 14).

A marca impressa no apreensor é a formalidade do conteúdo apreendido ou nota de algo. Toda coisa real possui um determinado conteúdo e uma determinada forma. Espinosa afirma que a formalidade do real está radicada na própria coisa real. Um mesmo conteúdo pode ter várias formas de ficar na impressão. (ESPINOSA, 2003, p. 28).

Para que se obtenha por meio da impressão uma determinada formalização de um determinado conteúdo é preciso que se leve em consideração os três momentos da

---

<sup>15</sup> “Un análisis más detenido de esta primaria actividad de la inteligencia exige distinguir entre la estructura de la aprehensión y la estructura de lo aprehendido”.

estrutura formal da apreensão senciente. A impressão em um primeiro momento é determinada pela *afecção*. Moreno diz: “Portanto, não há sentimento primordial, mas um sentimento fundado na impressão primordial da realidade que, formalmente, abre o âmbito da realidade para outras funções do processo do sentir humano”. (MORENO, 1998, p. 33).<sup>16</sup> Uma determinada coisa que venha a ser apreendida sencientemente produz uma *afecção* no apreensor, isto é, o afeta realmente de uma determinada maneira. Em outras palavras, a coisa real que é apreendida em apreensão primordial imprime algo no apreensor. A coisa real sempre deixa algo impresso como uma marca. Por exemplo, o calor ou a cor imprime uma nota particular. Trata-se de uma experiência real impressiva que tem uma segunda característica: a *alteridade*. Ao tratar sobre o aspecto da alteridade nesse momento impressivo, Zubiri diz:

A alteridade não é somente o carácter abstrato de ser *alter*, porque alteridade não consiste em que a afecção nos torne presente algo meramente “outro”, por exemplo, este som ou esta cor verde. Ela nos torna presente este “outro” de forma precisa: o outro, mas “enquanto outro”. (ZUBIRI, 2011a, p.16).

Parece ser um tanto contraditório, mas não é, porque o princípio de alteridade supõe um princípio de correlação entre a forma apreendida em apreensão sensível e o seu conteúdo propriamente dito. O princípio de alteridade consiste na impressão de que estou diante de algo real. Espinosa diz que a realidade se impõe como sendo realidade. O carácter de alteridade indica não somente o grau da formalidade de cada coisa real, mas que também essa possui uma objetividade própria e particular ou aquilo que Zubiri chama “de suyo”, aquilo que lhe é próprio. Só pode suscitar uma impressão nos sentidos se o outro for real e não abstrato (ESPINOSA, 2003, p. 35). Zubiri diz que “este outro”, isto é, esta nota, tem antes de tudo, um conteúdo próprio”. (ZUBIRI, 2011a, p. 17). Isso quer dizer na apreensão sensível o que fica impresso sencientemente é um outro aspecto do conteúdo da realidade que possui uma autonomia própria. A nota formalizada do conteúdo apreendido imprime algo no apreensor. O exemplo de Zubiri sobre a apreensão da realidade *mesa*, nos ajuda a entender melhor essa dinâmica:

O que apreendo não é a mesa, mas uma constelação de tal dimensão, forma peso, cor etc., que tem na minha vida função ou sentido de mesa. Ao apreender o que chamamos de “mesa”, o apreendido como “de suyo” ou “em próprio” não é, pois, a mesa como mesa. A mesa não é “de suyo” mesa. A mesa é mesa tão somente enquanto coisa real assim chamada. Faz parte da vida humana. (ZUBIRI, 2011a, p. 36).

---

<sup>16</sup> “No existe, pues, un sentimiento primordial, sino un sentimiento básico fundado en la impresión primordial de realidad; la cual abre, formalmente, el ámbito de realidad a las otras funciones procesuales del sentir humano”.

A intelecção senciente é impressão das notas de uma outra realidade. Uma única realidade pode imprimir um caráter diferente em cada modo de sentir a realidade, o que nos leva a considerar que apesar das notas de uma realidade serem distintas, cada uma fica a seu modo impressa na inteligência senciente. O modo de a realidade imprimir algo de forma distinta não depende dos receptores, mas do modo senciente de sentir. Sendo assim, por meio da intelecção senciente, a realidade que se impõe com força e imprimir modos distintos e formalizados dos conteúdos apreendidos em apreensão primordial da realidade. Por isso podemos dizer que a apreensão impressiva é tão variada como as respostas dadas.

Por último, temos ainda nessa estrutura de impressão o momento de *imposição* ou o momento em que a realidade se impõe movida pela *afecção*. A força de imposição é determinada por esse momento do outro presente enquanto real e não depende do sentir senciente. O caráter de imposição é a constituição própria de ser real como “outro”. Essa força de imposição é prévia a qualquer decisão do sujeito, ou seja, sentimos algo que já está presente. (GARCÍA, 2002, p. 23-24). É aí que podemos encontrar o dinamismo e a alteridade de cada coisa. Como estamos vendo no pensamento de Zubiri, já podemos ir vislumbrando que o dinamismo da liturgia está previamente instalado nela mesma e nesta perspectiva é que caminha esta tese.

#### **5.4. O conhecimento como imposição da realidade**

Zubiri apresenta o conhecimento a partir de nova formalização intelectual, que ocorre como um segundo momento. Esse segundo momento se dá ao nível do logos e da razão. É uma “novidade” no modo de como chegar a uma compreensão mais adequada do que o real é em realidade. Sua maneira de inteligir e entender o real é um salto significativo para a compreensão da realidade e como se pode conhecê-la.

É importante notar que a intelecção das coisas reais em Zubiri possui um lugar determinado que é o campo na qual todas as coisas reais são sentidas, ou seja, toda coisa real apreendida em apreensão primordial de realidade está situada entre outras coisas reais. As coisas reais não estão isoladas, mas estão em relação com outras coisas que também possuem sua realidade dentro desse campo. Não somente se entende o que a coisa real é, mas também o que essa mesma coisa real é em realidade. O momento da campalidade faz parte do momento da intelecção, já que é um momento do logos, porém derivado da apreensão primordial da realidade. Tudo aquilo que se pode dizer do campo já foi dado primariamente na apreensão primordial da realidade das coisas reais, mas de forma não desdobrada. Zubiri, conceituado o

campo de realidade, afirma: “O campo de que estamos falando pode ser descrito, antes de tudo, segundo seu conteúdo, segundo as coisas existentes nele: pedras, árvore, mar etc. Mas o campo pode e deve ser descrito segundo sua própria unidade”. (ZUBIRI, 2011b, 14). Molina, por sua vez, afirma: “Por essa razão a intelecção nos move desde a pura impressão da realidade para o campo do que as coisas são na realidade, para chegar ao que as coisas realmente são na realidade como reais, a raiz última da qual elas se dão de si”. (MOLINA, 2016, p. 65).<sup>17</sup>

Essa distinção fica muito clara quando Zubiri diz que o conteúdo do simples apreendido em apreensão primordial da realidade fica reduzido a mero princípio de inteligibilidade. No momento intelectual da apreensão primordial, as coisas reais podem ser apreendidas de duas maneiras: inteligindo as coisas como campais, ou seja, que a coisa real apreendida está situada entre outras coisas. Uma segunda maneira é a sua apreensão como campalidade, ou seja, o momento da formalidade, momento no qual se entende o que é essa coisa real que se situa no campo é em relação às outras coisas e qual a sua funcionalidade. A coisa real que foi apreendida em apreensão primordial, momento em que se apreende o real enquanto real *em e por si* mesmo, apesar da sua complexidade de conteúdo. O real é o ponto de partida de todo aprendizado humano com uma grande distinção entre os métodos anteriores. Quando se fala da estrutura do apreendido em distância, se diz que na *retração* fica conservado o conteúdo da coisa real, ou seja, a coisa real e a sua realidade são sempre o ponto de partida do processo senciente. Por assim dizer, o ser de uma coisa real está montado sobre a realidade. Sobre essa questão Zubiri nos dá um exemplo do processo senciente, que tem como ponto de partida a realidade.

Somos lançados pelo momento campal do primordialmente apreendido para as outras coisas campais. Estas são certamente reais e são apreendidas em apreensão primordial; mas pelo momento de retração, o conteúdo dessas coisas deixa de ser conteúdo “delas” e fica reduzido a ser *princípio de inteligibilidade* da coisa que remeteu a estas outras coisas campais. (ZUBIRI, 2011b, p. 65).

Importante destacar aqui algumas dimensões fundamentais do pensamento zubiriano. A primeira dimensão é que o movimento intelectual tem seu ponto de partida na realidade na qual somos “retidos” e somos “lançados” para outras realidades. Trata-se de um movimento dentro da realidade em si mesma. A segunda dimensão é que se trata de um movimento concreto por razão do seu ponto de partida que é o real ou aquilo que foi

---

<sup>17</sup> “Por esta razón la inteleción nos mueve desde la pura impresión de realidad hacia el campo de lo que las cosas son en realidad, para llegar a lo que realmente son las cosas en la realidad en tanto real, la raíz última desde la que ellas dan de sí”.

aprendido em apreensão primordial de realidade. Apreender a coisa real e se instalar nessa coisa real concreta ou física se constitui um momento essencial, caso contrário sem esse momento não seria possível as outras fases da inteligência senciente. Outra dimensão concreta é a própria dimensão campal ou a unidade de todas as coisas. A dimensão campal consiste na apreensão primordial não só da coisa real, mas na realidade na qual essa mesma coisa está inserida. Ao se apreender algo se apreende ao mesmo tempo outras dimensões desse algo. Zubiri afirma:

É um momento estrutural e formal do campo: o campo determina a realidade de cada coisa como realidade “entre” outras. O “entre” se funda na campalidade, e não o universo: não há campo porque há umas coisas entre outras, mas ao contrário, umas coisas estão entre outras só porque cada uma delas está no campo. (ZUBIRI, 2011b, p. 20).

O real apreendido pela inteligência senciente está situado no campo de realidade no qual outras coisas reais estão também dispostas ao mesmo modo. Trata-se de um campo real e físico no qual estão presentes todas as coisas reais. Pensar inteligência como um momento físico da realidade se constitui um marco do pensamento zubiriano. Só se pode inteligir algo que é real. Por assim dizer, a realidade, possui uma dimensão física. Salado, ao falar desse momento físico, afirma que a constituição é a sua estrutura primária possuindo um recorte físico e lógico. (SALADO, 2001, p. 108). O «entre» não é um aglomerado de coisas, mas um momento de *atualidade* do real. Zubiri distingue bem entre os conceitos de *atuidade* e *atualidade* da coisa real. A *atuidade* da coisa real consiste agora do que coisa real é em si mesma entre outras coisas reais, mas por outro lado esse momento de *atuidade* possui o seu caráter de *atualização* na apreensão primordial. A coisa real fica atualizada na inteligência senciente quando essa coisa é sentida (ZUBIRI, 2011b), isto é, uma coisa real entre outras coisas reais. Desse modo essa coisa real fica atualizada pela inteligência senciente entre as outras coisas reais. Garcia, falando da dimensão da *atualização*, ao destacar o momento primordial, afirma que a *atualização* do real na inteligência não se funda na intencionalidade nem na compreensão do ser, mas simplesmente no ato da apreensão primordial o real já fica atualizado como algo presente. (GARCIA, 2004, p. 94) Porém, não somente está «entre», mas também «para», ou seja, de uma coisa real para outra coisa real. O ser das coisas, apesar de possuir um caráter de *clausura* e uma dimensão constitutiva é um ser que está em *respectividade* com as outras coisas reais. Zubiri diz que evidentemente por ser real e em tanto que real enquanto coisa atualizada e atual é pura e simples *respectividade* mundana. Estar presente no mundo é ter *atualidade* nele em *respectividade* às outras coisas reais que também podem ser atualizadas pela inteligência senciente. Fica claro que o real na sua dimensão

campal é a “terra fértil” na qual o movimento intelectual senciante vai ocorrer. Sobre esse aspecto da atualização do real Espinosa afirma:

Mas a realidade é formal e constitutivamente respectiva. É aqui que se descobre que o real não é apenas real, mas é a realidade respectiva de maneira diferente. A atualização do real é intrínseca e formalmente modalizada como atualização. (ESPINOSA, 2003, p. 57-58).<sup>18</sup>

O primeiro aspecto fundamental é justamente o ponto de partida da inteligência senciante que é a própria realidade na qual a coisa real é apreendida como real. Estar presente no mundo, tendo atualidade nele, consiste na atualidade primeira e radical do que Zubiri considera como real. Zubiri diz que entender consiste em formalmente apreender algo como real. Tendo como ponto de partida a realidade, nesse segundo momento nos resta perguntar em que consiste propriamente o ato da inteligência senciante. Ao falar da apreensão da realidade diz Zubiri:

Em contrapartida, dizer que os sentidos sentem o sentido *na* inteligência não significa que o objeto primário e adequado seja o sensível: significa algo mais, significa que o modo próprio de entender é sentir realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 56).

Zubiri, na primeira obra que compõe a trilogia sobre o que podemos saber e como se pode saber apresenta o sentir como parte integrante do momento intelectual. García afirma que sem o momento exigente da apreensão primordial que supõe uma “nua” impressão da realidade não se pode falar da atividade posterior da inteligência em estado de logos. (GARCÍA, 2004, p. 94). Trata-se de um sentir intelectual enquanto tal. O sentir para ele não é só mais uma faculdade dos sentidos humanos, mas sim um ato intelectual que faz parte do processo intelectual do ser humano.

Nesse ponto consideramos que é necessário mostrar a diferença fundamental entre o sentir humano e o puro sentir animal, para entendermos por que o ser humano é um animal de realidades e os outros animais são animais de pura estimulidade. É importante saber que os estímulos humanos nunca foram anulados, mas estão a serviço de algo muito mais complexo do que a vivência estímulo de um animal de mera estimulidade. A resposta aos estímulos para um animal é automática, mas para um ser humano é extremamente complexa. Nesse caso a liturgia da Igreja não é uma resposta automática, como que instintiva, mas também não é uma resposta pensada (refletida): é uma resposta ritual que só o animal humano

---

<sup>18</sup> “Pero la realidad es formal y constitutivamente respectiva. De aquí es de donde resulta que lo real no es sólo real sino que es realidad diversamente respectiva. La actualización de lo real está intrínseca y formalmente modalizada en cuanto actualización”.

pode dar; animal não humano não consegue realizar rito, por causa do seu próprio limite animal.

### 5.5. Dinamismo e alteridade.

Zubiri, no seu exemplo sobre a água sentida afirma: “A água sentida em impressão se “impõe” sobre o animal. Essa força de imposição é muito variável. Uma alteridade pode se impor de forma muito variada” (ZUBIRI, 2001a, p. 36). Toda realidade se impõe com força sobre o apreensor; a causa mesma dessa apreensão é essa mesma força de imposição. O real possui um caráter de dominância em si mesmo de se impor e de dominar. No momento de afecção não é o apreensor que sente afecção, mas é o real que, ao se impor, produz essa afecção no apreensor, é o momento afetante.

A realidade, por sua vez, pode se impor de uma forma muito variável. A força de imposição é determinada pela *afecção* e pelo princípio de alteridade. A realidade se instala na pessoa por ser real e não é a pessoa que se instala na realidade.

Zubiri responde aos seus críticos de *Sobre la Essencia*, na conclusão de sua obra *Estructura Dinâmica de la Realidad* (1968):

A realidade como essência é uma estrutura. Uma estrutura constitutiva, mas cujos momentos e ingredientes constitutivos são ativos e dinâmicos por si mesmos. Portanto, é absolutamente quimérico o que foi dito algumas vezes sobre meu livro *Sobre a Essência*. Já foi dito que é um livro estático, e um livro puramente quiescente de conceitos. (ZUBIRI, 2006, p. 327).<sup>19</sup>

O autor considera a realidade como uma estrutura, ou seja, um conjunto dinâmico e harmônico, porém, constituído de momentos e ingredientes que são ativos por si só. Os momentos essenciais do processo do sentir senciente como o momento de suscitação, modificação tônica e resposta, bem como os elementos da estrutura formal do sentir ou momento de impressão, constituída de afecção, alteridade e força de imposição dentro de uma unidade fazem parte desses momentos e ingredientes da constituição da realidade. O que Zubiri, define como realidade não é algo pronto e acabado, mas é algo que vai se construindo pela via do sentir e da impressão senciente. Por isso, podemos considerar que aquilo que definimos como real possui uma dimensão muito mais abrangente. Sobre como a realidade passa a ser constituída, Tejada nos oferece uma excelente reflexão:

---

<sup>19</sup> “La realidad como esencia es una estructura. Una estructura constitutiva, pero cuyos momentos e ingredientes de constitución son activos y dinámicos por sí mismo. Por consiguiente, es absolutamente quimérico lo que se ha dicho algunas veces de mi libro *Sobre la esencia*. Se ha dicho que es un libro estático, y un libro puramente quiescente y de conceptos”.

Estamos enraizados na realidade pela impressão senciente das “notas” das coisas. Bem, nos diz Zubiri, “as notas apreendidas, por ser “de suyo” independente, eles têm seu próprio caráter formal: são a constituição, a constituição do real. E essa suficiência é a alteridade substantiva das coisas e do homem. É por isso que o homem é sujeito, que possamos vestir-nos ao nosso gosto, o homem é antes de tudo um animal senciente, isto é, ele é um animal de realidades. Seu modo de ser não é artificial e não pode ser feito de boas intenções, mas pela apreensão da realidade. (TEJADA, 2001, p. 69 ).<sup>20</sup>

Aqui já temos algumas pistas do que seria a realidade na sua essência, isto é, uma estrutura constituída por momentos e ingredientes que são ativos por si só. O conceito de estrutura em Zubiri é de fundamental importância para seu pensamento. A realidade não é algo pronto e acabado, mas é algo que se constrói e que tem seu ponto de partida na apreensão primordial da realidade. Podemos dizer, que nesse primeiro momento da impressão da realidade se tem à disposição os primeiros elementos da constituição e da compreensão do real. Assim se compreende melhor a afirmação Zubiriana de que o ser é só um momento da realidade. (TEJADA, 2001, p. 68).

A própria definição de estrutura já supõe uma realidade, ou seja, um conjunto de algo que foi pré-disposto realmente. Não se trata de uma estrutura-conceitual, mas de uma estrutura que se pode sentir por si mesma e é nisto que consiste o seu dinamismo. Cabe aqui desvendar a condição da realidade dessa estrutura e os momentos e os ingredientes que são ativos e dinâmicos nessa estrutura. A definição zubiriana de que a realidade como essência é uma estrutura constitutiva de momentos e ingredientes ativos por si mesmo, lança uma “centelha de luz” sobre o modo de compreender a realidade.

Ao falar sobre a estrutura da apreensão senciente, Zubiri afirma:

Com efeito, a apreensão do real é, em primeiro lugar, um ato exclusivo da inteligência. Os estímulos apreendidos pela inteligência não são apreendidos estimulicamente, mas são apreendidos realmente. Pois bem, estimulidade e realidade são duas formas diferentes, e sua diferença não é gradual, mas essencial. Uma complexidade de estímulo, por mais formalizados que estejam, é sempre e tão somente um sinal de resposta. Nunca será algo “em próprio”, ou “de suyo”, isto é, nunca será formalmente realidade. Apreender a realidade é, por conseguinte, um ato essencialmente exclusivo da inteligência. (ZUBIRI, 2011a, p. 50).

---

<sup>20</sup> “Estamos enraizados en la realidad por la impresión sentiente de las “notas” de las cosas. Pues nos dice Zubiri, “las notas apreendidas, por ser ‘de suyo’ independientes, tienen un carácter formal propio: son constitución, la constitución de lo real”. Y esta suficiencia es la alteridad sustantiva de las cosas y del hombre. Por eso el hombre no es sujeto, que podemos vestir a nuestro gusto, el hombre antes de nada es animal sentiente, o sea, es animal de realidades. “Su modo de ser” no es artificial y no puede ser realizado por buenas intenciones, sino por la aprehensión de la realidad”.

Para Zubiri, a apreensão do real é um ato exclusivo da inteligência humana e não do estímulo. O caráter de estímulo é parte integrante do processo senciente da inteligência humana. Distingue-se claramente no fato de que o homem sente o estímulo como realidade, o que corrobora para que a sua noção de real fique cada vez mais completa, diferente nos animais que simplesmente se sentem estimulados pela coisa apreendida sem distinguir entre o que é realidade e estímulo. No homem o estímulo provocado pela realidade detona um processo intelectual, no animal, porém, apenas reação a esse estímulo.

Porém, distingue claramente que o estímulo provocado pelo real será sempre um mero estímulo do apreendido. Aquilo que foi apreendido provoca um estímulo, porém, ainda não pode ser considerado como realidade. Estímulo e estimulidade são dois termos técnicos utilizados por Zubiri, para definir o que é o momento de impressão. O momento de impressão de “algo” real desencadeia no apreensor um momento de estímulo e estimulidade. O estímulo da coisa real que foi apreendida em apreensão primordial determina o momento de afecção e da resposta já o momento de estimulidade é o momento da formalidade. O real em apreensão não somente provoca um estímulo-reposta, mas um momento de estimulidade e de aprendizado, ou seja, Zubiri chama de realidade estimulante. (ABARZÚA, 2007, p. 8-9). Nesta direção podemos dizer que o real produz um estímulo na medida que é apreendido. A dimensão da estimulidade faz parte da unidade formal do sentir. O real não é só sentido, mas apreendido em formalidade de estimulidade. Zubiri nos ajuda a compreender essa dimensão do estímulo dentro dessa unidade formal da impressão da realidade dando-nos o seguinte exemplo:

Por isso, ao aprender o calor, por exemplo, estamos apreendendo-o como calor real. O animal apreende o calor apenas como um signo térmico de resposta: é puro sentir. Em contrapartida, o homem sente o calor como algo "em próprio", como algo "de suyo": o calor é o calor real. (ZUBIRI, 2011a, p. 55).

Fica mais claro ainda o caráter da inteligência presente no ato da apreensão do real. O animal apreende o calor apenas como resposta térmica, porém, não chega a uma inteligência do que é o calor como algo quente. Aqui reside a distinção entre o homem e o animal. Ambos possuem a mesma possibilidade de sentir a coisa real, porém o homem pelo sentir intelectual ou sentir senciente e o animal pelo puro sentir ou apenas estimulidade ou resposta. Arbazúa, nos oferece a exemplificação da apreensão da maçã na busca de uma distinção entre o estímulo no animal e no homem:

A maçã é apresentada a nós mostrando esses momentos (conteúdo e estímulo) como “próprios”. A maçã apreendida pelo homem é “mais” do que um mero conteúdo que desperta reação. A maçã é sentida como real no

sentido já explicado. Sem eliminar seu conteúdo e seu estímulo, a maçã é algo “mais” do que se mostra. A maçã é algo “em próprio”. (ABARZÚA, 2007, p. 10).<sup>21</sup>

No homem, a impressão da realidade e o estímulo que essa impressão causa na inteligência humana geram algum conhecimento o que no animal não acontece. Por isso, enfatiza que os estímulos são apreendidos na inteligência realmente. Por isso, podemos dizer que os estímulos provocados pela impressão da coisa real apreendida fazem parte do dinamismo do inteligir da coisa real. A impressão e o estímulo, por assim dizer, constituem uma unidade formal. Na medida em que o real é apreendido de modo senciente automaticamente gera uma impressão e um estímulo. O estímulo como ato intelectual dentro dessa unidade formal da impressão da realidade nos ajuda a inteligir que o calor é algo distinto de algo gelado, isso supõe um certo nível de conhecimento da coisa em si.

Zubiri quer destacar em seu pensamento a relevância do caráter da impressão e do estímulo no ato de inteligir sencientemente o real que é apreendido em apreensão primordial da realidade. Neste dinamismo do inteligir, o sentir não como puro sentir, mas como sentir senciente possui um papel fundamental e determinante na compreensão do que o real é em realidade. Para o autor, a realidade estimulante possui um papel determinante na apreensão da coisa real. Assim como acabamos de constatar, os sentidos na sua relação com a coisa real que se dá como realidade se situam dentro de uma dimensão direta-imediata-unitária, isto é, o sentir é parte integrante do dinamismo intelectual da elaboração *senciente* como ato de intelecção do que é o real apreendido em apreensão primordial é em realidade.

Zubiri apresenta a sua noção da estrutura da realidade na sua obra *Estructura Dinámica de la Realidad*. É continuação de outra obra de excelência chamada *Sobre la Essência* escrita em 1962 na qual se dedica em pensar o *ser «de suyo»* constitutivo da própria realidade. Procura responder aos seus críticos de que o seu pensamento sobre a essência é estático. Interessante observar que, ao escrever sobre *Estructura Dinámica de la Realidad* demonstra que o *ser «de suyo»*, bem como a própria estrutura da realidade possui um dinamismo próprio que ele vai definir como *Devir* ou *Movimento* entre o *ser* e o *não-ser*; (PINTOR-RAMOS In: TEJADA, 2001, p. 66).

A sua compreensão sobre a realidade se subdivide em três aspectos fundamentais: realidade como *devir*, realidade como ser, realidade como estrutura.

---

<sup>21</sup> “La manzana se nos presenta mostrando estos momentos (contenido y estimulación) como “de suyo”. La manzana aprehendida en el hombre es “más” que ser un mero contenido suscitante de rechazo. La manzana es sentida como real en el sentido ya explicado. Sin eliminar sus contenidos y su estimulación, la manzana es algo “más” que lo mostrado. La manzana es algo “en propio”.

Seja como for, na ideia de devir parece, à primeira vista, que de uma maneira muito temática e formal isto que é o não ser. As coisas são, mas na medida em que não são. Se assim fosse, o devir implicaria obviamente, de certa maneira e uma certa medida, o passagem do não-ser ao ser, ou do ser ao não-ser, a diferença das coisas, que na medida em que são estão constituídas nada mais do que o momento de ser. (ZUBIRI, 2006, p. 11).<sup>22</sup>

Quando Zubiri diz que as coisas são na medida em que não são quer afirmar que as coisas nem sempre são aquilo que são na sua essência. Quer demonstrar que as coisas estão em um movimento e que não são estáticas. Isso não implica que se trata de algo fora ou estranho do “de suyo” da realidade em sí, mas algo que está em movimento, mas que esse momento do não ser das coisas indica que o movimento intelectual é um sair de sí mesmo para chegar a uma outra realidade em constituição intelectual. (SALADO, 2001, p. 113-115). As coisas estão entre o momento de ser e de não-ser. O momento entre o ser e o não-ser é o que determina o que uma coisa é em realidade e o que essa mesma coisa não é em realidade. Sobre como o real se constitui, Zubiri afirma: “As notas apreendidas por ser “de suyo” independentes, têm o seu caráter formal próprio: são *constituição*, a constituição do real”. (ZUBIRI, 2011a, p. 145). Trata-se de um momento dinâmico que parte do que algo não é para se chegar ao que realmente é enquanto ser. Aqui é necessário que analisemos o devir em Zubiri como algo interno é prévio à mudança. É assim que a filosofia de Zubiri vai se estruturando sempre em algo mais profundo do que aquilo que aparece a olhos nus. O que está por traz da mudança é o devir, que constitui a verdadeira dinâmica da realidade.

## 5.6. O devir como momento dinâmico

O devir é um movimento interno e intrínseco que distingue o ser de uma determinada coisa do ser das outras. A singularidade desse movimento se constitui na afirmação do próprio ser, o que forma uma unidade fundamental em base a um sistema. Salado afirma: “A unidade do real não é uma adição de notas, um conglomerado, mas sim um sistema”. (SALADO, 2001, p. 108).<sup>23</sup> Ao falar do devir como um problema ontológico intrínseco, aquilo que chamamos ser e aquilo que chamamos não-ser, Zubiri estabelece uma distinção radical entre o devir e a mudança (*cambio*). O devir é um movimento para a constituição do real. Então o devenir não é sinônimo de mudança, mas sim de uma articulação

<sup>22</sup> “Como quiera que sea, en la idea de devenir parece, en la primera vista, que entra de una manera muy temática y formal esto que es el no ser. Las cosas son, pero en la medida que no son. Si esto fuera así el devenir envolvería, evidentemente, en una cierta manera y en una cierta medida, el paso del no ser al ser, o del ser al no-ser, la diferencia de las cosas, que en tanto que son están constituídas nada más que por el momento del ser”.

<sup>23</sup> “La unidad del real no es una adición de notas, un conglomerado, sino un sistema”.

das notas em construção da intelecção senciente. Na apreensão primordial temos uma constelação de notas que se impõe como real, somente em um segundo momento essa constelação de notas passa a ser individuada sencientemente, ou seja, configura-se senciente e intelectualmente.

Uma coisa é devir como articulação interna e intrínseca, outra é a mudança. A intuição de Zubiri nos ajuda a perceber que a constituição de algo como ser é fruto de uma articulação ou movimento para a constituição de algo novo ou de um novo ser. Essa articulação interna supõe que aquilo que denominamos como ser e não-ser é dinâmico e não estático, é o movimento entre o ser e o não ser de uma coisa.

Zubiri afirma que esse devir possui um sujeito que se torna, que muda.

O devir, afeta formalmente, em alguma medida, realidade mesma em uma de suas dimensões, sem que essa realidade tenha que desempenhar formal e forçosamente o caráter de um sujeito, de um υποκειμενου? Não é a mesma coisa ser deviniente do que ser sujeito do devir. Nesse caso, permanece o problema da índole daquele que há de vir a ser. (ZUBIRI, 2006, p. 20).<sup>24</sup>

O devir possui algo que se torna, isto é, que muda. Essa articulação interna e intrínseca do ser se dá no ser e sobre a realidade e não fora dela. A questão fundamental é em que medida essa articulação afeta a realidade mesma e qual o papel do sujeito? O importante é notar que o devir possui um sujeito que se dá. Toda realidade possui um caráter conclusivo, ou seja, um conteúdo próprio e fechado em si mesmo, mas enquanto formalidade e no modo de ficar na intelecção senciente é aberto e independente. O devir se torna melhor compreensível como um momento de articulação da própria realidade que se abre espontaneamente às outras modalidades ulteriores da intelecção, ou seja, o momento do logos e da razão. (ESPINOSA, 2003, p. 48).

Zubiri coloca a questão de que o devir é uma questão do ser, ou seja, que este movimento se inscreve sobre o ser e não fora dele. O ser ou o não ser é o ponto de partida e o ponto de chegada dessa articulação intrínseca. Salado diz:

Como já dissemos, dinamismo e devir não é sinônimo de mudança; a partir disto, o dinamismo envolverá menos mudança, quanto mais rica a realidade dá de si (embora Zubiri reconheça que quase sempre o dinamismo envolve

---

<sup>24</sup> “El devenir afecta formalmente, en alguna medida, a la realidad misma en una de sus dimensiones, sin que esta realidad tenga que desempeñar formal y forzosamente el carácter de un sujeto, ¿de un (palavra grega)? No es lo mismo ser deviniente que ser sujeto del devenir. En este caso permanece el problema de la naturaleza del que viene a ser”.

um momento de mudança). É a estrutura concreta, como dinamismo, que se dá: é a realidade que dá sí. (SALADO, 2001, p. 114).<sup>25</sup>

Ao apresentar a realidade em seu devir, o autor nos oferece um primeiro panorama daquilo que ele vai definir como realidade, ou seja, de que a realidade possui um movimento intrínseco e interno. Isso indica que a realidade enquanto tal possui um dinamismo interno e que é por este dinamismo a realidade pode mudar. Estamos assim nos aproximando cada vez da tese desta pesquisa,

Como vimos anteriormente nesse devir o ser possui um papel fundamental que agora veremos na constituição e elaboração da própria realidade.

A realidade não é um modo de ser. A realidade é precisamente algo anterior ao ser. E ser é algo que se funda na realidade como algo seu. Daí o problema do devir afeta primariamente e radicalmente a realidade. Não afeta o ser. Afeta o ser derivativamente, na medida em que o ser é a segunda atualidade, a reatualização de uma realidade em sua respectividade. Mas o devir é precisamente anterior a toda articulação de ser e não-ser, porque é algo que afeta a realidade como realidade, e na medida em que, reduplicativamente, é anterior ao ser. (ZUBIRI, 2006, p. 30).<sup>26</sup>

Para Zubiri a realidade, além de possuir um devir enquanto movimento, possui um ser da substantividade das coisas reais. O devir zubiriano supõe um momento prévio ao ser, isto é, o *prius* da realidade enquanto constituição intelectual do real em si mesmo. O devir enquanto movimento intelectual está situado entre o *prius* e a realidade enquanto tal. (ESPINOSA, 2003, p. 29).

A construção sistemática tem um aspecto material (a essência determina a natureza e a posição de cada nota de substantividade) e um aspecto formal (a essência confere o caráter de um sistema a toda construção da substantividade); as notas são suficiência “absoluta”. (SALADO, 2001, p. 110).<sup>27</sup>

É esse caráter de substantividade que garante que algo seja real. Zubiri adota o termo substantividade, pois para ele a coisa real é um ser de substantividade. A dimensão

---

<sup>25</sup> “Como ya hemos dicho, dinamismo y devenir no son sinónimos de cambio; de hecho, el dinamismo implicará menos cambio cuanto más rica sea la realidad que da de sí (aunque de todas formas reconoce Zubiri que casi siempre el dinamismo envuelve un momento de cambio). Es la estructura concreta, como dinamismo, la que da de sí: es la realidad que da de sí”.

<sup>26</sup> “La realidad no es un modo de ser. La realidad es justamente algo previo al ser. Y ser es algo que está fundado en la realidad como uno de suyo. De ahí que el problema del devenir afecta primariamente y radicalmente a la realidad. No afecta al ser. Afecta al ser derivativamente, en la medida em que el ser es la segunda actualidad, la reactualización de una realidad en su respectividad. Pero el devenir es anterior justamente a toda la articulación de ser y no ser, porque es algo que incide sobre la realidad en tanto que realidad, y en tanto que esta, reduplicativamente, es anterior al ser”.

<sup>27</sup> “La construcción sistémica tiene un aspecto material (la esencia determina la naturaleza y posición de cada nota de la sustantividad) y un aspecto formal (la esencia confiere carácter de sistema a la construcción entera de la sustantividad); las notas cobran suficiencia “absoluta”.

substancial de algo como pensavam os clássicos da filosofia antiga se funda nessa substantividade da coisa real. (ESPINOSA, 2001, p. 32).

Sendo assim, algo só é real porque dispõe de um ser, mas ao mesmo tempo esse ser encontra-se radicado na realidade. A realidade, por sua vez, é o fundamento do ser. Para Zubiri, o ser é ulterior à realidade. Quer dizer que a realidade possui um caráter primário no dinamismo da inteligência senciente. Orringer vai afirmar sobre o caráter dinâmico:

No entanto, Zubiri distingue a auto-doação extática da passagem do potencial para o ato, os dois termos equívocos de Aristóteles. No desdobramento efetivo do real como tal, ocorre algo mais radical e unitário. A variação produz as substantividades que ela compreende. O dinamismo não afeta a passagem da potência ao ato, mas o desenvolvimento de algumas propriedades. (ORRINGER, 1998, p. 28).<sup>28</sup>

A primeira coisa que o ser humano apreende na apreensão primordial da realidade é a própria realidade que se dá. Segundo o autor, em um momento ulterior se apreende o ser da própria realidade ou aquilo que se entende como o “*de suyo*”, isto é, aquilo que é próprio da realidade. É preciso considerar que se trata de um momento unitário–indiviso no qual se absorvem a essência e a existência como um ato único. Em outras palavras se chega ao ser pela realidade.

Para esclarecer melhor, Zubiri nos dá um exemplo.

Por exemplo, no caso da gênese, do nascimento de uma criança ou de um animal. Pode-se dizer que ele nasceu, que teve pais, que houve um fenômeno de geração, um fenômeno de gestação, de nascimento; sim, pode ser dito perfeitamente. Esta é uma explicação em termos de realidade. Agora, posso dar outra explicação. E posso dizer: aquela criança veio à luz. Foi dado à luz, veio ao mundo. Mas isso não é aludir ao fenômeno real da produção da realidade da nova criança: é denunciar precisamente sua nova atualidade, sua atualidade no que chamamos de mundo. Este segundo não poderia acontecer sem o primeiro, de forma alguma. O ser, para onde quer que seja levado, está mais ou menos montado na realidade. (ZUBIRI, 2006, p. 26).<sup>29</sup>

Zubiri quer dizer que o fenômeno real da produção da nova criança aparece em primeiro plano e que possui o seu “*de suyo*” no nascer que pode ser explicado em termos

---

<sup>28</sup> “Yet Zubiri distinguishes ecstatic self– donation from passage of potential to act, Aristotle’s two equivocal terms. In the effective unfolding of the real as such, something more radical and unitary occurs. Variation produces the substantivities which it comprises. The dynamism affects not the passage from potency to act, but a development of some properties”.

<sup>29</sup> “Por ejemplo, en el caso de la génesis del nacimiento de un niño o de un animal. Se puede decir que él nació, que tenía unos padres, que há habido un fenómeno de generación, un fenómeno de gestación, de nacimiento; sí perfectamente puede decirse. Esta es una explicación en términos de realidad. Ahora, yo puedo dar otra explicación. Y puedo decir: esse niño ha venido a la luz. Há sido dado la luz. Há venido al mundo. Pero esto nos es aludir al fenómeno real de la producción de la realidad del nuevo niño: es denunciar precisamente su nueva actualidad, su actualidad en eso que llamamos mundo. Esto segundo no podría ocurrir sin el primero, en manera alguna. El ser, por donde quiera que se tome, está más o menos montado sobre la realidad”.

de realidades, como a geração, a gestação, o nascimento, fecundação. Por sua vez a atualização ou a sua nova atualidade depende desse primeiro momento. A explicação do nascer como “veio à luz”, “foi dado à luz”, “veio ao mundo” constitui esse momento de atualização da nova realidade do “*de suyo*”. O “*de suyo*” de uma determinada realidade se atualiza em outra realidade na inteligência na medida que essa mesma realidade é apreendida sencientemente. Sendo assim, a atualização e a re-atualização se dão em respectividade com as outras coisas reais presentes no mundo preservando aquilo que é “*de suyo*”. Costa afirma:

Outro grande salto do realismo zubiriano é o que ele chama de *respectividade*. Todas as realidades (coisas) dizem respeito umas às outras. Nada está solto ou isolado. Cada realidade diz respeito à outra num sentido muito preciso que Zubiri chama de “dar de si”. Significa que cada realidade dá de si às outras. (COSTA, 2019, p. 705).

Tal respectividade no seguinte exemplo se encontra na correlação do ato de nascer com as categorias luz, vir ao mundo etc. Desse modo fica claro que a substantividade do nascer (nova vida) não somente está fundada sobre a realidade, mas ao mesmo tempo está em reciprocidade com as outras coisas do mundo. “O ser é somente substantivo quando se torna o reverso da realidade, ou seja, quando brota da realidade e reflui sobre a realidade, enquanto atualização”. (COSTA, 2019, p. 704).

Então a realidade zubiriana possui um ser-substantivo no qual se funda a própria realidade do real e por isso se trata de uma coisa física e real. Esse ser-substantivo não se separa da realidade porque está montado nela. Como diz Zubiri,

Cada nota apreendida, ainda que provisoriamente, em e por si mesma como realidade tem, pois, suficiência constitucional. Ser verde é um molde de constituição do real, é a forma virídea da realidade. E, por sua vez, o verde real, tem considerado em e por si mesmo, essa suficiência constitucional que é a substantividade. (ZUBIRI, 2011a, p. 146).

O fenômeno do nascimento não pode se separar do seu momento de atualização, se trata de um momento unitário-indiviso na qual a essência absorve a existência das coisas reais. Essa realidade se dá dentro de um campo de realidades no qual ocorre o dinamismo de reciprocidade ou o dar de si.

Podemos perceber até aqui que a realidade em Zubiri não é um modo de ser estático, mas *realitas in essendo*. Isto quer dizer que a realidade possui um dinamismo próprio na medida em que é apreendida *sencientemente* e atualizada pelo ato de inteligência da mente humana. Por isso, a substantividade é pensada enquanto caráter dinâmico na articulação interna e intrínseca (devir). Costa, partindo do exemplo clássico de Zubiri sobre a luz que emana da luminária, na busca de entender a substantividade da realidade da luminária, diz:

O real é tudo o que existe e que apreendemos como realidade. Zubiri descobriu que tudo parte do real. Algo é ser porque é real; existe porque é real, e não o contrário. O ser é somente substantivo quando se torna o reverso da realidade, ou seja, quando brota da realidade e reflui sobre a realidade, enquanto atualização. (COSTA, 2019, p. 704).

Nada é real porque existe, mas é o contrário, existe porque é real. Quando uma coisa existe, mas não é real, tal coisa é “irreal”. Aqui está todo um capítulo da filosofia de Zubiri, que não pode ser desenvolvido no âmbito deste trabalho. No entanto, tocamos sumariamente para deixar claro a articulação entre realidade e existência. Quando a existência não é real, abre-se o gigantesco campo da criatividade e da arte e de todo tipo de ficção. E isso é vital para o ser humano. Ninguém assiste um filme, perguntando-se se é real ou não, mas simplesmente entra na trama criada sob forma de narrativa por uma mente brilhante. O irreal cria realidade fictícia. Então pode-se falar de existência sem realidade? Sim. Zubiri cita um exemplo:

Tomemos, por exemplo, o caso, frequente no mundo grego, de Mercúrio, que aparece com um guarda-chuva em Atenas, ou em Epidauro, onde estão representadas as obras de Aristófanes; ou Júpiter aparece como um cocheiro. Você pensaria que são visões subjetivas. Não. Claro, nem Mercúrio e nem Júpiter apareceram de forma alguma, mas para os gregos aos quais apareceram, não eram visões subjetivas. Um grego entendeu que embora não houvesse ninguém que visse Júpiter como um cocheiro, ele caminhava como cocheiro pelas ruas de Atenas ou descia do Olimpo como cocheiro, ou que Mercúrio tinha um guarda-chuva. Para um grego, isso não era uma ilusão subjetiva. No entanto, dizemos, e com razão, que isso não é real. Por quê? É inexistente? Não. Júpiter existe aparecendo como um cocheiro; Não há dúvida de que esse significado tem existência. Mas não é real. Por quê? Porque essa existência não compete *de suyo* a Júpiter. Por si só, Júpiter tem outra forma que não é um cocheiro. Certo: o momento próprio absorve unitariamente a essência e a existência, e nessa absorção prévia é, a meu modo de ver, que se constituiu o real enquanto real. (ZUBIRI, 2006, p. 29-30).<sup>30</sup>

Sendo assim, o real possui sua sustentação em ser algo real não no fato de aparecer ou de existir, mas sim no seu momento “*de suyo*”. Espinosa diz:

Sabendo que a formalidade da realidade é radicalmente “por si”, ou seja, uma primeira aproximação, a “física e nua” realidade que está na realidade

---

<sup>30</sup> “Tómese, por ejemplo, el caso, frecuente en el mundo grego, de Mercurio, que aparece con paraguas en Atenas, o en Epidauro, allí donde se representan las obras de Aristófanes; o aparece Júpiter como auriga. Se pensaría que son visiones subjetivas. No. Claro es que ni Mercurio, ni Jupiter aparecieron de ninguna manera, y sin embargo para los griegos para quienes apareció aquello, no se trató de visiones subjetivas. Un griego entendía que, aunque no hubiera nadie que viera a Jupiter como auriga, se paseaba como auriga por las calles de Atenas o bajaba del Olimpo como auriga, o que Mercurio tenía un paraguas. Para un griego esto no era una ilusión subjetiva. Sin embargo, decimos, y con mucha razón, que esto no es real. ¿Por qué? ¿Es que es inexistente? No. Jupiter existe apareciendo como auriga; no cabe duda en este sentido tiene: existencia. Pero no es real. ¿Por qué? Porque esa existencia no le compete de suyo a Júpiter. De suyo de Júpiter tiene otra forma que nos es auriga. Justo: el momento del suyo absorve unitariamente la esencia y la existencia, y en esta absorción previa es en aquello que, a mi modo de ver, se constituyó lo real en tanto que real”.

“em si mesma” na apreensão, onde o real parece “apenas” como real (é o real em “sua” realidade), podemos agora dar mais um passo e prosseguir para uma determinação mais completa e profunda do “de suyo”. (ESPINOSA, 2002, p. 76).<sup>31</sup>

O momento do “de suyo”, ou seja, aquilo que constitui o conteúdo próprio do ser das coisas, sua essência é o que distingue o limite entre o real e o irreal, entre existência e inexistência. Como podemos perceber que o “de suyo” de Mercúrio, filho de Júpiter não é arregar um guarda-chuva, mas o seu “de suyo” é ser mensageiro do comércio, deus da venda e dos lucros. Não sendo esse o “de suyo” próprio, então se constitui um real inexistente, ou seja, um “irreal”, porque o “de suyo” em ser Mercúrio aparece em outra realidade enquanto realidade atualizada.<sup>32</sup> Por assim dizer, uma coisa pode ser considerada como real na medida em que essa absorve a essência e a existência. Aquilo que se considera como real ou existente depende daquilo que é seu “de suyo”. O ponto de partida de Zubiri para definir o real ou aquilo que possui uma certa existência não é o que consideramos como real, mas o “de suyo” de cada coisa real, isto é que vai determinar a realidade e a existência das coisas. Não estamos falando aqui de essência ou existência do ponto de vista científico, mas do *de suyo*, daquilo que lhe é próprio como realidade. Por exemplo, é próprio de Mercúrio, deus romano, ser a versão grega de Hermes, que é o deus da venda, do comércio e do lucro.

Para entendermos melhor essa questão da irreabilidade do real, vale a pena ter presente outro exemplo clássico de Zubiri:

Mas então vemos que o apreendido, o calor, é anunciado não por um termo, mas por dois. Enquanto as realidades térmicas lhe pertencem em próprio, “de suyo”, dizemos que o calor tem realidade em e por si mesmo. Por outro lado, porém, lançamos mão de um segundo termo: dizemos que o calor “é” esquentante. E aqui não intervém somente a realidade do calor, mas também o que designa o “é”, a saber, o ser calor. Isso coloca o problema da diferença entre realidade quente e ser quente, ou seja, a diferença entre a realidade e ser. Já vimos em que consiste a realidade: consiste no “de suyo”. Portanto, o que se tem de esclarecer agora é em que consiste isso que chamamos de ser. (ZUBIRI, 2011a, p. 156).

<sup>31</sup> “Sabendo que formalidad de realidad es radicalmente “de suyo”, esto es, en una primera aproximación, la “física y desnuda” realidad que mienta a lo real “en y por sí mismo” en la aprehensión, en donde lo real se siente “solamente” como real (es lo real en “su” realidad), podemos ahora dar un paso más y avanzar a una determinación más acabada y profunda del “de suyo”.

<sup>32</sup> O conceito do “de suyo” adotado da língua espanhola como na tradução portuguesa “de suyo” é um termo constitutivo e corrente no pensamento zubiriano e o que constitui a o próprio de cada ser. A dificuldade quando se trata desse aspecto linguístico é precisar do ponto de vista de cada língua esse termo. Espinosa vai afirmar que o “de suyo” de Zubiri está radicado da noção grega da natureza das coisas existentes, mas que em Zubiri atinge um amadurecimento. Cada ser real possui um aspecto própria que lhe é ser e que é apreendido em apreensão primordial de realidade como formalidade de realidade como por exemplo a a apreensão do calor e de um determinado som. Aquilo que é próprio de cada coisa real é o que as distingue umas das outras e determinada o seu caráter de realidade. (ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad”, el “de suyo”, y el “prius”, 2002, p. 71; 76).

Zubiri nos ajuda a compreender que aquilo, mesmo o que não vemos, possui uma realidade própria, o “de *suyo*”. Como vimos no exemplo, o calor que não vemos, o apreendemos pela *estimulidade* que nos dá a possibilidade de afirmar não só as qualidades térmicas do de *suyo* de ser calor, mas do ser quente. Outro exemplo clássico é o frio, que mesmo não o vendo, o sentimos e afirmamos a sua existência. Estamos mergulhando em águas profundas do pensamento de Zubiri. Nesse sentido, vamos mergulhar nas profundezas da estrutura da realidade que o conceito de realidade zubiriano nos traz, coisas que de alguma forma já falamos, mas aqui vamos fazer mais sistematicamente, tamanha é sua implicância para a filosofia de Zubir e para o nosso intento nesta tese.

### 5.7. A estrutura própria da realidade

Outra dimensão importante do conceito de realidade em Zubiri é a estrutura própria da realidade. A realidade em Zubiri possui uma estrutura radical, enclausurada, mas cíclica e dinâmica, não fechada em si mesma, mas aberta às outras realidades, o que ele chama de co-determinação estrutural. Para Zubiri a realidade enquanto dimensão estrutural possui um sistema substantivo de notas e propriedades que constituem a forma radical da realidade. Sobre a diferença entre substância segundo os parâmetros clássicos da filosofia e a categoria de substantividade, que uma das inovações mais importantes em Zubiri, Salado diz que Zubiri se utiliza da categoria de sistema substantivo que nos dá um sentido muito mais encorpado do que são as coisas. (SALADO, 2001, p. 108).

Zubiri é inovador ao considerar que o *subjetum*<sup>33</sup> da realidade não possui uma radicalidade em si mesmo, mas se trata de um conjunto de notas. É esse conjunto de notas ou propriedades que compõe o sistema constitutivo do ser de cada realidade. Sendo assim, nosso autor se aproxima de Aristóteles, ao afirmar que a realidade possui um *subjetum*-substantivo, mas que esse é distinto “de *suyo*” dos acidentes. Em outras palavras, uma coisa são os acidentes e outra coisa é o ser-substantivo. Zubiri, por sua vez, diz que substantividade de uma realidade é a constituição de um sistema de notas distinguindo entre notas adventícias e notas constitucionais, ou seja, aquelas que fazem parte desse sistema de notas, mas não são inerentes ao substantivo ou não pertencem ao “de *suyo*”, mas que estão em conexão com as outras notas que pertencem ao “de *suyo*”. Zubiri toma como exemplo o corpo humano, que tem notas inerentes ao “de *suyo*” e notas que não são inerentes ao “de *suyo*”: ter olhos, braços, determinada estrutura orgânica, são notas inerente ao “de *suyo*”; ao passo que a

---

<sup>33</sup> O *subjectum* é aquilo que é o mais próprio da coisa real, ou seja, possui algo fundamental e essencial em si mesmo. (ESPINOSA, 2003, p. 29).

cor morena ou bronzeada pelo sol não é uma nota inerente ao “de *suyo*”, mas, no entanto, fazem parte desse sistema unitário de notas.

Assim, todas essas notas têm a mesma formalidade de realidade, numericamente a mesma, a qual “reifica” todo o conjunto de notas. Cada nota já não é numericamente uma realidade. O que é real o que é “de *suyo*”, não é então cada nota, mas tão somente seu conjunto. (ZUBIRI, 2011a, p. 146).

Pensar as notas e as propriedades inerentes como um sistema de notas constitutivas da substância do ser frente ao pensamento aristotélico, que distingue de modo separado os acidentes da substância, se pode considerar um salto qualitativo muito grande no modo do conhecimento da realidade. Neste aspecto Zubiri distancia-se radicalmente do pensamento clássico. Para Zubiri os acidentes ou o que ele nomina como dimensão “qualitativa”, são propriedades inerentes e inseparáveis do “de *suyo*” de cada coisa real. Por exemplo a intensidade de uma cor ou de um som é o que Zubiri chama de formalidade, ou seja, essa é a forma como uma determinada coisa real fica na impressão. Na impressão temos ao mesmo tempo todos os caracteres da coisa real apreendida e esses caracteres são partes integradoras da coisa real. (ESPINOSA, 2002, p. 77).

Outra dimensão da estrutura da realidade é a constituição desse sistema de notas que formam a substantividade das coisas reais ou o chamado sistema constitucional de notas. A formalidade do “de *suyo*” consiste radicalmente em um conjunto de notas que se co-determinam entre si e entre as outras coisas em conexão com o seu “de *suyo*”. Zubiri entende realidade como “de *suyo*”, substantividade, essência, atualidade ou respectividade. O “de *suyo*” é o momento transcendental do conteúdo de cada coisa real destacando-se no momento de impressão como um conjunto de notas substantivas e atuais em respectividade com as outras coisas reais. (ESPINOSA, 2001, p. 32).

Zubiri ajuda a compreender mais a fundo essa questão da substantividade da coisa real, a sua constituição ou sistema de notas. Já de antemão é possível perceber que o real é algo que se constrói como princípio de inteligibilidade da inteligência senciente.

Em segundo lugar, uma realidade substantiva é um sistema de notas de uma forma finita e fechada. Obviamente, uma realidade que estivesse aberta a todas as suas notas seria algo como o eu de Fichte, aberta ao finito aos seus predicados e naturalmente que não chegou a repousar em nenhuma, e definitivamente adquiriu nenhuma. (ZURIBI, 2006, p. 33-34).<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> “En segundo lugar, una realidad sustantiva es un sistema de notas en cierto modo finito, clausurado. Evidentemente, una realidad que estuviera abierta a todas sus notas sería algo así como el yo de Fichte, abierto hasta el finito a sus predicados y naturalmente no llegó ese yo a reposar en ninguno, y en definitiva no llegó a adquirir ninguno”.

A substantividade da realidade é um sistema de notas individuais no qual cada uma possui uma posição bem definida. A posição de cada nota dentro de um sistema substantivo é determinada pela sua dimensão numérica e da sua importância dentro de um sistema substantivo. Cada nota da coisa real possui seu lugar específico e determinado, ou seja, a essência determina a posição de cada uma delas enquanto essenciais ou não essenciais dentro de um sistema substantivo. Por exemplo, a cor bronzeada pelo sol é uma nota não essencial da realidade da pessoa; é uma nota que faz parte das notas “adventícias” ou adquiridas. Nota essencial nesse caso é a coloração natural da pele (SALADO, 2001, p. 110). Zubiri afirma que o conteúdo apreendido não possui somente uma nota, mas muitas outras notas, o que ele vai chamar de constelação de notas. Não se trata de um mero conjunto numérico de notas, mas dentro desse conjunto sistêmico cada nota enumera-se como sua realidade própria. Cada uma forma parte de um conjunto. Quando trata dos modos estruturais da apreensão simples da realidade, Zubiri afirma:

Mas, na retração libertadora, a coisa fica em realidade desrealizada ainda em outra dimensão. Tudo “isto” é um sistema unitário de notas reais. Segundo este sistema unitário, a coisa não é mero complexo de notas reais, quaisquer, mas dessas notas sistematizadas de certa “maneira”; de forma que se estivessem de outra maneira, já não seriam a mesma coisa, mas justamente outra. (ZUBIRI, 2011b, p. 72).

Importante aqui é que as notas que formam a realidade estão dispostas não de qualquer forma, mas de uma maneira determinada. Se estivessem sistematizadas diferentemente, seriam outra coisa.

A determinação funcional, dado um subsistema de notas constituintes, a substantividade, não pode deixar de ter certas notas, sendo determinante e que sejam unicamente determinadas com base nas demais. A determinação funcional resulta no estabelecimento da “posição”. (SALADO, 2001, p. 109).<sup>35</sup>

A realidade em si é um sistema unitário de notas reais. Essa formalidade do sistema de nota pressupõe o seu caráter de clausura, ou seja, não é uma nota «em» um conjunto, mas nota «de». um conjunto. Esse «de» uma determinada coisa implica uma clausura já que não se trata de uma nota solta, mas de um conjunto preciso. A substantividade repousa nas coisas reais nesse sistema substantivo de notas. O que chamamos de coisa real é fruto dessa substantividade sistemática. Em outro momento de sua obra sobre a Inteligência e

---

<sup>35</sup> “La determinación funcional, dado un subsistema de notas constitutivas, la sustantividad, no puede dejar de tener ciertas notas, siendo decisivo que sean unicamente determinadas en función de las demás. La determinación funcional tiene como resultado el establecimiento de la “posición”.

Realidade Zubiri diz que a substantividade do sistema não está composta pela substantividade de suas notas, ou seja, a substantividade daquilo que consideramos real é a capacidade ou suficiência do conjunto inteiro de notas porque somente o conjunto inteiro possui substantividade. García afirma: “O fato de as coisas dos sentidos não constituírem um “apêndice relacional” é tão decisivo na conceituação de Zubiri que ele chega a afirmar que sua “realidade nua” constitui uma “construção” com a vida do homem” (GARCÍA, 2004, p. 95).<sup>36</sup>

A substantividade da realidade é algo em *constructo* que vai se dispor com o princípio de inteligibilidade de maneira sistematizada dentro de um conjunto inteiro. Cada nota, por assim dizer, pertence a um «de *suyo*» próprio diferente daquilo que pensavam os clássicos da filosofia, que viam as notas ou acidentes como “inerentes” a um sujeito substancial. Para Zubiri, as notas de cada coisa real são «*co-herentes*» a um sistema construtivo. A dimensão de coerência das notas determina o próprio caráter da estrutura da realidade como uma constituição organizada e sistematizada. Não são notas “jogadas” ao ar. Cada nota dentro desse sistema possui uma talidade própria e uma funcionalidade própria, subdividindo-se entre notas constitutivas ou não essenciais e as notas adventícias que não pertencem à essência da estruturada realidade. O caráter de coerência está justamente na unidade de todas essas notas. (SALADO, 2001, p. 109).

Nessa direção fica cada vez mais claro o que Zubiri compreende como substantividade de uma determinada realidade. A realidade substantiva possui uma estrutura própria constituída de notas organizadas sistematicamente e que essas mesmas notas dentro de um sistema. Então, a substantividade enquanto sistema de notas organizadas é parte essencial da estrutura do real.

Outra dimensão da estrutura da realidade é a essência. Isto equivale dizer que essa estrutura repousa sobre algo mais profundo e que as notas dessa realidade expressam apenas um aspecto dela. Isto quer dizer que as notas neste sistema substantivo e constitucional de muitas notas não são suficientes para descrever todos os aspectos da realidade. Salado afirma:

A construção sistêmica tem um aspecto material (a essência determina a natureza e a posição de cada nota de substantividade) e um aspecto formal (a essência confere o caráter de um sistema para a construção da

---

<sup>36</sup> “Hecho de que las cosas-sentido no constituyan un “apêndice relacional” es tan determinante en la conceptualización que hace Zubiri, que llega a afirmar que su “nuda realidad” constituye un “constructo” con la vida del hombre”.

substantividade); as notas são suficiência “ab essentia”. (SALADO, 2001, p. 110).<sup>37</sup>

Por assim dizer, o sistema substantivo não só possui um caráter constitucional enquanto sistema de notas, mas um caráter constitutivo, o que nosso autor chama de essência. Para ele, esse caráter constitutivo é a unidade primária da própria estrutura da realidade. O autor quer dizer que cada nota e, conseqüente, todo conjunto de notas estão não somente em relação com as outras em um movimento que se determinam e co-determinam dentro da realidade. Uma determinada nota, apesar de possuir a sua substantividade própria como Zubiri cita no exemplo do albinismo, que embora seja uma nota de uma “mutação” da cor do ser humano, está radicado na constituição genética. Sendo assim, o albinismo enquanto anomalia da cor da pele é apenas uma nota do sistema constitutivo da realidade da pessoa. Ser albino é apenas um aspecto da nota do ser humano. A nota do albinismo não só está determinada com as outras notas e se co-determina entre elas, mas com a sua essência que a sua dimensão constitutiva genética. O albinismo neste exemplo possui a sua dimensão constitutiva no aspecto genético. Seguindo, o pensamento de Zubiri, é nota «de» esse momento de genitividade. Pode-se dizer que a nota de uma determinada coisa real possui uma realidade primária e radical que é sua dimensão constitutiva. Tal sistema básico e primário é condição determinante para a construção do real. Zubiri diz que ser nota «de» confere ao sistema esse caráter *constructo*. A realidade como a concebemos sencientemente é, conseqüência, da construção da inteligência senciente, que tem seu ponto de partida na apreensão primordial da realidade. Pode-se dizer que o real do ponto de vista do inteligir senciente é tudo aquilo que apreendemos sencientemente. O momento como as coisas estão constituídas, com suas qualidades, notas e propriedade é o que Zubiri chama de estado *constructo*. (ESPINOSA, 2001, p. 42).

Outra dimensão da realidade é a sua estrutura. Acabamos de ver que a realidade possui um sistema básico de notas que forma o seu caráter de substantividade ou sistema constitucional de notas e que, por sua vez, possui um sistema básico constitutivo ou coerência primária.

Estrutura é a atualidade da unidade primária em um sistema de construção de notas. Nela, esta atualidade, o efeito formal do sistema consiste em determinar a posição de cada número de notas dentro do sistema. Não é que

---

<sup>37</sup> “La construcción sistémica tiene un aspecto material (la esencia determina la naturaleza y posición de cada nota de la sustantividad) y un aspecto formal (la esencia confiere carácter de sistema a la construcción entera de la sustantividad); las notas cobran suficiencia “ab essentia””.

cada nota emerge de um sujeito, mas sim que cada nota ocupa um lugar perfeitamente determinado dentro de outras notas. (ZUBIRI, 2006, p. 37).<sup>38</sup>

Nessa estrutura se atualiza a unidade de todas as notas. Na dinâmica da realidade a estrutura possui um papel fundamental, já que cada nota ocupa um lugar determinado. A unidade radical ou primária se expressa nessa multiplicidade de notas ou unidade. A constituição do que chamamos de real depende essencialmente dessa construção de notas onde cada uma dentro de um sistema unitário ocupa o seu lugar determinado. Essa coerência de notas entre si e com a sua realidade primária é o que vai determinar o que chamamos de realidade. Cada ser possui uma unidade estrutural composta de um sistema unitário de notas de uma realidade primária radical que é a sua essência ou genitividade. Podemos dizer que essência ou realidade primária encontra sua forma de expressão real nessa estrutura que atualiza o sistema unitário de notas.

A unidade é o que faz destas notas um constructo: ser notas-do sistema. As notas por si mesma são a projeção da própria unidade: são seu “ex”, seu “extra”, sua exterioridade. Toda e qualquer realidade é, assim, um *in* e um *ex*, interioridade e exterioridade. (ZUBIRI, 2011a, p. 148).

Para ele a realidade como *estrutura-constructo* possui estas duas dimensões fundamentais, uma dimensão interior, que é o sistema de notas que possui uma unidade em si mesma e a exterioridade que é a sua dimensão externa. Trata-se de um momento físico apreensivamente descrito do *constructo* sentido.

Na medida em que esta inteligência senciente tem uma impressão sensível, a realidade nos é dada de acordo com a diversidade dos sentidos (onze ao todo). Esses vários sentidos nos oferecem diferentes conteúdos: cor, som, temperatura, etc. Eles também nos apresentam uma diversidade espacial? Acho que sim, essa é a opinião de Zubiri; o que acontece é que não me lembro de ter encontrado essa declaração explícita em seus escritos. O que normalmente se entende como uma diversidade de espaços perceptivos é o que Zubiri, talvez porque a formalidade da realidade esteja presente em cada impressão, denomina os modos de apresentação da realidade: antes, remissão, traço, degustação, presença nua, em direção, etc. (SÁNCHEZ, 1999, p. 105).<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> “Estructura es la actualidad de la unidade primaria en un sistema de construcción de notas. En ella, en esta actualidad, el efecto formal del sistema consiste en determinar la posición de cada una de las notas dentro del sistema. No consiste que cada nota surge de un sujeto, sino consiste en que cada nota ocupa un lugar perfectamente determinado dentro de otras notas”.

<sup>39</sup> “Por lo que esta inteligencia sentiente tiene de impresión sensible, la realidad nos es dada según la diversidad de los sentidos (once en total). Estos diversos sentidos nos ofrecen diferentes contenidos: color, sonido, temperatura, etc. ¿Nos presentan, también, una diversidad espacial? Pienso que sí, que esta es la opinión de Zubiri; lo que ocurre es que no recuerdo haber encontrado esta afirmación explícita en sus escritos. Lo que suele entenderse como diversidad de espacios perceptivos es lo que Zubiri, quizás porque en toda impresión está presente la formalidad de realidad, llama los modos de presentación de realidad: ante, remisión, rastro, degustación, nuda presencia, hacia, etc”.

Ja falamos sobre a estrutura da realidade, de alguma forma também da sua dinamicidade, porque não existe realidade que não seja dinâmica. No entanto, vamos apontar essa dinamicidade de forma mais direta e contundente.

## 5.8. Estrutura dinâmica da realidade

Em 1986, Zubiri escreveu uma série de conferências intituladas Estrutura Dinâmica da Realidade que tinha como objetivo dissipar as dúvidas acerca da sua obra *Sobre la Esencia*. Nesta obra analisa o momento dinâmico da realidade que vai denominar “dar de sí”. Deixa transparecer que a realidade não é uma estrutura estática, mas que contém um dinamismo próprio, ou seja, procura estabelecer uma aproximação da realidade como algo em sí e para sí com o “dar de sí”. A realidade não é algo pronto e acabado, mas algo que se dá como “de suyo”. Em suas lições temos aqui uma nova concepção da noção de realidade como uma estrutura constituída de momentos e ingredientes ativos e dinâmicos por si mesmos.

Vimos a dimensão estrutural da realidade. Agora vamos salientar seu aspecto dinâmico, o que para nossa tese tem um peso fundamental que nos vai permitir comprovar que o que chamamos e abuso litúrgico nada mais é do que o total desconhecimento da dinâmica própria da liturgia, que está nela mesma e não em adendos estranhos à sua realidade.

Então a dinâmica da realidade litúrgica é estrutural e não ocasional. Para Zubiri, a realidade não é algo estático, mas dinâmico tanto internamente como externamente. É próprio da constituição da realidade

Constituição é a forma como algo é uno. Todos os sistemas substantivos têm, cada um, sua unidade essencial, mas cada um é "um" à sua maneira, determinada por suas notas. E a maneira como as notas constitutivas modulam a unidade primária e radical é precisamente o que chamei de constituição. (ZUBIRI, 2006, p 38).<sup>40</sup>

Zubiri é claro em colocar a questão de que a realidade é precisamente algo “de *suyo*” e que é radicalmente estrutural. Aqui nosso autor distingue duas coisas importantes, a realidade enquanto constituição estrutural não é substância, mas sim estrutura de um “de *suyo*”se atualiza de modo automatizado numa relação de dependência e independência com o seu “de *suyo*”e com suas notas. A substancialidade do real, por assim dizer, é projeção da

---

<sup>40</sup> “Costituición es el modo como algo es uno. Todos los sistemas substantivos tienen cada uno su esencial unidad, pero cada uno es «uno» a su modo, determinado por sus nota. Y el modo como las notas constitutivas modulan la unidad primaria y radical es justamente lo que he llamado constitución”.

realidade primeira e radical da estrutura desse “de *suyo*”. Sendo assim, podemos dizer que para Zubiri a realidade é uma dimensão muito complexa e cheia de elementos determinantes. A realidade em si mesma está constituída de um *devir*, de um ser substantivo e de uma estrutura. Tais objecções tomarão corpo, principalmente, no nosso segundo capítulo no qual teremos como objeto de estudo e análise a estrutura e o dinamismo da realidade propriamente dita.

Após termos tratado do que é a realidade em Zubiri e sobre a sua noção e o modo do conhecimento dessa realidade, que se dá através da apreensão sensível, o que constitui o modo primário e radial do *sentir intelectual*. Vamos tratar dos elementos constitutivos da estrutura da realidade. Quando Zubiri propõe como título *Estructura Dinâmica de la Realidad*, quer indicar um dado fundamental, ou seja, que a realidade possui em primeiro lugar uma estrutura própria e um dinamismo decorrente.

Em definitivo, a realidade, como disse no início destas páginas, é justamente algo seu. E este seu é algo radicalmente estrutural. A realidade é constitutivamente estrutural. A realidade é constitutivamente estrutura e não constitutivamente substância. (ZUBIRI, 2006, p. 39-40).<sup>41</sup>

Parece ser contraditório, mas não o é, em primeiro lugar a estrutura da realidade é justamente algo “de *suyo*”o que Zubiri vai definir como aquilo que é próprio da realidade. O “de *suyo*” radicalmente possui uma estrutura e esta mesma estrutura está determinada por este “de *suyo*”, que é algo completamente distinto de substância como se pensavam os clássicos da filosofia. A dificuldade é que a filosofia clássica sempre considerou separadamente a substância da própria realidade, o que Zubiri chamou de “*entificação*” e “*logificação*” da realidade. A dificuldade da filosofia clássica sempre foi “conjuguar” o conteúdo das coisas reais com a própria realidade. A diferença entre Zubiri e os clássicos é que seu ponto de partida é a própria realidade enquanto constituição e formalização do real. O ponto de partida da inteligência é a própria realidade e não conceitos presentes na inteligência, os quais são formados e atualizados na inteligência senciente. Salado citando Entralgo afirma:

Podemos tomar a definição de “estrutura” de Laín Entralgo como um ponto de partida estático para traçar o dinamismo na metafísica de Zubiri da seguinte forma: “a estrutura é o patenteamento de uma substantividade como um sistema fechado e cíclico das notas que unitariamente e

---

<sup>41</sup> “En definitiva, la realidad, como decía al cominzo de estas páginas, es justamente algo de *suyo*. Y este de *suyo* es algo radicalmente estructural. La realidad es constitutivamente estructural. La realidad es constitutivamente estructura, y no es constitutivamente substancia”.

constitucionalmente a integram." (ENTRALGO In: SALADO, 2001, p. 113).<sup>42</sup>

O objeto não é dado para «a», mas está na inteligência. Como podemos perceber a distinção é sutil, mas radical. Uma inteligência que parte de conceitos já formulados é bem diferente de uma inteligência que parte daquilo que a realidade é em si mesma antes de formular qualquer conceito. Os conceitos têm sua importância fundamentos, desde que sejam conceitos de realidade, ou sejam, “devem apoiar-se intrinsecamente e formalmente na realidade sentida; só então o conceito adquire alcance de realidade” (ZUBIRI, 2011a p. 129). Não se vai do conceito para a realidade, mas da realidade para o conceito. Por meio da inteligência senciente se apreende algo físico e real. Isso nos leva a refletir que a estrutura da realidade não só possui um objeto, mas que esse é físico e real por si mesmo. Um exemplo clássico é a apreensão impressiva da mesa.

Em uma apreensão impressiva eu nunca inteliço, nunca apreendo senciente uma mesa. O que aprendo é uma constelação de notas que na minha vida funcionam como uma mesa. O que apreendo não é a mesa, mas uma constelação de tal dimensão, forma, peso, cor, etc; que tem na minha vida função de mesa. Ao apreender o que chamamos de “mesa”, o que é apreendido como “seu” ou “próprio” não é, então, a mesa como mesa. A mesa não é “de suyo” de mesa. A mesa é exatamente como a coisa real chamada faz parte da realidade humana. As coisas são momentos ou partes da minha vida. (ZUBIRI, 2011a, p. 36).

O exemplo clássico da mesa nos ajuda a entender que os animais não veem uma mesa, embora vejam toda a constelação de notas que constituem uma mesa. Este caso nos ajuda a entender a aproximação que Zubiri estabelece da dimensão da substantividade das coisas reais. Essa constelação de notas que constituem a mesa está em profunda relação dentro de uma estrutura vital que faz parte da vida do homem. A substantividade das coisas reais se firma no próprio fundamento das coisas em sua relação com a vida humana, pois, a realidade mesa só encontra o seu porquê e o seu motivo na realidade humana.

Para Zubiri, a substantividade de uma coisa real está em profunda relação com o seu “de *suyo*”, isto é, a substantividade de cada coisa real se funda na sua constituição essencial. Como podemos ver, a cor, o peso, a forma da mesa se fundamentam nessa constituição essencial. Tais elementos são o que Zubiri chama de sistemas de notas ou constelação da estrutura da realidade. “Quer dizer, que toda nota está montada sobre um sistema básico e primário, que é aquele que já não simplesmente seria constitucional senão

---

<sup>42</sup> “Podemos tomar la definición que hace Laín Entralgo de “estructura” como punto de partida estático para trazar el dinamismo en la metafísica de Zubiri de la siguiente manera: “la estructura es la patentización de una sustantividad como sistema clausurado y cíclico de las notas que unitaria y constitucionalmente la integra”.

que seria constitutivo”. (ZUBIRI, 2006, p. 35).<sup>43</sup> A unidade dessa constelação de notas com seu de *suyo* é o que chamamos de estrutura de uma realidade. Por assim dizer, toda coisa real possui uma estrutura determinada e precisa formada por essa constelação de notas.

Nosso pensador constantemente se volta para exemplos aparentemente simples que iluminam seu discurso construtivo e o diferenciam do indo-europeu. Por que é que, quando Zubiri dá esses exemplos, é difícil entendermos o que ele quer dizer com eles? Zubiri tinha nos dito que o calor (este exemplo é recorrente) é uma nota que pertence à coisa e que nos avisa “de *suyo*” calor. Disto tudo o que sabemos é que, aparentemente, nota é algo como o calor que uma coisa tem, o que nos informa o que a coisa é de acordo com aquela nota-calor. (ESPINOSA, 2001, p. 39).<sup>44</sup>

Esse modo de conceber a realidade como estrutura, nos ajuda a compreender as outras realidades estruturais que fazem parte da realidade humana. Primeira coisa que se deve levar em consideração aqui é que a realidade é algo construído pela inteligência senciente enquanto momento constitucional da própria realidade já que toda inteligência humana é primariamente e radicalmente inteligência senciente. Como vimos no exemplo da mesma apreensão sensível em um primeiro momento me dá constelação de notas e somente em um segundo momento se entende esse sistema de notas. Salado vai afirmar sobre esse momento de inteligência: “Um sistema de configuração de notas, apreendidas sencientemente e intelectualmente, com um posicionamento talitativo e transcendental, torna a unidade essencial formalmente um ato do que Kant chamaria de sínteses”. (SALADO, 2001, p. 108).<sup>45</sup>

A estrutura da realidade em um primeiro momento é um sistema de notas co-determinadas em plena conexão umas com as outras. A função do inteligir é individuar esse sistema de notas dentro da sua própria realidade em relação as outras realidades para que se possa chegar à compreensão da realidade em si mesma. Esse ato intelectual é que vai determinar a substantividade e o fundamento da realidade ou o seu “de *suyo*”. Por isso, nosso autor se distancia da filosofia clássica, que concebe praticamente uma noção de realidade pré-determinada enquanto realidade conceitual. Neste sentido, Zubiri:

Não que a essência e a existência sejam excluídas, em vez de radicalmente incluídas; Essência e existência estão embutidas em algo anterior, unificado e indiviso, que é precisamente algo próprio. (...). A realidade é uma forma de

<sup>43</sup> “Es decir, que toda substantividad esta montada sobre un sistema básico primario, que es aquel que ya no simplemente sería «constitucional» sino que sería «constitutivo»”.

<sup>44</sup> “Nuestro pensador acude constantemente a ejemplos aparentemente sencillos que iluminen su decir constructo y lo diferencien del indoeuropeo. ¿Por qué cuando Zubiri da ese tipo de ejemplos nos cuesta entender lo que quiere decir con ellos? Zubiri nos había dicho que el calor (este ejemplo es recurrente) es una nota que pertenece a la cosa y que nos notifica su calor. De esto lo único que sabemos es que, al parecer, nota es algo así como el calor que tiene una cosa, el cual nos notifica lo que la cosa es según esa nota-calor”.

<sup>45</sup> “Un sistema de configuración de notas, aprehendido sentiente e intelectivamente, con un posicionamiento talitativo y transcendental, hace que la unidad esencial sea formalmente un acto de eso que Kant llamaría síntesis”.

ser. Uma realidade é algo anterior a ser. E será algo que se baseia na realidade como algo em si. (ZUBIRI, 2006, p. 30).<sup>46</sup>

Por isso, a realidade e sua estrutura desse ponto de vista se constituem uma novidade em relação às definições clássicas. Nesse sentido, algo essencial e existencial está incardinado em algo prévio, unitário e indivisível, que é ser algo “de *suyo*”, ou seja, aquilo que lhe é próprio. O real como o concebemos pela apreensão primordial está fundado enquanto realidade sobre o seu “de *suyo*”. É sobre esse fundamento próprio que o real se torna realidade como um sistema de notas. O ser enquanto ser real ou coisa real é algo “de *suyo*” porque somente a unidade de todas as notas dessa realidade ou dessa estrutura vão me dizer o que realmente o real é em realidade. Sobre esse caráter unitivo das notas de uma realidade, afirma Salado:

A unidade do real não é um acréscimo de notas, um conglomerado, mas um sistema. Que a coisa é um sistema não é o mesmo que dizer que a coisa é o sistema de suas notas, pelo contrário, a unidade sistemática é da coisa. A unidade domina a posição de cada nota, é um “*prius*”. (SALADO, 2001, p. 108).<sup>47</sup>

Por isso, podemos afirmar que qualquer coisa real se iguala a todas as outras realidades numa relação de respectividade enquanto um sistema *constructo* de notas. O real é uma realidade em construção. Assim podemos perceber na busca de uma definição clássica, a realidade é um conjunto específico de coisas que implicam toda a vida do homem. Todas as realidades são notas «de» seu fundamento. Zubiri exemplifica essa unidade radical:

Essa unidade é primária e radical, ou seja, não é sintética. Alguém poderia pensar que esta unidade é a síntese precisamente das notas. Não, é o contrário. A unidade é primária. E o que chamamos de notas múltiplas é aquilo em que, como analisadores, se atualiza e se expressa, nas notas múltiplas, aquilo que é antes de tudo a unidade radical e incoercível do sistema em questão. Daí, claro, naturalmente que as notas não são inerentes a um sujeito, mas, repito, são coerentes entre si. São coerentes entre si, e nelas está atualizado o sistema *constructo*. (ZUBIRI, 2006, p. 37).<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> “No es que se exclua la esencia y la existencia, sino que las incluye radicalmente; la esencia y la existencia están incardinadas em algo prévio, unitario e indiviso, que es justamente el ser algo de *suyo*. (...) La realidad es un modo de ser. La realidad es algo previamente al ser. Y el ser es algo que está fundado en la realidad como un de *suyo*”.

<sup>47</sup> “La unidad de lo real no es una adición de notas, un conglomerado, sino un sistema. Que la cosa sea un sistema no es lo mismo que decir que la cosa es el sistema de sus notas, todo lo contrario, la unidad sistemática es de la cosa. La unidad domina la posesión de cada nota, es un “*prius*”.

<sup>48</sup> “Esta unidad es primaria y radical, es decir, nos es sintética. Uno pensaria que esa unidad es la síntesis justamente de las notas. No, es al revés. La unidad es lo primario. Y lo que llamamos las múltiples notas es aquello en que al modo de analizadores se actualiza y se expresa, en las múltiples notas, aquello que primariamente es la unidad radical, incoercible, del sistema en cuestión. De ahí, naturalmente, que las notas no son inherentes a un sujeto sino, repito, son coerentes entre sí. Son coerentes entre sí, y en ellas está actualizado el sistema *constructo*”.

A realidade são múltiplas notas que cada uma a seu modo atualiza como realidade na inteligência senciente tendo por função sistematizar esse complexo de notas. O primeiro momento da inteligência senciente é apreensão primordial da realidade, onde o real fica apreendido como real. Sobre isto, Ruiz afirma:

As mesmas notas, que na apreensão sensível foram apreendidas com estímulo, apresentam uma formalidade diferente: o 'de suyo' do que se sente. Enquanto no primeiro caso uma nota foi apreendida através do processo senciente, agora uma nota é apreendida cujos caracteres pertencem a ela por direito próprio; o conteúdo é o que é antes de sua própria apreensão. (RUIZ, 1998, p. 40).<sup>49</sup>

Da mesma forma através do sentir apreendemos essa estrutura e só depois por meio de um processo intelectual senciente posso compreender a realidade no próprio da sua apreensão.

## **6. Obras referenciais para a compreensão da filosofia zubiriana**

Agora vamos apresentar três obras que, a nosso ver, a primeira apresenta de forma articulada as oito características que apresentamos acima a respeito da filosofia zubiriana e as outras duas mostram a gestação fecunda dessas características. São a Trilogia da Inteligência Senciente *da inteligência senciente*, *Natureza*, *história Deus* e *sobre la esencia*.

### **6.1. A trilogia da inteligência senciente**

Existe uma obra que consagrou o pensamento de Zubiri, porque ela representa uma síntese bem elaborada das suas reflexões sobre a Inteligência Senciente e que não poderíamos deixar de salientar neste capítulo, que tem a função de oferecer um panorama da filosofia zubiriana. É a trilogia da Inteligência Senciente. Praticamente essa obra mostra até onde o pensamento de Zubiri chegou e estimula seus estudiosos e seguir avante aprofundando um pensamento que não é fechado e exige continuidade. É a Trilogia da Inteligência Senciente, descrita em três livros, mas que para Zubiri é um único livro.

A trilogia Inteligência Senciente: Inteligência e Realidade, Inteligência e Logos, Inteligência e Razão, escrita no período de 1980-1983, é considerada como fruto do amadurecimento do pensamento. Zubiriano. Em sua busca pelo saber, Zubiri abre sem

---

<sup>49</sup> “Las mismas notas, que en la aprehensión sensible eran aprehendidas estímúlicamente, presentan una formalidad distinta: el “de suyo” de lo sentido. Mientras en el primer caso se aprehendía una nota en y por el proceso sentiente, ahora se aprehende una nota cuyos caracteres le pertenecen en propio; el contenido es lo que es anteriormente a su propia aprehensión”.

precedentes um novo caminho para o conhecimento, que é a via senciente. O inteligir não se opõe ao sentir, mas essas duas dimensões constituem uma unidade fundamental no processo do saber a partir da realidade. Ao longo de toda a sua obra, o autor vai demonstrando como se dão os modos da intelecção senciente. Seu grande desafio é descrever o processo do ato do sentir e inteligir nos próprios atos. Não só estabelece com clareza a unidade fundamental entre o sentir e inteligir, mas a estrutura interna desse mesmo processo na constituição de saber algo ou afirmar algo sobre a realidade.

Instigado por seus discípulos que o acompanhavam de perto desde a primeira hora, Zubiri sistematizou seu pensamento filosófico, elaborando, no final da sua vida, em três volumes o que ele realmente entendia como inteligência senciente. Esta obra ficou mais conhecida como “trilogia” da inteligência senciente:<sup>50</sup> *Inteligência e Realidade*, *Inteligência e Logos*, *Inteligência e Razão*, traduzida do original espanhol e impressa no Brasil em 2011. Propõe um percurso noológico que critica as posições clássicas. Rivena comenta como Zubiri, a despeito de Heidegger refuta as imposições das categorias clássicas da abordagem fenomenológica sobre a metafísica da realidade.

Agora, está claro e também é claro a posição de Zubiri, esse homem (o Dasein) não é apenas uma entidade imaginária ou ficta, como é nas novelas, mas é um «ente real». E esta realidade não tem necessariamente o caráter de um "*Vorhandenheit*", de algo que está diante de nós, mas é algo que pode muito bem se manifestar em um sentido não objetual. Nossa própria realidade, a experimentamos imediatamente, como um fato radical. (RIVENA In: JUAN; ESPINOSA, 2008, p. 29).<sup>51</sup>

É a partir disso que Zubiri vai construindo seu sistema filosófico sobre o real e a realidade que se impõem ao intelecto humano e ao mesmo tempo apresenta seu modo de conhecer a realidade e como se dá o conhecimento pela via intelectual, em outras palavras, como se conhece algo. Sobre este ponto Conill afirma:

A noologia consiste na análise zubiriana dos atos da intelecção senciente em suas três dimensões (apreensiva, afetiva e volitiva), que pressupõe os correspondentes estudos científicos do cérebro, como expõe Zubiri especialmente nos Apêndices do primeiro volume de *Inteligência Sentiente* (intitulado posteriormente *Inteligência e realidade*). Existe, portanto, uma

---

<sup>50</sup> Para distinguir as obras adotarei o seguinte critério alfabético a-b-c para a trilogia traduzida para a língua portuguesa (*Inteligência e Realidade*, 2011a; *Inteligência e Logos*, 2011b; *Inteligência e Razão*, 2011c).

<sup>51</sup> “Ahora bien, es claro y es también claramente la posición de Zubiri, que el hombre (el Dasein no es tan sólo un ente imaginario o ficto, como lo es en las novelas, sino que se trata de un «ente real». Y esta realidad no tiene necesariamente el carácter de una «*Vorhandenheit*», de algo que está-ahí frente a nosotros, sino que es algo que bien puede manifestarse en un sentido no objetual. Nuestra propia realidad, la experimentamos en forma *inmediata*, como un *factum* radical”.

conexão entre a análise noológica e o conhecimento científico, especialmente neurobiológico. (CONILL, 2021, p. 134).<sup>52</sup>

A Trilogia Senciente (1980-1983) é ponto de partida para compreender melhor o pensamento do filósofo ibérico e, conseqüentemente, compreender outra obra de peso singular intitulada *Sobre a Essência* (1962). Diz Garcia:

Para amenizar esse incômodo, já que é importante focar o último Zubiri, é imprescindível recorrer à trilogia da Inteligência Senciente, obra de sua maturidade a partir da qual devem ser lidos todos os seus escritos anteriores, segundo os critérios unanimemente aceitos por seus estudiosos. (GARCIA, 2002, p. 21).

Muitos dos críticos de *Sobre a Essência* veem nessa obra ainda pontos obscuros sobre o pensamento metafísico de Zubiri. Em contrapartida, García, em sua tese doutoral, falando sobre a essência e a existência, vê a obra *Sobre a Essência* como um marco distintivo frente às concepções clássicas aristotélicas e heideggerianas no modo de como compreender a essência das coisas. Para ele, a obra lança matizes semânticas próprias que constituem o sistema metafísico zubiriano, para quem a essência não é um momento conceitual, mas um sistema físico e real de propriedade. (GARCÍA, 2013, p. 11; 67-70).

A relevância da Trilogia Senciente consiste em primeiro lugar não somente em fundamentar a teoria clássica e particular sobre a realidade em si mesma, mas demonstrar através de sua noologia, o dinamismo intelectual interno de como se pode conhecer a realidade individuando cada elemento constitutivo que se impõe com força diante do homem como animal de realidades. Então a essência é vista desde um prisma totalmente diferente da Filosofia clássica ou aristotélica; Conill afirma: “Em primeiro lugar, a análise noológica revela a noção de "realidade" como "formalidade da realidade". Formalidade é o termo de um hábito: a maneira como o senciente as tem em seu sentir”. (CONILL, 2001, p. 131).<sup>53</sup>

Tejada no prefácio da obra *Inteligência e Realidade* diz o seguinte:

Zubiri, nessa nova obra, propõe criar uma nova síntese filosófica. Ele pretende dar conta de toda preocupação de diálogos com os mestres, mesmo que os critique e os submeta radicalmente ao crivo de sua empreitada. Vai captar, redefinir e corrigir suas problemáticas numa síntese original e dinâmica. Essa nova síntese deverá ser capaz de absorver os avanços das

<sup>52</sup> “La Noología consiste en el análisis zubiriano de los actos de intelección sentiente en sus tres dimensiones (aprehensiva, afectiva y volitiva), que presupone los correspondientes estudios científicos del cerebro, tal como expone Zubiri especialmente en los Apéndices del primer volumen de Inteligencia sentiente (titulado más tarde Inteligencia y realidad). Hay, pues, una conexión entre el análisis noológico y los conocimientos científicos, en especial neurobiológicos”.

<sup>53</sup> “En primer lugar, el análisis noológico nos descubre la noción de “realidad” como “formalidad de realidad”. La formalidad es el término de una habitud: el modo que el sentiente las tiene en su sentir”.

ciências física, matemática e biologia. A primeira etapa da sua síntese, ele apresentou em *Sobre a Essência*, [...]. O desafio da *trilogia* é liberar temática e sistematicamente a outra barragem que aprisionaria e desvirtuaria o exercício de fazer filosofia. (TEJADA In: ZUBIRI, 2011a, p. XXXIV).

Como podemos perceber a relevância da obra está no fato de propor uma nova via de abordagem da realidade, o que vai provocar um impacto não só na maneira filosófica de pensar a realidade, mas também no modo como as outras ciências concebem e definem a realidade. Abre assim um novo caminho que é a via senciente para o pensar. Como podemos perceber, a Trilogia é fruto de um longo processo de trabalho árduo. Essa via senciente é o começo de um projeto bem maior, ou seja, a busca do fundamento e todas as realidades que é Deus. Parte da análise de um sistema filosófico intramundano para se chegar ao fundamento último desde mundo. Trata-se mesmo de uma via de acesso a Deus. Seu projeto filosófico tem como ponto de partida na realidade em si e não nos conceitos dessas realidades e, por causa disso seu pensamento retém uma originalidade. Vai da realidade enquanto apreensão primordial (Inteligência e Realidade) e nos modos ulteriores dessa apreensão (Inteligência e Logos e Inteligência e Razão), ou seja, nos modos intelectivos de como essa realidade que foi apreendida em apreensão primordial fica atualizada na inteligência. Zubiri vai insistir em uma afirmação central em seu pensamento, que é a dimensão direta, imediata e unitária da apreensão da coisa real. Isso implica dizer que a intelecção como ato é um momento intelectivo único sem separação.

Como acabo de dizer, toda e qualquer intelecção é baseada em apreensão do real em e por si mesma. Mas posso ter esta apreensão de duas maneiras. Posso tomá-la como base para outras intelecções, como por exemplo, como base para julgar o apreendido. Mas posso ter a apreensão de algo em e por si mesmo “somente” como algo em e por si mesmo. Assim esse momento do somente substitui um caráter modal de apreensão: a intelecção de algo “somente” como real em e por si mesmo é “modalizada pelo “somente” em apreensão primordial de realidade. É o modo primário de intelecção. (ZUBIRI, 2011a, 188).

Zubiri quer dizer que a apreensão primordial constitui o primeiro modo da intelecção senciente e que encontra a sua profundidade dinâmica em outros modos de apreensão num caminho progressivo e sistemático que leva à compreensão cada vez melhor da coisa real que foi apreendida primordialmente e que sencientemente continua seu percurso. A trilogia demonstra claramente esse percurso intelectivo, ou seja, aquilo que foi aprendido agora passa a ser compreendido, para se saber o que é de fato em realidade e em razão. Em cada um dos tomos da *Inteligência Senciente* temos uma exposição sistemática de como se dá essa apreensão senciente. Gracia diz o seguinte

[...] começamos analisando as páginas 112 a 134 de *Sobre la Esencia*, e [...] passamos as 'Notas sobre a inteligência humana' (SR 243-259). Estudamos o texto detalhadamente, linha por linha, e enquanto certas coisas ganharam maior clareza, outras continuaram na mais completa obscuridade. Hoje, que conhecemos toda a teoria zubiriana do conhecimento, sabemos o porquê. Naquele artigo, com efeito, assim como nas páginas de *Sobre la Esencia*, Zubiri explicou que a inteligência senciente atualizava as coisas como formalmente reais, mas sem desenvolver a marcha do inteligir, nem explicitar como desde a mera inteligência se chegava ao conhecimento. (MEINHARDT APUD GRACÍA, 2014, p. 290).

Gracia dá ênfase a esse segundo momento em que Zubiri quer demonstrar com a sua trilogia, ou seja, elucidar e iluminar os pontos obscuros que ainda restavam sobre a marcha do inteligir. Por isso podemos afirmar que em cada um dos tomos que compõem a magna trilogia, Zubiri expõe de forma complexa esse itinerário noológico do conhecimento humano, fugindo de uma conceituação-logificação e de mera afirmação sobre algo, para chegar a conceituar e afirmar qualquer coisa sobre a realidade partindo da realidade mesma. Por assim dizer, a trilogia mostra um itinerário intelectual do processo do conhecimento humano e, por isso, não podemos entender e nem a definir como um tratado epistemológico sobre as coisas reais.

A importância da inteligência senciente enquanto marco da metafísica e noologia zubirianas. É o fundamento e o horizonte da trilogia sobre: *Inteligência e Realidade*, *Inteligência e Logos*, *Inteligência e Razão*. Calvente nos ajuda a compreender o propósito dessa obra:

Desde a sua publicação, a trilogia inteligência senciente tornou-se um cânone hermenêutico das três etapas intelectuais de toda obra de Zubiri, porque ele empreendeu a análise da realidade na inteligência senciente humana, exigência do criticismo, e tentou superar o dualismo gnoseológico de realismo vs. idealismo com o estudo da formalidade da realidade, que é o novum da trilogia frente a obra sobre a essência (1962), onde até a página 394 não desempenha nenhum papel, após conceitos dela dependentes como nota, substantividade, etc. implicando assim que a realidade além (realismo ingênuo) foi estudada sem considerar o momento anterior de sua atualização noológica (reísmo). (CALVENTE, 1999, p. 79).<sup>54</sup>

Nessa obra Zubiri busca compreender as etapas intelectuais implicadas no inteligir a realidade sencientemente ou o que se pode inteligir sobre ela. Outra dimensão que se deve dar acento em cada etapa intelectual apresentada ao longo de sua trilogia é o seu

---

<sup>54</sup> “Desde su publicación la trilogía *Inteligencia sentiente* se ha convertido en canon hermenéutico de las tres etapas intelectuales y obra toda de Zubiri, porque emprendió el análisis de la realidad en la inteligencia sentiente humana, exigencia del criticismo, y ensayó superar el dualismo onto-gnoseológico de realismo vs. idealismo con el estudio de la formalidad de realidad, que es el novum de la trilogía frente a *Sobre la esencia* (1962), donde hasta la página 394 no juega ningún papel, después de conceptos dependientes de ella como nota, sustantividad, etc., dándose así a entender que se estudiaba la realidad allende (realismo ingenuo) sin considerar el momento previo de su actualización noológica (reísmo)”.

momento campal. Na sua exposição sistemática em sua trilogia, Zubiri diz que a intelecção possui diversos modos de atualização apesar da sua complexidade que é a apreensão primordial da realidade e como realidade atualizada em dois momentos individual e campal. Zubiri afirma: “Cada coisa real tem, pois, dois momentos. Um, o momento individual, por assim dizer, individual da própria realidade; outro, o momento de abrir o campo, o momento campal”. (ZUBIRI, 2011b, p. 6). Dessa forma vão individuando as etapas intelectuais partindo do seu modo primário e radical, passando pelos outros modos decorrentes desta apreensão primordial. Nesse sentido Rivena contrapõe o pensamento clássico platônico dizendo que as coisas se dão da mesma forma através dos sentidos:

Sem adverti-lo explicitamente, se pensa que as coisas se nos dão da mesma forma através de todos os sentidos. Porém, não é assim. E com este encontro no campo da filosofia de Zubiri. Cada sentido do homem é um modo particular de aceder as coisas e, às vezes, uma maneira característica de manifestar a realidade dessas coisas. Que esses modos de acesso e de manifestação se entrecruzam entre si, colocado que todos eles se «encontram» na realidade colocada em manifestação, é algo perfeitamente constatável. Porém, cada uma delas te sua forma peculiar de fazer manifestar a realidade. (RIVENA In: JUAN; ESPINOSA, 2008, p. 18-19).<sup>55</sup>

É importante descrever como foi impactante a adesão de estudiosos ao pensamento zubiriano, porque Filosofia não dogma de fé, usando uma expressão teológica. Filosofia é, antes de tudo, o avanço do pensamento para descrever a verdade. E é a intersecção da verdade que une o pensamento filosófico e teológico. Causa surpresa positiva o interesse que causou o pensamento de Zubiri no âmbito estritamente filosófico e a repercussão teológica, como ocorreu com nosso Grupo de Pesquisa, cuja episteme é teológica. É tão surpreendente tal repercussão, que uma Faculdade de Teologia, a PUCSP, vai sediar o VI Congresso Internacional Xavier Zubiri, em 2024.

## 6.2. Natureza, História, Deus

Há uma obra que demonstra toda essa especulação filosófica no esforço gigantesco de compreensão da realidade por Zubiri: *Natureza, História, Deus*. É fruto da compilação de artigos de Zubiri sobre dimensões da sua filosofia cosmológica, antropológica e histórica. Podemos dizer que é o “alvorecer” do seu pensamento que vai culminar na sua obra *Sobre a Essência* em 1962, que podemos considerar seu “pontapé” inicial na busca de entender o processo noológico da inteligência humana, como diz Tejada:

---

<sup>55</sup> “Sin advertirlo explicitamente, se piensa que las cosas se nos dan de la misma forma a través de todos los sentidos. Pero no es así. Y con esto encuentro lleno en el campo de la filosofía de Zubiri. Cada sentido del hombre es un modo peculiar de aceder a las cosas y, a la vez, una manera característica de manifestarse a la realidad de esas cosas. Que esos modos de acceso y manifestación se entrecrucen entre sí, puesto que todos ellos se «encuentran» en la realidad puesta de manifiesto, es algo perfectamente constatable. Pero cada uno de ellos tiene su peculiar forma de hacer manifestar la realidad”.

O início dessa resposta surge no segundo texto do livro *Natureza, História, Deus*, no ensaio “Que é Saber?” (1935). Após ter feito a leitura da situação intelectual da época, Zubiri volta-se a um estudo do saber em Aristóteles. Nessa discussão aparece a primeira formulação incoativa da tese da trilogia *Inteligência Senciente*: “saber não é raciocinar nem especular: saber é ater-se modestamente à realidade das coisas” (grifo nosso). Nesse mesmo texto, o coração desse ater-se à realidade é o sentir: “o sentir, enquanto sentir, é realidade real [...]. Em virtude disso, podemos dizer que o sentir é ser de verdade; isto é, o sentir é realidade primaria da verdade. (TEJADA In: Zubiri, 2011a, p. XV).

A angústia que vai impulsionar todo o trabalho filosófico de Zubiri é sobre o que se pode conhecer da realidade. Ele parte dessa angústia pessoal, desenvolvendo uma estrutura do processo do conhecimento intelectual. A linha “tênue” que separa Zubiri dos clássicos da Filosofia Antiga e dos filósofos clássicos contemporâneos é o seu ponto de partida e seu modo de abordagem filosófica. Para García, a abordagem filosófica de Zubiri se constitui uma novidade no modo como ele coloca seu enfoque nas numerosas questões filosóficas em uma profunda conexão com seu realismo radical. Zubiri estabelece uma interconexão entre os conceitos da metafísica, da noologia, da filosofia do conhecimento com a sua noção de realidade. (GÁRCIA, 2013, p. 11; 67-70). Em outras palavras, cria uma concepção própria sobre o modo e o como se pode conhecer “algo” da própria realidade. Já mencionamos a obra de Zubiri *Sobre la Esencia*, mas aqui vamos fazer mais sintomaticamente, devido, ao peso que ela representa no pensamento zubiriano.

### 6.3. Sobre la Essência.

Zubiri se debruça na questão da essência em sua obra *Sobre la Esencia* (1962), na qual trata da essência como fundamento da realidade e não um momento separado da realidade. Desta forma distancia-se radicalmente da filosofia que concebe a essência das coisas reais separadamente da própria realidade. Em toda a sua obra procura enfatizar que a realidade das coisas se funda na essência, ou seja, sua essência não é um momento separado da realidade mesma. (ENTRALGO, 2005, p. 113).

A problemática aqui estabelece uma reaproximação entre os conceitos de essência e existência. Zubiri diz:

Disto aqui resulta que, conceitualmente, a essência (o "quê") e a existência são dois momentos da coisa real como termo ou sujeito da dita concepção. Esses momentos, cada um se refere ao outro: em toda coisa a existência é a

existência de "algo", e algo é sempre algo existente, porque se não fosse, não seria algo, mas um puro nada. (ZUBIRI, 2018, p. 7).<sup>56</sup>

Fica claro que a preocupação de Zubiri, é esclarecer esse embate filosófico entre o existente e a dimensão essencial desse «algo» existente. Isso quer dizer que toda coisa real está fundada sobre uma realidade essencial. Para ele, a essência é um momento da coisa real e não outro momento distinto como se pensa na filosofia clássica, mas um momento real da sua estrutura física. Pensar a essência das coisas como um momento de realidade física das coisas já se constitui um grande avanço e um viés de contribuição para o modo de pensar e refletir questões que tocam a realidade. Sobre a contribuição filosófica, Aquino afirma:

No que diz respeito à análise filosófica do problema de Deus e da vida humana, uma questão fundamental tem a ver com o *ponto de partida* dessa abordagem. Zubiri rechaça tanto a “via cosmológica” quanto a “vida antropológica”, desenvolvidas ao longo da tradição filosófica ocidental. A primeira via lhe parece problemática seja por seu “ponto de partida” (“fatos cósmicos?”), seja por seu “ponto de chegada” (“Deus enquanto Deus?”). A segunda via também lhe parece problemática em seu “ponto de partida” (abordagem parcial da vida humana, abordagem dualista da de cada aspecto da vida humana, contraposição do homem e cosmo) em seu ponto de chegada (um Deus mais ou menos segregado do mundo real). A insuficiência e problemáticas dessas vias impõem a “necessidade de empreender uma rota distinta”. E Zubiri o fará tomando como ponto de partida a realidade humana como uma realidade que tem que realizar a si mesma, portanto, como uma realidade fundamentalmente praxica (práxis) ou accional (ação). (JÚNIOR, 2018, p. 56).

Sendo assim, o ponto de partida da compreensão daquilo que ao longo dos séculos na filosofia ocidental se determinou com “essência”, ou seja, como uma dimensão “imutável” fora da própria existência como pensava os grandes clássicos da filosofia, Zubiri, por sua vez tem como ponto de partida a própria realidade que se impõe ao homem com “força vital e essencial”. Para ele a essência é um momento físico da coisa real. Pensar a essência das coisas reais como um momento físico é um ponto distintivo do pensamento de Zubiri. Porém, é preciso entender o que ele compreende por esse momento físico. Para Zubiri, o momento físico da coisa real é o seu momento substantivo como a coisa real se apresenta. A realidade de algo se encontra na própria constituição substantiva. É justamente sobre nessa dimensão substantiva que a essência encontra o seu fundamento. A essência de uma coisa não está em um aspecto apenas como pensava a teoria clássica, mas está na constituição total de uma coisa real. (ESPINOSA, 2003, p.44). Por isso, podemos dizer que

---

<sup>56</sup> “De aquí resulta que, conceptivamente, la esencia (el «qué») y la existencia son dos momentos de la cosa real como término o sujeto de dicha concepción. De estos momentos, cada uno remite al otro: en toda cosa la existencia es existencia de «algo», y el algo es siempre algo existente, porque si no fuera no sería algo, sino una pura nada”.

esse empreender a “nova rota filosófica” para compreender a realidade indica que a essência das coisas tem seu ponto de partida na própria realidade e não em conceitos elaborados pela inteligência humana. Essa nova compreensão da essência das coisas que tem como ponto de partida a realidade provoca na própria reflexão teológica uma “reviravolta”. Isso porque as coisas reais passam a serem pensadas não a partir de abstrações, mas da própria realidade. Sabemos que o modo de se pensar Deus e todas as outras realidades referentes a ele desde a época medieval impulsionada pela escolástica, que é a confluência entre o pensamento filosófico teológico, passou a determinar Deus e todas as realidades a partir de “logificação” do ente. A realidade passa a ser “reflexo”, “sombra” da essência estabelecendo uma clara distinção entre ser-existente e a própria realidade. Para Zubiri, a realidade se funda na essência e a essência na realidade de modo inseparável e unitário. (RUIZ, 1998, p. 43-44).

Zubiri, por sua vez, define essência do seguinte modo:

O conjunto unitário dessas notas que a coisa real necessariamente possui é o que chamamos de essência no sentido formal e próprio. Essa unidade da essência tem duas características fundamentais. Em primeiro lugar, é uma unidade primária, porque nelas as várias notas não são senão momentos abstratos em que aquela unidade original se desdobra. Em segundo lugar, como nem todas as notas que uma coisa real possui hic et nunc são essenciais para ela, resulta que a essência, comparada a todas as outras que a coisa tem o pode ter ou não a coisa, constitui sua unidade a verdadeira realidade da coisa; o início de suas outras notas. (ZUBIRI, 2018, p. 98).<sup>57</sup>

Para Zubiri, a essência das coisas é um conjunto de notas que enquanto unidade primária formam a dimensão essencial das coisas reais. O momento abstrato do real é somente o seu momento de “individuação” enquanto notas separadas desse conjunto unitário, ou seja, a nota de uma coisa real individualmente separada do seu conjunto. Podemos dizer em outras palavras que uma determinada nota por si só não pode expressar por ela mesma toda a realidade em si, como vimos anteriormente no livro *Estructura Dinámica de la Realidad* vai carecer de uma “insuficiência” e, por conseguinte, de uma certa substantividade. O caráter de insuficiência reside no fato de que uma nota somente não é capaz de dizer o que todo o real em si mesmo, somente a unidade de todas as notas poder proporcionar um caráter de suficiência dentre dessa estrutura, ou seja, as notas dependem essencialmente umas das outras. (SALADO, 2001, p. 111).

---

<sup>57</sup> “Al conjunto unitário de estas notas que necesariamente posee la cosa real es a lo que en sentido formal y propio llamamos esencia. Esta unidad de la esencia tiene dos caracteres fundamentales. En primer lugar, es una unidad primaria, porque en ellas las diversas notas no son sino momentos abstractos en que se despliega aquella unidad original. En segundo lugar, como no todas las notas que una cosa real posee hic et nunc le son esenciales, resulta que la esencia, frente a todos los demás que tiene o puede tener la cosa, constituye su unidad la realidad verdadera de dicha cosa; el principio de sus demás notas”.

Podemos dizer, no entanto, que cada nota possui um papel determinante na constituição do real. Zubiri afirma:

Estrutura é a atualidade da unidade primária em um sistema de construção de notas. Nelas, nesta atualidade, o efeito formal do sistema consiste em determinar a posição de cada número de notas dentro do sistema. Ou consiste em cada nota surja de um sujeito, mas consiste em cada nota ocupar um lugar perfeitamente determinado dentro de outras notas. (ZUBIRI, 2006, p. 37).<sup>58</sup>

Cada nota nesse conjunto unitário possui seu papel fundamental ou essencial dentro desse sistema que vai se construindo pela inteligência humana. Nesse conjunto de notas é possível distinguir notas essenciais e notas não essenciais, ou seja, notas que são inerentes a coisa real e notas que não são inerentes a coisa real. A essência de cada coisa é expressa na essencialidade de cada nota presente e sistematizada no conjunto interior da coisa real apreendida em apreensão primordial da realidade. Como podemos ver, cada nota possui seu papel fundamental em um corpo vivo ou em qualquer realidade. Por exemplo, a estrutura do homem é formada por um conjunto de notas individuais que separadamente podem formar parte de uma outra realidade distinta, mas dentro desse conjunto que, formalmente, constitui a estrutura do homem que adquire o seu caráter de essencialidade, ou seja, o homem possui “notas” essenciais assim como qualquer outra coisa real. O homem dispõe de notas ou propriedades como por exemplo, sua dimensão intelectual, determinados movimentos, a própria fala, a sua constituição corporal etc. que são realidades inerentes ao ser homem e que sem essas deixaria de ser homem. O conjunto de todas essas notas que formam a essência do homem em si. A essência é o momento unitário de todas essas notas. Em um segundo momento, a inteligência individual cada uma das notas que compõe o determinado sistema para se dizer algo sobre o que o real que foi apreendido. A coisa real e sua essência só podem ser entendidas por meio da individuação de cada nota como momento constitutivo do inteligir para se chegar novamente ao caráter unitário. Da mesma forma, a realidade dispõe desse mesmo movimento intelectual para se chegar a sua dimensão essencial ou sua verdade intrínseca. Nessa inteligência senciente é preciso considerar também a realidade como um sistema de notas fundado em uma realidade primária que é a sua essência. O modo de pensar zubiriano nos coloca diante de uma questão fundamental que ainda é perseguida pelos seus críticos: o que é de fato a estrutura da realidade, estas poderiam ser consideradas

---

<sup>58</sup> “Estructura es la actualidad de la unidad primaria en un sistema constructo de notas. En ellas, en esta actualidad, el efecto formal del sistema consiste en determinar la posición de cada una de las notas dentro del sistema. El consiste que cada nota emerge de un sujeto, sino consiste en que cada nota ocupe un lugar perfectamente determinado dentro de otras notas”.

notas da sua essência? Qual é a essência da realidade? Aquino lança uma luz sobre essa questão:

Na medida em que o homem vai fazendo a sua vida *laçando* na direção do fundamento do “poder do real”, esse fundamento se constitui como o apoio “último”, “possibilitante” e “impelente” de sua vida; portanto, algo constitutivo da sua própria vida. E na medida em que este lançamento é uma marcha *real* e *física*, ele tem caráter estrito de “tatear”, de uma “averiguação”, de uma “prova”. Na marcha real para o fundamento do “poder do real”, o homem vai “tateando”, “provando” esse fundamento. E nisso consiste para Zubiri, “a essência mesma do que chamamos “experiência” (17). De modo que a marcha para o fundamento do “poder do real” é uma marcha em “estado de averiguação” desse fundamento; é a “prova física” desse fundamento; é a “experiência” desse fundamento. (JÚNIOR, 2018, p. 76).

Sendo assim, a “experiência” e o conhecimento da sua essência verdadeira passam pelo viés dessa “marcha intelectual” de “tatear”, “averiguar” e “provar” para se chegar da experiência até chegar à essência da realidade. É nisso que constitui o homem como realidade absoluta diante de todas as outras realidades. Somente ele pode fazer a “experiência” de Deus e o conhecimento da sua verdadeira realidade (essência) por meio dessa “marcha intelectual” que é um ato próprio exclusivo do homem que nenhuma outra realidade dispõe. Para se chegar ao conhecimento de uma coisa real como ela é verdadeiramente na sua essência será preciso que o homem faça esse “caminho intelectual” de sentir (Inteligir Senciente), averiguar (Inteligir o Inteligido ou aquilo que foi apreendido), provar (Inteligir afirmando) o que essa coisa real é em realidade. Esse caminho é um processo inerente ao homem e que somente o homem pode fazer diferente dos animais. Deste ponto de vista, ou seja, essa “marcha” do conhecimento de que parte do “real e físico” para seu fundamento, em si mesmo já indica que as notas são um momento substancial da própria essência. As notas de uma coisa real na sua unidade radical são a dimensão física e substancial de uma realidade. A novidade aqui é que aquilo que a filosofia clássica chamava de essência como a realidade perfeita das coisas reais e que essas, por sua vez, eram constituídas de realidades imperfeitas ou mera sombras da realidade verdadeira das coisas reais em Zubiri, estas estão em profunda relação com a sua essência. Uma coisa real só é real por causa da sua essência pelo fato de ser real em si mesmo, ou seja, de existir e por sua vez é expressa em suas notas essenciais.

## Conclusão

Desta forma abordamos panoramicamente o pensamento de Zubiri para discorrer nos capítulos seguintes a questão mais específica dos abusos litúrgicos e de como mostrar que a índole de tais abusos decorre de uma visão distorcida a respeito da dinamicidade da realidade em si mesma.

Então neste capítulo, depois de uma introdução, iniciamos uma visão panorâmica sobre a filosofia zubiriana, apresentando dois aspectos revolucionários de um pensamento inovador: a hermenêutica da “transcendentalidade”, a despeito do que a filosofia chamara até então de “transcendência”. A grande questão é que a transcendência está fora da realidade, quando para Zubiri a transcendentalidade está no coração da realidade e isto constitui a essência da sua filosofia. O segundo aspecto é a visão totalmente nova de metafísica e noologia. Segundo a transcendentalidade, metafísica não é o que está para além da física, mas o que está no coração mesmo da física. E noologia não é um conhecimento que parte do entendimento, mas da apreensão direta, imediata e unitária da coisa, deixando para o momento do logos e da razão a compreensão da realidade em que a coisa constitui.

Mostramos em terceiro ponto que a adesão de estudiosos a Zubiri é abrangente. Desde o início de sua pesquisa o nosso autor basco nunca foi um pensador solitário, mas a matriz de uma escola que desenvolverá criativamente como ele sempre quis um pensamento fecundo e pródigo em frutos nas mais diversas áreas do conhecimento.

Num quarto momento fizemos questão de salientar a atualidade do pensamento zubiriano, que não geraria tanto interesse se fosse algo simplesmente requeitado ou repetitivo de outros.

No quinto momento levantamos oito aspectos do pensamento que estão no corpus zubiriano, mas que, ao nosso ver, sustentam-se em três obras que apresentamos no sexto momento.

Desta forma, temos condições de falar no segundo capítulo da dinamicidade da liturgia como realidade e, já de forma crítica, sobre o n° 9 da *Redemptionis Sacramentum* e no último capítulo propor uma nova educação para os liturgistas e pretensos animadores litúrgicos, convencendo-os que eles não dinamizam a liturgia, pois ela é dinâmica por si própria, cabendo aos ministros litúrgicos a ingente tarefa de protagonizar a postura humilde e atenta de seguir um caminho determinado pelo Cristo no roteiro sacramental da liturgia.

# O Capítulo II

## A Estrutura dinâmica da liturgia

### Introdução

Vimos no primeiro capítulo que o conhecimento da realidade passa por uma definição do que é realidade. Para isto foi necessário apresentar, mesmo que panoramicamente, o pensamento de Xavier Zubiri. É uma tarefa hercúlea, já que se trata de uma filosofia inovadora, complexa e dinâmica. Porém podemos dizer modestamente tê-lo conseguido.

Agora vamos no segundo capítulo discorrer sobre a estrutura da liturgia, tendo como pressuposto, apresentado nesta pesquisa, que liturgia é realidade. Então retomando o que já aprofundamos a estrutura da realidade em Zubiri, vamos agora da estrutura da liturgia da liturgia enquanto realidade.

### 1. A estrutura da Liturgia

Para falar sobre a estrutura da liturgia, vamos percorrer o percurso intelectual da busca de uma definição da realidade da litúrgica. Isso porque a inteligência senciante unindo sentir e entender num único ato de apreensão de realidade, nos dá a conhecer como a realidade de cada coisa dá de si, possibilitando, nos modos próprios, a escala do conhecimento.

#### 1.1 O percurso intelectual da busca de uma definição da realidade da liturgia

Ao longo dos séculos a teologia clássica tem buscado o logos adequado para apresentar os grandes temas dogmáticos da fé. Entre esses se encontra a liturgia da Igreja. Porém, o descompasso entre inteligência e sensibilidade (ação dos sentidos) gerou uma logificação intelectual ou logificação da inteligência que contaminou o processo do conhecimento, descartando o papel e a importância do sentir e sua unidade estrutural com o entender. Por outro lado, ocorreu a entificação da realidade, pois esta deixou de ser a ultimidade de onde se parte e aonde se chega no processo geral do conhecimento. A logificação da inteligência resultou na conceituação da inteligência como uma faculdade autônoma, que fosse tornando-se sinônimo de logos. Então era como se todo o conteúdo sentido fosse entregue à inteligência para julgar e conceituar como achasse correto. Isso se tornou um problema de grande monta, sobretudo no Ocidente, que bebeu dessas águas turvas acriticamente. Por isso, a Filosofia moderna se destacou na busca de caminhos alternativos para sair da crise, mas teve suas dificuldades

A nosso ver, uma saída se apresenta na filosofia contemporânea do pensador basco Xavier Zubiri, que ele sintetizou com a expressão “inteligência senciente”. O fulcro deste modo de conhecimento humano se distingue por redescobrir a ultimidade das coisas, isto é, de onde parte e até aonde chega o conhecimento que podemos ter das coisas, que agora foram batizadas com o termo “realidade”. Uma das dificuldades a que aludimos acima da filosofia moderna foi ver a ultimidade das coisas no ser, isto é, na concepção de que tudo parte do ser e chega ao Ser. O grande salto de Xavier Zubiri foi ir mais fundo e chegar à realidade como ultimidade no processo do conhecimento. O autor basco afirma que se a realidade é anterior ao ser e, ao mesmo tempo, se pergunta então em que consiste aquilo que determina que algo seja real (ZUBIRI, 2006, p. 29).<sup>1</sup>

Sendo assim Zubiri nos mostra que é preciso superar dois problemas centrais que constituíram a sua busca. O primeiro é que com o legado filosófico que chegou até nós não sabemos e nem podemos dizer claramente o que é a realidade em sua “nua” realidade, isto é, em si mesma. O segundo é a questão do que seja a realidade em si. Zubiri apresenta uma nova via intelectual para chegar à realidade em si, o que importou uma vida inteira. Isto foi um esforço intelectual gigantesto. Ao falar deste esforço, Tejada e Cherubin afirmam:

O esforço filosófico de Zubiri atravessará décadas dialogando com a escolástica, com as ciências, com os mestres vivos Husserl e Heidegger. Mas, sua aprendizagem titânica não será ninguém menos que Aristóteles, por que: “eu quase ousaria dizer que Aristóteles não interessa acidentalmente; interessa-nos porque nele emergem, das “coisas” e não de teorias prontas, os motivos essenciais da primeira filosofia madura que predeterminou, em grande parte, o curso ulterior do pensamento humano. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 57).

Assim foi a aprendizagem titânica de Zubiri, que culminou, ao longo de seus escritos com a *Trilogia Senciente*, que Tejada e Querubin consideram na citação acima a *filosofia madura de Zubiri, a qual determinou o curso ulterior do pensamento humano*. Não é mera afirmação dizer que o curso ulterior do pensamento humano está determinado pelo pensamento de Zubiri. É uma afirmação de grande monta que tentaremos mostrar com nossa tese, apesar de nossos limites, sobretudo por não sermos especialistas em Filosofia. Mas ousamos fazer isto porque a natureza da filosofia zubiriana traz intrinsecamente a vocação dialogal com outras ciências.

Assim Zubiri, por uma busca incansável e inquieta ao longo de toda sua vida de pesquisa, que culminou com sua última elaboração teórica e seu último escrito

---

<sup>1</sup>La realidad es anterior al ser. Ahora cabe preguntarse, si es anterior al ser, ¿en qué consiste eso que llamamos que algo sea real?

cronológico (A inteligência Senciente)<sup>2</sup> vai nos apresentando uma via intelectual senciante que nos ajudará a compreender claramente o que é a realidade em si mesma num processo unitário de conhecimento. O filósofo basco diz: “A inteligência mesma como inteligência em si é primária e radicalmente inteligência senciante: a inteligência não está em si senão sencientemente”. (ZUBIRI, 2011a, p. 71). O que Zubiri concebe como realidade é fruto de um exaustivo processo intelectual senciante e não mera conceituação ou simples afirmações teóricas. A realidade que apreendemos em apreensão primordial sempre nos dá muito mais do que a própria impressão.

Frente a essa mesma questão encontramos também ao longo do pensamento do Magistério da Igreja uma exaustiva tentativa de nos oferecer uma resposta adequada sobre o que é a realidade litúrgica da Igreja. O Magistério não age do nada, mas a partir da Teologia Litúrgica que brota de teólogos competentes como Vagaggini. Este autor questiona a liturgia como realidade sacramental e se coloca diante do problema de como se constrói um autêntico conceito de liturgia. (VAGAGGINI, 2009, p. 39).

Assim os teólogos da liturgia vão se convencendo de que a conceituação litúrgica carece de uma nova base filosófica mais adequada e positiva e vão tentando achar um caminho. O Magistério acompanha. Num primeiro momento é mais fácil tomar a via negativa como ocorreu com a Carta Encíclica *Mediator Dei* ao abordar o que terminantemente não é a liturgia da Igreja:

Não têm, pois, noção exata da sagrada liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos. (MD, n. 22).

Seguindo a esteira das alocações do Magistério, temos a definição clássica da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, que aprofunda mais ainda a busca dos logos da realidade litúrgica:

Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral. (SC, 7).

Tanto a Carta Encíclica *Mediator Dei*, promulgada pelo papa Pio XII em 1947, quanto a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, de Paulo VI, tem o intuito de compreender melhor a liturgia da Igreja e transmitir com profundidade essa realidade para a

---

<sup>2</sup> Cf. AQUINO JUNIOR, Francisco de. Teologia e hermenêutica: da “teologia como hermenêutica” ao momento hermenêutico da teologia. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 68.

vida dos fiéis, a fim de que possam não só celebrar de um modo mais profundo e consciente, mas também eficaz, obtendo os frutos que emanam da Sagrada Liturgia. O que podemos perceber aqui é um processo de aprofundamento em tentar responder à luz das fontes bíblicas e da Tradição o que é a realidade da liturgia. É algo mais além de ritos externos e leis cerimoniais. Completa-se essa indagação ao compreender mais ainda a Sagrada Liturgia como exercício do Sacerdócio de Cristo na vida da Igreja para salvação e santificação de todos os fiéis e para a edificação do Corpo Místico de Cristo. Temos aqui uma evolução no modo de compreender a realidade da Sagrada Liturgia que, conseqüentemente, provocará um impacto positivo no modo de celebrar a fé. Em outras palavras, podemos dizer que a liturgia da Igreja possui muito mais do que a mera ritualidade e aglomerado de leis e rubricas que precisam ser observadas. A liturgia da Igreja é um mistério dinâmico que vai se revelando e desvelando aos poucos e, juntamente, com os fiéis no amadurecimento da fé. É aí que se adquirem novas definições e se aprofunda um agir cada vez mais vivo e performativo.

Para abrir mais ainda o “leque” na busca incessante de compreender essa realidade, Lópes afirma:

A liturgia cristã é uma realidade muito rica e polivalente que pode ser analisada sob numerosos aspectos. É inegável que se trata de uma realidade unida à fé e à expressão pessoal e social dos membros da Igreja. Isso faz com que a ciência que tem como objeto a liturgia procure abranger todos os aspectos do fato litúrgico e, de maneira especial aqueles que se referem à sua realização atual. (LÓPEZ, 2006, p. 48).

Salta aos olhos que Lópes use neste trecho citado o termo “realidade” duas vezes e também a expressão “realização atual”, que fazem parte do coração da noologia e metafísica zubirianas. Compreender a liturgia *como realidade muito rica e polivalente* que pode ser analisada sob numerosos aspectos e ainda falar de liturgia como realização atual é um grande passo para a abertura à análise que propomos aqui à luz do pensamento de Zubiri:

A inteligência senciente, como acabo de dizer, consiste em apreender as coisas em impressão de realidade. Pois bem, esta impressão de realidade nos é dada por diferentes sentidos. Cada um desses sentidos é diferente, e todos, eles constituem uma só e mesma inteligência senciente de realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 67).

Por meio do pensamento filosófico zubiriano e através do trabalho de “interfaces”, pretendemos evidenciar a possibilidade da confluência com a ciência litúrgica. Para alguns pode parecer estranha e audaciosa estabelecer esta “interface” entre filosofia e liturgia. É simples a resposta: a história já mostrou que não há teologia consistente se não estiver apoiada num logos filosófico. Sobre esse desafio Beckhäuser, que não sabemos se era

zubiriano, mas certamente já percebia que era necessário outro patamar filosófico para se atuar e compreender a liturgia. Ele afirma:

Uma compreensão filosófica do termo liturgia pode abrir horizontes para uma compreensão mais ampla de Liturgia, como celebração, como obra de Deus, ação da Santíssima Trindade, Serviço Divino da Salvação, e evitar uma compreensão ritualista. (BECKHÄUSER, 2004, p. 24).

Está muito claro que o autor citado compreende a necessidade da filosofia para oferecer um *logos* à Teologia, embora não explicita de qual filosofia se trata, pois assim como existem teologias, existem também filosofias. Foi por isso que no primeiro capítulo desenvolvemos o pensamento de Zubiri, para explicar de que Filosofia estamos falando.

Da mesma forma, Vagaggini, já citado, ao tratar sobre a necessidade de uma definição rigorosa, afirma:

O exame do que escrevem nesse campo mesmo provecos liturgistas demonstra, a meu modesto juízo, que o que em não poucos casos falta são as próprias noções fundamentais – sim, filosóficas – ao redor da necessidade e das exigências particulares e de uma definição rigorosa do objeto em qualquer ciência. Ser-me-á perdoado ousar recordá-lo aqui. (VAGAGGINI, 2009, p. 41).

Então, Vagaggini, um ícone da ciência litúrgica e do Movimento Litúrgico, vai além do pensamento de BECKHÄUSER, ao criticar até os mais importantes escritores litúrgicos por faltar-lhes uma filosofia adequada, em outras palavras, um *logos* mais justo para descreverem com mais rigor o fato litúrgico. E aponta isso como uma exigência científica. Mais uma vez salientamos o porquê de Zubiri em nosso estudo.

Zubiri nos oferece categorias inovadoras do ponto de vista do campo filosófico, o que nos permite perceber que a realidade da liturgia é rica e, ao mesmo tempo, polivalente e que pode ser analisada sob outros aspectos. A impressão de realidade dá à inteligência senciante essa diversidade e essa polivalência. Não só nos oferece a possibilidade de uma nova análise do que é a realidade da liturgia, mas também nos ajuda a perceber que não se trata de uma realidade estática, mas profundamente dinâmica na sua construção e na sua constituição. Com isso estamos tocando na tese deste trabalho. Por isso, a partir dos elementos que Zubiri nos oferece, é possível arriscar em uma nova definição acerca da realidade da Sagrada Liturgia como essa se articula externamente e internamente. Quando se pensa a liturgia como uma realidade rica e polivalente, é preciso entender do que se trata. Os conceitos zubirianos de sistema substantivo, de substantividade, sistema básico e constitutivo, essência, dinamismo nos oferecem uma ideia dessa realidade rica e polivalente e como qualquer realidade se constitui e se estrutura enquanto coisa real. Por isso, vamos então nos deter nesses conceitos.

## 1.2 Liturgia como sistema substantivo

Pensar a liturgia como um sistema substantivo à luz do pensamento de Zubiri se constitui por si mesmo um diferencial em relação às definições clássicas correntes sobre a Sagrada Liturgia. Sendo assim a estrutura da liturgia da Igreja possui uma dimensão substantiva ou como melhor vai precisar Zubiri, se afastando mais ainda das definições clássicas da filosofia tradicional, o que também vai chamar de substantividade.

Vagaggini, em sua postura teológico-litúrgica na busca de uma definição rigorosa da liturgia nos insere no horizonte do pensamento zubiriano acerca dos elementos, do conceito essencial comum e do fundamento desses elementos e desse conceito essencial, que ele denomina de sinal sensível seguindo a tradição da teologia agostiniana do sinal.

Porém a teologia de Vagaggini é fruto de uma longa esteira teológica que remonta também às categorias plantônicas, aristotélicas que influenciaram amplamente a definição tradicional de liturgia e sacramentos na vida da Igreja. Vagaggini, assim como os outros teólogos do seu tempo são “prisioneiros” dessa tradição teológico-filosófica conceitual. Ele não se libertou da necessidade de uma definição conceitual e, sendo assim, estabelece uma separação radical entre o conjunto das realidades espirituais e as coisas sagradas como realidades invisíveis da impressão dos sentidos ao afirmar que apesar dessas realidades possuírem um aspecto sensível, não afetam diretamente os sentidos humanos. Neste ponto, Zubiri, se apresenta como “libertador”, ao afirmar que a apreensão primordial é direta-imediata e unitária de qualquer realidade sentida.

A intelecção é formalmente apreensão direta do real, não através de representações ou imagens; é uma apreensão imediata do real, não fundada em interferências, raciocínios ou nada similar; é uma apreensão unitária. A unidade desses três momentos é o que constitui que o apreendido seja em e por si mesmo. (ZUBIRI, 2011a, p. 187).

Para Zubiri, a realidade da liturgia, sendo um conjunto de notas essenciais e não essenciais, afeta diretamente todos os sentidos humanos.

E observamos também que essa unitariedade não significa que o apreendido em e por si mesmo seja algo simples. Muito pelo contrário. A apreensão por ter e tem sempre a exceção feita a alguns poucos casos, uma grande variedade de notas. Ao se apreender, por exemplo, uma paisagem, o apreendido tem uma imensa variedade de notas. (ZUBIRI, 2011a, p. 187).

A única lacuna aqui é o fato de que nesse momento primordial do processo intelectual da apreensão de realidade ainda não é possível dizer nada acerca dessa realidade.

Justamente Zubiri evita o termo “primeiro”, em detrimento do termo “primordial” porque não se trata de um tempo cronológico, mas estrutural.

Temos aqui uma limitação intelectual que ao excluir a totalidade dos sentidos pode se tornar mera conceituação racional da realidade. Como nos diz Zubiri esse primeiro momento não dispõe de interferências racionais. Apreende-se algo apenas como real e como se apresenta por meio de suas notas essenciais, apesar da realidade ser um sistema complexo de notas. Apreende-se algo em e por si mesmo. O processo de entender será um momento ulterior dentro desse mesmo momento unitário da apreensão primordial da realidade. Zubiri acusa o real problema dessa tradicional separação entre a realidade em e por si mesma e seu caráter de impressão no apreensor: Em 1933 o filósofo escreveu *Sobre el problema de la filosofia*, que enfoca o problema da vida real do homem como problema da filosofia moderna. No início do século XX estava posto o ponto culminante do descalabro da filosofia, que junto às ciências, levaram à bancarrota a humanidade. Esse é o problema da filosofia moderna

Cabe aqui entender do que se trata essa substantividade da estrutura da realidade. Toda realidade, inclusive a liturgia, possui uma certa substantividade. Por sua vez, essa substantividade só pode ser compreendida a partir da própria estrutura fundamental que compõe aquilo que denominamos por liturgia. Beckhäuser nos ajuda a precisar melhor essa estrutura fundamental ao afirmar que:

O rito deve ser compreendido em diversos níveis ou extensões. Pode ser um sinal sensível e significativo ou simples ação, como o sinal-da-cruz. Um conjunto de sinais sensíveis e significativos constituem um rito no sentido mais amplo, como por exemplo o rito de abertura de uma celebração da Palavra de Deus, o rito sacramental, os ritos finais. Depois, toda uma celebração também é chamada rito, como o Rito do Batismo, da Eucaristia. (BECKHÄUSER, 2004, p. 126).

O conjunto de sinais sensíveis e significativos, constituem um rito no sentido mais amplo. Podemos dizer que os ritos litúrgicos e os sinais fazem parte desse sistema substantivo e se articulam entre si, porém, não esgotam toda a estrutura da realidade da liturgia, já que essa dispõe de outros elementos fundamentais e essenciais que sem esses os ritos e os sinais *sensíveis* se tornam enrijecidos e sem significados. Beckhäuser nos dá uma pista sobre esse caráter da insuficiência da dimensão do rito e dos sinais que não podem se articular por si mesmos:

Quando falamos em *ritos na Liturgia*, devemos pensar não apenas em palavras e gestos e ações. Todos os sinais tornam-se ritos na medida em que

adquirem um sentido mais profundo, na medida que desvelarem e comunicarem o mistério. (BECKHÄUSER, 2004, p. 128).

Zubiri nos ajuda a compreender melhor como se estruturam e se articulam entre si esses elementos na realidade litúrgica e como os mesmos corroboram para que a realidade do Mistério Pascal se atualize como coisa real. O que Zubiri nos ajuda a compreender mais a fundo é como a realidade do Mistério Pascal de Cristo se atualiza por meio deste complexo sistema ritual. Por meio e através desse sistema ritual que o Mistério Pascal de Cristo, centro e ápice da vida Cristã (LG, 11; SC, 10) se atualiza o Mistério de Cristo como realidade diante dos olhos dos fiéis. Por isso, se pode afirmar que essa estrutura ritual e tais sinais sensíveis possuem um papel determinante e funcional nesse processo de atualização da realidade do Mistério de Cristo por meio de todas as ações rituais da Igreja. A complexidade do sistema ritual e de sinais do culto da Igreja é o ponto de partida e de convergência da atualização de todo o Mistério de Cristo. Entender melhor esse sistema ritual e sua articulação dinâmica é condição fundamental para compreender como se dá a realidade do mistério pascal no meio de nós por meio das ações litúrgicas. Os ritos e os sinais são uma pequena parte dessa estrutura e que encontram dentro dela e da realidade litúrgica, seu lugar e seu papel determinante. O que seriam então, os ritos e os sinais sensíveis dentro dessa estrutura e qual seria o papel determinante?

Sempre ao longo dos séculos também se procurou entender o que seria o rito e o que seriam esses sinais sensíveis, mas nunca se determinou como esses se articulam entre si para atualizar o Mistério Pascal como realidade no seio das ações litúrgicas. Sempre se conseguiu responder o meio pelo qual se atualiza o Mistério Pascal, mas não o como esse se atualiza por meio de *ritos-preces* e *sinais sensíveis*. Neste ponto Zubiri nos oferece uma possibilidade de maior compreensão acerca do meio e do como se atualiza a realidade do Mistério Pascal.

Fica cada vez mais claro que propor uma “interface” entre o pensamento teológico-litúrgico e o pensamento filosófico de Zubiri não é um equívoco, mas uma rigorosa necessidade, para iluminar de uma forma inovadora o pensamento teológico atual, principalmente, acerca da Sagrada Liturgia. Buscar na filosofia de Zubiri uma “interface” que possa nos conduzir a uma compreensão mais profunda do que é a realidade da Sagrada Liturgia e sua constituição dinâmica interna já pode ser considerado um marco teológico da teologia litúrgica.

Sobre a relevância do pensamento filosófico de Zubiri para a teologia González, diz:

Não faltam na crescente bibliografia sobre Zubiri estudos de sua teologia. Desconsiderando eventuais alusões, é preciso dizer que grande parte das análises se concentra em artigos escritos por Zubiri nas décadas de trinta ou quarenta, principalmente, em sua obra "O ser sobrenatural: Deus e a deificação na teologia paulina", coletados em *Natureza, História, Deus* (cfr. NHD 455-542). Embora Zubiri tenha insistido no início daquelas páginas que não pretendia fazer mais do que um estudo histórico, não há dúvida de que a exposição da teologia de Paulo e dos padres gregos revelou muitas inclinações teológicas do próprio Zubiri, como cursos posteriores e os escritos confirmam. O referido artigo possui, sem dúvida, grande valor histórico e teológico. No entanto, não pode ser tomado nem mesmo como um expoente das opiniões teológicas de Zubiri muito menos como um critério para avaliar as consequências teológicas de sua filosofia. A razão é óbvia: a filosofia de Zubiri ainda não era elaborada e somente a partir de sua filosofia madura é possível determinar sua relevância teológica. (GONZÁLEZ, 1993, p. 4).<sup>3</sup>

Zubiri não só tem sua relevância ao tratar de conceitos teológicos, mas sobretudo filosóficos. A sua abordagem teológica e filosófica possibilita estabelecer uma relação de "interface" com o campo litúrgico, já que esse também é objeto da reflexão teológica. Fica claro, então, que o pensamento filosófico de Zubiri não só possui relevância para outras áreas da teologia, mas também para a teologia litúrgica. Como nos diz González acerca do amadurecimento do pensamento filosófico zubiriano, que será um marco determinante para o pensamento teológico anterior e posterior:

No entanto, e sem entrar em discussões sobre cronologias, é um fato aceito por todos que a filosofia de Zubiri não parou de "amadurecer" até seu último trabalho sobre inteligência senciente (cf. IRL. IL, IRA). É óbvio suspeitar que, desde esta última obra, muitos dos assuntos tratados nos escritos teológicos teriam um aspecto consideravelmente diferente. (GONZÁLEZ, 1993, p. 4).<sup>4</sup>

González enfatiza um Zubiri em processo de amadurecimento do pensamento filosófico e outro Zubiri amadurecido em seu pensamento filosófico, o que foi determinante para seus escritos teológicos posteriores. Temos aqui um Zubiri plenamente

---

<sup>3</sup>No falta en la creciente bibliografía sobre Zubiri los estudios de su teología. Prescindiendo de alusiones ocasionales hay que decir que la mayor parte de las análisis se concentran en artículos escritos por Zubiri en los años treinta o cuarenta, y especialmente, en su trabajo sobre «El ser sobrenatural: Dios y la deificación en la teología paulina», recogido en *Naturaleza, Historia, Dios* (cfr. NHD 455-542). Aunque Zubiri insistía al comienzo de aquellas páginas en que no pretendía hacer más que un estudio histórico, no cabe duda de que la exposición de la teología de Pablo y de los padres griegos dejaba traslucir muchas inclinaciones teológicas del propio Zubiri, como los cursos y escritos posteriores confirman. El mencionado artículo posee, sin duda, un gran valor histórico y teológico. Sin embargo, no puede ser tomado ni como exponente de las opiniones teológicas de Zubirini tampoco como criterio para valorar las consecuencias teológicas de su filosofía. La razón es obvia: la filosofía de Zubiri estaba entonces aún sin elaborar, y solo desde su filosofía madura es posible determinar la relevancia teológica de la misma.

<sup>4</sup>No obstante, y sin entrar en discusiones sobre cronologías, es un hecho aceptado por todos que la filosofía de Zubiri no ha dejado de "amadurecer" hasta su última obra sobre la Inteligencia sentiente (cfr. IRL. IL, IRA). Es obvio sospechar que, desde esta última obra, muchos de los temas tratados en los escritos teológicos tendrían un aspecto considerablemente distinto.

maduro em seu pensamento que atinge seu auge na sua obra magna *Inteligência Senciente*. Tal obra é o ponto de partida e chegada para quem pretende mergulhar em seu pensamento seja sobre temas filosóficos ou teológicos. Justamente desse marco filosófico que é trilogia senciente, fruto do amadurecimento do seu pensamento, que partimos para entender melhor a realidade da Sagrada Liturgia a partir do que Zubiri entende e considera o real e a realidade em si. Zubiri, nos oferece conceitos precisos que nos ajudam não só compreender a realidade da liturgia em si, mas também sua articulação dinâmica. É um tema que precisa avançar ainda. O que temos até agora, são meras definições e apresentações sistemáticas desses conceitos, mas não o que é essa realidade e como se dá e se articula enquanto algo real diante de nós.

### 1.3. A Estrutura da Liturgia e sua dimensão substantiva

Toda a realidade possui uma dimensão estrutural e uma dimensão substantiva para que possa ser considerada como real. A Sagrada Liturgia como algo real e que pode ser verificada pelos sentidos não fica fora dessa afirmação. Mas o que seria essa estrutura e essa substantividade da Liturgia? Toda realidade possui uma estrutura precisa e determinada e uma certa substantividade. A coisa real que podemos determinar de uma certa realidade como real se funda na própria realidade. Temos aqui uma estreita e precisa relação e ao mesmo tempo uma certa distinção entre a realidade e o real que se funda nessa mesma realidade.

Zubiri em suas conferências de 1968 intitulada *Estructura dinámica de la realidad* afirma: “A realidade como essência é uma estrutura. Uma estrutura constitutiva, mas cujos ingredientes constituintes são ativos e dinâmicos por si próprios”. (ZUBIRI, 2006, p. III).<sup>5</sup> Dessa forma podemos dizer que a realidade daquilo que dizemos ou afirmamos é uma estrutura que se constitui de uma maneira precisa e que ao mesmo tempo é composta de outros elementos e ingredientes ativos por si próprios. Orringer ao falar sobre a influência do pensamento aristotélico para a filosofia zubiriana acerca da sua compreensão de dinamismo e alteridade afirma:

Zubiri oferece dois exemplos da física de seu tempo: a transformação da matéria em energia, de acordo com a teoria da equivalência de Einstein, e a transformação da energia em matéria e da matéria em energia por meio de colisões de partículas subatômicas. Aqui, a transformação não consiste na dotação sucessiva de substâncias com formas substanciais, mas sim de uma estrutura dando lugar, enquanto estrutura, às estruturas completamente

---

<sup>5</sup> La realidad como esencia es una estructura. Una estructura constitutiva, pero cuyos momentos y cuyos ingredientes de constitución son activos por sí mismos.

diferentes. Não esqueçamos que em Zubiri as substantividades são estruturas dinâmicas. (ORRINGER, 2002, p. 10-11).<sup>6</sup>

Sobre essa estrutura ou aquilo que Zubiri vai chamar de unidade primária e radical, diz o pensador basco: “Pois bem, na medida em que essa unidade confere um caráter construtivo ao sistema de notas, essas notas expressam precisamente o que é a própria unidade radical: é precisamente um extrato, é uma estrutura. Esta é a definição formal de estrutura”. (ZUBIRI, 2006, p. 37).<sup>7</sup> A estrutura de algo é a atualidade dessa unidade primária em um sistema complexo de notas. Pintor-Ramos afirma:

Essa “spécie de presença física” é o que define a atualidade. Uma coisa é atual antes de tudo em suas notas, nas características físicas com as quais a coisa está presente; a unidade das notas que a tornam atual e as notas são enquanto “notas-de” a coisa que notam. (PINTOR-RAMOS, 1994, p. 78).<sup>8</sup>

Fica claro que a realidade possui uma estrutura composta de um sistema de notas. É justamente a unidade desse complexo de notas que se chama estrutura, que dará a possibilidade de determinar o que a realidade é em si mesma. Espinosa afirma:

Os fragmentos do pensamento zubiriano são dentro de um olhar em construção. *De suyo*, substantividades, atualidade, essência, respectividade, etc. são fragmentos inscritos [...]. A realidade se sente como notas e nada além de notas. (ESPINOSA, 2001, p. 41).<sup>9</sup>

Espinosa, ao tratar do pensamento de Zubiri sobre a constituição das notas como um sistema substantivo afirma que a realidade de algo em construção como realidade dinâmica na medida em que cada nota ocupa seu lugar dentro desse sistema. Além de possuir um caráter de uma realidade (*constructo*) possui também uma dimensão notificante, ou seja, o que é *noto* na apreensão senciente são as notas desse sistema complexo e que por sua vez é a realidade de algo. O que tenho como realidade na intelecção senciente são notas individuais desse sistema complexo que no seu conjunto unitário me dão a noção de uma determinada realidade. É a constituição desse sistema de notas o que por sua vez se constitui uma estrutura

---

<sup>6</sup> Zubiri offers two examples from the physics of his times: the transformation of matter to energy in accordance with Einstein’s equivalence theory, and the transformation of energy to matter and of matter to energy through collisions of subatomic particles. Here, transformation does not consist of the successive endowment of substances with substantial forms, but rather of one structure giving way, qua structure, to completely different structures.<sup>48</sup> Let us not forget that in Zubiri substantivities are dynamic structures.

<sup>7</sup> Pues bien, en tanto que esa unidad confiere carácter constructo al sistema de notas, estas notas manifiestan precisamente lo que es la unidad em sí misma: es justamente ex-tracto, es estructura. He ahí la definición formal de estructura.

<sup>8</sup> Esa “especie de presencia física” es lo que define la actualidad. Una cosa es actual ante todo en sus notas, en las características físicas con que la cosa se hace presente; la cosa es justamente la unidad de las notas que la tornan actual y las notas lo son en tanto que “notas-de” la cosa que nota.

<sup>9</sup> Los fragmentos del pensamiento zubiriano son acuñaciones dentro de una mirada constructa. De suyo, sustantividad, actualidad, esencia, respectividad, etc. son fragmentos que están inscritos en la mirada notificante. ¿Por qué Zubiri siente la realidad de modo notificante? La realidad se siente como notas y nada más que notas.

real e determinada que podemos afirmar como algo real. Sendo assim, dando um salto qualitativo do ponto de vista filosófico da sua filosofia madura a noção de realidade em Zubiri não é uma mera conceituação abstrata, mas impressão intelectual de notas constitutivas e não constitutivas por meio da apreensão primordial de realidade de um determinado sistema substantivo. Zubiri diz:

Em segundo lugar, diz-se que a realidade não é formalmente um sujeito, mas algo diferente, é precisamente uma substantividade dotada de uma estrutura e de um sistema constitutivo de notas. Sistema constructo de notas significa que cada nota é intrinsecamente uma nota-de; Não que este seja copulado sinteticamente com outras notas, mas sim que de si mesmo, na medida em que é uma nota fisicamente realizada em uma dada substantividade, tem intrinsecamente o carácter de ser uma nota-de com as demais notas que compõem o sistema. (ZUBIRI, 2006, p. 41).<sup>10</sup>

A realidade ou o que podemos dizer ou afirmar como coisa real é algo muito mais complexo do que uma mera conceituação ou afirmação que serão para Zubiri momentos ulteriores no processo de intelecção senciente. Só se pode dizer algo ou conceituar algo a partir de uma coisa real. Para Zubiri isso é essencial. Por isso, que para ele a realidade não é formalmente um sujeito como se pensava na filosofia clássica, mas um sistema constitutivo de notas e, somente, a partir desse sistema de notas que se pode obter um sujeito. Por outro, lado essa realidade é uma estrutura física que se realiza em uma substantividade, ou seja, em um sistema complexo de outras notas. É a unidade dessa substantividade que determinará o que a realidade é em si mesma como algo real. Pouco a pouco, Zubiri vai delineando a sua noção de realidade, sujeito, substantividade e dimensão física que pode ser para a teologia litúrgica uma mão de duas vias para uma melhor compreensão da liturgia e do mistério pascal que se atualiza por meio dela. Assim como em Zubiri, os temas acerca do que é a realidade, o real também é caro para a reflexão teológica e que ao longo dos séculos por meio de debates calorosos tirou o sono de muito teólogos à procura de uma resposta na tentativa de compreender de uma forma mais precisa o que é a liturgia da Igreja em si mesma e o que é em si mesmo o Mistério Pascal que se atualiza na liturgia e como se atualiza enquanto realidade. É certo que não é fácil precisar o objeto de uma determinada realidade. Como vemos em Zubiri, precisar rapidamente uma realidade e a sua essência se pode incorrer em erros de interpretação e equívocos sobre a própria realidade ou do que é real. A reflexão teológica no âmbito do campo litúrgico sempre oscilou entre o realismo e o simbolismo. Nos primeiros séculos, a ação litúrgica da Igreja era símbolo das coisas celestes e nem sempre as próprias

---

<sup>10</sup>Un segundo lugar, he dicho que la realidad no es formalmente un sujeto, sino que algo distinto, es precisamente una sustantividad que está dotada de una estructura, y un sistema constructo de notas. Sistema constructo de notas significa que cada nota es intrinsecamente nota-de; en el que *éste*, es copulada sinteticamente con otras, sino que desde sí misma, en tanto que nota fisicamente realizada en una substantividad determinada, tiene intrínsecamente el carácter de ser *nota-de* con las demás notas que componem el sistema.

coisas celestes, para outros eram as próprias coisas celestes.<sup>11</sup> A tentativa aqui era precisar se a Sagrada Liturgia da Igreja era de fato símbolo ou realidade verdadeira das coisas divinas. Se são realidade das verdadeiras coisas divinas, como essa realidade divina se atualiza dentro dessa mesma liturgia? Salamolard afirma: “Em seguida, pela atualização sacramental, a presença e a ação do Cristo histórico não são diminuídas, mas ao contrário, indefinidamente ampliadas”. (SALAMOLARD, 2013, p. 111). Eis aqui a questão emblemática que remonta os séculos desde os relatos dos sinóticos que coloca em evidência a nova constituição real de Jesus como ressuscitado nos relatos das aparições em contraposição com o Jesus histórico. Atualmente temos uma afirmação precisa na *Constituição Litúrgica Sacrosanctum Concilium*:

Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral. (SC, 7).

O presente número nos indica que a liturgia da Igreja é nada mais nada menos que o exercício da função sacerdotal de Cristo, isto é, sua pessoa real e verdadeira atua para santificação dos homens. Não se trata da realidade de outra pessoa, mas da mesma pessoa dos relatos dos sinóticos (Mateus-Marcos-Lucas), do mesmo Jesus que se encarnou no seio da Virgem Maria pela ação do Espírito Santo, do mesmo Jesus que anunciou a Boa-Nova do Evangelho em sua vida pública, curou os doentes, padeceu a Paixão-Morte chegou à Ressurreição gloriosa. É esse mesmo Jesus que agora exerce sua função na Sagrada Liturgia. Em outro número a constituição litúrgica afirma:

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro - «O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz» (20) - quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza (21). Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt. 18,20). (SC, 7).

---

<sup>11</sup> Nesse período vão se destacar teólogos como Pascásio Radberto de Corbei (835); Rabano Mauro; J. Scouts Eriugena; Lanfranc de Bec (1005-1098); Berengário de Tours; Cardeal Humberto da Silva Cândida; Nicolau Berengário. Nesse período, os debates teológicos no que concerna ao mistério da presença real de Jesus no Sacramento da Eucaristia, oscilava entre a presença real do Cristo histórico e a presença do Cristo Glorioso Ressuscitado. Tratava-se precisamente na busca de uma definição de qual Jesus está presente nas espécies eucarísticas. Seja uma ou outro modo de presença como se dá essa presença, física ou não no pão e no vinho. (Cf. BOURGEOIS, 1998, p. 43-44). Salamolard, nos ajuda a falar com tranquilidade da presença real hoje. Vale a pena colocar a atenção, principalmente, no ponto no qual o autor fala sobre a atualização sacramental e como essa pode se aplicar ao evento Cristo. (Cf. SALMOLARD, 2013, p. 110-118).

É preciso colocar atenção no dado fundamental dessa verdade dogmática da Igreja de que Cristo está presente na sua litúrgica e é Ele quem executa as diversas tarefas que santificam o homem, Ele está presente no sacrifício da missa, na pessoa do ministro sagrado, sobretudo nas espécies eucarísticas, está presente com seu dinamismo nos outros sacramentos porque quando alguém batiza é Ele que batiza, Ele fala quando alguém proclama a Sagrada Escritura e é Ele que fala e está presente quando a Igreja reza e se reúne.

López afirma sobre essa “nova” modalidade de presença:

Essa presença não é meramente subjetiva e limitada à contemplação reflexiva e afetiva dos aspectos do mistério de Cristo que estão sendo comemorados, mas encerra certa eficácia salvífica objetiva: “Relembrando destarte os mistérios da redenção, (a Igreja) franqueia aos fiéis as riquezas do poder santificador e dos méritos de seu Senhor, de tal sorte que de alguma forma os torna presente em todo tempo, para que os fiéis entrem em contato com eles e sejam repletos da graça da Salvação(SC, 102)” (LÓPEZ, 2006, p. 321).

Seguindo o pensamento de López, a presença de Cristo em sua liturgia é sempre objetiva e encerra uma eficácia salvífica. Sendo assim, não se trata de uma presença simbólica ou apenas memória dos fatos passados que Cristo Jesus realizou ao longo de sua vida pública. É o próprio Cristo presente na ação litúrgica da Igreja com todos os seus méritos e eficácia. Interessante o que diz Salamolard ao falar da ceia como ponto referencial da Tradição:

Sim, Jesus todo está sintetizado nesse gesto, que um discurso explica. Sua vida, sua carne, seu crescimento e sua presença entre os homens, em sua família em seu chão da Palestina, sua vida pública e sua missão – anunciar o amor de Deus, perdoar, curar, ir ao encontro, libertar, reconciliar, chamar, interpelar-, sua morte iminente... Tudo está concentrado, manifesto e resumido na partilha do pão e no dom do cálice. (SALAMOLARD, 2013, p. 117).

O desafio como podemos perceber e como essa presença se encerra nas celebrações litúrgicas, ou melhor, de que presença se trata. A Constituição Litúrgica, se limita em apenas afirmar que de tal sorte que de alguma forma por causa dos méritos do Senhor torna os mistérios da redenção presente para santificação e salvação de todo ser humano. Tais méritos dependem “*sine qua non*” dessa sorte de presença já que é Ele mesmo que age nas ações litúrgicas da Igreja. Em outro momento López afirma:

As festas e os tempos litúrgicos não são “aniversários” dos fatos da vida de Jesus, mas “presença *in mysterio*”, isto é, na ação ritual e em todos os sinais litúrgicos. Os fatos e as palavras realizados por Jesus Cristo não se reproduzem mais, mas enquanto ações do Verbo encarnado são

acontecimentos salvíficos (*Kairoí*) atuais e eficazes para aqueles que celebram. (LÓPEZ, 2006, p. 36).

Temos até então duas posições fundamentais do magistério da Igreja que se delineou ao longo dos séculos na Igreja, a primeira que a pessoa de Jesus Cristo está presente na vida da Igreja e de seu povo e continua perseverando na ação litúrgica da mesma forma em que ao longo da sua vida pública passou fazendo o bem para salvação das almas. A segunda é que essa presença agora sacramentalmente falando é “*in mysterio*”, não se trata da mesma pessoa terrena de Jesus, mas de uma outra realidade dessa mesma pessoa. Trata-se de uma nova estrutura determinada com uma substancialidade própria.

Zubiri nos dá um exemplo que pode ajudar-nos a entender melhor essa questão emblemática da presença “*in mysterio*”:

Tomemos o caso de um organismo vivo: como alguém pode pretender que um organismo vivo seja uma substância dotada de vida? O que se entende por substância? As substâncias são muitas, em um número enorme de organismos. E no homem, além de todas as orgânicas, existe a substância psíquica – se é que se pode chamar de substância. Não é que o vivente seja uma substância; o vivente é uma estrutura. É uma unidade estrutural. Cada um desses momentos pode ser renovado e se renovam com o tempo, sem dúvida. Mas, no entanto, a estrutura permanece formalmente a mesma. É uma unidade. E dentro dessa unidade que é o ser vivente, cada uma das notas tem uma posição perfeitamente determinada, mesmo que elas não pertençam formalmente exclusivamente ao ser vivente em questão. (ZUBIRI, 2006, p. 37-38)<sup>12</sup>.

O conceito de substantividade em Zubiri é completamente diverso da tradição clássica do período patrístico e escolástico que vai conceber a substância como fundamento do ser-real. Já para Zubiri o momento da substantividade de “algo” é o seu momento estrutural. A substantividade de algo está na sua constituição estrutural. Para ele substantividade é uma estrutura constitutiva de “algo” que possa vir a ser o que chamamos de real. Por isso, para nós o conceito zubiriano de substantividade é de fundamental importância para entender não só a noção da realidade das coisas, mas sobretudo do homem como momento estrutural da realidade. Sendo assim, a substantividade de “algo” é apenas um momento da sua dimensão estrutural constitutiva e dinâmica “em” e “por si mesma”. É

<sup>12</sup>Tomemos el caso de un organismo vivo: ¿Cómo se va a pretender que un organismo viviente sea una sustancia dotada de vida? ¿Qué se entiende por sustancia? Sustancias hay muchas, en número enorme de organismos. Y en el hombre, además de todas las orgánicas, hay la sustancia psíquica, si así quiere llamar. No se trata de que el ser viviente sea una sustancia; el ser viviente es una estructura. Es una unidad estructural. Cada uno de esos momentos pueden ir renovándose y se renuevan a lo largo del tiempo, sin duda. Pero, sin embargo, la estructura va siendo formalmente quedando la misma. Es una unidad Y dentro de esa unidad que es el viviente, cada una de las notas tiene una posición perfectamente determinada, aunque formalmente no pertenezcan formalmente, exclusivamente, al ser viviente en cuestión.

interessante observar aqui que diferentemente do período clássico que tinha o momento substancial como ponto de absoluto e fechado da constituição daquilo que pode ser considerado como real, Zubiri entende o momento da substantividade como momento dinâmico e aberto enquanto realidade que vai se estruturando em um movimento dinâmico. Sobre esse caráter dinâmico Salado afirma:

Uma coisa é ser o que é e, também, ser tudo o que pode dar de si mesmo.” Isso significa que a doação de si não é algo anexo e estranho ao “de suyo”; muito pelo contrário, o dar de si, o dinamismo, faz parte do “de suyo”, em definitivo, da essência das coisas. Dependendo de como for essa essência, será o dinamismo. Como já dissemos, dinamismo e devir não são sinônimos de mudança; de fato, o dinamismo implicará menos mudança quanto mais rica for a realidade que ele dá de si (embora em todo o caso, Zubiri reconheça que o dinamismo quase sempre envolve um momento de mudança). (SALADO, 2001, p. 113-114).<sup>13</sup>

A dimensão da substantividade de “algo” é apenas um momento do ser que vai se constituindo a partir de um movimento interno e externo que Zubiri chama de *devenir*. A substantividade de uma determinada coisa real se situa entre o seu momento essencial enquanto “de suyo” e o seu momento estrutural-constitucional de modo inseparável e unitário. Por isso, Zubiri afirma que o dinamismo e o dar de si são momentos inseparáveis e intrínsecos do “de suyo” de cada coisa real, inclusive da constituição estrutural da realidade do ser humano. Sobre o modo da constituição biológica como realidade aberta como “dar de si”, Salado afirma:

O homem é um problema dentro da biologia. Se a marcha da evolução pode ser criptografada na formalização, isto é, na autoposseção do “de suyo” como “seu”, um processo especial ocorre no homem, que converte o “de suyo” em “suidad” graças a um processo de hiperformalização: “a lista de respostas que suscita a ação provoca e alcança a tal ponto que ela provoca em uma ação que não é assegurada pelas do próprio animal; não garante a adequação da resposta”. (SALADO, 2001, p. 115).<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> “Una cosa es siendo lo que es y, también, siendo todo lo que puede dar de sí.” Esto quiere decir que el dar de sí no es algo anexo y extraño al “de suyo”; antes bien es el contrario, el dar de sí, el dinamismo, forma parte del “de suyo”, en definitiva, de la esencia de las cosas. Dependiendo de cómo sea esa esencia, será el dinamismo. Como ya hemos dicho, dinamismo y devenir no son sinónimos de cambio; de hecho, el dinamismo implicará menos cambio cuanto más rica sea la realidad que da de sí (aunque de todas formas reconozca Zubiri que casi siempre el dinamismo envuelve un momento de cambio).

<sup>14</sup> El hombre es un problema dentro de la biología. Si la marcha de la evolución podemos cifrarla en formalización, esto es, en autoposesión del “de suyo” como “suyo”, en el hombre adviene un proceso especial, que convierte al “de suyo” en “suidad” gracias a un proceso de hiperformalización: “el elenco de respuestas que suscita la acción alcanza un grado tal, que suscita en una acción no que no es asegurada por las propias del animal; no garantiza la adecuación de la respuesta”.

#### 1.4. A Inteligência Sentiente como via intelectual do sentir da liturgia

Na questão da *Inteligência Sentiente*, Xavier Zubiri, vai trabalhar na sua obra *Inteligencia Sentiente* no volume I: *Inteligência e Realidad*<sup>15</sup>. Nessa obra busca compreender o que se pode aprender da realidade a partir do sentir *sentiente* ou o que essa realidade é de fato em realidade. Em outras palavras, na perspectiva zubiriana, a realidade é um campo hermenêutico no qual se aprende sobre a realidade das coisas reais e da própria realidade em si. Da mesma forma liturgia, sendo uma realidade assim como todas as outras e que se impõe ao a ser humano, também implica esse mesmo processo da inteligência senciente como via para se chegar ao seu fundamento que é o Mistério Pascal, que tem no seu centro o próprio Cristo como fundamento de todas as realidades. Vale a pena aqui lembrar que esse mesmo Cristo fundamento resplandece, sustenta e ilumina toda a realidade:

Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça, que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e inteligência; descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra. (Ef 1, 7-10).

A inteligência senciente, ou os sentidos na sua dimensão intelectual possui papel fundamental nesse processo da experiência e do conhecimento do Mistério Pascal que nos é dado a conhecer por Deus como vimos na carta de São Paulo aos Efésios. Esse plano de conhecimento é dado ao mundo no qual estão situados os seres humanos, pois tão grande mistério abarca toda a realidade. Esse mistério acontece na realidade humana e se manifesta dessa forma, e com o auxílio da sabedoria e da inteligência que Deus deu ao homem, cabe-nos apreender e individuar esse mistério para compreender melhor como a liturgia é *fons et culmem* de todas as outras realidades da Igreja. Ao longo da tradição da teologia da Igreja, podemos perceber que não se trata de um mero esforço de crer, como se fosse suficiente. O ato de crer é apenas um pequeno recorte de um todo muito maior e mais complexo que implica a realidade e a constituição do crente, ou seja, daquele que crê em Deus e nos seus mistérios revelados. Grillo, ao tratar da reviravolta antropológica, nos indica o quanto foi importante reconsiderar o homem a sua totalidade como crente no processo da acolhida da revelação divina. O homem como animal de realidades está todo inteiro implicado e essa é a chave de leitura de Zubiri. O homem não só está imerso, impelido pelas coisas reais, mas

---

<sup>15</sup> Cf. No seu prólogo, Zubiri, vai fundamentar a sua obra dizendo que ela é fruto de especulações de uma obra anterior chamada *Sobre a Essencia* (1962 1º ed; 5º ed. 1985) que tinha como fundamento esclarecer fundamentos presente na sua segunda obra sobre a essência.

também é impelido a conhecer afundo essa mesma realidade que o impele. Todo conhecimento dado ao homem por Deus possui uma finalidade em particular e específica. Pela sabedoria e pela inteligência passamos a conhecer o mistério da vontade de Deus a que só o homem tem acesso.

A apreensão primordial a realidade fica reduzida a mero princípio de inteligibilidade. Para ele, o real é o ponto de partida de todo aprendizado humano com uma grande distinção entre os métodos anteriores. Quando fala da estrutura do apreendido em distância, diz que na *retração* fica conservado o conteúdo da coisa real, ou seja, a coisa real e a sua realidade são sempre o ponto de partida do processo senciente em Zubiri. Por assim dizer, o ser de uma coisa real está montado sobre a realidade. Nessa questão, Zubiri nos dá um exemplo do processo senciente que tem como ponto de partida a realidade.

O que fazemos é entender o que são em realidade tão só como ponto terminal do que é “a” realidade, entender que “a” realidade é esta coisa. Entendido assim o que a coisa é em realidade, o ponto forte desta nova compreensão é “a” realidade, o que é real em cada caso não é senão mero ponto terminal da realidade. (ZUBIRI, 2011b, p. 62).

Importante destacar aqui duas dimensões fundamentais do seu pensamento. Primeiro que o movimento intelectual tem seu ponto de partida na realidade na qual somos “retidos” (*ritiene*) e somos “laçados” (*remite*) para uma outra realidade. Trata-se de um movimento dentro da realidade em si mesma. O segundo aspecto que podemos enumerar é que se trata de um movimento concreto por razão do seu ponto de partida que é o real ou aquilo que foi aprendido em apreensão primordial de realidade. Essa por sua vez é o primeiro momento radical do aprendizado. Zubiri diz que a impressão primária e constitutiva nos instala no real e que isto é essencial. Aprender a coisa real e ser instalado nessa coisa real concreta ou física constitui um momento essencial. Sem esse momento não seria possível as outras fases da compreensão senciente. Outra dimensão concreta é a própria dimensão campal porque o real aprendido pela compreensão sentiente não está “solto no ar”, mas está situado em um campo de realidades na qual outras coisas reais estão também dispostas. Trata-se de um campo real e físico no qual estão presentes todas as coisas reais entre outras coisas. O «entre» não é um aglomerado de coisas, mas um momento de *atuidade* do real, isto é, uma coisa real entre outras coisas reais. Desse modo essa coisa real fica atualizada pela compreensão senciente entre as outras coisas reais. Porém, não somente está «entre», mas também «hacia», ou seja, de uma coisa real para outra coisa real. O ser das coisas, apesar de possuir um caráter de clausura e uma dimensão constitutiva é um ser que está em correlação com as outras coisas reais. Zubiri diz que evidentemente por ser real e em tanto que real enquanto coisa atualizada

e atual é pura e simples respectividade mundanal. Estar presente no mundo é ter atualidade nele em relação com as outras coisas reais que também podem ser atualizadas pela inteligência senciente. Fica claro que o real e a sua dimensão campal são a “terra fértil” na qual o movimento intelectual sentiente vai ocorrer.

O primeiro aspecto fundamental é justamente o ponto de partida da *inteligência sentiente* que é a própria realidade na qual a coisa real é apreendida como real. Estar presente no mundo e ter atualidade nele consiste na atualidade primeira e radical do que consideramos como real.

Tais elementos essenciais do processo senciente zubiriano podem enriquecer muito a nossa compreensão da realidade litúrgica e como sentir essa realidade litúrgica. Como podemos ver, a faculdade da apreensão sensível é comum ao homem e ao animal. Mas apreensão intelectual compete exclusivamente ao ser humano. Porém, nosso autor se concentra na apreensão intelectual (senciente) em busca de resposta de como ele pode conhecer e aprender algo pelo sentir intelectual. A noção do sentir zubiriano nos oferece uma exposição completa de como o homem, através da apreensão simples, pode chegar à formalização da realidade que é apreendida. Assim como em toda a realidade, o homem religioso ou apreende a realidade da liturgia não só pela inteligência, mas também pelo sentir. Assim como em Zubiri, o sentir da liturgia, vai se tornando um aspecto relevante tanto para os teóricos da reflexão litúrgica como para os que tomam parte do ato celebrativo. Na estrutura da liturgia, o sentir assume papel fundamental. Neste sentido, Grillo diz:

Assim, na liturgia, o corpo é sempre mais animado, espiritualizado pela sensibilidade e pela matéria: isso deve ser entendido em duas direções:

- a) De dentro para fora;
- b) De fora para dentro.

Este duplo movimento, esta implicação recíproca de extra/intra é precisamente «a relação simbólica no seu duplo aspecto: manifestar ou compreender; quem dá ou recebe» (29). (GRILLO, 2011, p. 299).<sup>16</sup>

A contribuição desse grande liturgista é significativa na medida em que recupera a dinâmica corporal. A dimensão da totalidade corporal na sua relação simbólico-ritual aos poucos vai ganhando destaque dentro da dinâmica que acontece na liturgia. A *forma corporis* passa a ter um papel relevante na dinâmica ritual, principalmente, no pensamento de

<sup>16</sup> Cosí nella liturgia il corpo si anima sempre di più, si spiritualizza mediante la sensibilità e la materia: ciò va inteso in due direzioni:

- a) Dall'interno verso l'esterno;
- b) Dall'esterno verso l'interno.

Questo doppio movimento, questo reciproco implicarsi di extra/intra è precisamente «il rapporto-simbolico nel suo doppio aspetto: che si manifesta o comprendere; che dà o riceve» (29).

Romano Guardini, que recupera não só a dimensão espiritualizante do homem (alma), mas também a sua corporidade. Para ele, na experiência ritual, está o homem na sua totalidade. Essa recuperação é um grande salto para a compreensão do que é a realidade da liturgia. A carta *Encíclica Mediator Dei* e a Constituição Litúrgica vão dizer que a liturgia como culto público do povo de Deus está destinada para que esse mesmo povo glorifique a Deus, dê a Deus o devido louvor para a santificação do próprio povo. Por isso, podemos dizer que o homem na sua totalidade *forma corporis* está implicado nesse dinamismo ritual. É neste sentido que o pensamento zubiriano vem como um novo horizonte de reflexão em não só pensar o corpo ou as faculdades humanas como um meio de capacitação dos sentidos. As faculdades corporais no processo do movimento intelectualivo fazem parte desse processo complexo. Garcia, afirma:

Zubiri não nega a influência que têm as “coisas-sentido” na vida humana, nem sustenta que primordialmente consciente seja a captura das coisas como “coisas realidade”. Assim como provavelmente no homem não se dá nenhuma apreensão primordial – primeira operação da inteligência que consiste em ficar atualizado pelo real – que não é acompanhado, pelo menos, por uma das outras duas operações com as quais a inteligência atinge o conhecimento –logos e razão –, Também é provável que na vida de um adulto, pelo que supõe de exercício da inteligência em sua tripla funcionalidade, não há apreensão de uma “coisa – realidade” que não vá inextricavelmente unidos, e “recobertas” – para aludir ao termo com o qual o filósofo indica a mútua implicação de dois modos diferentes de capturar a realidade através de diferentes sentidos– a partir da apreensão da “coisa – sentido”. (GARCIA, 2004, p. 93).<sup>17</sup>

É por meio da sua *forma corporis* que o homem e a mulher podem viver intensamente e objetivamente a experiência da realidade de Deus pelo rito. Grillo, ao tratar da questão do toque corporal na práxis sacramental a partir da nova leitura do *tactus* no século XX, afirma:

Para que a Igreja pudesse recuperar a posse de suas próprias tradições “táteis”, antes de tudo em seus ritos sacramentais, era necessário configurar uma nova forma de acesso ao “tato” por parte da cultura. O tato, no século XX, é lido a partir de três “novas” compreensões, que poderíamos definir assim: o tato é uma “ação” (Blondel), o tato redefine o “fenômeno” (Merleau-Pont) e, finalmente, o tato estrutura a linguagem original do sujeito (Wittgenstein) Essas reinterpretações do tato permitem que a Igreja tenha acesso diferente às suas próprias práticas, aos próprios fenômenos e sua

---

<sup>17</sup> Zubiri no niega la influencia que tienen las “cosas-sentido” en la vida humana, ni sostiene que lo primariamente consciente sea la captación de las cosas como “cosas-realidad”. Así como probablemente en el hombre no se dé ninguna aprehensión primordial –primera operación de la inteligencia que consiste en quedar actualizada por lo real– que no vaya acompañada, al menos, de alguna de las otras dos operaciones con las que la inteligencia llega al conocimiento –logos y razón–, también es probable que en la vida de un adulto, por lo que supone del ejercicio de la inteligencia en su triple funcionalidad, no haya ninguna aprehensión de una “cosa-realidad” que no vaya inextricablemente unida, y “recubierta” – para aludir al término con el que el filósofo señala la mutua implicación de los diferentes modos de captar la realidad a través de los distintos sentidos– de una captación de la “cosa-sentido”.

própria linguagem. Uma igreja que se torna atenta à ação, fenômeno e linguagem vê-se obrigada a deixar os estereótipos que haviam confinado o tato a uma região absolutamente secundária da experiência, para ser mantida sob controle por parte de uma visão intelectualista e voluntária da realidade e das experiências do homem. (GRILLO, 2013, p.51).<sup>18</sup>

Apesar da ênfase dada à dimensão da *forma corporis* dentro da ação litúrgica como redescoberta do homem ao mesmo tempo como sujeito e destinatário da ação litúrgica e de seus efeitos, os teóricos ainda deixam uma lacuna de como se faz a experiência real desse mistério que se dá na liturgia e o que se entende desse mistério. Até então fica claro que o “jogo” ritual-simbólico é um elemento determinante para que esse mistério venha a ser acessado pelo ser humano e como ele se dá por meio da ação ritual da Igreja. Garcia afirma:

Parece que o Prof. Rivera “julga” Zubiri a partir de uma instância que não é apropriada. Porque se se perguntar “como se pode constituir um quarteto de Beethoven com base em puras notas sonoras reais”, em sons puros que foram atualizados em sua realidade nua em impressão intelectual, seria coerente sentir o desconforto de um “exagerado intelectualismo”. Mas se se trata de notas sonoras, no que é qualitativamente diferente umas das outras, não estamos mais no nível de uma mera apreensão primordial da realidade, de uma nua atualização sonora da realidade, mas no nível do logos, onde nenhuma nota é equivalente a outra, mas constituem um campo – principalmente sonoro, neste caso –, no qual a harmonia que integram é inteligível –e fecunda, portanto–, uma harmonia que pode ser diferenciada das outras por um “ouvido” musicalmente educado. (GARCIA, 2004, p. 93).<sup>19</sup>

Nesse sentido a dimensão simbólica ritual é o “ponto de convergência” entre o externo e o interno. A liturgia, por assim dizer, não é somente uma peregrinação ao coração do mistério, o “*locus*” por excelência do dar-se desse mistério como realidade. Na perspectiva zubiriana, a ritualidade e a dimensão simbólica são a formalização e modalização

<sup>18</sup> Perché la chiesa potesse riappropriarsi della propria tradizione “tattile”, azittuto nei propri riti sacramentali, è stato necessario il configurarsi di un nuovo modo di accedere al “tato” da parte della cultura. Il tato, el secolo XX, viene letto a partire da tre comprensioni “nouve”, che potremmo definir così: il tato è ua “azione” (Blondel), il tato ridefinisce il “fenomeno” (Merleau-Pont) e in fine il tato struttura u linguaggio originario del soggetto (Wittgenstein) Queste riletture del tato permettono alla chiesa di accedere diversamente alle propri prassi, ai propri fenomeni e al proprio linguaggio. Una chiesa che diventa attenta al’ azione, al fenomeno e al linguaggio si trova costretta ad uscire dagli stereotipi che avevano confinato il tato in una regione assolutamente secondaria dell’esperienza, da tenere puntualmente sotto controllo da parte di una visione intellettuale e volutaristica del reale e dell’ esperienze dell’ uomo.

<sup>19</sup> Parece que el Prof. Rivera “juzga” a Zubiri desde una instancia que no es la adecuada. Porque si se preguntara “cómo puede constituirse un quarteto de Beethoven en base a puras notas sonoras reales”, a puros sonidos que han quedado en su nuda realidad actualizados en impresión intelectual, resultaría coherente sentir la incomodidad de un “intelectualismo exagerado”. Pero si de notas sonoras se trata, en lo que cualitativamente tienen de diferentes unas de otras, ya no estamos en el nivel de una mera aprehensión primordial de realidad, de una nuda actualización sonora de la realidad, sino en el nivel del logos, donde ninguna nota es equivalente a otra, sino que van constituyendo un campo –principalmente sonoro, en este caso–, en el que resulta inteligible –y fruibie, por tanto– la armonía que integran, una armonía que puede ser diferenciada de otras por un “oído” musicalmente educado.

desse mistério que tem o seu momento primordial na apreensão de realidade no qual todos os sentidos humanos estão objetivamente implicados, não apenas como via de captação de um determinado conteúdo para a inteligência, mas esse mesmo capacitar dos sentidos já e intelecção senciente. Zubiri afirma a esse respeito:

Além da apreensão sensível de mera estimulabilidade, própria do animal, o homem tem em seus chamados “sentidos” outro modo de apreensão. O homem apreende então o sentido de um modo peculiar e exclusivo. Isto é, as notas apreendidas estimulicamente pelo animal apresentam no homem uma formalidade diferente da estimulabilidade. Certamente, trata-se de uma apreensão sensível- portanto se trata de uma apreensão em impressão. (ZUBIRI, 2011a, p. 32).

Essa noção não é só determinante para a definição da própria dimensão ritual-simbólica, mas também da realidade da impressão desse mistério que está implicado nessa mesma estrutura ritual. Voltando à questão de que a *forma corporis* está implicada na experiência objetiva desse mistério mediante a sensibilidade e a matéria nos aponta para uma outra dimensão que é a do sentir propriamente dito. Zubiri afirma em outro momento:

Afetados assim por algo que é “em próprio”, a afecção mesma é afecção real. O homem não só sente frio, mas se sente realmente frio. Este “se” – afora outras dimensões do problema que se resolve – expressa aqui o caráter da realidade da afecção. Ela é impressivamente sentida como afecção real e não somente como afecção estimulável. Não sentimos somente as notas (calor, luz, som, aroma, etc.) afetantes, mas nos sentimos afetados por elas em realidade. E *afecção* real. (ZUBIRI, 2011a, p. 37).

Aqui se trata do corpo inteiro e isso implica que nesse “jogo ritual” que o sentir também possui relevância ou podemos dizer até um papel determinante dentro desse “jogo” complexo que é a realidade da liturgia. É justamente aqui que Zubiri se torna relevante para a compreensão do como e experimente esse mistério e do como entende esse mesmo mistério. Acerca desse papel determinante dos sentidos no processo intelectual Zubiri afirma:

Perguntamo-nos, pois em que consiste a estrutura da apreensão sensível precisa e formalmente quanto senciente. Pois bem, a apreensão sensível consiste formalmente em ser apreensão impressiva. Aqui está o formalmente constitutivo do sentir em impressão. (ZUBIRI, 2011a, p. 14).

Na perspectiva da sua teoria sobre a Inteligência Senciente, torna-se uma proposta interessante não só no modo de acessar o mistério, mas de compreendê-lo mais plenamente. À luz do seu pensamento filosófico toma corpo a expressão usual de tantos liturgistas de que o mistério não se explica, mas se experimenta, vive-se realmente enquanto

realidade. A questão fundamental aqui é pensar a relevância das proposições dos momentos essenciais (*sucitação e modificação tônica*) e da estrutura formal do sentir

Nesse mesmo horizonte segue a própria liturgia que vem a ser compreendida composta de uma parte mutável e outra imutável. Grillo vai dizer nesse sentido:

Quase poderíamos dizer; o conceito de liturgia é tal que não pode ser apenas um conceito, mas uma ação, uma obra, uma função. Ele se projeta do intelectualismo das definições e empurra para uma realização simbólico-ritual do que a igreja pensa de si mesma. Por isso, a relação entre conceito e ação constitui o cerne do repensar sistemático que se traduz, para P. Parsch, imediatamente na necessidade de conduzir todos os batizados - e não apenas ministros ordenados - a uma plena subjetividade litúrgico-ecclesial. (GRILLO, 2011, p. 397).<sup>20</sup>

Segundo Zubiri, podemos dizer que é possível conciliar mediação e imediação na experiência ritual-litúrgica por meio daquilo que ele chama de apreensão primordial da realidade. Para Zubiri a experiência radical e primária de alguma coisa é direta, imediata e unitária. Em outras palavras a coisa real é apreendida sem qualquer tipo de mediação. Essa é a primeira radicalidade ou primeiro momento da apreensão primordial<sup>21</sup>. Isso não quer dizer que Zubiri está abolindo o caráter mediativo, pelo contrário, o que ele faz é oferecer uma noção inovadora de como toda essa estrutura tem sobre o homem.

O sentir é parte essencial do processo da inteligência senciente. É o momento radical e primário e que não se pode confundir com o puro sentir animal. O sentir é também um dos elementos fundamentais em destaque na experiência litúrgica-sacramental como vimos na recuperação da dimensão antropológica. Isso quer dizer que o corpo nessa experiência possui sua relevância. Em um outro momento Grillo enfatiza:

Acima de tudo, propõe-se uma distinção acentuada entre o culto externo e o culto interno. O que realmente importa no culto cristão é a realidade interior e espiritual: o culto externo, público, corporal, sensível (a liturgia) deve sair do campo para a contemplação, que constitui seu ponto de chegada e realização: «é normal que quem participa da vida litúrgica tenda a entrar em algum estágio da contemplação dos santos e, conseqüentemente, praticar a oração mental de alguma forma». (GRILLO, 2013, p. 288).<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Potremmo quasi dire; il concetto di liturgia è tale che non può essere soltanto concetto, ma azione, opera, funzione. Essa sporge fuori dall'intellectualismo delle definizioni e preme verso una realizzazione simbólico-rituale di ciò che la chiesa pensa di sé. Per questo il rapporto tra concetto e azione costituisce il cuore del ripensamento sistematico che si traduce, per P. Parsch, immediatamente, nella esigenza di condurre tutti i battezzati - e non solo i ministri ordinati - a una piena soggettività liturgico-ecclesiale.

<sup>21</sup> Para um aprofundamento maior sobre o radicalismo do real vale a pena conferir Fayos em seu livro sobre o realismo radical de Zubiri. Cf. FAYOS, Ferraz. Zubiri: el realismo radical. Madri: Ediciones Pedagógicas, 1995.

<sup>22</sup> Anzi tutto viene proposta una accentuata distinzione tra culto esteriore e culto interiore. Ciò che conta veramente, nel culto Cristiano é la realtà interiore e spirituale: il culto esterno, público, corporeo, sensibile (la liturgia) deve lasciare il campo alla contemplazione, che ne costituisce il punto d'arrivo e il compimento: «é normale que coloro che partecipano alla vita liturgica tendano ad entrare in qualche stadio della contemplazione dei santie e conseqüentemente a praticare in qualche forma l'orazione mentale».

A recuperação da importância da sensibilidade na experiência litúrgica é um fator crescente, principalmente, durante o Movimento Litúrgico com a redescoberta da dimensão antropológica da liturgia, porque não só redescobre o homem, mas a totalidade desse mesmo homem na sua *forma corporis* imerso e implicado nessa mesma liturgia. Tudo tende a levar à contemplação do Mistério de Cristo:

Todo o conjunto do culto que a Igreja rende a Deus deve ser interno e externo. “É externo porque exige a natureza do homem composto de corpo e alma; porque Deus dispõe que "pelo conhecimento das coisas visíveis sejamos atraídos ao amor das coisas invisíveis"; (26) porque tudo o que vem da alma é naturalmente expresso pelos sentidos”. (MD, 20).

Podemos considerar no contexto anterior ao Movimento Litúrgico um salto significativo em busca da conjunção entre a experiência sensível e a experiência interior da graça de Deus. Quanto se recupera o homem total, não só a dimensão contemplativa do esforço da mente, mas também a sua capacidade da sensibilidade das coisas.

### **1.5. Liturgia como princípio intelectualivo senciante da atualidade do Mistério de Cristo**

Tratamos até agora a liturgia como realidade que possui estrutura dinâmica e uma certa substantividade com um “de suyo” próprio de um processo intelectualivo senciante no qual os sentidos humanos possuem um papel fundamental. Sendo assim, a liturgia da Igreja como realidade revelada e sentida também está implicada nesse processo senciante que devemos considerar com muita seriedade em toda a sua estrutura e dinamismo, já que é a partir dessa estrutura e dinamismo que os fiéis batizados fazem a experiência intelectualiva do Mistério Pascal de Cristo. Nasini afirma:

Seria um despertar interior para o que nos espera de grande e com a vida adulta certamente não é completo. Seria uma forma estruturada de esperança, que já vive a antecipação da vida futura, aquela verdadeira; educa-nos para a vida autêntica: aquela da liberdade, da mediação com Deus e a sincera abertura recíproca. Assim, imprimiria também à vida, que parece real, da vida cotidiana, os sinais antecedentes de liberdade que rompem as constrictões e trazem à terra a reverberação do céu. (F. NASINI. 2013, p. 484-509).

Seguindo o pensamento de Nasini, a realidade da liturgia é propriamente um despertar interior, ou seja, trata-se de uma realidade complexa em sua estrutura mesma e em

seu dinamismo próprio que provoca na terminologia uma suscitação interior ou uma excitação interior, às vezes, em dimensões exógenas ou endógenas. Zubiri afirma que:

O sentir como processo não é somente uma atividade fisiológica, mas é o processo que constitui a vida, de certo modo inteira, do animal. Com as mesmas excitações, o animal executa ações sumamente diversas. Essas ações não são determinadas somente por uma atividade fisiológica, mas por tudo o que o animal apreende [...], como, por exemplo, uma presa etc. (ZUBIRI, 2011a, p. 12).

O sentir como processo intelectual constitui a base e o fundamento do aprendizado não somente para situar o homem em meio as outras realidades que o afetam, mas também para viver e compreender a sua funcionalidade em relação às outras coisas reais. Uma determinada coisa real não está só “flutuando” vagamente na realidade, mas pelo contrário, todas as coisas reais estão em relação de funcionalidade, e essa relação é vital para a vivência do ser humano, que está instalado sencientemente na ação litúrgica. O processo senciente é esse desvelar interior que tem como ponto de partida a própria realidade em direção a algo de grande. Na linguagem zubiriana, trata-se do processo intelectual que parte da realidade que afeta o apreensor em direção ao fundamento da própria realidade que o está afetando sencientemente. Uma vez instalado na realidade litúrgica, no momento celebrativo, a própria estrutura e o dinamismo dessa estrutura impulsionam com força para o seu fundamento. A realidade não só tem o poder de nos instalar nela, mas também de lançar cada vez mais para dentro dela em direção ao seu fundamento. Garcia afirma:

É inegável que o homem atua e executa uma “funcionalidade” sobre o real, mas aqui a questão é outra. Ao agir, o homem encontra uma determinação por parte da realidade de caráter “físico” – Zubiri o contrasta com “intencional” – o que o faz estar em frente a ela. E essa determinação física é o que Zubiri chama de “dominação”. Ou seja, o homem, além de dispor da realidade, se encontra com essa realidade que se lhe impõe, o “domina” - daí a palavra “dominação”. Portanto, o homem não só conta com uma realidade ineludivelmente, não só tem a realidade à sua disposição, se não que se impõe necessariamente desde a sua disponibilidade. (GARCIA, 2002, p. 29).<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Es innegable que cuando el hombre actúa ejecuta una “funcionalidad” sobre el real, pero aquí la cuestión es otra. Al actuar, el hombre se encuentra con una determinación por parte de la realidad de carácter “físico”—Zubiri la contraponen a “intencional”—que lo hace estar frente a ella. Y esta determinación física es lo que Zubiri llama “dominación”. Es decir, el hombre, además de disponer de la realidad, se encuentra con que esa realidad se le impone, lo “domina” -de ahí el vocablo “dominación”. Por lo tanto, el hombre no sólo cuenta con una realidad que necesita ineludiblemente, no sólo tiene la realidad a su disposición, sino que lo real se le impone necesariamente desde su disponibilidad.

Dessa mesma forma, a realidade do Mistério Pascal exerce sobre todos os celebrantes um poder de dominância ou de dominação com toda a sua estrutura e dinamismo e que, por sua vez, vai provocar um processo senciente intelectual no envolvido. O fato de estar em frente dessa realidade que o domina já implica um processo senciente. Caberá ao homem como “animal de realidades” ir mais além da própria realidade que o afeta, neste caso, o Mistério Pascal, que é o fundamento da realidade litúrgica em interrogar-se a partir desse processo senciente da liturgia. Somente a partir dessa provocação, o homem como “animal de realidades” poderá não só determinar o que a liturgia enquanto Mistério Pascal é em realidade, bem como determinar a funcionalidade dessas realidades para a vida cotidiana. Para Zubiri, o simples fato de o homem estar diante dessa realidade e instalado sencientemente nela implica o que Zubiri chama de momento radical da apreensão de realidade, que desdobre em passos ulteriores na linha do entendimento:

Inteligir é sempre e somente apreender realidade. Entender é somente um ato especial de intelecção, isto é, um ato entre outros de apreensão de realidade. Os demais atos em especiais de inteligência são atos para apreender mais e melhor a realidade, quer dizer para inteligir melhor. (ZUBIRI, 2011a, 181).

A força imperiosa e de dominância do poder da realidade sobre o apreensor, já implica esse primeiro momento que é o simples aprender a realidade como ela se apresenta sem nenhum processo secundário, ou tentativas de raciocínios em busca de afirmação. A apreensão constitui o momento mais radical e determinante do processo senciente porque quanto mais se apreende, mais se entende melhor a realidade na qual se está instalado sencientemente. Por assim dizer a experiência ritual do Mistério Pascal, assim como acontece em todas as outras realidades, possui uma forte dimensão do sentir humano e da intelecção senciente como um único ato intelectual: Liturgia não é só sentir; é também inteligir. Zubiri afirma: “Vertido para a realidade, o homem é por isso animal de realidades: sua intelecção é senciente, seu sentimento é afetante, sua volição é tendente” (ZUBIRI, 2011a, 208). Por outro lado, López afirma acerca desse dado intelectual que está presente na liturgia:

A teologia se serviu da liturgia como prova de uma determinada doutrina ou de um dado de fé. No entanto, a questão é dar destaque à coincidência entre o objeto da liturgia, enquanto celebração da fé. Esse objeto é o mistério ou acontecimento salvífico que se faz eficazmente atual num regime de sinais. (LÓPEZ, 2006, p. 476).

É preciso considerar que quando se fala de “esforço” intelectual senciente não se trata de se não debruçar sobre uma “escrivinha com papel e caneta na mão”, mas, sim, de um adentrar na realidade na medida em que se aprende mais essa realidade. Em outras

palavras, a realidade basta por si mesma. Costa, nesse sentido, aplicando o pensamento de Zubiri para uma recuperação litúrgica à luz dos princípios fundamentais do Concílio Vaticano II, da grande recuperação do dinamismo da liturgia frente a um forte “rubricismo” afirma:

A liturgia é ação ritual da Igreja, que por meio de *ritus et preces* atualiza, a salvação em andamento na história e na vida de cada pessoa. Para isso a liturgia, em seu cristocentrismo trinitário, é dinâmica por natureza. Portanto, não precisa de nenhum adendo extra-ritual para sua eficácia, pois tornam-se interferências equivocadas que ferem o direito litúrgico dos fiéis de participar de uma liturgia autêntica e de qualidade. Por meio dos ritos, a liturgia “realiza” o que significa. (COSTA, 2019, p. 697).

A realidade da liturgia, por sua vez, definida como *Ritus et Preces* é uma realidade muito mais complexa e abrangente, o que implica também toda uma dimensão simbólica e de sinais sensíveis de que compõe uma parcela vital da realidade humana. A estrutura da realidade da liturgia implica desde o complexo de *ritus et preces*, símbolos, sinais e a realidade na qual se está inserido o próprio homem enquanto realidade num dinamismo de alteridade, reciprocidade e funcionalidade. Costa, a respeito da complexidade da liturgia da Igreja, afirma:

O espaço litúrgico é uma nota aderente de grande peso para a arquitetura do ambiente celebrativo. Vamos, com Zubiri, percorrer as formas do dinamismo da realidade para compreender o dinamismo do espaço litúrgico e da ação litúrgica. Tal dinamismo tem cinco modalidades: *Varição, Alteração, Mesmidade, Suidade e Convivência*. (COSTA, 2019, p. 707).

Costa, bem intuiu que a realidade da liturgia é parte de uma realidade muito maior, que é o Mistério Pascal que, por sua vez, é atualizada por meio desse complexo de preces e sinais que a Igreja custodiou ao longo dos séculos e que deve ser continuamente custodiado por nós hoje que temos a tarefa de anunciar o Mistério Pascal e manifestá-lo ao mundo como epifania por meio das celebrações litúrgicas da Igreja. Isso implica um dado fundamental ou se quisermos, mais precisamente um imperativo que Jesus histórico deixou para a sua Igreja iniciada e prefigurada na comunidade apostólica: “E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim. (Lc 22, 19). Tal imperativo constitui o centro do Mistério Pascal como obra divina perpetuada pelo Espírito Santo na realidade do mundo, mas ao mesmo tempo como mandado de Jesus aos Apóstolos. Cabe aos Apóstolos perpetuar esse mistério nos “anais” da história humana. Sendo assim, o homem como animal de realidades está todo implicado nessa realidade-mistério que se impõe sobre ele com força sacramental. Cabe ao homem corroborar para que esse Mistério Pascal seja atualizado nas entranhas do mundo e isso se dá e acontece justamente por meio do verbo “fazei isto”. Cabe à Igreja

desde última ceia realizar este “fazer isto” ao longo da história cumprindo o mandado de Jesus. Esse “fazei isto” tem seu ponto de partida no gesto ritual performativo de Jesus na última ceia com seus discípulos (Mc 26, 26-29; Lc 22, 15-26; ICor 11, 23-25) e que depois se prolonga como símbolo e ação prefigurativa da presença de Jesus Ressuscitado e Glorioso: “Finalmente apareceu aos onze, estando sentados na mesa juntamente, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem crido nos que o tinham visto já ressuscitado” (Mc, 16, 14); Ainda outro texto: “E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu. Abriram-se-lhes então os olhos, e o reconheceram, e ele desapareceu-lhes”. (Lc 24, 29); Na aparição da narrativa do Evangelista João temos o seguinte episódio: “Logo que desceram para terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima, e pão. Disse-lhes Jesus: Trazei dos peixes que agora apanhastes”. (Jo 21, 9).

Temos aqui em todas essas narrativas um projeto de continuidade histórica da pessoa de Jesus como um acontecimento do passado, como acontecimento no presente agora por meio de *ritus et preces*, e como acontecimento do futuro (Parusia). Somente por meio dessa mesma performance ritual a Igreja garante a presença do seu Senhor na realidade do mundo. Trata-se de um único e mesma evento real que continua se prolongando na realidade de cada homem e de cada mulher, bem como na própria realidade do cosmo. Adam afirma:

O mistério pascal é um acontecimento único, e como tal acontecimento pertence ao passado. É verdade que o acontecimento muitas vezes contém um efeito duradouro, mas podem ser reiteirados no presente. Mas com o mistério pascal é diferente, na medida em que seu núcleo mais íntimo - autodoação e a obediência de Cristo até a morte de cruz – continua vivo e operante no Homem-Deus glorificado. Como sua vontade salvadora é universal. Ele quer que todos os homens se tornem participantes de sua obra frutífera. (ADAM, 2019, p. 14).

Adam coloca para nós o cerne da questão e do mistério que implica a atualização da presença do Homem-Deus Glorificado e como acontece essa atualização. A Tradição teológica da Igreja ao longo dos séculos se debruçou sobre esse mistério e encontrou uma via de interpretação pautada nos padres da Igreja, nos escolásticos que soa a mediação simbólica e dos sinais dessa presença. Porém, ainda perdura uma lacuna em responder como acontece essa presença real objetivamente falando, ou melhor, essa epifania da realidade da pessoa do Homem-Deus Glorificado e como essa é notada pelos féis e como os mesmos fazem a experiência do Homem-Deus-Glorificado. A respeito desse grande desafio para a teologia como um todo, mas principalmente, para a teologia litúrgica Adam afirma:

O modo mais preciso de como se dá esta presença e atuação foi objeto de amplas investigações e longas discussões, em nosso século, graças à chamada teologia do mistério de Odo Casel, da abadia de Maria Laach (Alemanha). Suas publicações encontraram aprovação e oposição, mas em seu conjunto, levaram a uma visão aprofundada da ação litúrgica. (ADAM, 2019, p. 14-15).

O Concílio Vaticano II recupera o texto eucológico do segundo Domingo do Tempo Comum para reafirmar a presença do Cristo nas ações Sagradas: “Concedei-nos, ó Deus, a graça de participar constantemente da Eucaristia, pois todas as vezes que celebramos este sacrifício torna-se presente a nossa redenção”. (MR, p. 346). Adam vai afirma:

Esta presença de Cristo não é uma presença subjetiva e psicológica, mas objetiva; não estática, mas dinâmica. É para dizermos com as palavras de Pio XII, na encíclica *Mediator Dei* muito mais do que uma “fria e inerte representação de atos do que pertence ao passado, uma simples e nua evocação de realidades de tempos de outrora. Ao contrário, é o próprio Cristo que vive em sua Igreja e nela prossegue seu caminho de sua imensa misericórdia que iniciou nos dias de sua vida mortal com o fim pleno de compaixão, de por os homens em contato com os seus mistérios e por meio dele de certo modo os fazer viver, mistérios que são sempre presentes e operantes. (ADAM, 2019, p. 14).

Assim, como bem exprime os documentos da tradição magisterial e os teólogos da Igreja:

A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, «se opera o fruto da nossa Redenção» (1), contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos. (SC, 2).

E um outro número da constituição litúrgica temos a seguinte afirmação:

Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral. Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja. (SC, 7).

Como podemos analisar segundo a evolução do pensamento teológico a respeito da modalidade da presença de Jesus na liturgia da Igreja, não se trata de uma presença subjetiva, muito menos psicológica ou fruto de um esforço mental intelectual ou como Zubiri afirma, mas logificação do ser de Jesus. Se trata de uma presença real, de uma

realidade de fato. O Mistério Pascal, é um conjunto que reúne em si as notas dessa presença real e verdadeira. A liturgia como realidade ou epifania do Mistério Pascal é ao mesmo tempo epifania e realidade do Homem-Deus-Glorioso que é Jesus Ressuscitado.

Tratando-se de uma presença que não é subjetiva e nem fruto de sentimentos psicológicos e não tão somente fruto de conceitos teológicos, o desafio aqui é precisar à luz do pensamento de Zubiri como essa presença do Cristo glorioso acontece na liturgia, já que segundo os textos do magistério é o mesmo Cristo histórico e agora na sua nova modalidade de presença que caminha com a Igreja exercendo o seu *múnus* sacerdotal para salvar e santificar o povo de Deus através dos sacramentos, principalmente, pelo sacrifício eucarístico, pelos demais sacramentos, pelos sacramentais, exorcismos, pelas bênção, bem como como pela santificação do dia pela recitação da liturgia das horas. Sendo assim, a *Sacrosanctum Concilium* afirma:

A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos «mistérios pascais», a viverem «unidos no amor» (26); pede «que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé» (27); e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo. Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja. (SC, 10).

Na liturgia da Igreja torna presente o mesmo Jesus que outrora caminhou por toda a Galileia e por toda a Judeia (Lc, 24, 18-21; At 3, 13-15; 10, 37-41). e que depois sofreu a Paixão Morte e Ressureição e apareceu aos discípulos durante quarenta dias. (At, 10, 41). Esse mesmo Jesus que continua presente na vida da Igreja não de modo passivo, subjetivo, continua plenamente atuante, vivo e verdadeiro redimindo o gênero humano por meio das ações sagradas da Igreja.

López afirma:

Como o Senhor é a cabeça da Igreja, Cristo permanece junto dela e se faz presente principalmente nos atos litúrgicos de diversos modos para realizar a obra da salvação (SC, 7). A presença de Cristo na sua liturgia é uma presença dinâmica e eficaz, que faz dos atos litúrgicos acontecimentos de salvação. [...] “Esta presença se chama real não por exclusão, como se as outras não fossem reais, mas por automásia”. Os modos ou os graus da presença do Senhor na liturgia confirmam que esta é antes de tudo, ação de Cristo, o qual associa ao exercício de seu sacerdócio todos os fiéis em força do batismo. (cf. SC 14; LG 10-11). (LÓPEZ, 2006, p. 76).

O magistério da Igreja ao longo dos séculos sempre evidenciou à luz das fontes da Sagrada Escritura, da Tradição dos Padres e dos grandes teólogos a posição

doutrinal da real presença do Senhor na sua Igreja, mas principalmente, no Sacrifício Eucarístico memorial permanente de Cristo na vida da igreja.

Pensamos que a realidade zubiriana pode ajudar na compreensão mais profunda da questão da presença real de Cristo nas ações litúrgicas. O real, segundo a proposição zubiriana, impõe-se diante do daquele que o apreende. Por isso, o real dentro do seu dinamismo estrutural pode possuir várias modalizações ou modos de estar na realidade. Calvente afirma:

A formalidade de realidade é o ponto de partida, o dado radical, o *primórdio* de toda inteligência humana, que, por sua transcendentalidade, lança a apreensão primordial aos seus modos ulteriores, logos e razão. Devido a essa apreensão estamos sempre inelutavelmente instalados no real em busca da realidade. Esse primórdio expressa o *princípio de fundamentação formal* da inteligência na realidade, ou determinação de modos de inteligência pelo desdobramento transcendental da própria realidade. (CALVENTE, 1999, p. 80).<sup>24</sup>

O modo ou a formalidade como a coisa real se impõe diante do apreensor é o momento fundamental que vai possibilitar os modos ulteriores da apreensão do real como ele se dá em um determinado momento. Em outro momento Zubiri afirma: “Realidade, porém, é algo intelectivamente sentido nas coisas: é “sentido” e o é *na* coisa. O assim, sentido nela é um “em” *prius*; portanto, esta prioridade intrínseca é o momento radical da própria coisa”. (ZUBIRI, 2011a, p. 141). O *prius* de uma determinada coisa é a sua modalidade e sua formalizada primária, a realidade como ela é. As aparições de Jesus Ressuscitado como coisa real-sentida e, posteriormente, na ação ritual da Igreja possui esse mesmo dinamismo. O seu modo de estar no mundo e dentro do espaço litúrgico é determinado por esse momento *prius*. Esse momento *prius* que vai determinar a sua realidade, sua dimensão física e existencial. Tanto as aparições como a contínua epifania do Ressuscitado nas ações sagradas da liturgia da Igreja só podem ser considerada realidade porque é algo que pode ser notado e verificado no confronto com as outras coisas reais situadas no campo das realidades. Esse dinamismo é muito claro em todas as aparições de Jesus Ressuscitado. A realidade das aparições e da contínua epifania de Jesus Ressuscitado só pode ser mais bem compreendida a partir de um momento de abertura da própria realidade terrena de Jesus que é o ponto primário (*prius*) e radical da sua nova realidade e da mesma forma a nova modalidade e formalidade daquele mesmo Jesus que comeu e bebeu com os discípulos. Zubiri afirma que aquilo que temos como

---

<sup>24</sup> La formalidad de realidad es el punto de partida, el dato radical, el primordio de toda inteligencia humana, que por su transcendentalidad lanza a la aprehensión primordial a sus modos ulteriores, logos y razón. Por esa aprehensión ya siempre estamos ineluctablemente instalados en el real en busca de la realidad allende. Este primordio expresa el principio de fundamentación formal de la inteligencia en la realidad, o determinación de los modos de inteligencia por el despliegue transcendental de la realidad misma.

referência do real é somente um momento da coisa real, ou seja, da realidade verdadeira que buscamos. Sendo assim, a pessoa do Jesus terreno não é só um momento da sua realidade histórica, mas abertura para um desdobramento maior que essa própria realidade. É nesse sentido que a realidade é maior que algo real mesmo que o real esteja instalado nessa. Zubiri nos dá o seguinte exemplo:

A transcendentalidade é real: por ser real, a coisa é: “mais” do que é por se quente ou sonora. Por sua vez, porém, este “mais” de realidade, é, portanto, algo que inscrevo no “de seu” enquanto tal. A transcendentalidade é própria abertura da formalidade de realidade enquanto tal: portanto, é “mais” do que a realidade de cada coisa. Funda-se, assim, no “de seu” é um momento do “de seu” mesmo sem ser uma adição extrínseca a ele. (ZUBIRI, 2011a, p. 142).

Sendo assim, as aparições do ressuscitado, bem como sua epifania na liturgia possui um “*de suyo*” próprio. Segundo Zubiri “esta abertura transcendental da inteligência senciente é o fundamento intrínseco e radical de toda e qualquer construção intelectual, de todo e qualquer logos” (ZUBIRI, 2011a, p.122). Nessa abertura transcendental implica realidades novas. O Jesus terreno possui seu “*de suyo*” próprio que é ser existencialmente e fisicamente em um determinado espaço e tempo Jesus de Nazaré e da mesma forma, agora, o Jesus Ressuscitado que apareceu aos discípulos possui um novo “*de suyo*” que constitui a sua nova realidade de ser glorioso e eterno e capaz de se estar presente em vários lugares ao mesmo tempo, o que seria impossível para Jesus de Nazaré do ponto de vista histórico. Essa questão não abre somente uma via de compreensão acerca da nova modalidade da pessoa de Jesus, mas ao mesmo tempo mostra que cada pessoa como realidade aberta possui uma dimensão de transcendentalidade. As aparições relevam daquilo que podemos considerar como pessoal real temos também uma dimensão transcendental. Para Zubiri todas as coisas reais possuem este estado de abertura “para” outra realidade muito maior que é o seu fundamento. Os discípulos nos relatos das aparições se deparam com essa dimensão de abertura transcendental que os “força” a mergulhar em processos ulteriores da razão e do logos dessa nova coisa-sentida ou realidade-sentida da qual fizeram experiência em cada aparição. A indagação que move os discípulos é se é possível verificar que o Jesus dos relatos das aparições é o mesmo Jesus que comeu e bebeu com eles e que morreu crucificado numa cruz e que agora se diz estar vivo? Nesse mesmo horizonte se indagam, como vimos nos textos do magistério, se em cada ação litúrgica é o mesmo Cristo que exerce o seu múnus sacerdotal e em que modo se atualiza tal presença (SC, 7)? É importante, enfatizar que as aparições são um mistério e continuará a ser mistério, já que fogem aos padrões do que consideramos como realidade, mas que convidam o apreensor a compreender esse outro

recorte da realidade humana e como ela se dá no espaço e no tempo. O Catecismo da Igreja Católica afirma:

A liturgia cristã não somente recorda os acontecimentos que nos salvaram, como também os atualiza, torna-os presente. O mistério pascal de Cristo é celebrado, não é repetido; o que se repete são as celebrações, em cada uma delas sobrevém a efusão do Espírito Santo que atualiza o único mistério. (CIC, n. 1104).

Essa atualização não depende de um esforço intelectual como condição, a intelecção senciente encontra seu papel na medida em que essa presença se dá “em” e por si mesma”. Adam afirma:

Ao contrário, é o próprio Cristo que vive em sua Igreja e nela prossegue o caminho de sua imensa misericórdia que iniciou nos dias de sua vida mortal, com o fim, pleno de compaixão, de pôr os homens em contato com os seus mistérios e por meio dele de certo modo os fazer viver, mistérios que são sempre operantes. (ADAM, 2019, p. 14).

Essa presença do Cristo Ressuscitado no desdobramento da história trata de um “estar”. Independente da inteligência ou os sentidos “notarem” essa presença, ela já está como momento “*prius*” do próprio movimento intelectual. O próprio desdobramento intelectual como processo de conhecimento deve-se primariamente a esse momento fundamental. Uma determinada coisa real, no nosso caso, as aparições de Jesus Ressuscitado, que depois se desdobram na história como “epifania” da sua presença na liturgia da Igreja em cada uma das suas ações sagradas é um “estar” no sentido mais radical. É real, não porque o intelecto e os sentidos a determinam como coisa real. Nesse sentido, Zubiri afirma:

Pois bem, estar presente desde si mesmo por ser real: aí está a essência da atualidade. Ao sentirmos impressivamente uma determinada coisa real como real, estamos sentindo que ela está presente desde si mesma em seu próprio caráter de realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 100).

Dessa forma subtende-se que o real é em si mesmo e por isso é algo presente. A impressão intelectual senciente dá a constatação dessa atualidade do real. A impressão de realidade é impressão de coisas reais que estão presentes no mundo.

Sento assim, as aparições de Cristo nos relatos dos Evangelhos Sinóticos e em outros textos como nos Atos do Apóstolos possuem uma determinada atualidade. Só podem “estar presentes” e só podem ser reais porque são atuais. Por sua vez, tal presença como desdobramento no “caminho” da ação ritual possui essa mesma atualidade enquanto celebração dessa mesma presença na vida da Igreja. Por isso, a realidade da presença de Jesus

Ressuscitado e o desdobramento do Mistério Pascal possuem a mesma atualidade só que em uma formalidade nova, ou seja, no com um novo “*de suyo*”.

As “impressões” que temos não são impressões sensoriais, mas impressões sencientes, isto é, impressões da realidade. Essas impressões têm dois aspectos, conteúdo (o que a impressão é de) e formalidade (seu modo de sendo entregue a nós, a realidade, como algo “em seu próprio direito”, de suyo), tanto de que são indispensáveis no conhecimento processo. Disto se seguem duas importantes conclusões: Em primeiro lugar, não é verdade que tudo o que se sabe são as nossas ideias das coisas, compreendidas como o conteúdo das impressões e nossa reflexão sobre elas; sabemos muito mais: algo sobre a realidade, embora no nível da apreensão primordial, pela formalidade. Realidade é formalidade e, portanto, A afirmação de Hume de que as impressões “nunca nos dão a menor intimação de qualquer coisa além” é completamente falso. (FOWLER, 1998, p. 60).<sup>25</sup>

O caráter de “ser” Jesus Nazaré na Galileia, anunciando a Boa Nova do Reino de Deus em todos os lugares trata-se de um determinado modo de “estar” na realidade e um modo de “ser” na realidade. Já o caráter da Ressurreição implica um novo modo desse “ser” na realidade e de “estar na realidade”. Trata-se da realidade da mesma pessoa em duas formalidades diferentes. Então, a atualidade consiste em um determinado “ser” e “estar” na realidade como nova realidade. Não se pode estabelecer um distanciamento entre a primeira forma e a segunda. E essa distinção só pode acontecer por meio da apreensão senciente de algo que já “está” presente e que provoca no apreensor uma determinada impressão. No caso da primeira forma, a impressão que os discípulos têm sencientemente é daquilo que constitui a formalidade própria do “ser” real e do “estar “de Jesus de Nazaré em toda a sua constituição humana limitada; já no contexto das aparições, os discípulos apreendem sencientemente a realidade gloriosa de Jesus, ou seja, a sua nova formalização. O princípio de atualidade e formalidade não são realidades estáticas, mas possuem um dinamismo próprio ou o que Zubiri chama de abertura transcendental. O real não é um enclausurado de notas fechadas, mas abertas. Zubiri diz:

Portanto, toda e qualquer atualidade é sempre e somente atualidade do real, atualidade de uma atitude, é um “estar” em atualidade. Daí que atualidade, apesar de serum caráter a seu modo físico. Há um devir do próprio real

---

<sup>25</sup> For Zubiri, this is radically false: the “impressions” we have are not sensory impressions but sentient impressions, that is, impressions of reality. These impressions have two aspects, content (what the impression is of) and formality (its mode of being delivered to us, reality, as something “in its own right”, de suyo), both of which are indispensable in the knowing process. From this two important conclusions follow: First, it is not true that all we know are our ideas of things, understood as the content of impressions and our reflection upon them; we know much more: something about reality, albeit at the level of primordial apprehension, through formality. Reality is formality, and therefore Hume’s assertion that impressions “never give us the least intimation of anything beyond” is completely false.

segundo sua atualidade, diferente de um devir segundo atuidade. O que significa que esse devir de atualidade formalmente considerado a coisa adquira, perca ou modifique sua notas; a realidade não devém formalmente como atualidade. Certamente, as coisas para serem atuais possivelmente têm de atuar, isto é, adquirir, perder, ou modificar notas. mas essa atuação não é aquilo em que formalmente consiste a atualidade que com aquela se lançou. O devir de atualidade não é formalmente o devir de atuidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 101).

Tal dinamismo consiste em um “estar” sendo de uma determinada coisa real. Toda coisa real possui uma determinada atuidade de ser simplesmente atual e uma determinada atualidade pelo simples fato de “estar presente” enquanto realidade. Zubiri nos ajuda a compreender o modo da atualização do Mistério Pascal por meio da Liturgia. Sendo assim, o Mistério Pascal de Cristo possui uma atuidade e uma atualidade própria, ou seja, assim como nos aponta Fowler, o Mistério Pascal como realidade do desdobramento da presença do Ressuscitado na caminhada da Igreja em cada uma das suas ações litúrgicas possui sua atualidade pelo fato de “estar” presente em atualidade e uma formalidade no modo como se apresenta na impressão de realidade. Zubiri afirma:

Intelecção é “estar presente” na intelecção: é atualidade. E isso não é teoria: é um fato. Para constatá-lo não é preciso mais que instalar-me no próprio seio de qualquer ato intelectual. Trata-se de uma intelecção, e, portanto, o inteligido é sempre apreendido em formalidade do “de seu”, como algo que é “em próprio. Essa formalidade é, como acabo de recordar, um *prius* com respeito a apreensão. Donde resulta que o real antes de ser apreendido; ou seja, o real ao ser inteligido; ou seja, o real ao ser inteligido está presente, está em atualidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 102).

Para Zubiri trata-se de um estar na realidade no sentido mais estrito da palavra. O contato sensitivo visual só é possível porque a parede possui uma atuidade própria e, por isso, é possível o contato visual que, por sua vez estabelece essa respectividade intelecção senciente. Zubiri afirma: A intelecção senciente já nos instala na própria realidade, mas suas limitações são a raiz de todo esforço, de toda a possibilidade e de toda a problematidade da intelecção ulterior da realidade. Cescon afirma:

Para Zubiri, «realidade» é a forma em que o homem apreende a coisa e o âmbito do qual surge e no qual o humano se desenvolve. O homem está entre e com as coisas, mas frente a elas. O homem sente as coisas como realidades. Não é um conceito que a mente concebe, nem um conjunto delimitado de coisas com o qual entro em contato. Deste modo, realidade é um caráter físico que emerge da coisa real, sem identificar-se com o que a coisa é em si, segundo suas propriedades. É um “mais” dentro da própria coisa. Através dos conceitos de “realidade” e “inteligência sentiente”, Zubiri pretende mostrar a realidade metafísica de um mundo anterior ao mundo conceitual. (CESCON, 2007, p. 114).

Esse princípio de respectividade da intelecção senciente, consiste em um estar entre as coisas sentido as mesmas. O homem está imerso entre as coisas como um animal de realidades (ZUBIRI, 2011a, p. 208) e somente ele consegue apreender as coisas reais como reais por causa da sua capacidade intelectual. Seguindo o exemplo acima descrito o estar diante da parede implica um estar intelectivamente imerso na “realidade parede” e é a partir desse momento radical que o homem pode passar a compreender o que a essa parede é em realidade de fato. Uma coisa é o ser parede e outra é a realidade da parede de ser muro. Zubiri, afirma: “Esta atualidade consiste em primeiro lugar em que a coisa “já-é” no mundo; e em segundo lugar em que a coisa “ainda-é” no mundo. Portanto, “ser” é sempre “já-é-ainda: ai está a temporeridade”. (ZUBIRI, 2011a, p. 159). Recuperando nosso exemplo o “de suyo” da parede é ser obstáculo, já o seu modo de atitude e de atualização é ser na realidade do mundo “parede”, “sustentação”, “fachada” de um determinado ambiente, “mural” de avisos, etc.

O Mistério Pascal enquanto atualização do evento da Paixão Morte e Ressureição de Jesus, dos seus atos salvíficos no mundo, possui uma atitude, uma atualização. Usando as palavras de Zubiri, não é fruto de um esforço intelectual humano, nem de um esforço de conceituação humana. É um fato real porque pode ser apreendido sentientemente e inteligido da mesma forma como qualquer outra coisa real. Muito mesmo se trata que algo meramente simbólico ou memória “vaga e vazia” do passado. Radicalmente está presente não como realidade simbólica e como sinal. Mas como realidade simbólica que possui uma força de atitude e de atualização, da mesma forma o sinal contido nos ritos sagrados da liturgia contêm essa mesma força de atitude e de atualização.

A atualidade do Mistério Pascal acontece por meio de ritos e palavras e como celebração sacramental está para além do tempo, na linguagem. É transcendental. Zubiri afirma:

É algo assim como uma gota de óleo que se estende desde si mesma, desde o óleo mesmo. Transcendentalidade é algo que, neste sentido se estende desde a formalidade de realidade de uma coisa para a formalidade de realidade de qualquer outra coisa. (ZUBIRI, 2011a, p. 82).

Sendo assim, todo o mistério que engloba a vida de Jesus desde a sua Encarnação no seio virginal de Maria, sua vida pública, a última ceia, sua Paixão dolorosa, Morte Ressureição e Ascensão enquanto acontecimento histórico possui uma dimensão meta-histórico assim como toda a realidade humana. Possui uma abertura transcendental e pode obter a formalidade de qualquer outra realidade. E como centro do Mistério Pascal, de

modo particular, a última ceia de Jesus e sua, Paixão Morte, Ressureição possuem uma formalidade de realidade própria. Na sua entrega na última ceia já temos um exemplo claro não somente em relação a nova formalidade do seu corpo e sangue, antes corpo e sangue histórico e agora pão e vinho; dessa mesma forma a nova realidade de formalidade da ceia como antecipação da sua morte redentora na cruz. A ceia agora vai se tornar a nova realidade de formalidade cruenta que Jesus sofreu na cruz. Zubiri afirma:

Por ser aberta, esta formalidade é aquilo porque a coisa real é, pois, um “ex”. Por ser aberta, esta formalidade é aquilo por que a coisa real é enquanto real é “mais” que seu conteúdo atual: é transcendental, transcende o seu conteúdo. Realidade não é, pois, um caráter do *conteúdo já concluso*, mas formalidade aberta. (ZUBIRI, 2011a, p. 83).

Dessa mesma forma por seu caráter meta histórico, a formalidade de nova realidade do Mistério Pascal chega até nós por meio da tradição ininterrupta da Igreja, que tem por função ao longo dos séculos atualizar sacramentalmente tão grande mistério para a salvação de cada homem e de cada mulher.

Na experiência cristã, a partir do dado revelado, vemos o Senhor indicar os seus símbolos e a Igreja reconhecê-los, em sua vivência, como lugares de encontro com a obra redentora. Assim, a água, o óleo, o pão, o vinho e tantos outros elementos materiais são, na verdade, símbolos que permitem o encontro entre duas instâncias. Sob a ação anamenética e epiclética, tais símbolos transcendem a sua própria capacidade ordinária de comunicação, causando uma comunhão entre o Transcendente e o imanente. Tais símbolos pneumatizados, a Igreja os chamou de sacramentos. (FINELON; SANTANA, 2015, p. 86-87).

A experiência cristã na ação ritual da Igreja é uma experiência real por meio da nova formalidade do Senhor em se fazer pão e vinho. O pão é corpo do Senhor e o vinho é o sangue do Senhor e nesses dois elementos materiais estão condensados como *mysterium-pneuma* todo o evento pascal de Jesus Cristo. Finelon e Santana, afirmam: “A missa seria uma réplica, no tempo e no espaço, através dos ritos, desta oblação que o Filho presta ao Pai no santuário celeste”. (FINELON; SANTANA, 2015, p.78).

Assim como no exemplo da parede em Zubiri, os fiés batizados estão diante dessa nova formalidade de realidade e imersos nela e, por isso, entram no contexto litúrgico em um movimento intelectual senciante como desdobramento desse processo de conhecimento: Cescon, ao tratar sobre a originalidade da obra teológica de Zubiri afirma:

A originalidade teológica de Zubiri reside no que ele qualifica de “problema teológico do homem”. Segundo Cabria Ortega, o esquema zubiriano estrutura-se em três partes: o fato da “relição”, a sua necessária “plasmação” em religião com sua diversidade de formas (história das religiões) e o Cristianismo como o testemunho presencial, santificante, perene e expectante da verdade. (CESCON, 2007, p. 112).

Estando o homem e a mulher inseridos e imersos na formalidade do Mistério Pascal que é real em e por si mesmo, não só o apreendem primordialmente por meio da apreensão senciente, mas ao mesmo tempo passam a inteligir a formalidade desse mistério e o seu conteúdo em um processo dinâmico intelectual que se desdobra em outros momentos ulteriores. Em cada apreensão do Mistério Pascal, o apreensor apreende sempre algo novo e entende sempre algo novo passando a ter um logos e um conceito dessa nova apreensão. Cada vez que a Igreja se reúne na fé batismal para celebrar o mistério pascal da salvação, os fiéis apreendem, cada um a seu modo, um aspecto novo ou uma nota dessa estrutura dinâmica ritual através da qual podemos ter contato com dimensão substantiva do Mistério Pascal enquanto continuação da ação salvífica de Jesus na história da humanidade. Para redimi-la, salvá-la e santificá-la. É nesse sentido que Finelon e Fernando afirmam:

O mistério do culto em Odo Casel é a participação da Igreja e seus membros, na terra, no mesmo culto de Cristo ao Pai, nos céus, sob os véus dos ritos sacramentais que efetuam, pela ação do Espírito, a salvação e a santificação dos homens, ocasionando a sua divinização – capacidade de se tornar uma expressão do amor divino. (FINELON; SANTANA, 2015, p. 93).

Dessa forma, sencientemente, o homem não só adquire “consciência” da atualidade desse mistério no aqui e agora da ação ritual da Igreja, mas ao mesmo tempo passa a compreender cada vez melhor esse mistério e entendendo que este possui não só uma suficiência constitutiva em suas notas características, bem como em seu conteúdo e o seu dinamismo salvífico. Porém é preciso separar o que é inteligir e o que é entender. Inteligir é somente ter a realidade diante da nossa inteligência. Entender é um desdobramento. Confundir isto gerou uma incapacidade no processo do conhecimento.

Podemos dizer que essa incapacidade ou limitação é a origem de todos os males dentro da ação ritual da Igreja e possui uma “força” destrutiva não pelo fato de distorcer o sentido e significado do rito que se celebra, mas de provocar uma ruptura grave na sequência ritual que a Igreja sempre custodiou e celebrou ao longo da história. Por outro lado, provoca ainda uma distorção da formalidade e do conteúdo do Mistério Pascal que o próprio Senhor deu ao entregar a totalidade de sua vida no evento da última ceia e no Gólgota. Na medida em que apreendemos e inteligimos o Mistério Pascal em toda a sua estrutura-dinâmica ritual e simbólica, em seus sinais, sua formalidade própria como atualidade e seu conteúdo passamos a entender que a realidade do Mistério Pascal possui uma suficiência salvífica que lhe é própria sem a necessidade de que se agregue nenhum tipo de elemento externo para dinamizá-lo ou torná-lo mais perceptível. Já é dinâmico por si mesmo e perceptivo em si

mesmo pelo fato de ser um acontecimento real que imprime impressões nos sentidos humanos.

## 2. Instrução *Redemptionis Sacramentum*

Agora vamos nos deter no Documento *Redemptionis Sacramentum* em suas linhas gerais para compreendermos ao que a autoridade da Igreja acabou chamando de “abusos litúrgicos”, tema que importa muito à nossa tese

### 2.1. O contexto do Documento

Em 25 de março de 2004 a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos publicou a Instrução *Redemptionis Sacramentum* sobre algumas coisas que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. Vale ainda lembrar que os abusos na liturgia, principalmente, no que se refere à celebração do sacrifício da Eucaristia, não são a única motivação, pelo menos em parte, mas a sim a celebração do centenário da Encíclica do papa Leão XIII de 1902 *Mirae caritatis*. Ward afirma:

Traçando essas várias ligações entre documentos sobre o assunto, podemos notar alguns pontos que talvez tenham escapado à atenção: que a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, é em parte uma comemoração, ainda que em tom discreto e um pouco tardio, do centenário da Encíclica de Leão XIII sobre a Eucaristia, *Mirae caritatis*, de 28 de maio de 1920. (WARD, 2004, p. 211).<sup>26</sup>

Sorrentino, ao falar da origem e a inspiração da RS, afirma:

Sob um ponto de vista doutrinal, a Instrução situa-se em continuidade com a encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Na encíclica o Santo Padre, além de nos entregar com autoridade uma lição de altíssimo magistério sobre a Eucaristia, como mistério da fé, que alimenta e edifica continuamente a Igreja na história, não deixa de assinalar várias vezes as sombras e os abusos que obscurecem a reta fé e a doutrina católica sobre este sacramento (*EE*, 10; *RS*, 6). (SORRENTINO, Intervenção de apresentação da Instrução *RS*).

Sendo um projeto de continuidade da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, um ano após a sua publicação, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos apresenta uma instrução de cunho mais jurídico e regulamentador cujo objetivo é salvaguardar aquilo que é essencial na estrutura ritual do Sacrifício da Santa Missa e seu autêntico e verdadeiro significado bíblico-teológico e litúrgico frente aos correntes abusos

---

<sup>26</sup>In tracing these various links between documents on this subject we may note that one point has perhaps escaped attention: that the Encyclical *Ecclesia de Eucharistia*, is in part a commemoration, albeit in low key and somewhat late, of the centenary of Leo XIII's Encyclical on the Eucharist, *Mirae caritatis*, of 28 May 1902.

cometidos dentro da liturgia, principalmente, em relação ao sacrifício da Missa. Ao tratar sobre a natureza e a finalidade da instrução, Augé afirma:

Se de uma parte a RS afirma querer recordar alguns elementos da atual normativa afim de que cada um as coloque em prática; porém de outra parte [...] não se tem, portanto, a intenção de estabelecer nada de novo, mas de rebater e explicar melhor quando é determinado pela norma atual. Pois, da denúncia dos abusos, que não são todos igualmente graves (n. 4), não se quer contrapor o ideal de uma observação puramente exterior das normas. (AUGÉ, 2004, p. 895).<sup>27</sup>

A Instrução se subdivide em sete capítulos: A regulamentação da Sagrada Liturgia (Cap I); a participação dos fiéis leigos na celebração da eucaristia (Cap II), a reta celebração da santa missa (Cap III); a santa comunhão (Cap IV); outros aspectos que resguardam a eucaristia (Cap V); a conservação da santíssima eucaristia e o culto fora da missa (Cap VI); os remédios para os abusos (Cap. VIII).

Ao ocupar-se com a questão acerca dos abusos litúrgicos que ocorrem dentro da missa e que colocam em “perigo” sua estrutura ritual, seu sentido teológico e a sua centralidade pascal, a instrução nos indica que a missa em toda a sua constituição litúrgica “corre perigo”. Por isso, nos ocuparemos de alguns aspectos do documento do texto no original latino, sobretudo, o número 9, que nos indica essa preocupação séria, qual a origem dos abusos litúrgicos e como esses devem ser sanados. Os elementos teológicos contidos na RS, em continuidade com o que já que foi dito no primeiro capítulo e no segundo, nos ajudarão a lançar uma luz e uma nova via de compreensão sobre as preocupações correntes na instrução, particularmente, nos elementos apontados no número 9 e qual é a verdadeira estrutura da liturgia e seu dinamismo. Procuraremos responder quais seriam os motivos reais que fazem emergir os abusos litúrgicos, ferindo o coração e o centro da atualização do Mistério Pascal de Cristo, de onde parte e para onde convergem toda a ação ritual e toda a missão da Igreja (LG 11). Sobre essa centralidade eucarística Ward afirma:

A nova Instrução abre uma espécie de preâmbulo definindo o propósito do documento. Uma certa atenção é dada ao estabelecimento da importância da Eucaristia na vida da Igreja. A Instrução esboça apenas de forma sumária a questão doutrinal da Eucaristia, referindo-se de maneira geral do objeto do Magistério, em particular à recente Encíclica (cf. N. 1). (WARD, 2004, p. 211)<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Se da una parte la RS afferma di voler ricordare alcuni elementi dell'attuale normative affinché ciascuno li metta in pratica, d'altra parte però intende «indiacarne altri che spieghino e completino i precedenti» (n. 2). Non si há quindi l'intenzione di stabilire nulla di veramente nuovo, ma di ribadire e spiegare meglio quanto é determinato dalle norme attuali. Poi, alla denuncia degli abusi, che non sono tutti ugualmente gravi (n. 4), non si vuole contraporre l'ideale di «una osservanza puramente esteriore delle norme» (n. 5).

<sup>28</sup> The new Instruction open a sort of preamble setting out the porpouse of the document. A certain attention is paid to stabilishing the importance of the Eucharist in the Church' life. The Intruction scketches only summary

É no sacrifício pascal da missa que a ação ritual *per ritus et preces* e toda a missão da Igreja encontram sua força e seu significado. Uma vez comprometido o “epicentro” do Mistério Pascal todo o restante está comprometido. Acerca dessa preocupação corrente na instrução temos a seguinte orientação:

Finalmente, os abusos se fundamentam com freqüência na ignorância, já que quase sempre se rejeita aquilo que não se compreende no sentido mais profundo e sua Antiguidade. Por isso, enraizadas na Sagrada Escritura, «as preces, orações e hinos litúrgicos estão penetrados em seu espírito e dela recebem seu significado nas ações e sinais».No que se refere aos sinais visíveis, «usados na sagrada Liturgia e que foram eleitos por Cristo ou pela Igreja para significar as realidades divinas invisíveis».Justamente, a estrutura e a forma das Celebrações sagradas de acordo com cada um dos Ritos, seja da tradição do Oriente seja da Ocidente, concordam com a Igreja Universal e com os costumes universalmente aceitos pela constante tradição apostólica,que a Igreja entrega, com solicitude e fidelidade, às gerações futuras. Tudo isto é sabiamente guardado e protegido pelas normas litúrgicas. (RS, n. 9).<sup>29</sup>

A primeira constatação dramática que a instrução faz é que os abusos se fundamentam na ignorância em rejeitar aquilo que não se compreende no seu sentido mais profundo e na sua antiguidade. Por isso, é preciso penetrar mais profundamente nas raízes da Sagrada Escritura e da Tradição litúrgica para “redescobrir” o seu significado e o seu fundamento ou a sua verdadeira realidade. A instrução RS no número 9 propõe a correção de alguns princípios fundamentais para que tanto a realidade quanto o dinamismo da Sagrada Liturgia seja recuperada na sua totalidade: superando a ignorância que leva a rejeitar o que não se compreende, pois os sinais usados na Sagrada Liturgia, eleitos por Cristo ou pela Igreja, são para significar as realidades divinas invisíveis e dos sinais e símbolos, a estrutura e as formas das celebrações concordam com os costumes da Igreja Universal.

---

manner the doctrinal question of the Eucharist, referereng is a general way to Magisterium of the subjeti, in particular the recent Encyclical 9cf. n. 1).

<sup>29</sup>Abusus tandem saepius in ignorantiam nituntur, quia id plerumque reicitur, cuius sensus profundior minime comprehenditur nec antiquitas cognoscitur. Nam funditus ex ipsius sacrae Scripturae «afflatu instinctuque preces, orationes et carmina liturgica effusa sunt, et ex ea significationem suam actiones et signa accipiunt».Quoad signa visibilia, «quibus utitur sacra Liturgia ad res divinas invisibiles significandas, a Christo vel Ecclesia delecta sunt».Sacrarum demum celebrationum structurae et formae, pro uniuscuiusque Ritus sive Orientis sive Occidentis traditione, cum Ecclesia universali concordant, etiam quoad usus universaliter acceptos ab apostolica et continua traditione,quos Ecclesiae est futuris generationibus fideliter ac sollicitate tradere. Haec omnia a normis liturgicis sapienter custodiuntur et proteguntur.

## 2.2. Superação da Ignorância em rejeitar o que não se compreende na liturgia

Um dos grandes esforços filosóficos de Zubiri, como vimos anteriormente, foi recuperar o caráter inteligível das coisas. Cada coisa real possui um princípio inteligível em e por si mesma. Em outras palavras, a coisa ou aquilo que concebemos como real só pode ser conhecida por causa desse princípio intelectual. Tejada e Cherubim afirmam:

Zubiri contrapõe “coisa-real” à “coisa-sentida” porque as notas reais “contrariamente à “Husserl e Heidegger” não somente são anteriores para a apreensão impressiva. E isto porque devem estar fisicamente presentes na impressão intelectual na sua condição de real, “de seu” e “em próprio” antes de poder afirmar qualquer relação entre elas. (TEJADA, CHERUBIN, 2016, p. 92-93).

Esse é o princípio intelectual presente em cada coisa real que nos dá a possibilidade de conhecer ou afirmar alguma coisa como parte da realidade. Essa dinâmica intelectual não é diferente no âmbito da ação Sagrada da Liturgia. O que seria então essa “ignorância” pontuada pela instrução RS que leva a rejeitar o que não entende no seu sentido profundo e na sua antiguidade. Falta uma filosofia que traga uma coerência do que realmente é o existir. Sobre isso Zubiri afirma:

O que constitui formalmente a realidade não é o existir, mas o modo de existir: existir “de seu”. Para isso, é-me indiferente a maneira como se conceitua a existência, ou como Santo Tomás, para quem a existência é ato da essência, ou como Suarez, para quem a existência se identifica realmente com a essência. Quer dizer, não é nada evidente que isso se chame “existência”. Há “coisa existente”; mas não é evidente que a existência seja um momento realmente diferente de notas. (...) A única coisa que aqui importa é afirmar que a existência concerne e somente ao conteúdo apreendido assim como lhe concernem suas notas, embora como dissemos a existência pudesse não ser, rigorosamente falando, uma nota. (ZUBIRI, 2011a, p. 140).

Segundo, o pensamento de Zubiri, seria talvez uma certa limitação não só de conceituar a existência das coisas, mas também de relacioná-las com o essencial ou como o seu momento essencial como nos diz Zubiri em *Sobre a Essência* (1962). O problema apresentado pela instrução como um dos fundamentos dos abusos litúrgicos é ignorar não somente a existência estrutural de toda a liturgia, mas também do seu momento essencial ou do seu significado profundo. Segundo Grillo, a dificuldade da compreensão acerca do conjunto dos elementos estruturais e dinâmicos que constituem a ação ritual da Igreja seja um entre tantos problemas que acabam gerando “abusos”, “distorção” e “ofuscamento” do mistério celebrado. A realidade para Zubiri é aquilo que apreendemos em apreensão primordial de realidade, ulteriormente desdobrado em modos de entendimento. Realidade é

aquilo que fica na inteligência, e que não se compõe de uma única nota, mas do *totum* da realidade. *Totum* este que não é um mero conjunto de notas, mas de “notas de”, consistindo numa “coerência”. Zubiri nos dá um exemplo que nos ajuda a compreender melhor:

Se aprendemos qualquer coisa real, como por exemplo, uma pedra, um cão, um astro, etc.; ao apreendermos este algo o próprio algo fica na apreensão, em primeiro lugar, como um todo, um *totum*. Ao apreender uma ou várias notas, apreendo, por exemplo um cão. O todo atualizado em cada nota ou em um grupo de notas é a primeira dimensão da substantividade. Este todo em segundo lugar, não é como já disse, um mero conjunto de notas. Precisamente porque cada nota, é “nota-de”, o suposto conjunto de notas tem uma *coerência* em seu próprio “de”. (ZUBIRI, 2011a, p. 149).

A nova noologia de Zubiri não só oferece uma grande contribuição para o campo da filosofia como já vimos nesta “interface filosófico-teológica”, mas, principalmente, para o campo da realidade da Sagrada Liturgia, que tem como realidade primordial a sua centralidade na fé do Mistério Pascal que se revela e se manifesta por meio de símbolos sensíveis, que são ao mesmo tempo ícones das realidades inteligíveis e espirituais. Um salto que o pensamento de Zubiri oferece é já ao redimensionamento dos próprios sentidos que a filosofia clássica reduziu a cinco. Isso não é real.

Então Zubiri expande os sentidos humanos onze, deixando ainda aberta a questão numérica: “visão, audição, olfato, gosto, sensibilidade labiríntica e vestibular, contato, pressão, calor, frio, dor, cinestesia (abrangendo o sentido muscular, tendioso e articular) e a cenestesia ou sensibilidade visceral. (COSTA, 2020, p. 38).

A RS propõe uma “recuperação” na inteligibilidade dos sinais e dos símbolos” o que nos parece primordial e o que também nos parece uma resposta ao fundamento de toda frequente ignorância que provoca os abusos litúrgicos não somente colocando em risco a própria estrutura dinâmica da liturgia e seu “núcleo” central, que é o Mistério Pascal. A instrução nos ajuda a perceber que somos capazes pelos sentidos, já que tudo o que a liturgia contém é “coisa-sentida” a inteligir os sinais da própria realidade litúrgica, uma vez estando instalado na dinâmica ritual chegar, ao seu fundamento que são as realidades espirituais, Deus. Souza e Goto, ao tratar sobre o aspecto da religação do ser humano com a deidade afirmam:

Demonstrar Deus apenas como incognoscível seria para a inteligência senciente, um prejuízo – e traição – da realidade, bem como da redução da questão a uma metafísica impediria a problematização de Deus pela realidade dotada de genuína inteligência. Zubiri, ainda diferencia a força racional do caminho da especulação, de modo que o caminho levado a Deus pelo raciocínio não deveria ser identificado como único caminho possível. (SOUZA; GOTO, 2020, p. 88-89).

Não por trás e muito menos fora deles, mas a realidade de Deus e do Mistério Pascal de Jesus Cristo, síntese da Paixão-Morte Ressurreição de Jesus através do qual Deus justifica, salva, redime e santifica o homem e a mulher, está toda condensada em cada uma das notas litúrgicas que compõem o mistério. Em cada nota está o *totum* do Mistério Pascal de Cristo. Por isso, cada fiel que abraça a fé em Cristo é capaz de Deus e de inteligir o seu mistério presente em suas notas na Sagrada Liturgia pela fé e pela Inteligência afastando de toda frequente ignorância que “ofusca” e “deturpa” o profundo sentido e significado da presença de Deus, que vem ao encontro de cada ser humano se revelando por meio dos sinais e símbolos sensíveis. Por isso, rejeitar o que não se compreende e o seu sentido profundo de antiguidade e suas raízes profundas radicadas no dado revelado por Jesus Cristo, pode se constituir um verdadeiro perigo que geralmente conduz os féis ao afastamento do verdadeiro dinamismo presente na ação ritual da Igreja. Em toda a ritualidade da Igreja, como nos aponta a RS, em cada uma de suas notas desde um simples partir do pão temos ali uma perfeita unidade estrutural da realidade do Cristo. Sobre a recuperação do valor sacramental daquele que preside em nome da assembleia que também se constitui um sinal e dos sinais dentro da dinâmica litúrgica, Augé afirma:

Em cada caso, as celebrações litúrgicas, que são ações de Cristo e da Igreja, devem ser presididas. De fato, o ministério da presidência está para significar que a assembleia não é proprietária do gesto que se realiza, mas recebe de Cristo mesmo. Este valor simbólico da presidência é fundamental. Não só questão de poder, mas também de sinal. (AUGÉ, 2004, p. 899).<sup>30</sup>

Por isso, seja esse gesto singular e tantos outros que compõem essa unidade fundamental da estrutura dinâmica da liturgia. Nada dentro da liturgia como nos aponta a instrução se realiza ou se faz por acaso. Tais gestos ou expressões encontram sua razão de ser por causa do fundamento que é a atualização do Mistério Pascal de Cristo. Ignorar tais gestos pelo simples fato de não compreendê-los ou para pior de todas as hipóteses substituí-los por outros se constitui uma *graviola delicta* (RS, n. 172) dentro da ação sagrada. Bem intuíu o papa Francisco ao afirmar:

O silêncio litúrgico é muito mais: é o símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação celebrativa, por isso muitas vezes

---

<sup>30</sup> In ogni caso, le celebrazioni liturgiche, che sono azioni di Cristo e della Chiesa, devono essere presidute. Infatti il ministero della presidenza sta a significare che l' assemblea non è proprietaria del gesto che compie, ma lo riceve da un altro, dal Cristo stesso. Questo valore simbolico della presidenza è fondamentale. Non è solo questione di «poteri» sacramentali, ma anche di segno.

constitui o apice de uma sequência ritual. Precisamente porque ser símbolo do Espírito, tem força para expressar sua ação multiforme. Assim, retornando aos momentos que mencionei acima, o silêncio leva ao arrependimento e ao desejo de conversão; desperta a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e Sangue de Cristo; sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer fazer na vida para nos conformar ao Pão partido. É por isso que somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: nele o Espírito nos dá forma. (DD, n. 52).

Sendo assim, é o Espírito Santo, que dá ao homem a inteligibilidade do mistério de Deus que faz desse momento de inteligibilidade uma via de salvação e santificação permanente na vida de cada pessoa. E ponto de partida é a própria realidade do mistério constituída por sinais e símbolos sensíveis dos quais os seres humanos são capazes. A inteligibilidade de Deus está na realidade do mundo e não fora dele e na mesma proporção também em toda a ritualidade da Sagrada Liturgia. A instrução nos aponta para essa direção, ou seja, ignorar ou rejeitar o sentido profundo e antiguidade presente na ação sagrada da liturgia é o mesmo que deixar de acreditar que através do rito e em cada uma de suas notas não só apreendemos a realidade divina, mas que essa mesma realidade nos instala dentro de um movimento intelectual rumo ao fundamento de toda a ritualidade que é o próprio Deus. Por assim dizer, podemos afirmar aqui que a estrutura dinâmica da liturgia como prevê a instrução é muito mais que meio, mas processo e movimento intelectual para se chegar ao conhecimento da realidade divina. Sendo assim, nada pode ser deixado de lado e muito menos ignorado dentro da liturgia ou simplesmente descartado. Como já muito se falou, após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, por causa da incompreensão e da distorção de alguns princípios muito se rejeitou, foi descartado, deixado de lado ou até mesmo substituído na tentativa de se promover um novo dinamismo para a liturgia. Trilhou-se o caminho contrário que agora a instrução RS como tantos outros documentos, posteriormente, procuram recuperar. A presente Instrução não somente tenta recuperar e preservar toda a estrutura ritual e sua unidade fundamental com seu fundamento e sua origem e razão de existir como também o dinamismo dessa estrutura que é dinâmica porque é real. O que acontece em cada ação sagrada não é fruto da imaginação, ou esforço racional, mas coisa-sentida de fato que cada fiel apreende como coisa real. Costa afirma:

E o que então é a realidade, enquanto aquilo que fica do real na apreensão humana? A realidade está no real, mas é maior do que o real. Neste sentido a realidade é transcendental na apreensão mesma. E juntando com a tese de que Deus é o fundamento da realidade, todas as realidades estão vertidas a Deus por meio da sua presença *fundamentante*: “Deus não é *objeto*; é *fundamento*”. (COSTA, 2019, 704).

Zizioulas, ao tratar da eucaristia como oferta do mundo afirma:

A liturgia é, também na *práxis*, a mais positiva aceitação do mundo e da criação. Se o monaquismo como *práxis* (não como contemplação ou vida pessoal) se caracteriza como movimento saindo do mundo rumo ao exterior (mundo como lugar físico) a liturgia se especifica por um movimento na direção oposta. Todo os fiéis que participam da liturgia levam consigo o mundo (agora entendido em modo bastante realístico). Não levam consigo somente a si mesmos com as próprias incapacidades e paixões, mas levam em sua relação com o mundo natural, com a criação. (ZIZIOULAS, 2001, p. 82-83).

O Cristo Senhor ao entrar no mundo não só assumiu a realidade do mundo, mas sua transcendentalidade e “dimensão de abertura”. Zubiri diz:

Sendo o caráter de uma formalidade, transcendentalidade não significa ser transcendental à realidade, mas ser transcendental nas realidades. É a própria formalidade de realidade que é transcendental em si mesma. E esse “transcendental” não deve ser conceituado em função daquilo “para” [*hacia*] o qual se transcende, mas em função daquilo que desde o qual se transcende. É algo assim como uma gota de óleo que se transcende desde si mesma, desde o óleo mesmo. (ZUBIRI, 2011a, p. 82).

Da mesma forma que a *deidade* de Cristo ao entrar na realidade do mundo levando todas as coisas à plenitude, manifestando e revelando a sua transcendentalidade, também faz dos seus gestos e da sua liturgia essa continuação e desdobramento do exercício do seu sacerdócio (SC, n. 7). Cescon afirma:

Em Cristo «realiza-se a incorporação estrita e formal de Deus à história e à vida humana». A incorporação à história possui duas dimensões objetivas: a revelação de Deus ao homem, pela qual resulta incorporado a ele, e a incorporação da humanidade a Deus. (CESCON, 2007, p. 120).

A instrução RS afirma que os sinais e os símbolos da liturgia atualizam os gestos do mesmo Cristo como continuação e desdobramento da sua ação por meio dos seus discípulos e da sua Igreja, que possui uma profunda dimensão transcendental. Por isso, ignorar é o mesmo que rejeitar os gestos de Cristo Jesus. A instrução tem colocado com precisão que em cada gesto ritual da assembleia reunida, principalmente, nos gestos daquele que preside está presente o mesmo gesto sagrado de Jesus Cristo como fundamento de toda ação litúrgica (SC, n. 7) Ele mesmo faz da sua liturgia uma realidade transcendental em cada gesto, símbolo e sinais. Os sinais e símbolos “prefigurativos” da Paixão-Morte-Ressurreição transcendem a si como realidade aberta para além de si mesmos ou para [*hacia*]. O real enquanto real não é suficiente em si mesmo, mas transcende a sua própria realidade como realidade aberta.

Os gestos e as palavras santas de Jesus na última ceia com os seus discípulos possuem uma força transcendental na qual estão condensados os eventos salvíficos do passado, presente e futuro. Adazábal afirma:

Todo memorial, tem para os judeus três sentidos. Olhar para o passado projetando-o, porém, para o futuro com a espera escatológica e sentindo que o acontecimento histórico e futuro se concentram no “hoje” da celebração. Isso acontece sobretudo na Páscoa. O presente é contido no passado e a antecipação do futuro. Por isso, o memorial é entendido como atualização do acontecimento histórico e recapitulação de toda a história da salvação. A comunidade entra na dinâmica desde memorial, sentindo-se contemporânea dos fatos passados e destinatária dos bens futuros. O memorial ritual, cívico, perpetua a presença do acontecimento histórico. (AIDAZÁBAL, 2012, p. 44).

Por isso, cumprir todos os elementos do memorial é de fundamental importância para garantir não somente o sentido profundo da teologia, da mística e da espiritualidade implicada no memorial, mas também a sua antiguidade. “E este dia vos será para vós um memorial, e celebrá-lo-eis por festa ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo”. (Ex 12, 14); A páscoa da Nova Aliança garante a continuidade desse evento na história com elementos novos: “E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim”. (Lc 22, 19). Frente à preocupação de preservar esse aspecto central do memorial para salvaguardar seu núcleo fundamental vai afirmar a RS:

Os abusos, sem dúvida, «contribuem para obscurecer a reta fé e a doutrina católica sobre este admirável Sacramento. Desta forma, também se impede que possam «os fiéis reviver de algum modo a experiência dos discípulos de Emaús: Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram. Convém que todos os fiéis tenham e revivam aqueles sentimentos que receberam pela paixão salvadora do Filho Unigênito, que manifesta a majestade de Deus, já que estão ante à força, à divindade e ao esplendor da bondade de Deus, especialmente presente no sacramento da Eucaristia. (RS, n. 6).<sup>31</sup>

Todo e qualquer abuso ou acréscimo estranho que venha a ser inserido dentro da Sagrada Eucaristia, bem como das outras celebrações da Igreja, que são também sinais permanentes desse mistério, ofusca e obscurece a fé, gerando e provocando escândalos ou ferindo o sentimento de piedade dos que tomam parte nas sagradas ações da Igreja, principalmente da Eucaristia. Driscoll, ao tratar do rito da missa, afirma:

<sup>31</sup>Qui enim abusus «ad rectam obscurandam fidem doctrinamque catholicam super hoc mirabili Sacramento aliquid conferunt». Sic impeditur etiam ne «vivere rursus quodammodo» possint «fideles experientiam duorum discipulorum de Emmaus: “Et aperti sunt oculi eorum et cognoverunt eum”». Quia coram Dei virtute et divinitate ac splendore eius bonitatis praesertim in Sacramento Eucharistiae manifestae, decet omnes fideles habere et exercere sensum illum confitendae Dei maiestatis, quem per Filii Unigeniti salutiferam passionem acceperunt.

O rito poderia talvez ser descrito como uma espécie de jogo sério. Por exemplo, desejo seguir o rito - todos os movimentos, as palavras repetidas em um certo modo porque creio que quando “eu jogo as regras do rito” possa acontecer qualquer coisa de grande e de inesperado. O rito é uma forma, a forma transmite um conteúdo, um conteúdo intelectual para ser compreendido com a mente, mas um evento real nada menos que o evento da nossa salvação. (DRISCOLL, 2009, p. 6).<sup>32</sup>

A RS nos aponta que no rito acontece qualquer coisa de grande e inesperado e que contém um conteúdo que se possa ser compreendido, mas antes de tudo “sentido”. Os sinóticos não trazem no âmbito da narrativa o “espanto” que só vai aparecer nos relatos posteriores depois da última ceia e da morte de Jesus na cruz. Nos relatos dos discípulos de Emáus temos ainda uma menção dessa incapacidade de sentir o Senhor: Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem. (Lc 24, 16). Aqui somente para citar um entre tantos aspectos que poderíamos destacar nesta fonte acerca da incapacidade de sentir Jesus que ocupa lugar central em toda a ritualidade da Igreja, já que é o próprio Senhor que os realiza (SC, n. 7). Temos ainda: “E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!”. Essa incapacidade de sentir os gestos rituais de Jesus e o significado da força de suas palavras santas na última ceia fica mais contundente no relato joanino do discurso de Jesus sobre o pão da vida. Certamente sob uma outra ótica é o relato e um “espelho” fidedigno da tradição da comunidade apostólica do espanto dos doze apóstolos na última ceia ao ver os gestos de Jesus ao tomar o pão e o cálice ao pronunciar as palavras santas, afirmando que o pão agora é seu corpo imolado que será oferecido e o vinho abençoado pelo próprio Senhor é o sangue dele que será derramado em expiação pelos pecados de muitos. Costa, acerca dessa questão, indica que hoje também ainda persiste no meio de nós essa mesma incapacidade de sentir os sinais e os símbolos implicados nesse jogo ritual dentro da Sagrada Liturgia.

Quando Cristo instituiu a Eucaristia na Santa Ceia, matriz de toda liturgia cristã, não lhe deu o mínimo caráter de teatro ou show para divertir, mas instituiu o momento mais delicado e profundo da nossa salvação, do qual só poderiam participar os iniciados, isto é, aqueles que, por aderência ao Homem-Deus, são capazes de apreender a grandeza do mistério ali celebrado, comprometendo toda a sua vida no horizonte a que a simbologia litúrgica conduz. Podemos deduzir do pensamento de Jung que a Missa foi instituída para os que são capazes de símbolo. E símbolo não atua na região periférica, mas no profundo do sentimento humano. Fazer da Missa uma peça de diversão é uma deformação daquele Sacrifício redentor, que tem o formato de ceia, mas

---

<sup>32</sup> Il rito potrebbero forse essere descritti come una specie di gioco serio. Per esempio, desidero seguire il rito – tutti i movimenti e le parole ripetute in un certo modo – perché credo che quando «io gioco seguendo le regole del rito» possa accadere qualcosa di grande e di inaspettato. Il rito è una forma, e la forma trasmette un contenuto - non un contenuto intellettuale da essere compreso con la mente, ma un evento reale, niente meno che l'evento della nostra salvezza.

que realiza a comunhão com a profundidade do mistério, englobando a dor e a alegria. (COSTA, 2019, p. 700).

No número 39 da Instrução temos essa preocupação como um dos remédios para dirimir e corrigir os abusos litúrgicos: “Também se deve recordar que a força da ação litúrgica não está na mudança frequente dos ritos, mas sim, verdadeiramente, em aprofundar na palavra de Deus e no mistério que se celebra”. (RS, n. 39).<sup>33</sup> Ainda no número 40 afirma uma preocupação com uma catequese segundo os moldes do catecumenato primitivo dos ritos da iniciação cristã, privilegiando o “sentir”

A catequese procure com atenção que se corrijam as ideias e os comportamentos superficiais, que nos últimos anos se têm difundido nalgumas partes, nesta matéria; e desperte sempre nos fiéis um renovado sentimento de grande admiração frente à altura do mistério de fé, que é a Eucaristia, em cuja celebração a Igreja passa continuamente «do velho para o novo». (RS, n. 40).<sup>34</sup>

Mais que urgente nos dias hodiernos é a compreensão, como momento ulterior do sentir e inteligir primordial dos elementos teológicos acerca do mistério da Santíssima Eucaristia e de toda a sua ritualidade. A incapacidade de sentir o mistério é o que torna os fiéis incapazes dos símbolos e os sinais da salvação da liturgia que se faz presente em todos os âmbitos, desde a incapacidade dos fiéis que já foram instruídos na fé ou mais grave ainda daqueles que saíram recentemente do processo catequético e que não são capazes de rezar e, para pior de todas as situações como já afirmou Driscoll acima, a incapacidade de seguir o jogo ritual.

Os discípulos não estão ali por acaso, mas, sim, vivendo um evento extraordinário que é a última ceia. Trata-se de comer em um primeiro momento um elemento aparentemente natural, mas também algo que assume um novo significado. Pão-Corpo, Vinho-Sangue dado para comer e beber. Jung, ao tratar sobre os símbolos de transformação na missa, afirma: Ao serem pronunciadas as palavras da consagração, a própria divindade intervém com sua ação e sua presença, indicando com isso que tudo que acontece de essencial na missa é um ato de sua graça, sendo que o sacerdote, bem como à comunidade e às substancialidades oferecidas, compete apenas um significado instrumental. (JUNG, 2011, p. 64). Tais aspectos já dizem muito por si mesmo dentro do contexto da refeição (ceia) entrega

<sup>33</sup>Memorandum tamen est actionum liturgicarum vim non contineri in ritibus frequenter mutandis, verum in verbo Dei et in mysterio, quod celebratur, altius perscrutandis.

<sup>34</sup>Institutio catechetica sedulo potius curet, ut notiones et praxis superficiales recentioribus annis hac in re alicubi diffusae corrigantur atque in omnibus christifidelibus semper quasi ex novo hic sensus excitetur magnae admirationis coram altitudine mysterii fidei, quod est Eucharistia, in cuius celebratione Ecclesia «in novitatem a vetustate» iugiter transit.

do corpo e sangue. Neste primeiro momento, eis novos elementos surgindo dentro de um novo contexto. Na linguagem zubirina uma só realidade pode obter novas formalidades:

Nesse sentido, formalização é uma ação psicobiológica. Mas a formalização pode significar também o fato de um conteúdo ficar em sua própria formalidade. Nesse caso, formalização não é uma ação, mas um mero “ficar”: é a unidade de conteúdo e formalidade. (ZUBIRI, 2011, p. 22).

Em um primeiro momento a Última Ceia apresenta-se como uma refeição qualquer dentro dos moldes da tradição judaica e logo em seguida através do gesto de Cristo assume uma nova figura. Cescon diz sobre essa nova formalidade de realidade que a Última Ceia de Jesus possui:

A celebração da Eucaristia estruturase em três momentos: uma «ação de graças pelo passado (ἀνάμνησις); «uma recordação que atualiza, que torna presente, em sua realidade, a Aliança passada»; «uma bênção para o futuro». Não se trata unicamente de recordação, mas de renovação de um Pacto “comendo”. A Eucaristia é uma realidade de tipo alimentar, convertida «real e fisicamente». Zubiri aprofunda a questão da «conversão» em três perspectivas: conversão de sentido, conversão de «condição» e conversão de «realidade nua». (CESCON, 2007, p. 122).

Essa passagem, este ato de Cristo, constitui-se o “elemento chave” para mergulharmos progressivamente no “Mistério da Eucaristia” que se perpetua ao longo da história da vida da Igreja (LG 11; SC, 6). Quando a Instrução RS propõe uma rígida observação das normas litúrgicas, principalmente, no que diz respeito à correta celebração do sacrifício não só pretende salvaguardar a liturgia da Igreja de todo e qualquer abuso que venha a “ofuscar” e “obscurecer” as verdades de fé que a Igreja celebra, mas conduzir os fiéis de todos os tempos e lugares a possuir os mesmos sentimentos de Cristo. Mais uma vez, sentir e sentimento são fundamentais. A instrução afirma nesse sentido:

As palavras e os ritos da liturgia são, em todo caso, expressão fiel e amadurecida nos séculos do que sentimos de Cristo e nos ensinam a sentir com o Senhor: conformando aquelas palavras na nossa mente, elevamos ao Senhor os nossos corações. Tudo que havia falado na presente Instrução pretende conduzir a tal conformidade dos nossos sentimentos de Cristo, expressos nas palavras e nos ritos da liturgia. (RS, n. 5).

Por isso, a presente instrução no seu número 9, que estamos analisando, tem como finalidade combater tais abusos para que não venham a “obscurecer” ou “ofuscar” esses elementos originantes do Mistério Pascal.

A mesma Igreja não tem nenhum poderio sobre aquilo que tem sido estabelecido por Cristo, e que constitui a parte imutável da Liturgia. Posto

que, caso seja rompido este vínculo que os sacramentos têm com o mesmo Cristo que os tem instituído e com os acontecimentos que a Igreja tem sido fundada, nada seria vantajoso aos fiéis, mas sim poderia ser gravemente danoso. De fato, a sagrada Liturgia está estreitamente ligada com os princípios doutrinários, por que o uso de textos e ritos que não têm sido aprovados leva a uma diminuição ou desaparecimento do nexo necessário entre a *lex orandi* e a *lex credendi*. (RS, n. 10).<sup>35</sup>

Tendo tão grande dom chegado até nós hoje por meio de uma ininterrupta tradição, temos a obrigação e o dever de custodiar para o bem da salvação e do crescimento dos fiéis.

### 3. Outros documentos correlatos

A Igreja sempre mostrou grande decoro e cuidado com o mistério que se celebra dentro da sua liturgia e não poucas foram as cartas encíclicas e instruções nesse sentido para salvaguardar o mistério da fé que é a Santíssima Eucaristia e sua celebração o que a Igreja custodiou e protegeu ao longo dos séculos contra todos os tipos de abusos e deturpações teológicas. Aqui queremos destacar apenas os principais documentos que trataram desta questão colocando sempre no centro o mistério da Eucaristia como “*fons et culme*” da vida e da missão da Igreja, bem como da vitalidade da vida espiritual de todos os fiéis batizados. Destacam-se como já vimos a Carta Encíclica *Mediator Dei* do papa Pio XII; a Carta Encíclica *Mysterium Fidei* também do papa Pio XII, uma carta pequena, mas de grande peso teológico no que diz respeito a aspectos teológicos fundamentais como a presença sacramental de Cristo sobre o culto sagrado da Santíssima Eucaristia. Sobre essa recuperação histórica Ward afirma:

Finalmente, o clima geral de ensino pouco exato sobre a Eucaristia é discernível não apenas no que foi dito já em 1947 nos apontamentos da Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII, mas também na Encíclica de Paulo VI de 1965, *Mysterium Fidei* e na atual Santa Carta carta do papa de 1980, *Dominicae Cenaes*, e sua recente Encíclica como também na Carta publicada durante seu pontificado pela Congregação para a Doutrina da Fé, em Agosto de 1983, *Sacerdotium ministeriale*. (WARD, 2004, p. 210-211).<sup>36</sup>

<sup>35</sup>Ipsa Ecclesia nullam habet potestatem circa ea, quae a Christo sunt statuta et quae Liturgiae partem immutabilem constituunt. Si autem vinculum frangeretur, quod sacramenta habent cum ipso Christo, qui ea instituit, et cum eventibus, quibus Ecclesia fundata est, id nihil fidelibus prodesset, sed eis graviter noceret. Sacra enim Liturgia cum doctrinae principiis arctissime coniungitur, unde usus textuum rituumque non approbatorum eo perducit, ut necessarius ille nexus inter *legem orandi* et *legem credendi* aut diminuatur aut evanescat.

<sup>36</sup>Finally, the general climate of less than exact teaching on the Eucharist is discernible not only in what was said already in 1947 in points of Pius XII's Encyclical *Mediator Dei*, but also in Paul VI's 1965 Encyclical, *Mysterium Fidei* and in the present Pope's Maundy Thursday letter for 1980, *Dominicae Cenaes*, and his recent Encyclical as also in the Letter published during his pontificate by the Congregation for Doctrine of the Faith, on August 1983, *Sacerdotium ministeriale*.

A instrução *Eucharisticum Mysterium* de 1967 da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos sobre a sagrada comunhão e culto eucarístico fora da missa; a instrução *Três Anos de 1967* sobre a reta implementação gradual das normas e dos princípios da reforma litúrgica instrução *Immensae Caritatis* de 1979 sobre algumas orientações sobre a participação dos fiéis leigos no culto eucarístico; a instrução *Liturgicae Instaurationes* de 1970 sobre a quem compete a regulamentação da liturgia na Igreja Universal e nas Igrejas particulares para a devida implementação dos princípios litúrgicos do Concílio Vaticano II; *Varietatis Legitima* de 1995 sobre a questão da inculturação da liturgia; a instrução *Inaestimabile donum* 1980 sobre o mistério do culto eucarístico. Ainda nessa linha histórica Ward afirma:

*Liturgicae instaurationes*, embora não se limite à Eucaristia, abrange muitas das mesmas questões que, numa distância de 34 anos, a *Redemptionis sacramentum*. Foi em 1980, em 3 de abril, que a Sagrada Congregação para o Sacramento e o Culto Divino emitiu a breve Instrução *Inaestimabile donum*, que novamente cobria grande parte do mesmo grau. (WARD, 2004, p. 210).<sup>37</sup>

A Instrução *Liturgiam Authenticam* de 2001; a carta Apostólica *Dies Domini* sobre o dia do Senhor de 1998; Instrução RS de 2004 sobre algumas coisas que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia que estamos tratando nesse capítulo; a carta Apostólica *Sacramentum Caritatis* do papa Bento XVI de 2007 sobre o mistério da eucaristia e recentemente duas cartas apostólicas do papa Francisco que não só é um “feixo” de luz para um novo horizonte, mas um “refrescar” de memória de toda essa caminhada anterior de reflexão sobre o mistério eucarístico o *Motu Proprio Traditionis Custodes* sobre o uso da liturgia Romana anterior reforma de 1970 e a carta Apostólica *Desidero Desideravi* sobre a formação litúrgica do povo de Deus.

Além dos principais documentos do magistério citados aqui se destaca como plano de continuidade a Carta Encíclica *Ecclesiae de Eucharistia* e sua correlação com a RS, afirma Ward:

Embora reconhecendo, por meio de uma citação da *Ecclesia the Eucharista*, n. 10, os resultados positivos da renovação litúrgica pós-conciliar, *Redemptionis sacramentum* reconheceu que, como observou o Papa, “sombras não faltam”. Com esta frase a Instrução passa ao tema dos abusos. (WARD, 2004, p. 212).<sup>38</sup>

<sup>37</sup>*Liturgicae instaurationes*, though not limited to the Eucharisti, covers many of the same questions as, a distance of 34 years, does *Redemptionis sacramentum*. In was in 1980, on 3 April, that the Sacred Congregation for Sacramentum and Divine Worship issued the brief Instruction *Inaestimabile donum*, that again covered much of the same ground.

<sup>38</sup>While acknowledging, by means of a quotation from the *Ecclesia the Eucharista*, n. 10, the positive results of the postconciliar liturgical renewal, *Redemptionis sacramentum* recognized that, as the Pope remarked, “shadows are not lacking”. With this phrase the Instruction moves to the subject of the abuses.

Após uma longa explanação acerca dos aspectos teológicos e rituais como sua dimensão de mistério, o aspecto da sua eclesialidade e sua dimensão missionária, no capítulo V no que toca o decoro para com a Santíssima Eucaristia afirma.

Precisamente para reforçar este sentido profundo das normas litúrgicas, pedi aos dicastérios competentes da Cúria Romana que preparem, sobre este tema de grande importância, um documento específico, incluindo também referências de carácter jurídico. A ninguém é permitido aviltar este mistério que está confiado às nossas mãos: é demasiado grande para que alguém possa permitir-se de tratá-lo a seu livre arbítrio, não respeitando o seu carácter sagrado nem a sua dimensão universal. (ECCLESIAE DE EUCHARISTIAE, n. 52).

O presente número já expressa claramente a necessidade de documento específico de carácter jurídico que venha a normatizar as celebrações eucarísticas e todo o culto litúrgico. Parágrafos antes dessa menção a encíclica nos apresenta o real motivo dessa urgência.

Temos a lamentar, infelizmente, que sobretudo a partir dos anos da reforma litúrgica pós-conciliar, por um ambíguo sentido de criatividade e adaptação, *não faltaram abusos*, que foram motivo de sofrimento para muitos. Uma certa reação contra o «formalismo» levou alguns, especialmente em determinadas regiões, a considerarem não obrigatórias as «formas» escolhidas pela grande tradição litúrgica da Igreja e do seu magistério e a introduzirem inovações não autorizadas e muitas vezes completamente impróprias. (ECCLESIAE DE EUCHARISTIAE, n. 52).

A má compressão ou distorção do princípio da reforma litúrgica do Vaticano II, trouxe inúmeros desafios, principalmente no que aos abusos perpetrados contra o sacrifício eucarístico em rejeitar as “normas fixas” já pré-estabelecidas pela tradição da Igreja ao longo dos séculos. É nesse sentido que Costa tem razão em apontar a verdadeira causa dos atuais abusos na ação ritual da Igreja hoje. Costa afirma:

Um dos momentos mais intensos de se viver o dinamismo da fé é a celebração litúrgica do Mistério Pascal de Cristo. A reforma litúrgica promovida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, preocupado com o dinamismo da liturgia, que estava “engessada” pelo que se chamou de *rubricismo*, trouxe de volta a criatividade litúrgica. No entanto, um certo clima iluminista favoreceu uma interpretação equivocada que gerou interferências externas ao rito, desconsiderando que o dinamismo próprio da liturgia está em si mesma e não em agentes externos. Em seus diversos tons de gravidade, constituíram-se os *abusos* já apontados pelos vários documentos pós-conciliares do Magistério. (COSTA, 2019, p. 698).

O surgimento de inúmeros documentos acerca da preocupação da Igreja e sua grande maioria durante o pontificado do papa João Paulo II “acende” um alerta que algo aconteceu após a reforma conciliar, principalmente, no que diz respeito a implementação

das novas normas litúrgicas. Trata-se de uma “deficiência” intelectual e compreende na sua profundidade dois aspectos fundamentais do próprio dinamismo ritual que possui uma força em si mesmo sem necessitar de qualquer esforço humano já é o Homem-Deus-Glorioso Jesus Cristo que opera sua ação sagrada no mundo por meio de *ritus et preces* (SC, n. 7). Nas lições de 1967 Zubiri afirma:

Enunciando em forma de afirmação uma ideia que imediatamente já vou explicar, direi que a conversão eucarística consiste em que Cristo (exatamente como a unidade e sua substantivada do pão é aquilo em que consiste o pão toma *para si*, para sua própria unidade e substantivada, a “de suyo” corpo (essa unidade primária e radical consiste, e que plasma precisamente em todas as notas e propriedades que pode ter o seu corpo glorioso, porém, que em si mesma é uma unidade primária e radical, plasmada nelas em um modo dominante, exigitivo e, ademais, real e físico), as notas do pão e do vinho. (ZUBIRI, 2019, p. 275).<sup>39</sup>

A estrutura à liturgia possui um dinamismo em si mesmo e é esse elemento fundamental que todos os documentos do magistério colocam em evidência cada um a seu modo e com suas categorias próprias recuperando o seu fundamento que é o *dom da ceia pascal* instituída por Jesus na última Ceia e confiada aos seus discípulos para perpetuar na história da humanidade de geração em geração tão grande dom de salvação; outro aspecto que padeceu de uma profunda deficiência intelectual foi justamente a dimensão da *Ars Celebrandi* o que implica necessariamente uma determinada participação ativa na arte de celebrar. Grillo afirma:

Eis o horizonte do repensar sacramentalmente e eclesial ao qual é chamada a atual faz de declinação do conceito de “liturgia participativa”. A forma dessa participação na liturgia deve ser redescoberta como ritual, a matéria é redefinida, sobretudo, como histórico-simbólico, e o ministro descobre que é constitutivamente plural e articulado estruturalmente comunitário. Somente a liturgia pode ser não retoricamente “culmen et fons” de toda a ação da Igreja. (GRILLO, 2022, p. 49).

Deixou de ter como ponto de convergência a fidelidade ao mandato de cumprir fidedignamente o “Fazei isto em memória de mim”. (Lc 22, 19) para um mero fazer de outras tarefas externas. A participação ativa requerida na nova norma litúrgica “participação consciente, ativa e piedosa. Grillo ao tratar dos dois modos de participação

---

<sup>39</sup> Enunciado en forma de afirmación una idea que inmediatamente la voy a explicar, diré que la conversión eucarística consiste en que Cristo (exactamente como la unidad y la substancia del pan es aquello en que consiste la realidad pan) toma *para si*, para su propia unidad y substantividad, la de su cuerpo (esa unidad primaria y radical en que consiste, y que se plasma precisamente en todas las notas y propiedades que puede tener su cuerpo glorioso, pero en si misma es una unidad primaria y radical, plasmada en ellas de un modo dominante, exigitivo y además, real y físico), las notas del pan y del vino.

ativa, presente na *Mediator Dei* e outra na Constituição Litúrgica *Sacrossanctum Concilium*, afirma:

É evidente que o verdadeiro motivo da Reforma consiste, portanto, na possibilidade de compreender o mistério eucarístico precisamente per *ritus et preces*, ou seja, na participação consciente, piedosa, ativa na ação litúrgica. A ação, portanto, modo primário da inteligência litúrgica. Com essa consciência, não é o *significado na alma (actus animae)* o “primum”, mas propriamente o significante corporal (*usus rerum exteriorum*) e ser posto em primeiro plano. A Reforma do rito eucarístico é, portanto, motivada essencialmente pela necessidade de *recuperar plenamente e para todos* esse nível ritual orante da *inteligência eucarística*. Em outras palavras, não se trata de uma Reforma a serviço da compreensão intelectual usual, mas sim mudança de perspectiva e de recuperação experiência em vista de uma forma nova e original de compreender a verdade Eucarística, em equilíbrio entre a sensibilidade e intelecto. É *rituum forma* (SC, n. 49), a forma ritual, assegurar a plena eficácia pastoral do sacrifício eucarístico. (GRILLO, 2022, p. 45).

O problema constatado aqui sobre esse “déficit” intelectual se trata de recuperar o devido equilíbrio intelectual entre o *Intellectus Ritus* e o *Intellectus Fidei* por meio da ação ritual não só da dimensão do mistério celebrado, mas também do lugar devido de quem toma parte nesse mistério. Temos aqui a recuperação do justo equilíbrio desejado desde a carta Encíclica *Mediator Dei*, passando pelo Movimento Litúrgico chegando até a Constituição Litúrgica *Sacrossanctum Concilium*. Acerca da RS no que diz respeito a ambiguidade criada entre a participação dos leigos e dos ministros sagrados na eucaristia, Grillo afirma:

Por isso, *Redemptionis Sacramentum*, no n. 41, repropõe o paralelismo entre as diferentes formas de participação como modelo de participação dos leigos (tomando emprestado explicitamente da *Mediator Dei*), enquanto o número (RS, n. 42) reinterpreta a tradição conciliar da “da assembleia celebrante” tendencialmente como um “abuso” considerando não no plano de maior riqueza eclesiológica, espiritual e existencial, mas somente no plano do questionamento da distinção entre clero e laicato: daí o convite à “cautela” no uso da expressão. (GRILLO, 2022, p. 49).

Achamos oportuno concluir este capítulo com uma forte menção de Grillo ainda sobre a questão da “distorção” e da incompreensão da participação ativa, fazendo uma recuperação dos grandes teóricos do Movimento Litúrgico da frase de Guardini no início do seu ensaio:

A isso mira a terceira fase “realista” do Movimento Litúrgico, a que Guardini se referiu em 1953 (e citada na epígrafe deste ensaio), que hoje exorta a Igreja a assumir a “participação ativa” como uma questão de iniciação dos cristãos à sua condição, sempre também de sujeitos (de direitos) e de objetos (de deveres). Mas sobretudo de *testemunhas-símbolos* (de dons), isto é, de uma identidade eclesial marcada – em corpo, coração e mente – pelo gracioso e misericordioso senhorio de Jesus crucificado e ressuscitado sobre a misteriosa e sempre atormentada história do homem e do mundo. (GRILLO, 2022, p. 49).

## Conclusão

Este capítulo está intimamente ligado ao precedente, onde analisamos a realidade no pensamento em Xavier Zubiri. Sendo a realidade uma formalidade aberta que apreendemos modalmente, a liturgia, em seu caráter de realidade, é algo profundamente aberto e divino-humano, como diz o Prefácio Comum 1: “Quisestes que Ele fosse o fundamento de todas as coisas e a todos destes participar da sua plenitude”.

Fomos então aplicando à liturgia, as características da realidade zubiriana e mostrando que liturgia tem uma dinâmica estrutural que dispensa qualquer tipo de adendo e adorno que se possa pensar.

No terceiro capítulo, concluiremos oferecendo pistas de como tratar a liturgia enquanto oração da Igreja, e que mantém dinamicamente vivo o Povo de Deus em sua marcha para a realidade eterna.

### III Capítulo

#### Repropor a Prática e o Estudo da Liturgia Hoje

##### Introdução

O nosso estudo até aqui, sobretudo no segundo capítulo, mostrou ao modo de um refrão, como a liturgia é dinâmica. Para isso fizemos dois passos. O Primeiro foi tratar a liturgia como “realidade”. Isso não é nenhuma novidade, pois os melhores liturgistas o dizem com tranquilidade, e nós o mostramos em citações. O que é novidade e isto constitui a nossa tese é mostrar que, segundo o pensamento de Zubiri, toda realidade é naturalmente dinâmica em si e por si mesma. Logo aqui, está o coração da nossa tese: se toda realidade é naturalmente dinâmica, e liturgia é realidade, então as tentativas de dinamizar a liturgia com adendos e intromissões extrarrituais que foram chamadas de “abusos” pela autoridade eclesial (RS) são fruto de uma concepção equivocada do que seja realidade. Infelizmente, isso acontece devido a um tipo de cultura na qual se navegou sem nenhuma crítica e que Xavier Zubiri chamou de inteligência “concupiente” em que se parte de conceitos e não de coisa real. Conceitos sempre existirão e são necessários porque é dom humano conceituar. Mas quando esses conceitos vão repousando uns sobre os outros sem partir do real, a crise está instalada. Esta crise deixou o Ocidente em petição de misericórdia.

Para chegar a este ponto foi necessário, no primeiro capítulo, aprofundar o realismo zubiriano e nos apropriarmos do coração do pensamento de Zubiri, conhecendo assim como uma grande tese o que ele chama de “inteligência senciente”. É claro que o realismo zubiriano foi despontando com clareza, junto com outras dimensões da filosofia do pensador basco.

Daí, então, o segundo capítulo trabalha a liturgia como realidade dinâmica, abordando várias consequências. Não podíamos senão dedicar algumas páginas deste capítulo apresentando a Instrução *Redemptionis Sacramentum* em seu contexto. Ficou muito claro que os abusos refletem total ignorância do que seja a realidade e a noologia do pensamento de Zubiri, que veio em boa hora nos ajudar no conhecimento tão comprometido com uma inteligência “concupiente” totalmente fracassada, que deixou sobretudo o Ocidente numa crise da qual não encontra saída sem um caminho radicalmente novo. Finalmente, então, a filosofia mostra-se como uma ciência cujo patamar é necessário para que o ser humano elabore um conhecimento sólido.

Desse modo, os dois capítulos anteriores pedem-nos que façamos agora algumas sugestões de como repropor a liturgia, enquanto celebração e estudo, partindo da ideia zubiriana discutida até aqui. Vamos começar abordando a recuperação dos princípios

norteadores e ao mesmo tempo valorizando os sinais e símbolos atuantes em uma liturgia cujo dinamismo está nela mesma e não expedientes abusivos como a *Redemptionis Sacramentum* deliberadamente aponta. Uma liturgia plasmada numa inteligência senciente recupera o método e o objeto proposto e nos projeta num patamar de paz e tranquilidade que devemos buscar sempre.

### 3.1. Princípios norteadores da Sagrada Liturgia

#### 3.1.1. Recuperação ritual

Frente aos abusos que “ofuscam” o sentido teológico do Mistério Pascal é urgente e necessário uma nova retomada da “recuperação” ritual e dos símbolos e dos sinais implicados no dinamismo da estrutura da Sagrada Liturgia. É preciso da mesma forma como aconteceu no contexto do Movimento Litúrgico e que depois foi coroado com a publicação da Carta Encíclica *Mediator Dei*, instaurar novamente uma “reiniciação” ao rito, aos sinais e símbolos que implicam a dinâmica ritual celebrativa da Igreja. Trabalho que obteve grandes frutos durante o Movimento Litúrgico e que atingiu seu auge na reforma do Concílio Vaticano II. Porém, os princípios da reforma litúrgica precisam ser usados adequadamente como afirma Augé:

Concluimos afirmando quanto foi dito no início. A RS é para ver respeitada a natureza e a finalidade própria. A celebração da eucaristia não é eclesial quando não se realiza com total respeito ao mistério, e com a «fidelidade criativa» a todos as linguagens verbais e não verbais próprias da celebração. O relevo que temos dado com grande sinceridade e respeito de algumas afirmações da RS, demonstram que este documento pode ser um instrumento, se usado em modo impróprio, para reafirmar posições superadas do Vaticano II e da reforma litúrgica por esse realizada. (AUGÉ, 2004, p. 900).<sup>40</sup>

À luz do pensamento de Augé, a proposta aqui é não partir de uma reflexão do rito em si como se fez até hoje, mas do rito, dos sinais e dos símbolos enquanto constituição da estrutura dinâmica da liturgia, ou seja, os símbolos e os sinais que fazem parte do rito como a realidade de “algo”. Essa nova “noologia” ou análise dos atos da intelecção senciente zubiriana supera em muito a problemática do simbolismo e do realismo que ainda

<sup>40</sup> Concludiamo affermando quanto detto all'inizio. RS e da leggere rispettandone la natura e la finalità proprie. La celebrazione dell' eucaristia non è ecclesiale quando non è compiuta con totale rispetto al mistero, e con la debita «fedeltà creativa» a tutti i linguaggi verbali e non verbali propri della celebrazione. I rilievi che abbiamo fatto con grande sincerità e rispetto ad alcune affermazioni della RS, dimostrano che questo documento? Può essere uno strumento, se usato in modo improprio, per affermare posizioni superate dal Vaticano II e dalla riforma liturgica da esso promossa.

até nossos dias causa uma separação do mistério que celebramos e da noção da realidade desse mistério imersa na realidade humana. Zubiri afirma: “Mas toda e qualquer intelecção não é só sensível, mas senciente. A intelecção está no sentir como momento determinante da formalidade apreendida nele”. (ZUBIRI, 2011a, p. 71). O retorno ao fundamento da liturgia implica uma via intelectual senciente na realidade da dinâmica ritual da Igreja. A experiência de fé da realidade do mistério não é somente um mero sentir impressivo, mas um sentir intelectual como uma unidade fundamental de todos os sinais e símbolos implicados na ação celebrativa da Igreja. O “retorno” ao Mistério Pascal é um movimento que implica um sentir senciente. Somente por meio dessa via os fiéis pela intelecção e pela fé se tornarão cada vez mais capazes dos sinais e dos símbolos e capazes do mistério. Porreca ao tratar da participação ativa na instrução afirma: “A ação é o modo primário da inteligência litúrgica: não é o significado da alma (*actus animae*) o *primum*, mas é, mais o significante ato corpóreo (*usus rerum exteriorum*) e ser colocado no primeiro plano”. (PORRECA, 2017, p. 334).<sup>41</sup>

Odo Casel, ao tratar acerca da reatualização do mistério de Cristo através do rito, afirma:

Celebramos como Corpo de Cristo os mistérios; fazemos como corpo, tudo o que a cabeça faz. Isto torna-se possível por meio do rito. Neste temos uma reprodução em que está contida a própria acção de Cristo, em cuja efectivação histórica não cooperamos. Assim aconteceu também na última ceia. De certo modo, Cristo disse: «Neste preciso momento, antecipo, em figura, a acção do sacrifício na cruz, que será única, e vós deveis, depois, imitá-la e repeti-la também em figura». Agora a Igreja inteira repete o que o Senhor fez na última ceia. Todavia, alguns homens foram escolhidos e consagrados para realizar o rito em nome da Igreja. (CASEL, 2019, p.243).

A perda do “*intellectus ritus*” conduziu a comunidade eclesial a perder a profunda verdade da celebração. Não é possível manifestar a fé sem a dimensão ritual. A convicção que a ritualidade constitui uma exigência intrínseca da fé, seja do ponto de vista teológico que antropológico, pediu o trabalho de um re-pensamento global sobre a relação entre fé e rito. Nesse sentido Odo Casel afirma:

Mistérios na linguagem de Paulo, são realidades inacessíveis ao entendimento humano. Não são, como afirma K. Prüm na sua obra *Der christliche Glaube und die altheidnische Welt* (recenseado em *Jahrbuch für Liturgiewissenschaft* 14, pp. 197-224) mistérios sé enquanto não são conhecidos. Pelo contrário, trata-se de verdades que residem num reino onde o homem com sua inteligência não pode penetrar. Podem conhecer-se

---

<sup>41</sup> L’ actio liturgica è il modo primario dell’intelligenza liturgica: « non è il significato dell’anima (*actus animae*), il *primum*, ma piuttosto il significante l’atto corporeo (*usus rerum exteriorum*) a esser messo in primo piano.

somente por meio de uma revelação divina, ou seja, se Deus conceder ao homem tal iluminação intelectual. Só Deus, pois confere ao homem a possibilidade de aprender o mistério. Esta apreensão não acontece mediante o intelecto, mas por meio da fé. A fé cristã exige não apenas um conhecimento de verdades e um cumprimento de mandamentos, portanto, algo que depende exclusivamente da vontade do homem, mas é uma elevação de todo ser humano ao divino. Deus deve, primeiramente, elevar o homem à sua espiritual e sobrenatural esfera de ser, para que ele se torne capaz de acolher o mistério. (CASEL, 2019. p. 234-235).

Diferente de como se pensava anteriormente a experiência do “Mistério” como conhecimento a partir de “ideias perfeitas” de realidades figurativas e simbólicas, ele parte da realidade como um todo, não só inteligência no sentido puramente intelectual, mas um sentir intelectual. O corpo todo enquanto estrutura real e dinâmica está em dinamismo com a estrutura dinâmica da realidade na qual está imerso. Zubiri afirma:

O homem, com efeito, pode mover-se intelectivamente com preferência na riqueza insondável da coisa. Ele vê suas notas, sua riqueza em erupção. Está inseguro de tudo e de todas as coisas. Não sabe se chegará a algum lugar nem o inquieta demasiadamente e exiguidade da realidade e da insegurança que pode sacudir a marcha. O que lhe interessa é agitar, sacudir, por assim dizer, a realidade, a fim de tornar manifestas e desterrar suas riquezas; no máximo concebê-las e classificá-las com precisão. (ZUBIRI, 2011a, p. 177).

A questão litúrgica dentro da instrução acerca da recuperação simbólica passada deve ser muito mais entendida como fidelidade ao mistério atualizado do que mera observância de ritos externos e que, por sua vez, forçou a descoberta do rito como dispositivo relacional. Este é o lugar do encontro com o Senhor. O rito enquanto realidade da “epifania” do Mistério de Cristo através do qual Ele mesmo se faz presente e exerce seu múnus santificante é a “chave” para que os homens e as mulheres possam adentrar esse mistério profundo. Zubiri, ainda em suas lições de 1967, afirma:

- a) Esta forma, dizia, pende das condições da sua humanidade em que o Verbo se tem atualizado. Não é uma humanidade abstrata, dizia, senão com uma (σχημα) perfeitamente determinada. As diversas circunstâncias e situações da vida em (σχημα) de Cristo são as que, como em qualquer homem, se impõe inexoravelmente essa forma de autopostrar-se distinta, em um “me”, em um “mi” o em “eu”. Naturalmente, não se excluem, evidentemente, porém, em fim são sensivelmente distintas. Cristo se possui como Verbo por ato segundo “de seu” ser substantivo. (ZUBIRI, 2019, p. 207).<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> b) En esta forma, decía pendiente de las condiciones de su humanidad en que el Verbo se hay actualizado. No es una humanidad abstracta, decía sino con una (σχημα) perfectamente determinado. Las diversas circunstancias y situaciones de la vida en (σχημα) de Cristo son las que, como el caso de cualquier hombre, le imponen inexorablemente esa forma de autoserse distinta, en un «me», en un «mi», o en un «yo». Naturalmente, no se excluyen, evidentemente, pero, en fin, son sensiblemente distintas, Cristo se posee como Verbo por el acto segundo de su ser sustantivo.

### 3.1.2. Abandonar radicalmente a inteligência concipiente

Não é possível continuar bebendo na fonte de uma inteligência fracassada, se quisermos seguir avante num processo de conhecimento consistente. Parafraseando o pensamento bíblico “Amor e verdade se encontram, justiça e paz se abraçam” (Sl 85,11). Temos diante de nós um encontro a ser realizado. Para que esse encontro seja possível, é preciso que o estejamos inteiramente envolvidos no processo senciente, na medida em que o mistério vai se impondo e se desvelando em cada uma de suas notas. A realidade do rito com seus símbolos é o momento primordial para iniciar o processo intelectual rumo ao fundamento. Zubiri afirma:

A inteleccção senciente, como acabo de dizer, consiste em apreender as coisas em impressão de realidade. Pois bem, está impressão de realidade nos é dada por diferentes sentidos. Cada um desses sentidos é diferente, e todos constituem uma só e mesma inteleccção senciente da realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 67).

Bernardes acerca do sentir intelectual afirma:

O sentir intelectual que se movimenta dentro da formalidade de realidade é inteligência; no ser humano, o sentir não corresponde a pura estimulabilidade, como nos demais animais. A filosofia, afirmará tanto o filósofo espanhol como o próprio Heidegger, sempre entendeu o sentir como puro sentir; jamais o entendeu como sentir intelectual. No sentir humano há inteligência. (BERNARDES, 2022, p.51).

Esta afirmação não exclui as várias perspectivas de acesso ao Mistério de Cristo. A questão litúrgica na instrução RS interpela a consciência eclesial, chamando-a a uma renovada consciência ritual. É necessário ser capaz do rito.

Como a liturgia se caracteriza por ser ação ritual que celebra o evento da salvação, assim a teologia litúrgica se qualifica por ser aquela particular teologia que assume a dimensão ritual da ação litúrgica como mediação essencial do próprio objeto. A liturgia é assim objeto da teologia litúrgica. Portanto, se o rito é uma dimensão do que liturgia significa, a “compreensão do rito” é um componente inseparável da teologia litúrgica (GRILLO, 2011, p. 73).<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Come la *liturgia* si caratterizza per essere *azione rituali che celebra* l’evento della salvezza, così la teologia litúrgica si qualifica per essere quella particolare teologia che assume la dimensione rituale dell’azione litúrgica come mediazione essenziale del proprio oggetto. La *liturgia* è così *oggetto* della *teologia litúrgica*. Pertanto, se il *rito* è una dimensione inaggrabile di ciò che la liturgia significa, la «compreensione del rito» è una componente insuperabile della teologia litúrgica.

Na sua estrutura teológica de celebração do Mistério Pascal, a liturgia é antes de tudo uma obra do amor misericordioso de Deus por todas as pessoas (*opus Dei*), segundo a tradição latina; *opus Trinitatis* na sua dimensão de resposta humana a uma convocação (dom) divina, uma ação eclesial, *actio Ecclesiae*. Cescon ao tratar desta questão afirma:

Portanto, as três pessoas divinas são “suidades” (suidad) – «por mérito de sua nota intelectual, estão abertas à sua própria realidade» – e, em virtude dessa processionalidade, cada pessoa está fundada nas outras e constituída por uma intrínseca respectividade às demais. A respectividade é uma «circulação do ponto de vista da natureza», uma «compenetração» em essência. (CESCON, 2007, p. 120).

A suidade ou o “dar de si” segundo a filosofia zubiriana é uma ação e um dinamismo característico da Sagrada Liturgia. Como *opus Trinitatis* e *actio Ecclesiae*, a liturgia se rege pelo mesmo princípio dinâmico. A categoria de celebração é a impositação mais adequada para designar e compreender o eixo litúrgico a partir do Concílio Vaticano II. Nesse sentido Ratzinger afirma:

A palavra central é, sem dúvida, “participação”. Contudo, gostaria de começar com a “inteligibilidade” pedida pela liturgia, por se trata, talvez da palavra que esconde o maior risco de equívoco. O Concílio fala cinco vezes da desejável inteligibilidade (*intellegere*) da liturgia; o texto central relativo à nossa questão não traz, porém, essa palavra. Já fizemos um breve aceno: “Os ritos brilhem por nobre simplicidade; sejam claros na sua brevidade sem inúteis repetições; sejam adaptados à capacidade de compreensão dos fiéis e não tenham necessidade, geralmente de muitas explicações” (SC n. 34). Essa afirmação tem uma longa história e deve ser entendida com relação a uma liturgia reservada ao clero inacessível ao povo, e isso não somente por causa da língua latina. As complicações surgidas no processo e crescimento e desenvolvimento, tinham criado paulatinamente a estranheza que se manifestava no paralelismo entre “devoções” dos fiéis e a liturgia celebrada pelo sacerdote. Como resultado, os fiéis se sentiam ligados somente de modo muito indireto e insuficiente à liturgia sobre o altar. Era urgente o desejo de unir novamente os fiéis em uma única liturgia comum para favorecer a comum adoração em um “culto razoável”, como se poderia traduzir a expressão “*rationale obsequium*” do Canôn Romano”. (RATZINGER, 2019, p. 694-695).

No rito celebrado e participado se realiza uma profunda e complexa inteligência do mistério. Podemos dizer, então, que a ação celebrativa da Igreja é um dar de si “*ad intra*” enquanto relação com as pessoas da Trindade Santa e “*ad extra*” enquanto abertura desse grande mistério que celebramos para o mundo. Por isso, o axioma do Concílio Vaticano II acerca da participação ativa (SC, 48) vai muito mais além de um mero executar “tarefas”, mas, sim, de uma participação nesse dinamismo de suidade e respectividade que, por sua vez,

se lança (*hacia*) para além da própria realidade da ação litúrgica trazendo presente todo criado, inclusive o homem criado imerso na sua realidade com todas as suas angústias e alegrias. A munição introdutória da liturgia eucarística. Na edição latina se diz: “*Orate fratres, ut meum ac vestrum sacrificium acceptabile fiat apud Deum Patrem omnipotentem*”<sup>44</sup>. A tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil, realizada pela conferência episcopal brasileira, diz em um sentido mais amplo: Orai, irmãos e irmãs, para que levando ao altar alegrias e fadigas de cada dia, nos disponhamos a oferecer um sacrifício aceito por Deus Pai todo-poderoso”. (MR, p. 404).

É particularmente importante o que Porreca afirma a esse respeito:

Ocorre redescobrir a forma ritual da participação ativa; é necessário reconsiderar o ministro como «constitutivamente plural e articulado, estruturalmente comunitário», como «coralidade eclesial» que encontra na presidência um primado a favor – e nunca contra – articulação ministerial de toda Igreja. (PORRECA, 2017, p. 335-336).<sup>45</sup>

É por isso que a Igreja se esforça empenhadamente para que os fiéis cristãos não assistam a este mistério da fé como espectadores estranhos ou mudos, mas que, compreendendo-o bem nos seus ritos e preces, participem consciente, ativa e piedosamente na ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus, alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor, deem graças a Deus; oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também em união com ele, aprendam a oferecer-se a si mesmos e, por Cristo mediador, dia-a-dia sejam consumados na unidade com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos. De singular importância é o que López afirma acerca da assembleia como sinal sagrado:

A significatividade da assembleia, como sacramentalidade da Igreja, é dada tanto pela graça do acontecimento de salvação que ela atualiza quanto pelas palavras e gestos da celebração. Estes devem ser os de Cristo e a Igreja escolheram e determinaram para levar a cabo a santificação dos homens e o culto a Deus. Com efeito, só quando “se faz o que a Igreja faz” é que assembleia aparece em sua identidade de sinal, entre os homens, da Igreja, “sinal e instrumento” de Cristo com o poder do Espírito Santo. (LÓPEZ, 2022, p. 179-180).

Desse modo, a vivência e a transmissão do sentido misterioso-sacramental e até mesmo sua eficácia (nossa transformação pascal em Cristo) dependem da maneira como os ritos são realizados, dependem da ritualidade. O que está em jogo, portanto, é a veracidade

<sup>44</sup> Orai irmãos, para que este sacrifício, que também é vosso, seja aceito e agradável a Deus Pai Onipotente.

<sup>45</sup> Ocorre riscoprrire la forma rituale della partecipazione attiva; è necessario riconsiderare il ministro come «constitutivamente plurale e articolado, strutturalmente comunitario», come «coralità eclesiale» che trova nella “presidenza” um primato a favore e mai contro l’articulazione ministeriale di tutta la Chiesa.

na realização e vivência dos ritos, a maneira de fazer com que o mistério transpareça na linguagem verbal, gestual, musical, arquitetônica e até na “linguagem” do silêncio.

Acessamos nossa própria identidade através das formas rituais. O Homem-Deus Jesus Cristo se revelou também através dos seus gestos rituais e ritos que fazia. Celebrando, temos acesso a nossa verdade. Paranhos acerca da estrutura ritual da Igreja afirma algo que pode se iluminador do ponto e vista do real objetivo, não somente a Instrução RS ao apresentar os remédios para a sanção de todo *graviola delicta* perpetrada contra a Sagrada Liturgia que “obscurece” e “ofusca” o mistério celebrado:

O objetivo do Concílio era reconstruir o vínculo inseparável entre fé e vida. “A fé sem a vida que permanece a ela se torna uma ideologia, isto é, um modo conceitual ou uma ideia dominante que determina o modo de agir do homem”. A liturgia, expressão rezada da fé, é vida e deveria recuperar esta intrínseca relação com a contidianeidade, para ser novamente expressão da vida. De fato, “a liturgia sem a vida que ela pertence se torna um ritualismo, um cerimonial acessório ou uma atividade arqueológica”. (PARANHOS, 2022, p. 155).

O rito é uma ação simbólica constituída por um gesto e por uma palavra interpretativa, com uma estrutura institucionalizada de caráter tradicional, que favorece a “repetição” e a participação comunitária, em uma sequência e em um concatenamento de símbolos. Isto é o que favorece a compreensão e a comunicação. Por isso, dizemos que a ação ritual é “performativa” “per-faz”, realiza, faz acontecer algo nas pessoas que dela participam. O rito, então, é uma, ação simbólica, repetida regularmente, em forma prefixada e de modo estável. Este pode tornar-se um cômodo refúgio e uma fuga da responsabilidade (se pensarmos em certas regras burocráticas), criando incertezas e difíceis comunicações. Na relação dialógica este constitui uma necessidade e tem uma eficácia própria: é um agir que se aperfeiçoa e se potencializa com o exercício. O rito apresenta a expressão privilegiada do símbolo, da forma mais simples aquela mais complexa. Assim podemos dizer que os símbolos se organizam nos ritos, ou seja, em sequências articuladas e concatenadas.

O rito em si é o mistério e em cada uma de suas notas está impregnado desse mistério, desde a saudação inicia do ministro sagrado que preside o sacrifício da missa como de toda outra celebração da Igreja, inclusive os gestos e as palavras centrais do sacrifício da missa. Como já nos afirmou acima Martín são palavra e gestos de Cristo e da Igreja enquanto sinal sacramental que atualiza o Mistério Pascal de Cristo. (LÓPEZ, 2022, p. 179-180). Talvez um dos grandes problemas da reflexão teológica da Igreja ao longo dos séculos na tentativa de individuar o objeto da fé que se celebra dentro da ação ritual da Igreja seja a separação entre a realidade divina e realidade humana. Trata-se da categoria do

idealismo e do realismo que também Zizioulas se utiliza. A liturgia da Igreja não celebra em toda a sua ritualidade “arquétipos” da realidade verdadeira que é Deus, mas celebramos o próprio Deus em cada uma das notas da estrutura da liturgia. Do ponto de vista do pensamento zubiriano temos um salto grandioso. Não se trata de símbolos sensíveis que são ícones das realidades inteligíveis (ZIZIOULAS, 1996, p. 20). O rito e os sinais não só trazem e atualizam o mistério de Deus em meio aos homens, mas são o próprio Deus em ação como rege a Constituição Litúrgica do Vaticano II:

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro - «O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz» - quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt. 18,20). (SC, n.7).

O grande salto do pensamento de Zubiri foi justamente no caminho inverso em não propor uma dicotomia entre a verdadeira realidade das coisas e o que afirmamos como realidade.

### **3.1.3. Mergulhar no rito enquanto atualidade do Mistério pascal**

Depois do estudo do pensamento de Zubiri, não há como manter a dicotomia entre liturgia e vida. É fruto da dicotomia entre sentir e entender, que capturou a realidade, colocando-a prisioneira de um arcabouço insustentável, pois não é assim que as coisas acontecem. Para Zubiri, é preciso enfrentar a pergunta: o que o rito em toda a sua estrutura dinâmica e complexidade de sinais e símbolos é em realidade? Zubiri afirma:

Realidade e verdade não são idênticas. Intelecção e, portanto, verdade são aspectos de atualização. E atualidade, repito, não acrescenta nenhuma nota física ao real. Mas lhe acrescenta atualidade de verdade. E, como nem toda realidade está atualizada nem tem porque estar, sucede que nem toda realidade tem verdade. (ZUBIRI, 2011a, p. 166).

O rito supõe um percentual de estabilidade, ou “estereotipia” de base, e outro de criatividade. A repetitividade facilita e simplifica as relações e a comunicação. Mais do que dá segurança e estabilidade psicológica, o rito reforça e dá intensidade aos atos. Sem esta estrutura não podemos nos situarmos no grupo humano. O rito é uma exigência objetiva da vida social, porque o homem é um “animal ritual”: quanto mais forte é a interação social,

mais forte a sua necessidade. O homem nasce com uma inata necessidade de ritualidade, com uma fome de ritualização. O homem como animal de realidades também é criador de ritos que ele mesmo apreende e entende. (ZUBIRI, 2011a, p. 208). Os hábitos induzem a uma ritualidade. Também o homem singular, isolado e sozinho assume comportamentos rituais: atitudes alérgicas aos ritos não tem sentido e é contraproducente.

### 3.2. Recuperação do sentido teológico da participação ativa a partir da ação ritual

As normas litúrgicas não são simplesmente projetos legais, mas pedagogia de amor para ajudar os fiéis a caminharem seguros e obter os frutos desejados.

Justamente, a estrutura e a forma das celebrações sagradas de acordo com cada um dos Ritos, seja da tradição do Oriente, seja do Ocidente, concordam com a Igreja Universal e com os costumes universalmente aceitos pela constante tradição apostólica, que a Igreja entrega, com solicitude e fidelidade, às gerações futuras. Tudo isto é sabiamente guardado e protegido pelas normas litúrgicas. (RS, n. 9).<sup>46</sup>

A questão da participação ativa dos fiéis na Sagrada Liturgia sempre foi objeto de atenção por meio de grandes liturgistas e que hoje está ocupando um lugar de destaque nos debates teológicos, sejam realizados em conferências, congressos e, principalmente, por meios de revistas e livros. Sobre essa questão fundamental afirma Ward:

O segundo capítulo visa estabelecer a natureza da participação “ativa” (actuosa) dos fiéis, em duas partes: a primeira geral e a segunda examinando os papéis práticos que devem ser considerados normais, por oposição a extraordinários, para cada leigo em cada celebração. (WARD, 2004, p. 216).<sup>47</sup>

É um tema que cada vez mais se torna emergente frente ao “obscurantismo” e ao “ofuscamento” do mistério que é celebrado em cada ação celebrativa da Igreja, motivado por dois fatores, a perda da competência de celebrar e entender intelectivamente e sensivelmente o dinamismo da liturgia e os constantes abusos que emergem no âmbito das celebrações, principalmente, do sacrifício eucarístico. Assim como acusa a carta Apostólica *Desidero Desideravi*, (DD, n. 44). Indivíduo moderno perdeu a capacidade da leitura simbólica e dos sinais, bem como de ver a Igreja enquanto conjuntura estrutural no mundo como sacramento de salvação. (LG, n. 1). Mas é necessário precisar um aspecto fundamental: o indivíduo moderno

<sup>46</sup>Sacrarum demum celebrationum structurae et formae, pro uniuscuiusque Ritus sive Orientis sive Occidentis traditione, cum Ecclesia universali concordant, etiam quoad usus universaliter acceptos ab apostolica et continua traditione, quos Ecclesiae est futuris generationibus fideliter ac sollicitè tradere. Haec omnia a normis liturgicis sapienter custodiuntur et proteguntur.

<sup>47</sup> The second chapter aims at establishing the nature of “active” (actuosa) participation of the faithful, in two parts: the first general and the second examining the practical roles that are to be considered normal, as opposed to extraordinary, for some of the laity at each celebration.

tornou-se “incompetente” de todos os símbolos ou sinais, ou apenas, daqueles que tocam a sua salvação? Bauman afirma:

Os tempos modernos encontram os sólidos pré-modernos em estado de avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derrete-los era o desejo de, por sua vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez *duradoura*, solidez em que pudesse confiar que tornaria o mundo previsivelmente e, portanto, administrável. (BAUMAN, 2001, p. 10).

Assim como ao longo de todos os movimentos reformadores na vida da Igreja é preciso se perguntar duas coisas fundamentais, principalmente, no mundo tecnológico: quais são os novos sinais e símbolos que o indivíduo moderno está lendo e compreendendo? Quando o indivíduo moderno se situa no âmbito da celebração eucarística e dos outros sacramentos ele consegue apreender o rito, os sinais e os símbolos e inteli-los? Já não conseguem ver mais a graça invisível no rito, nos símbolos e nos sinais visíveis. Bozzolo afirma:

Colombo coloca em evidência que a consequência da dicotomia moderna, que, por outro lado, persiste além de outros limites cronológicos da época, são graves seja para o rito seja para o mistério. Para o rito, porque isolado como uma realidade a si distante, se encontra exposto sobre o plano teórico a todos os tratamentos e eventualmente as manipulações, enquanto no plano teórico não é em grau de se manifestar a intencionalidade que o motiva. Para o mistério que é separado do rito, não só fica sem rosto e sem voz, mas obrigado a emprestar ao rosto e a voz que o rito lhe oferece, qualquer seja essa. Para superar a dicotomia moderna, portanto, é necessário entender o rito como uma conotação que convém propriamente não a um aspecto particular da Eucaristia, mas da Eucaristia na sua integralidade. (BOZZOLO, 2013, p. 32).<sup>48</sup>

Dessa forma progressivamente vai se tornando incapaz de celebrar de maneira frutuosos os sinais da salvação. Por isso, é urgente frente a esse desafio recuperar e colocar em prática os princípios fundamentais do Vaticano II no que diz a reforma litúrgica no que toca a participação ativa na Sagrada Liturgia que também ainda não foi bem acolhida e compreendida no seu aspecto fundamental. É preciso recuperar tal desejo:

É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na acção sagrada, consciente, activa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o

---

<sup>48</sup> Colombo mette in evidenza che le cosanguenze della dicotomia moderna, che peraltro perssiste ben oltre i limiti cronologici dell’epoca, sono gravi sia per il rito sia per il mistero. Per il rito, perché isolato come una realtà a sé stante, si trova esposto sul piano pratico a tutti i trattamenti ed eventualmente le manipolazioni, mentre sul piano teórico non é in grado di manifestare l’intenzionalità che lo motiva. Per il mistero, perché separato dal rito, non solo resta senza volto e senza voce, ma é constreto ad assumere il volto ela você che i rito gli presta, qualunque sia. Per superar ela dicotomia moderna, dunque, è necessario intedenre il rito come una connotazione che conviene propriamente non ad un aspetto particolare dell’Eucaristia, ma alla’Eucaristia nella sua integralità.

sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador, progredam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos. (SC, 48).

Os fiéis são convidados a entrarem na liturgia não como mero expectadores, mas como sujeito de fato pela graça batismal que confere a estes a graça de participar intimamente do múnus sacerdotal de Jesus. Nesse sentido a carta apostólica afirma:

Antes de tudo a compreensão do dinamismo que descreve a Liturgia. O momento da ação celebrativa é o lugar no qual por meio do memorial, se faz presente o Mistério Pascal para que os batizados, em virtude de sua participação, possam experimentá-los em suas vidas: sem essa compreensão facilmente se cai no “exteriorismo” (mais ou menos refinado) e no rubricismo (mais ou menos rígido). (DD, n. 49).

Nessa mesma linha a instrução *Redemptionis Sacramentum* dedica vários parágrafos sobre o lugar e a função dos fiéis leigos em cada celebração da Igreja. Talvez um dos grandes problemas no que se refere a participação ativa na Sagrada Liturgia seja uma subdivisão de grupos: o grupo dos “competentes” e dos “incompetentes”, dos capazes do rito e dos símbolos e dos incapazes, e dos incapazes dos do rito e dos símbolos. Como remédio para toda essa problemática Ward ainda vai dizer:

Além disso, *Redemptionis Sacramentum* chama à catequese para remediar as noções e práticas superficiais dos últimos anos, que sugerem que a participação ativa significa que o indivíduo tem materialmente que estar fazendo alguma coisa. O que se pede é um re-caminhar diante da grandeza do mistério da Eucaristia, que inclui um sentimento de novidade eterna. (WARD, 2004, p. 216).<sup>49</sup>

Parece-me que o “jogo” vira quando nos damos conta que a maioria dos abusos cometidos dentro das celebrações da Igreja são provocados pelos ministros sagrados (diáconos, padres e bispos) e quase poucos por leigos na tentativa de dinamizar mais e de tornar a celebração mais atrativa para os fiéis. Por isso, é preciso naquilo que toca aos abusos perpetrados contra a Sagrada Liturgia e seu mistério acionar com humildade o dispositivo *Mea Culpa*. A partir dessa constatação podemos realmente afirmar que os ministros sagrados são realmente competentes da inteligibilidade dos mistérios de Deus manifestados, celebrados e distribuídos através da ação ritual da Igreja.? Assim como propõe a instrução a todos os fiéis, mas também precisam de um boa e sólida formação litúrgica no tempo da formação e preparação rumo às ordens sacras que se dá no âmbito dos seminários e para aqueles que

---

<sup>49</sup>Moreover, *Redemptionis Sacramentum* calls for catechesis to remedy the superficial notions and practices of the recent years which suggest that active participation means that single individual have materially to be doing something. What is called for rather is a reawakening of in the face of the greatness of the mystery of the Eucharist, which includes a sense of eternal newness.

perderam o senso e o significado profundo do mistério, do seu rito, dos sinais e do símbolos implicados no mesmo precisam urgentemente passar por uma “reiniciação litúrgica”, assim como todo e qualquer batizado que já tomam parte no banquete da eucaristia e nas demais celebrações da Igreja. Guardini afirma:

Nessa hipótese, tanto o sacrifício como a contribuição ativa de que se falou acima, assumem consequentemente um caráter objetivo. O indivíduo deve renunciar a seguir os seus caminhos espirituais próprios. Terá de aceitar as intenções da liturgia, e trilhar os caminhos que esta lhe propuser, terá de entregar a liturgia o direito de dispor de si; terá de orar com os outros em vez de tomar a iniciativa das sua oração; terá de obedecer em vez de orientar livremente, terá de ocupar o lugar que lhe compete em vez de se mover a sua vontade. (GUARDINI, 2017, p. 36).

Sendo assim, a participação ativa deve se mover em outra direção que é aquela de se deixar mover pelo próprio dinamismo da liturgia, como já afirmava Lópes, a liturgia da Igreja é rica, polivalente e dinâmica por si mesmo sem a necessidade de acrescentar nada a mais para deixá-la atraente. (LÓPEZ, 2022, p. 3). Nessa perspectiva cada “ator” da liturgia deve não só encontrar por meio de uma sólida formação litúrgica seu lugar e sua função e ao mesmo tempo tomar e adquirir a consciência profunda do verdadeiro sujeito da ação sagrada que não somos nós, mas Deus na pessoa do seu Filho Unigênito, agora Home-Deus-Glorioso. Ward afirma: “A responsabilidade última da celebração é do sacerdote (n. 32), e sua primeira preocupação deve ser cultivar o sentido do grandiosidade e admiração que o crente sente diante do mistério pascal celebrado na Eucaristia (n. 33)”. (WARD, 2004, p. 215).<sup>50</sup> O “obscurantismo” e o “ofuscamento” do Mistério Pascal que, por sua vez, corrobora para o surgimento de abusos e elementos estranhos dentro da liturgia tem como uma das causas essa “expostação” em tirar o Mistério Pascal do centro da ação litúrgica e “recolocar” o homem. Surgi aqui um “novo antropocentrismo” com as roupagens novas do indivíduo moderno. Dá a entender que a salvação depende do “fazer”, do “executar”, do observar normas e seguir rigidamente os ritos e as rubricas. Ao contrário, o autor por excelência da nossa salvação é Jesus Cristo, os gestos são deles, o rito como memorial da nova páscoa para a Igreja se funda no “Fazei isto em minha memória”. (Lc 22, 19). A participação dos féis batizados no mistério pascal se funda e toma significado profundo nesse imperativo. Costa afirma:

Isso é teologicamente perfeito. Ao serem encontrados por Cristo e possuídos pela sua realidade, os homens vão deixando para os outros uma proposta

---

<sup>50</sup> “Ultimate responsibility for the celebration rests with the priest (n. 32), and his prime concern must to be cultivate the sense of the wonder and awe that the believer feels in the face of the pascal mystery as celebrated Eucharist (n. 33)”.

veiculante de caminho de vida que os Atos dos Apóstolos expressaram com muita propriedade. Portanto estar em Cristo é uma questão fundamental. Teologicamente, podemos equacionar a questão assim: como posso estar na realidade cristã (realidade apreendida), se não estou em Cristo (coisa real)? (COSTA, 2020, p. 52).

A Igreja, como assembleia reunida, apenas tem como missão por meio de cada celebração atualizar esse memorial a partir desse imperativo. Toda e qualquer ação sagrada da Igreja se funda e encontra seu pleno sentido nesse imperativo, seja no que diz respeito à celebração e atualização do memorial da Páscoa da Nova e Eterna Aliança em Jesus Cristo, bem como a missão evangelizadora da Igreja após a ressurreição do Senhor Jesus:

E os onze discípulos partiram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes tinha designado. E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém. (Mt 28, 16-20).

Isso nos deixa claro que a Igreja, como assembleia, não é detentora do mistério de Deus, esses foram instituídos por Deus e pertencem somente a Ele. Vale a pena aqui trazer à memória sobre essa dimensão fundamental, dois textos nos quais Jesus indica essa supremacia. Diante dos excessos dos “afazeres” temos a seguinte recomendação de Jesus:

Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada. (Lc 10, 40-41).

Em outro texto clássico temos: Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer”. (Lc 15, 5).

Nesse sentido a RS no capítulo II dedica vários números sobre essa questão fundamental do lugar e participação ativa dos fiéis leigos na ação litúrgica da Igreja subdividido em duas partes, naquele que se refere propriamente a participação ativa dos números 36 ao 42 e aquela da tarefa dos fiéis leigos na celebração da Santa Missa dos números 43 ao 47.

Destacamos apenas um número do que se refere a participação ativa. Sem dúvida, por mais que a liturgia tenha esta característica da participação ativa de todos os fiéis, não se deduz necessariamente que todos devam realizar outras coisas, em sentido material,

além dos gestos e posturas corporais, como se cada um tivera que assumir, necessariamente, uma tarefa litúrgica específica. A catequese procure com atenção que se corrijam as ideias e os comportamentos superficiais, que nos últimos anos se têm difundido em algumas partes, nesta matéria; e desperte sempre nos fiéis um renovado sentimento de grande admiração frente à altura do mistério de fé, que é a Eucaristia, em cuja celebração a Igreja passa continuamente «do velho para o novo». (RS, n. 40).<sup>51</sup>

Acerca das tarefas dos fiéis leigos na Santa Missa a RS afirma:

O fiel leigo que é chamado para prestar uma ajuda nas Celebrações litúrgicas e deve estar devidamente preparado e ser recomendado por sua vida cristã, fé, costumes e sua fidelidade para o Magistério da Igreja. Convém que haja recebido a formação litúrgica correspondente a sua idade, condição, gênero de vida e cultura religiosa. Não se eleja a nenhum cuja designação possa suscitar o escândalo dos fiéis. (RS, n. 46).<sup>52</sup>

Uma das grandes preocupações da Igreja (40 e 46) é a perda do “*intellectus ritus*” que favoreceu que a comunidade eclesial perdesse a profunda verdade da celebração. Não é possível manifestar a fé sem um acordo ritual. A convicção que a ritualidade constitui uma exigência intrínseca da fé, seja do ponto de vista teológico que antropológico, pediu o trabalho de um re-pensamento global sobre a relação entre fé e rito. A questão litúrgica entendida como uma interrogação radical sobre o rito forçou a descoberta de um dispositivo relacional. Este é o lugar do encontro com o Senhor. Como vimos nos números acima, a participação ativa como redescoberta do seu verdadeiro senso teológico é recuperar verdadeiramente o sentido profundo do que a Igreja entende por participação ativa por meio da ação ritual. Beckhäuser afirma:

Depois, essa participação deverá ser ativa. A assembleia e cada membro da assembleia participa ativamente, não só falando e cantando. Participação ativa não é participação oral ou através da palavra, mas através de todas as faculdades e sentidos. A participação pode ser também através da escuta, ouvindo, a palavra de Deus ou acompanhando em silêncio, as orações. Entra-se em comunhão com o mistério celebrando através da vista, contemplando os gestos, os movimentos, os objetos e o próprio espaço de celebração. Reza-se também pelo olfato e pelo paladar. Acolhe-se o mistério no silêncio profundo da mente e do coração. (BECKHÄUSER, 2018, p. 59-60)

<sup>51</sup>Attamen, quamvis liturgiae celebratio procul dubio hanc notam actuositatis omnium christifidelium habeat, non inde sequitur, ut omnibus,ratione quadam necessaria, in sensu materiali praeter gestus et corporis habitus aliquid faciendum sit, ac si singulis necessario officium quoddam liturgicum specificum absolvendum esset. Institutio catechetica sedulo potius curet, ut notiones et praxis superficiales recentioribus annis hac in re alicubi diffusae corrigantur atque in omnibus christifidelibus semper quasi ex novo hic sensus excitetur magnae admirationis coram altitudine mysterii fidei, quod est Eucharistia, in cuius celebratione Ecclesia «in novitatem a vetustate» iugiter transit.

<sup>52</sup>Christifidelis laicus qui ad id vocatur, ut in celebrationibus liturgicis auxilium praestet, rite sit instructus et vita christiana, fide, moribus fidelitateque erga Ecclesiae Magisterium commendetur oportet. Decet eum iuxta eius aetatem, condicionem, vitae genus et religiosam culturam, institutionem liturgicam accepisse.

Primeiro que é muito mais que “executar” tarefas externas, mas sim, pela graça do ministério batismal dar continuidade ao exercício ritual por meio do qual Deus atualiza o mistério da sua presença no meio do seu povo e dos efeitos da sua salvação para esse povo; segundo que é necessário o mínimo de *intellectus ritus* o que implica uma compreensão global e não parcial dessa dimensão intelectual ritual. Particularmente rico é o que Marini afirma sobre esse ponto, que:

Não é possível, portanto, ter uma liturgia se não houver participação ativa nos textos e nos ritos que se realizam. Além disso, é bom recordar que a *actuosa participatio*, segundo a *Sacrosanctum Concilium*, inclui vários âmbitos de participação. A participação deve ser: consciente (aspecto intelectual); ativa (aspecto corporal: todo corpo deve estar envolvido segundo as modalidades do rito); piedosa (aspecto das emoções compartilhadas). (MARINI, 2018, p. 23).

Esta afirmação não exclui as várias perspectivas de acesso ao Mistério de Cristo. A questão litúrgica interpela a consciência eclesial, chamando-a a uma renovada consciência ritual. É necessário entender aquilo que se faz. Nesse sentido Zubiri se destaca em unificar a dimensão do intelectual e a dimensão volitiva, um tema caro ao seu pensamento:

a) Estamos na realidade sentindo o sentido como “de seu”, ou seja, estamos na realidade sencientemente. Por isso dizer que estou na sentindo algo real é já expressar que estou entendendo, que eu estou apreensivamente na realidade. (ZUBIRI, 2011a, p.181).

Ao longo dos séculos, seja no campo filosófico, seja no campo teológico, a dificuldade sempre foi unificar estas duas dimensões. Antes do Concílio Vaticano II temos uma separação nessa modalidade de participação ativa, uma apenas ritual sustentada pela ação dos ministros sagrados tidos como os detentores do *intellectus ritus* e, outra parte, os fiéis detentores da dimensão volitivas, ou seja, apenas do estado de ânimo frente ao mistério que se desvela e se manifesta *per ritus et preces*. Desse modo, os fiéis leigos não seriam detentores do *intellectus ritus*, apenas agentes passivos da liturgia. A reforma conciliar através da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* e a instrução no segundo capítulo que trata da participação ativa e do lugar dos leigos na Santa Missa, devolveu aos fiéis leigos o status do *intellectus ritus*. Nesse sentido, Ward afirma:

O sacerdócio batismal é um privilégio que os fiéis leigos exercem perseverando na oração e louvando a Deus, oferecendo a si mesmos e toda a sua atividade como sacrifício vivo agradável a Deus, testemunhando Cristo e dando conta da esperança na vida na vida (cf. I Pe 3, 15) Nesta perspectiva, a

participação dos leigos na Eucaristia e em outros ritos litúrgicos está longe de ser simplesmente passiva (n. 37). (WARD, 2004, p. 216).<sup>53</sup>

Se no Pré-Vaticano II, os fiéis leigos não eram capazes do rito, agora os mesmos se tornam capazes do rito, tornam-se capazes dos sinais e dos símbolos. A dinâmica *per ritus et preces* da liturgia como realidade da manifestação do Mistério Pascal de Cristo exige o mínimo de disposição intelectual e o mínimo de dimensão volitiva já que essas duas dimensões são intrínsecas ao homem animal de realidades (ZUBIRI, 2011a, 208). Também poderíamos dizer animal de “sentimentos”. Ao tratar da dimensão intelectual e das outras estruturas humanas, Zubiri afirma:

A intelecção determina os afetos ou modificação tónicas. Falo “afetos” para distingui-los das afecções próprias de toda e qualquer impressão. A modificação dos afetos pela impressão de realidade é o que constitui o sentimento. Sentimento é afeto real. Não é algo meramente “subjetivo” como se costuma dizer. Todo e qualquer sentimento apresenta a realidade enquanto tonificante como realidade. O sentimento é em si mesmo um modo de versão para a realidade. Por sua vez, a resposta é determinação na realidade: é a volição. Quando as tendências sencientes nos revelam a realidade como determinável, determinanda e de determinada, então resposta é a *vontade*. Sentimento é afeto senciente do real; volição é tendência determinante no real. Assim como a intelecção é formalmente intelecção senciente, o sentimento é sentimento afetante, e a volição é tendente. (ZUBIRI, 2011a, 206-207).

Dessa forma, Zubiri instaura a dimensão unitiva da dimensão intelectual humana em toda a sua complexidade fundamental. Impressão intelectual senciente que temos no real determina as outras estruturas humanas. Por assim dizer, a dimensão volitiva humana que se tem do real se funda na impressão intelectual senciente, ou seja, a dimensão afetante e dos sentimentos se fundam na impressão intelectual de algo real por ser real de fato. Nesse sentido Augé afirma: “Encoraja-se uma formação catequética que não só corrija noções e usos superficiais, mas revele nos fiéis” um renovado sentimento de grande admiração diante da profundidade daquele mistério de fé que é a Eucaristia” (AUGÉ, 2004, p. 896).<sup>54</sup> Os sentimentos humanos não são frutos da “imaginação” ou de um mero esforço intelectual, mas experiência real de algo que está sencientemente determinando toda a estrutura “fisiológica”. (ZUBIRI, 2011a, p. 12). Sobre esse aspecto Moreno afirma:

Não existe, pois, um sentimento primordial, senão um sentimento básico fundado na impressão primordial da realidade, a qual abre, formalmente, o

<sup>53</sup> The baptismal priesthood is a privilege which the lay faithful exercise by persevering in prayer and praising God, by offering themselves and all their activities as living sacrifice pleasing to God, as well as bearing witness to Christ and giving an account of the hope of the eternal life (cf. I Pet 3, 15) In this perspective, the participation of the laity in the Eucharist and other liturgical rites is a far from simply passive (n. 37).

<sup>54</sup> “Viene incoraggiata una formazione catechetica che non solo provveda a correggere nozioni e usi superficiali ma risveli nei fedeli «un rinnovato senso di grandi ammirazione davanti alla profondità di quel mistero di fede che è l'eucaristia»”.

âmbito de realidade ás outras funções processuais do sentir humano. E, portanto, a realidade cobra nessas funções um intrínseco e preciso caráter: o de ser efetivamente “atemperável” na função medial do sentimento; e enquanto atemperável, a de ser “determinável” pela volição tendente. (MORENO, 1998, p 33)<sup>55</sup>

A assembleia litúrgica é expressão simbólica da convocação operada por Deus em Cristo, do novo povo constituído no sangue da nova aliança. Essa “é a manifestação mais expressiva, uma verdadeira epifania da Igreja, pois a mostra e a revela”. Marchini afirma sobre a consciência dos féis de formarem assembleia em uma determinada comunidade paroquial:

A comunidade eclesial é o local do encontro com Deus. Nela fazemos memória de Jesus e reaviávamos o espírito do Evangelho em nossas vidas. E se o encontro com Jesus é o que sustenta a ação da Igreja des”de suyo” princípio, o encontro entre irmãos é consequência e, ao mesmo tempo, o local privilegiado onde Jesus se manifesta. (MARCHINI, 2017, p. 17).

Só há liturgia cristã quando o povo de Deus está reunido. A convocação é da Palavra de Deus que reúne e polariza em direção a um centro de interesse, encontro e comunhão de Deus mesmo com os homens. Os féis, no âmbito da ação sagrada da liturgia, fazem a experiência do Mistério Pascal enquanto realidade de fato que se dá por meio de *ritus et preces*. A primeira impressão do Mistério Pascal senciente é dado aos féis por meio da dinâmica ritual da Igreja e, conseqüentemente, o fruto da impressão da realidade do Mistério Pascal decorre os três momentos unitários, o da suscitação, ou seja, a impressão da realidade do Mistério Pascal suscita no apreensor um afeto, um sentimento, o que Moreno também chama de momento de intimidade: “Podemos falar da força do sentimento, o poder da intimidade, porque nos movemos no campo da realidade e não de mera fantasia, nem de ficções”. (MORENO, 1998, p 33)<sup>56</sup>; também uma modificação tônica, isto é, o sentir intelectual da realidade do Mistério Pascal, gera no apreensor uma alteração corporal *exógena e endógena*, interna e externa. Seu tônus vital muda. Aqui podemos até pensar na categoria de transformação pessoal, fruto dessa intimidade profunda com a realidade do Mistério Pascal, o que Bonaccorso, ao tratar da experiência simbólico-ritual, chama de performance ritual. “A *performance* pressupõe esta reavaliação, mas sobretudo de integrar a cognição, volição e afeto”. (BONACCORSO, 2001, p. 120); por fim gera uma resposta ou várias respostas, ou

<sup>55</sup> No existe, pues, un sentimiento primordial, sino un sentimiento básico fundado en la impresión primordial de realidad; la cual abre, formalmente, el ámbito de realidad a las otras funciones procesuales del sentir humano. Y, por lo tanto, la realidad cobra en esas funciones un intrínseco y preciso carácter: el de ser efectivamente ‘atemperable’ en la función. medial del sentimiento; y, en cuanto atemperable, la de ser ‘determinable’ por la volición tendiente.”

<sup>56</sup> Podemos hablar de la fuerza del sentimiento, el poder de la intimidad, porque nos movemos en un campo de realidad, no de mera fantasía, ni de ficciones.

seja, a apreensão sensitiva do Mistério Pascal pode desencadear tanto uma resposta concreta como uma determinada ação, não provocada por coação externa de “outrem”, e até de não fazer nada. A apreensão primordial de realidade do Mistério Pascal pode gerar no apreensor tanto uma resposta prática, uma ação como por exemplos os gestos, palavras, posição corporal de estar sentados para as leituras, reunidos em assembleia, de joelhos, estar em procissão e até o silêncio deve ocupar espaço nessa dimensão performativa ritual. Sobre este aspecto Costa afirma:

Diante do risco de nivelamento entre a validade da liturgia e a participação válida do fiel, o Vaticano II, com a reforma da liturgia, apontou outro caminho, que não despreza as rubricas, mas lhe dá justos valor com base na teologia litúrgica. Certamente não é o caminho do rubricismo, mas da ritualidade litúrgica. Uma Igreja em oração sabe que fora do caminho não se celebra o mistério. Porém, não pode fazer do rito o objetivo do culto. Tentaremos mostrar nesse trabalho que nossa meta é a transcendência e nosso caminho é a ritualidade. Sendo assim, as rubricas são meios para atingir um determinado fim. (COSTA<sup>2</sup>, 2010, 37).

É Deus que convoca seu povo, e aqueles que respondem a seu chamado são convocados por ele à sua presença. A assembleia não é, portanto, autoconvocação do povo dos fiéis, porque, na origem de cada liturgia está o chamado de Deus e a resposta do povo. A tal chamado o povo responde, reunindo-se em assembleia: nisso consiste o primeiro ato litúrgico do povo. A assembleia pressupõe uma Igreja local, uma comunidade estável de fiéis num lugar da reunião, de convocação da parte de Deus. Costa, ao tratar do encontro sacramental com Cristo, afirma:

O enfoque principal aqui do modelo personalista remete ao encontro pessoal entre Deus e cada fiel, que por meio da liturgia, faz uma experiência transcendental. Aqui se supõe o modelo simbólico. Já os sinais sensíveis do modelo sacramental e os símbolos do modelo simbólico são caminhos para realização profunda do encontro com Deus-Pai, mediado por Jesus Cristo e animado no Espírito Santo. (COSTA<sup>1</sup>, 2010, p. 57).

Ao mesmo tempo, a Igreja local permanece expressão autêntica, plena da Igreja universal, especialmente na celebração litúrgica e na expressão ministerial do povo de Deus reunido em torno do próprio pastor. Então, a Igreja local é manifestação da Igreja universal; não uma parte incompleta da Igreja universal, mas é a Igreja inteira em virtude da presença de Cristo. Povo de Deus e ministerialidade expressam a estrutura da Igreja, como já mostrava a sagrada Escritura. Acerca desse tema Ward afirma:

Retomando, então, uma nota já anunciada pelo atual Papa, *Redemptionis sacramentum* aponta para o perigo de uma imprópria “clericalização” da

esfera dos leigos e de uma instrução do ministro ordenado na mesma, com a perda de qualquer complementaridade genuína entre os dois. (WARD, 2004, p. 217).<sup>57</sup>

Mas, a Igreja terrena torna-se também manifestação profética da assembleia celeste, antecipada pelo evangelista João no Apocalipse. É imagem da Igreja depois dos últimos tempos, quando todos seremos reunidos em Cristo para celebrar “um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos depurados (cf. Is 25,6ss). Como toda a celebração litúrgica, também a assembleia é a imagem do povo peregrino em direção a uma meta eterna. Acerca dessa direção e essa meta eterna que se pode atingir por meio de *preces et ritus* Casel afirma algo substancial:

O retorno ao mistério está aí, à nossa frente; o que importa é que cada um saiba dirigir-se à fonte da salvação. Só no encontro com o mistério de Deus pode o mundo ser recuperado. Aí opera o Espírito vivificante de Deus; aí flui o sangue de Cristo que cura e santifica o mundo, o liberta do pecado e lhe fornece luz. Também o mundo extra-cristão e fora da Igreja busca, hoje o mistério. Constrói para si um rito em que o homem tributa a si mesmo um culto. Mas desta forma, o mundo não se aproxima da intimidade de Deus. Atenhamos-nos, pois, ao mistério de Cristo, que Deus o encarnado instituiu e nos deixou como dom do Pai. A este mistério a Igreja, num trabalho milenário sob a inspiração do Espírito Santo, deu a forma que permanece fixa na sua essência e deixa, ao mesmo tempo, a liberdade ao espírito. Não temos, pois, a necessidade de procurar; devemos apenas dar-no, devemos tão só, juntamente com a Esposa de Cristo, mais ainda como membros desta Esposa, celebrar os mistérios do Esposo – nós próprios seremos assim transformados em Cristo e, juntamente com o Filho, caminharemos para o Pai. (CASEL, 2019, p. 64).

Basta recordar as palavras pronunciadas pelo sacerdote depois das ofertas, na celebração eucarística: “orai, irmãos e irmãs, para que o sacrifício da Igreja, nesta pausa restauradora na caminhada rumo ao céu, seja aceito por Deus Pai todo poderoso”. Na liturgia, então, a assembleia terrena se reúne com aquela celeste em um único canto de louvor. Significativa, a propósito, é a menção dos santos dentro da Oração Eucarística, *in primis*, da Beata Virgem Maria; dos defuntos... Assim, o sujeito da celebração litúrgica é a assembleia. Sua participação ativa é o centro de uma comunidade eclesial que ao celebrar se torna exemplo de uma comunidade viva. Afirma Augé:

Numerosos manuais de liturgia contêm um capítulo delicado sobre a “assembléia celebrante”. Observo ainda que esta doutrina pode ser corroborada com os documentos da Igreja; cito apenas alguns exemplos. As Constituições sobre a liturgia registram que “a Igreja jamais negligenciou de reunir em assembléia para celebrar o mistério pascal”. (Sc 6; cf.n.10). A

<sup>57</sup> Taking up, then, a note already sounded by presente Pope, Redemptionis sacramentum points to the danger of na improper “clericalizazion” of teh sphere of the laity and an intrusion of the ordained minister into the same, with the loss of any genuine complementarity betwenn the two.

instrução *Eucharisticum myterium* da Sagrada Congregação dos Ritos e do “*Consilium*” (de 27 de maio de 1967), no n. 11, retomando a doutrina de Sc 26, fala do “lugar” que pertence aos fiéis “na assembléia litúrgica”: isso supõe que a assembléia litúrgica não seja composta de fiéis (leigos); os fiéis leigos simplesmente têm um lugar nele. (AUGÉ, 2004, p.898).<sup>58</sup>

A qualidade da participação litúrgica de nossas comunidades cristãs fundamenta-se na teologia da liturgia, onde entendemos que Cristo é o primeiro participante ativo desta liturgia. A obra de salvação pré-anunciada no Antigo Testamento é realizada na plenitude dos tempos em Cristo; e esta obra de Cristo tem sua continuidade na Igreja e se coroa em sua liturgia. Para isso “Cristo está sempre presente na Igreja, sobretudo: nas ações litúrgicas, no sacrifício da missa, na pessoa do ministro, nas espécies eucarísticas, nos sacramentos, na Palavra proclamada, na Igreja em oração”. (cf. SC, 7). Sendo Cristo o primeiro participante ativo da liturgia e nós associados a Ele pelo batismo, formamos com um povo sacerdotal, um só corpo [...], onde brota o desejo de dar um testemunho daquilo que ouvimos, vivemos, celebramos e recebemos. Saímos de uma assembleia que celebra para uma comunidade que precisa de um testemunho. A participação na liturgia, portanto, é um direito e um dever do povo cristão. Orsi afirma:

A Instrução convida a que “os bispos, os sacerdotes e os diáconos, no exercício do sagrado ministério, se interroguem em consciência sobre a autenticidade e a fidelidade das ações por eles realizadas em nome de Cristo e da Igreja, na celebração da sagrada liturgia. Todo ministro sagrado se interrogue, também na verdade, se respeitou os direitos dos fiéis leigos, que se entregam, e seus filhos, a ele com confiança, na convicção de que todos exercem corretamente em prol dos fiéis as funções que a Igreja, por mandato de Cristo, procura realizar ao celebrar a sagrada liturgia (cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II, q. 64, a. 9 ad primum). De fato, cada um lembre-se sempre que é servidor da sagrada liturgia (cf. *Missale Romanum*, *Institutio Generalis*, n. 24)”. (ORSI, 2006, p. 219).

Justamente, esse foi o caminho profetizado pelo Movimento Litúrgico, que evidenciou a participação desse novo sujeito. É o envolver-se de todo o corpo eclesial na sua diversidade de ministérios. O axioma “a eucaristia faz (constrói, edifica) a Igreja” é indicativo da interação entre assembleia-igreja e da relação entre celebração-eclesiologia. A Igreja se constrói antes de tudo com o anúncio do Evangelho do reino e celebrando os sacramentos. Como é a Igreja, assim é a assembleia; no seu celebrar a assembleia interfere na imagem da Igreja, funda a eclesiologia, põe interrogações críticas a teologia. Uma liturgia que se esgota

---

<sup>58</sup>Numerosi manuali di liturgia contengono un capitolo delicato all’«assembleia celebrante». Noto ancora che questa dottrina si può corroborare con i documenti della Chiesa; cito solo qualche esempio. La Costituzione sulla liturgia ci ricorda che «la Chiesa amai tralasciò di riuniri in assemblea per celebrare il mistero pasquale». (Sc 6; cf. n. 10). L’istruzione *Eucharisticum myterium* della Sacra Congregazione dei riti e del «Consilium» (del 27 maggio 1967), al n. 11, riprendendo la dottrina di Sc 26, parla del «posto» che competi ai fedeli «nell’assemblea liturgica»: ciò presuppone che l’assemblea liturgica non é formata dai fedeli (laici); i fedeli laici hanno semplicemente un posto in essa.

em si mesma, sem o testemunho de atividade caritativa, sem ensinamento, catequese e formação, sem atividade missionária, não é autêntica, mas estéril

### 3.3. A retomada da *lex orandi*

Repropor a prática celebrativa da liturgia e seu estudo não é uma das tarefas mais fáceis como já vimos nos capítulos anteriores sobre todos os esforços perpetrados desde a carta encíclica *Mediator Dei* do papa Pio XII, dos esforços dos teólogos do Movimento Litúrgico do século XIX com a proposta da animação vida da comunitária (participação ativa) chegado até a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II com a sua carta magna, no que diz respeito a reforma da Sagrada Liturgia, a *Sacrosanctum Concilium* de “redescobrir” a verdadeira realidade da Sagrada Liturgia a partir de uma reflexão teológica que tem como ponto de partida o retorno “*ad fontes*” das fontes bíblicas e da tradição dos padres da Igreja o eixo teológico *Lex Credendi e Lex Orandi para Lex Orandi e Lex Credendi* que norteou a reflexão da teologia litúrgica durante do Movimento Litúrgico para uma maior compreensão da realidade sagrada a liturgia. Afirma Flores:

Se consideramos a expressão *teologia da liturgia* em um sentido técnico, então temos que dizer que o caminho histórico dessa parte da teologia é relativamente curto; porém se consideramos a expressão em uma acepção mais ampla e entendermo a *teologia da liturgia* como esforço de todas as gerações cristãs para refletir sobre experiência do culto e captar a relação que se dá entre teologia (fé) e a práxis celebrativa (*lex orandi – lex credendi*), então o caminho histórico que há de recorrer é muito mais complexo. (FLORES, 2003, p. 17).<sup>59</sup>

Até pelos menos o início do Movimento litúrgico o princípio teológico que norteava a prática e o estudo da Sagrada Liturgia era a *Lex Credendi Lex Orandi*, ou seja, a fé supõe a prática celebrativa, com o surgimento do Movimento Litúrgico temos uma reviravolta desse mesmo princípio fundamental que tem como ponto de partida agora a *Lex Orandi Lex Credendi*, isto é, a ação litúrgica precede a fé já que a fé enquanto definição surge no horizonte da celebração. Tal incompreensão desses dois princípios fundamentais vai dar espaço para o que denominamos “abusos litúrgicos” que são tentativas externas de tornar o acesso mais atrativo ao mistério celebrado ou para pior de todos os casos, mais “atrativo” e interessante. É como se não bastassem todos os esforços anteriores em “inverter” os polos da

---

<sup>59</sup> Si consideramos la expresión *teología de la liturgia* en un sentido técnico, entonces tendremos que decir que el camino histórico de esa parte de la *teología de la liturgia* es relativamente corto; pero si consideramos la expresión en una acepción más amplia y entendemos por la teología de la liturgia el esfuerzo por parte de todas las generaciones cristianas para reflexionar sobre la experiencia del culto y captar la relación que se da entre la teología (fe) y la praxis celebrativa (*lex orandi – lex credendi*), entonces el camino histórico que hay que recorrer es mucho más complejo.

*Lex Credendi Lex Orandi para Lex Orandi Lex Credendi* que vai favorecer tanto a recuperação teológica das dimensões fundamentais do culto litúrgico como a *Ars celebrandi*, a *actuosa participatio* e a inculturação.

Sobre a incompreensão do princípio da inculturação Ratzinger afirma:

A inculturação que se reduz apenas a uma mudança de formas exteriores não é de fato inculturação, mas o seu mal-entendido. Geralmente acaba por ofender as comunidades culturais e religiosas, com modalidade muito superficial e exterior, tomando como empréstimo suas formas litúrgicas. (RATZINGER, 2015, p. 166).

Tendo em vista essa limitação, é preciso retomar a proposta de todos os esforços teológicos anteriores sejam dos teólogos do Movimento Litúrgico ou dos documentos do Magistério. É preciso voltar àquele princípio fundamental da *Lex Orandi e da Lex Credendi*, não só para recuperar como princípio de toda ação litúrgica, mas sobretudo recuperar seu verdadeiro sentido teológico que não é somente propor uma experiência do Mistério Pascal por meio da *Ars celebrandi* e da *Actuosa participatio*, mas como se dá de fato a apreensão primordial da realidade desse mistério celebrado. Gaurdini afirma:

A liturgia é e sempre será *Lex orandi*. A oração não-litúrgica deverá em todoo tempo regular-se por ela, renovar-se nela, a fim de consevar sua vitalidade. Não seria de todo exacto afirmar que a liturgia está para a oração popular como o dogma para a fé individual; em parte, porém, é verdade. A liturgia é a norma pela qual todas as outras formas de piedade poderão reconhecer sempre e com facilidade”de suyo”s desvios e lhe servirá de guia seguro para encontrar a via *ordinária da liturgia*. (GUARDINI, 2017, p. 15).

Só se celebra aquilo que acredita e somente se acredita naquilo que se celebra. Não só estabelece uma unidade fundamental entre ação litúrgica dos mistérios sagrados e a fé acerca desses mesmos mistérios, mas traz a liturgia para a própria realidade. O ponto de partida agora da compreensão da liturgia é o “*locus*” celebrativo em toda a sua constituição e estrutura ritual-celebrativa na realidade na qual está se desenvolvendo a mesma ação ritual. Mesmo diante de tamanhos esforços ainda perduram certas limitações acerca do estudo e da prática que a nossa proposta de realizar uma interface entre o pensamento filosófico de Xavier Zubiri e a Teologia Litúrgica que pode vir a ser norteadora para repropor uma nova via de estudo da Sagrada Liturgia e a sua prática. Assim, como aconteceu no âmbito teológico, como vimos acima, uma determinada inversão de princípios teológicos para a celebração e para uma maior compreensão teológica da realidade que celebramos, Zubiri na sua proposta filosófica também propõe uma inversão de princípios não só da compreensão da realidade enquanto reflexão filosófica se opondo ao modo da filosofia clássica compreender a

realidade na sua constituição e estrutura, mas também no modo como se apreende essa realidade como coisa real e não como conceitual ou como abstração. Em Zubiri encontramos a inversão dos princípios do estudo e apreensão da realidade como coisa real. Se parte agora da realidade e não dos conceitos prontos e acabados. Essa nova via filosófica não só é um grande contributo para o campo filosófico, mas também para a teologia, principalmente, a Teologia Litúrgica, seja como celebração, seja como estudo. Assim, celebrar e investigar são momentos modais diferentes, mas não separados, porque em todos eles a inteligência senciente é um fator de unidade. Gracia, ao tratar de um artigo de Zubiri sobre Ciência e Realidade, publicado em 1935 afirma:

Pois bem, se Zubiri coincide com Husserl no grandioso diagnóstico, não assim no tratamento. A força do husserliano, faz em si mesmo o caminho inteiro “de suyo” mestre, buscando a experiência originária da que pode estar absolutamente seguro e certo, e dedicando-se à sua descrição detalhada e amorosa. E a diferença de Husserl, crê que essa experiência originária não cabe situar na consciência senão na apreensão. Este pode parecer, num primeiro momento, intrascendente, dado que o ato da consciência se define como ato de “dar-se conta”, que pode ser também o melhor modo de descrever o que Zubiri chama de apreensão. Porém, se segue aprofundando a análise começam a surgir as diferenças. (GRACIA, 2005, p. 11).<sup>60</sup>

Essa nova via trata-se de uma nova noologia numa metodologia de interface filosófica-teológica da análise sistemática dos atos da intelecção sentiente do momento da apreensão primordial de realidade do Mistério Pascal no momento da ação litúrgica. Conill, ao tratar da importância da filosofia para a neurociência afirma: “A posição filosófica de Zubiri constitui uma via alternativa à hermenêutica genealógica (Nietzsche) e à hermenêutica ontológica (Gadamer), por aludir de modo exemplar a duas tendências muito significativas da filosofia contemporânea”. (CONILL, 2021, p. 133).<sup>61</sup>

Um das lacunas ainda não respondidas até agora é como se dá a apreensão primordial no ato litúrgico e como se apreende primordialmente a realidade do mistério que celebramos. Até então a teologia litúrgica desde os primórdios até o momento atual se ocupou com a dimensão externa enquanto “participação ativa” ou da suas gênesis de animação da vida comunitária como se pensou no contexto do Movimento Litúrgico. Zubiri

---

<sup>60</sup>Ahora bien, si Zubiri coincide con Husserl en el diagnóstico, no así en el tratamiento. A fuer de husserliano, rehace en sí mismo el camino entero de su maestro, buscando la experiencia originaria de la que pueda estar absolutamente seguro y cierto, y dedicándose a su descripción detallada y morosa. Y la diferencia de Husserl, cree que esa experiencia originaria no cabe situarla en la conciencia sino en la aprehensión. Esto puede parecer, en un primer momento, intrascendente, dado que el acto de conciencia se define como el acto de “darse cuenta”, que puede ser también el mejor modo de describir lo que Zubiri llama aprehensión. Pero si se sigue profundizando en el análisis empiezan a surgir las diferencias.

<sup>61</sup>La posición filosófica de Zubiri constituye una vía alternativa a la hermenéutica genealógica (Nietzsche) y a la hermenéutica ontológica (Gadamer), por aludir de modo ejemplar a dos tendencias muy significativas de la filosofía contemporánea.

com sua noologia, ajuda-nos a olhar para o outro lado de todo esse dinamismo litúrgico ou na sua estrutura interna. O verdadeiro dinamismo está na coisa em si e na sua estrutura interna e não fora dela. Em outras palavras, a liturgia não precisa de nada ou qualquer acréscimo externo para que possa ser dinâmica, já que em sua própria estrutura possui um *dínamo* ou segundo Zubiri um “devir” ou movimento enquanto vir a ser da própria realidade. Assim como toda a coisa real, a liturgia enquanto coisa real também é um vir a ser ou *realitas in essendo*. Zubiri afirma:

Em quarto lugar, o ser do substantivo, como dizia, é uma espécie de afirmação da realidade, de cada umas das realidades no mundo. E por isso, a meu modo de ver, é um completo erro falar desse real. O que temos que falar é de *realitas in essendo*. O primeiro es la *realitas*, e o ser é justamente seu ato segundo. É *realitas in essendo*, porém, não é esse o real. Com a qual a realidade, distante de ser um momento do ser – o mais importante se quiser, isto não importa para o caso – começa por não ser um momento do ser, senão algo prévio ao ser. (ZUBIRI, 2006, p. 27).<sup>62</sup>

Acreditamos que um dos limites de todo esforço teológico até agora foi não conseguir atingir o seu verdadeiro objeto de conduzir os fiéis batizados à compreensão profunda de que a realidade da liturgia na sua constituição estrutural é dinâmica por si mesma. Uma outra limitação é a “distorção” da real proposta seja da carta encíclica *Mediator Dei*, dos esforços dos teólogos do Movimento Litúrgico e mais próximo de nós da Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* daquilo que compreendemos por “participação ativa” consciente, ativa e frutuosa (SC, 48) e do princípio de “inculturação” litúrgica. Grillo, ao tratar da participação ativa como duas formas apresentadas tanto na *Mediator Dei* como na *Sacrosanctum Concilium* afirma:

Em outras palavras, não se trata de uma Reforma a serviço da compreensão intelectual usual, mas sim mudança de perspectiva e de recuperação experiencial em vista de uma nova forma nova e original de compreender a verdade Eucarística, em equilíbrio entre sensibilidade e intelecto. É a *rituum forma* (SC, n. 49), a forma ritual, a assegurar a plena eficácia pastoral do sacrifício eucarístico. (GRILLO, 2022, p. 45).

A limitação que ainda perdura e que ainda não foi respondida e que Zubiri nos ajuda a lançar uma luz é sobre essa lacuna. Tanto se falou de “participação ativa” como

---

<sup>62</sup> En cuarto lugar, el ser de lo substantivo, como decia, es una especie de afirmación de la realidad, de cada una de las realidades en el mundo. Y por eso, a mi modo de ver, es un completo error hablar de *ese reale*. De lo hay que hablar es de *realitas in essendo*. Lo primero es la *realitas*, y el ese es justamente su acto segundo. Es *realitas in essendo*, pero no es el ese reale. Con lo cual la realidad, lejos de ser un momento del ser – el más importante si se quiere, esto no importa para el caso -, empieza por no ser un momento del ser, sino por ser algo previo al ser.

proposta para dinamizar a ação litúrgica como um “certo” fazer ritual, executar tarefas externas, mas não sobre o verdadeiro sentido desse princípio fundamental. Grillo afirma:

A urgência de uma resposta adequada á questão litúrgica – inevitavelmente deixada sem solução apenas pela reforma dos ritos – juntamente com o poderoso ressurgimento, hoje da *vexata quaestio* sobre a “participação ativa” são os fatos que bem representam o resultado de uma história do Movimento Litúrgico, da qual devemos nos sentir-nos “internos” e não “externos”. De fato, se é verdade que a Reforma é apenas o instrumento para restituir novamente à liturgia seu papel fundamental de “*fons et culmen*” de toda a ação da Igreja, então é claro que, mais cedo ou mais tarde, a questão *prática ritual participativa* deveria reemergir como uma “tese” da Reforma Litúrgica. (GRILLO, 2022, p. 31).

Como já vimos anteriormente, a proposta que foi mal compreendida e que sofreu distorções ao longo dos séculos e que culminou nos abusos dentro da liturgia, como vimos na fala de Ratzinger, não só na tentativa de dinamizar o rito, mas para pior de todas as situações inserir elementos externos que não fazem parte da estrutura ritual ou até mesmo substituir o rito por outras formas ferindo a essência do seu núcleo teológico. Não é por acaso que a RS insiste no capítulo a importância da formação litúrgica não somente para os futuros ministros da Igreja que se formam dentro dos seminários, mas, também, para todo os fiéis. Sobre aquilo que compete ao bispo diocesano como “liturgo” por excelência e aquele a quem cabe regulamentar a liturgia da sua diocese sob a orientação da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, a RS, afirma:

O Bispo rege a Igreja particular que lhe tem sido confiada e ele corresponde regulamentar, dirigir, estimular e algumas vezes também repreender, cumprindo o ministério sagrado que tem recebido pela ordenação episcopal, para edificar seu rebanho na verdade e na santidade. Explique o autêntico sentido dos ritos e dos textos litúrgicos e eduque no espírito da sagrada Liturgia aos presbíteros, diáconos e fiéis leigos, para que todos sejam conduzidos a uma celebração ativa e frutuosa da Eucaristia, e cuide igualmente para que todo o corpo da Igreja, com o mesmo espírito, na unidade da caridade, possa progredir na diocese, na nação, no mundo. (RS, n. 22).

A preocupação é justamente conduzir tanto os futuros presbíteros, como os que já atuam na ação pastoral da Igreja, como os diáconos e leigos a compreenderem com profundidade a verdadeira realidade da liturgia e que esta realidade possui um dinamismo em e por si só e que não precisa de “adendo” ou qualquer esforço humano para que o Mistério Pascal de Cristo seja atualizado e que, nesse contexto, o que até agora compreendemos por “participação ativa” à luz do pensamento zubiriano toma um novo caminho de interpretação. Agora à luz da nova via filosófica de Zubiri e sua noção de realidade a *vexata quaestio* da participação ativa passamos a analisar na sua dimensão não só “ad extra”, mas, sobretudo, “ad

*intra*” ou como zubiri chama os atos internos do sentir senciente. Guardini ao tratar da vida de oração litúrgica afirma:

Porque nesse momento não estão em jogo modalidades da atitude espiritual da criatura em face de Deus, que correspondem a alguma necessidade ocasional, mas sim instituições estáveis que exercem influência de maneira permanente, na vida da alma. Tal instituição não têm por finalidade exprimir algum estado de espírito interno, particular e individual, mas corresponder à vida religiosa média quotidiana da comunidade. Não representam, portanto, a forma da vida interior desta ou daquela pessoa em particular com o seu temperamento específico, mas a vida interior duma colectividade composta dos mais diversos temperamentos espirituais. Daqui se segue que qualquer erro ou deficiência inicial de construção se projeta com irresistível lógica do restante do edifício. Este erro poderá estar ainda disfarçado pelas emoções, pelas necessidades de ordem moral, pelas circunstâncias da actualidade particular que tiverem originado a atitude em questão. (GUARDINI, 2017, p. 11-12).

Nesse sentido a ação litúrgica implica uma realidade muito maior que precisa ser levada em consideração com muita seriedade ou como a reforma litúrgica bem precisou denominando essa “realidade maior” como as “novas formas de vida litúrgica”. Não somente a liturgia ordinária, mas também outras impressões que fazem parte da vida cotidiana da fé do homem e da mulher. A redescoberta não só coloca acento nas “novas formas” de vida litúrgica, mas toda a realidade do povo. Tal redescoberta traz consigo toda a realidade implicada. Podemos dizer por meio das palavras de Zubiri que cada forma litúrgica (piedade popular) se lança na realidade do Mistério Pascal de Cristo que por sua vez ilumina todas as “novas formas” de expressão litúrgica. Nesse sentido Zubiri afirma:

Muitas formas de realidade podem ter pois, um mesmo modo de realidade. E estes modos, como acabamos de ver soam três: mero ter em próprio, autopostrar-se, ser pessoa. Estes modos não são independentes; cada um deles envolve o anterior. Só por ter determinadas notas pode o real ser um autós, ser vivente. E só sendo vivente e tendo determinadas propriedades, como, por exemplo, a inteligência, pode o animal humano ser pessoa. Nada disso, porém, obsta a que o modo de realidade seja algo distinto de forma de realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 153).

Toda e qualquer nova forma litúrgica deve se orientar em direção à forma ordinária da liturgia da vida da Igreja que orientada pelo princípio da *Lex orandi* encontra nesse seu sentido máximo e seu fundamento e ao mesmo tempo ilumina a própria realidade cultural ou social na qual se expressa como dado dogmático de fé eclesial. O todo está envolvido aqui, não somente na realidade em todas as suas formas de expressão, mas também intelecto, sentido, sentimento e vontade. Zubiri afirma: “O sentir como processo não é somente uma atividade fisiológica, mas é o processo que constitui toda a vida, de certo modo

inteira, do animal”. (ZUBIRI, 2011a, p. 12). A limitação da reflexão teológica até aqui sobre a *vexata quaestio* da “participação ativa” tratou dos seus elementos externos, mas não chegou a tratar dos elementos internos dessa *quaestio*. Zubiri com seu pensamento provocador ao nos apresentar uma nova via intelectual para a compreensão da constituição da coisa real e para a compreensão do que é a realidade, oferece-nos instrumentos intelectivos para compreender mais a fundo de que de fato trata a participação ativa e como ela se articula tanto nos seus elementos externos como internos. É preciso considerar que ao tratarmos de participação ativa, estamos tratando de sujeitos ativos e conscientes tanto do pondo de vista dogmático da fé como da inteligência e sentidos. Estamos, no entanto, tratando aqui do ser humano na sua totalidade implicado em cada ação sagrada da vida da Igreja. Apesar de todos os avanços perpetrados, ainda se torna um limite não tratar da participação ativa no poder do seu dinamismo interno. É preciso recuperar o todo desse princípio fundamental ou até mesmo à luz do pensamento zubiriano de que “participação ativa” envolver o sentir intelectual no qual se dá a apreensão primordial de realidade, bem como os momentos posteriores do sentir intelectual estão devidamente implicados e envolvidos. Somente a partir desse movimento intelectual senciante é que estamos imbuídos nesse movimento senciante na sua totalidade que tanto o fiel na sua singularidade como o mesmo inserido na assembleia litúrgica passam a ter noção da realidade do mistério celebrado por meio dos seus desdobramentos intelectivos rumo ao seu fundamento máximo. Esse é o percurso dinâmico de toda ação litúrgica a partir do rito litúrgico composto de entrada do mistério rumo ao seu verdadeiro fundamento que é o Mistério Pascal de Cristo atualizado em cada ação sagrada por meio de *ritus et preces*, que são, por assim dizer, apenas o primeiro momento radical dessa experiência redundante de participação ativa e radical.

### 3.4. Recuperar o objeto da Sagrada Liturgia

Em toda explanação feita até aqui, seja na posição doutrinal da Igreja por meio do seu Magistério, bem como no pensamento zubiriano notamos uma preocupação comum que é o “deslocamento” do objeto a ser investigado tanto no campo filosófico como no campo teológico. O grande esforço do Magistério da Igreja ao longo dos séculos foi justamente pensar o objeto de investigação que é Deus na sua transcendentalidade e sua relação com o homem e com o mundo ou a realidade do mundo. O Magistério da Igreja sempre procurou “correlacionar” estas várias dimensões. Pouco a pouco, a tradição teológica da Igreja, por meio de todas as suas disciplinas, vai demonstrando com muito esforço que Deus não é um conceito apenas, consequência, de raciocínios bem elaborados e frutos de

debates aguçados. Essa é a tese primeira, Deus é pura transcendentalidade e o que se pode entender sobre esse mesmo Deus é o que se pode conceituar. A segunda tese é completamente diferente da primeira. Nessa segunda tese temos não um conceito de Deus e de uma transcendência distante, mas agora temos um Deus realidade. Não só *imago* e *symbolén*, mas um Deus realidade. Em outras palavras, não *imago* e nem no *symbolén* temos a realidade do mistério de Deus que não só pode ser sentida, mas também compreendida. A realidade da imagem contida em cada símbolo e em cada rito é a realidade do próprio Deus. Não se pode estabelecer nenhuma separação radical e muito menos deturpar o verdadeiro significado profundo dos sinais e dos símbolos presentes dentro do dinamismo da Sagrada Liturgia. A questão emblemática ao longo dos séculos sempre foi em determinar precisamente do ponto de vista teológico o que são os sinais e os símbolos presentes na Sagrada Liturgia. Sempre se procurou responder com afinco se neste estava contido o objeto da investigação teológica que é Deus ou é apenas imagem ou símbolo da sua verdadeira realidade divina. A grande interrogação sempre foi em responder desde a “*quaestio*” agostiniana no contexto da patrística: “Um sinal é algo que além da impressão que produz nos sentidos, faz com que a partir dele, pense noutra coisa qualquer. Entre os sinais, uns são naturais e outros convencionais”. (AGOSTINHO. In: Antologia Litúrgica, p. 940-941). Por sua vez Santo Tomás em no seu livro III sobre os sacramentos afirma:

Chegar pelo sensível ao conhecimento do inteligível é conatural ao homem. Ora, o sinal é meio de chegar ao conhecimento de outra coisa. Por isso, como as realidades sagradas significadas pelos sacramentos são bens espirituais e inteligíveis pelos quais o homem é santificado, a significação dos sacramentos se cumprirá por meio de realidades sensíveis. Da mesma forma também a Divina Escritura nos descreve realidades espirituais por comparação com realidades sensíveis. (TOMÁS, III, art. 4, p. 21).<sup>63</sup>

Zubiri, ao tratar da teologia latina tomasiana afirma:

Como não se trata de uma exposição histórica, vamos centrar toda a teologia latina em santo Tomás.

Se parte de que Deus é um ser infinitamente simples, no qual, portanto, não há composição de nenhuma ordem. Dando ao vocábulo «físico» seu sentido filosófico, a essência física de Deus em sua absoluta simplicidade é inteligente e volente. Não é que em Deus haja uma inteligência realmente distinta de sua vontade; isto seria uma composição inadmissível. O que se quer dizer é que Deus, em seu supremo e puro ato físico em que consiste, é algo que, por infinita elevação, é, a vez aquilo que aparece no homem e nos atributos distintos de intelecção e volição. Este ato em que Deus consiste

---

<sup>63</sup>Est autem homini connaturale ut per sensibilia perveniat in cognitionem intelligillum. Signum autem est per quod aliquis devenit in cognitionem alterius. Unde, cum res sacre quae per sacramenta significantur, sint quaedam spiritualia et intelligibilia bona quibus homo sanctificatur, consequens est ut per aliquas res sensibiles significatio sacramenti impleatur: sicut etiam per similitudinem sensibilibus rerum in divina Scriptura res spirituales nobis describuntur.

fisicamente subsiste em e por si mesmo. Deus é a substancia mesma. (ZUBIRI, 2019, p. 42).<sup>64</sup>

Tanto a “*quaestio*” agostiniana como a “*quaestio*” tomasiana recaí sobre a realidade dos sinais, ou seja, e nestes estão contidas a verdadeira realidade divina ou se apenas segundo o pensamento de Agostinho nos lança para “fora” na compreensão exterior da realidade divina quase inalcançável. Agostinho afirma:

De fato, o próprio Senhor e o ensino dos Apóstolos transmitiram-nos, em vez de uma multidão de sinais, um muito pequeno número, fáceis de celebrar, duma sublimidade excepcional para os que os compreendem, e santíssimos na sua realização, tais como o sacramento do batismo e a celebração do Corpo e do Sangue do Senhor. Cada qual, ao recebê-los, sabe quando foi informado a seu respeito, aquilo a que se referem, de modo que os realiza não em atitude de servidão carnal, mas o contrário, com liberdade espiritual. (AGOSTINHO. In: Antologia Litúrgica, p. 941).

Agostinho não deixa de afirmar que os sinais do Sacramento do Batismo e do Corpo e do Sangue do Senhor foram deixados pelo próprio Senhor, mas deixa uma certa limitação em responder a verdadeira realidade deles. Tal dificuldade, e se podemos dizer tal limitação, chega até nós hoje o que ainda se constitui um mistério para toda a Igreja. Os esforços da Igreja ao longo da sua evolução teológica não se tratam de presunção, mas de tornar mais claro e compreensível os sinais que recebemos. Isso é uma necessidade de compreender melhor. A limitação Agostiniana, bem como dos escolásticos seria o ponto de partida da investigação teológica? A tentativa da reflexão teológica dos primeiros séculos sempre foi precisar bem o objeto da investigação teológica.

Como fruto desses esforços anteriores dos teólogos em recuperar o objeto da ação celebrativa da Igreja, os teólogos do período do Movimento Litúrgico também passaram a trilhar o mesmo caminho motivados tanto pelo declínio da qualidade das celebrações, bem como da crescente perda do verdadeiro significado profundo dos símbolos e dos sinais da Sagrada Liturgia e da sua verdadeira e autêntica realidade. Sobre essa perda de qualidade litúrgica durante o período medieval, Paranhos afirma:

---

<sup>64</sup> Se parte de que Dios es un ser infinitamente simple, en el cual, por tanto, no hay composición de ningún orden. Dando al vocablo «físico» su sentido filosófico, la esencia física de Dios en su absoluta simplicidad es inteligente y volente. No es que em Dio haya una inteligencia realmente distinta de su voluntad; esto sería composición inadmissible. Lo que se quiere decir es que Dios, en el supremo y puro acto físico en que consiste, es algo que, por infinita elevación, es, a la vez aquello que aparece en el hombre en los atributos distintos de intelección y volición. Este acto en que Dios consiste fisicamente subsiste y por sí mismo. Dios es la subsistencia misma.

Acentua-se, nessa época, o individualismo litúrgico-devocional, e a nova situação econômica criada como advento do feudalismo favorece a multiplicação dos legados para as celebrações de sufrágio e de orações para os benfeitores. Gradualmente a liturgia se clericaliza, distanciando-se do povo e transformando-se em ação exclusiva do clero, comprometido em satisfazer os pedidos de orações: a liturgia é do clero, e o povo deve apenas assisti-la. A participação dos féis é anulada. O sacerdote celebra de costas para o povo em voz baixa, inclusive o cânon. A piedade eucarística é centrada mais sobre o mistério da presença real que sobre o sacrifício que se oferece: (PARANHOS, 2022, p. 78-79).

Não é por acaso que tanto a Carta Encíclica como a *Mediator Dei* do papa Pio XII, como a própria RS trazem consigo essa central preocupação diante não só da perda ou o esvaziamento do mistério celebrado, mas também de todos os elementos implicados na dinâmica celebrativa da vida litúrgica da Igreja. Essa preocupação não só se instala no coração da *Mediator Dei* e na RS, mas na maioria dos documentos do magistério, posterior à *Mediator Dei* ou anterior à RS. O objetivo da maioria dos documentos é recuperar toda a estrutura ritual, ou seja, o sentido teológico profundo do Mistério Pascal celebrado e a sua realidade, os símbolos, os sinais, os sujeitos implicados na realidade desse mistério que formam, por sua vez, um todo orgânico. Nessa ótica reza a carta Encíclica *Mediator Dei* no seu número 22:

Não têm, pois, noção exata da sagrada liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos. (MD, 22).

No número n. 21a carta Encíclica procura mostrar o essencial de toda essa estrutura da Sagrada Liturgia. Tanto a dimensão externa como a interna, cada uma a seu modo se constitui como uma única realidade essencial que não pode ser entendidas e celebradas separadamente. Neste ponto os elementos externos fazem parte de um conjunto unitário. Em outras palavras, trata-se de uma única realidade. Na proposta de Zubiri não existe dicotomia, é algo inaceitável para seu pensamento, já que para ele a realidade de qualquer coisa, assim como, a realidade da liturgia, possui uma unidade fundamental e estrutural. A percepção de uma determinada realidade se dá um todo unitário e não partes desse todo. O essencial de uma realidade está no todo e em cada uma de suas notas constitutivas e determinantes, sejam elas essenciais ou não essenciais. Vai afirmar Zubiri em sua trilogia: “A inteligência é formalmente apreensão direta do real, não através de representações ou imagens: é uma apreensão imediata do real não fundada em interferências, raciocínios ou nada similar é uma apreensão unitária”. (ZIBURI, 2011a, p. 187). Essa é uma das grandes lacunas que perdura na discussão teológica entre *ritus et preces* e o Mistério Pascal celebrado:

Nesse mesmo esforço de recuperação do aspecto essencial da estrutura ritual que sempre derrapou entre os aspectos externos e internos da celebração dos mistérios da Igreja nos aponta a RS:

De fato, a sagrada Liturgia está estreitamente ligada com os princípios doutrinários, por que o uso de textos e ritos que não têm sido aprovados leva a uma diminuição ou desaparecimento do nexa necessário entre a *lex orandi* e a *lex credendi*. (RS, n. 10).<sup>65</sup>

Neste ponto a RS nos mostra a preocupação com a diminuição ou o desaparecimento necessário entre a *Lex Orandi* e a *Lex Credendi*. O uso ou a tentativa de inserir outros elementos externos que sejam “estranhos” a esse eixo fundamental que direciona a ação sagrada da Igreja para seu fundamento que é o Mistério Pascal de Cristo, aponta para uma “deficiência” antiga não superada que é de ofuscar esse princípio fundamental dando espaço ao que é supérfluo na Sagrada Liturgia e afastando-se cada vez mais do que é essencial. Por isso, é de fundamental importância a questão da formação para todos os fiéis que tomam parte na ação litúrgica, ou seja, como nos indica a própria instrução, os fiéis têm o direito de se beneficiar dos frutos da ação sagrada da Igreja e ninguém tem o direito de suprimir ou interromper (RS, n. 11). Além da preocupação de recuperar essa unidade fundamental entre a *Lex Orandi* e a *Lex Credendi*, da vida litúrgica da Igreja em seu aspecto orgânico a instrução, além de tantas atribuições do bispo diocesano, também demonstra uma justa preocupação com a formação dos fiéis leigos e dos futuros ministros ordinários que serão os dispensadores dos mistérios de Cristo:

Explique o autêntico sentido dos ritos e dos textos litúrgicos e eduque no espírito da sagrada Liturgia aos presbíteros, diáconos e fiéis leigos, para que todos sejam conduzidos a uma celebração ativa e frutuosa da Eucaristia, e cuide igualmente para que todo o corpo da Igreja, com o mesmo espírito, na unidade da caridade, possa progredir na diocese, na nação, no mundo. (RS, n. 22).<sup>66</sup>

É urgente recuperar o objeto da celebração litúrgica e junto com todos os seus elementos (rito-sinais-símbolo, sujeitos e seus ministérios na sua correlação com os ministros ordinários da celebração e da nova concepção do Mistério Pascal) implicados e o aspecto fundamental de cada um deles. Trata-se de uma recuperação monumental em dois

---

<sup>65</sup>Sacra enim Liturgia cum doctrinae principiis arctissime coniungitur, unde usus textuum rituumque non approbatorum eo perducit, ut necessarius ille nexa inter *legem orandi* et *legem credendi* aut diminuat aut evanesca.

<sup>66</sup>Illustret genuinum sensum rituum et textuum liturgicorum atque in Presbyteris, Diaconis et christifidelibus laicis spiritum sacrae Liturgiae alatur, ut hi omnes ad actuosam et fructuosam Eucharistiae celebrationem ducantur, pariterque consulat, ut universum Ecclesiae corpus eadem mente, in unitate caritatis, procedere valeat in dioecesi, in natione, in mundo.

sentidos ou a partir de dois eixos fundamentais para reflexão teológica da Igreja e para sua ação. Dentro desse mesmo esforço de recuperar a todos os elementos da Sagrada Liturgia se situam, também, os teólogos do Movimento Litúrgico. A chave de leitura que Vagaggini utiliza para compreender essa recuperação, parafraseando o pensamento de São Próspero de Aquitânia que forjou teologicamente o conceito “*ut legem credendi lex statuat suplicandi*” afirma:

A liturgia, por sua vez, seria a máxima geradora das fórmulas dogmáticas e estas não seriam se não uma tentativa de exprimir intelectualmente o estado atingido por um certo momento pelo desenvolvimento daquele mesmo sentimento religioso cego. Assim, o cego sentimento religioso, estranho à razão e continuamente mutável que exterioriza de algum modo os seus estados na liturgia, comandaria até mesmo a formulação e o sentido dos dogmas e a necessidade de sua contínua adaptação. (VAGAGGINI, 2009, p. 454).

Grillo, por sua vez, seguindo os teólogos do Movimento Litúrgico, encontra e formula a sua chave de leitura a partir do seu famoso *status quaestionis* ou também conhecida como recuperação ritual:

A crise que entre ‘700 e ‘800 passa a Igreja cristã inaugura a fase da secularização (sobretudo no sentido originário do termo). Isto que acontece, e que abre verdadeiramente a «questão litúrgica», é a caída do rito enquanto tal na relevância, como sinal da tradição, da autonomia e da autoridade. Paralelamente, também o surgimento de um saber antropológico, sociológico, psicológico começa a assumir este nível ritual como próprio «campo» para indagar a reflexão. (GRILLO, 2011, p. 87).<sup>67</sup>

Recupera-se o sentido profundo da dinâmica ritual da participação ativa, piedosa e consciente, superando um certo reducionismo e um certo clericalismo ou centralismo da dinâmica ritual nas mãos dos ministros ordinários e, ao mesmo tempo, uma certa incompreensão das tarefas dos fiéis leigos no âmbito da dinâmica ritual como se abrisse a possibilidade para a ocorrência de abusos. Porreca ainda afirma sobre esse aspecto:

O conceito de participação ativa é bem próximo daquele tridentino e da MD (cf. RS 39-42), mais que a SC. A participação do leigo na Eucaristia é essencialmente “outro” a respeito a celebração do ministro ordinário. Ao número 41 a da *Redemptionis Sacramentum* se propõe um paralelismo participativo da MD. Ao número 42, a assembleia celebrante é vista como

---

<sup>67</sup> La crisi che tra ‘700 e ‘800 attraversa la chiesa cristina, inaugura la fase della secolarizzazione (soprattutto nel senso originario del termine). Ciò che qui accade, e che apre veramente la «questione liturgica», è la caduta del rito in quanto tale nella irrilevanza, come segno della tradizione, dell’eteronomia, dell’autorità. Parallelamente, anche il sorgere di un sapere antropológico, sociológico, psicológico comincia ad assumere questo livello rituale come proprio «campo» di indagare e riflessione.

um abuso. Se esquece que a participação ativa é o coração, a chave da reforma litúrgica. (PORRECA, 2017, p. 335).<sup>68</sup>

A grande contribuição aqui aponta em dois sentidos particulares. O primeiro que a o conceito de participação ativa não é só uma questão da disposição da alma, mas de toda a dimensão corpórea.

A realidade da liturgia é propriamente um despertar interior, ou seja, trata-se de uma realidade complexa em sua estrutura mesma e em seu dinamismo próprio que provoca na terminologia uma suscitação interior ou uma excitação interior, às vezes, em dimensões exógenas ou endógenas. Zubiri afirma:

O sentir como processo não é somente uma atividade fisiológica, mas é o processo que constitui a vida, de certo modo inteira, do animal. Com as mesmas excitações, o animal executa ações sumamente diversas. Essas ações não são determinadas somente por uma atividade fisiológica, mas por tudo o que o animal apreende sencientemente (ZUBIRI, 2011a, p. 12).

O sentir como processo senciente intelectual constitui a base e o fundamento do aprendizado não somente para situar o homem em meio as outras realidades que o afetam para distingui-las, mas também para compreender a sua funcionalidade em relação as outras coisas reais. Uma determinada coisa real não está só “flutuando” vagamente na realidade, mas pelo contrário, todas estão em relação de funcionalidade e essa relação é vital para a vivência do ser humano. Da mesma forma que se pode aprender algo da apreensão senciente de uma presa, também todo e qualquer sujeito implicado nas ações litúrgicas apreendendo sencientemente o Mistério Pascal, fonte e ápice da vida litúrgica (LG, 11), também são suscitados e excitados num determinado nível, seja ele exógeno (externo) ou endógeno (interno) o que vai desencadear na vida toda do apreensor que está instalado sencientemente na ação litúrgica um processo intelectual senciente. O processo senciente é esse desvelar interior que tem como ponto de partida a própria realidade em direção à uma realidade muito maior. Na linguagem zubiriana, trata-se do processo intelectual que parte da realidade que afeta o apreensor em direção ao fundamento da própria realidade que o está afetando sencientemente. Uma vez instalado na realidade litúrgica no momento celebrativo, a própria estrutura e o dinamismo dessa estrutura impulsionam com força para o seu fundamento. A realidade não só tem o poder de instalar-nos nela, mas também tem o poder de lançar-nos cada vez mais para dentro dela em direção ao seu fundamento. Garcia afirma:

---

<sup>68</sup> Il concetto di partecipazione attiva che ne viene fuori è più vicino a quello tridentino e della MD (cf. RS 39-42) piuttosto che a SC. La partecipazione dei laici all' Eucaristia è essenzialmente “altro” rispetto alla celebrazione del ministro ordinato. Al numero 41 la *Redemptionis Sacramentum* ripropone il parallelismo partecipativo della MD. Al numero 42, l'*assemblea celebrante* è vista come un abuso. Ci si dimentica che la partecipazione attiva è il cuore, la chiave della riforma liturgica.

É inegável que quando o homem atua e executa uma “funcionalidade” sobre o real, mas aqui a questão é outra. Ao agir, o homem encontra uma determinação por parte da realidade de caráter “físico” – Zubiri o contrasta com “intencional” – o que o faz estar em frente a ela. E essa determinação física é o que Zubiri chama de “dominação”. Ou seja, o o homem, além de dispor da realidade, se encontra com essa realidade que se lhe impõe, o “domina” - daí a palavra “dominação”. Portanto, o homem não só conta com uma realidade ineludivelmente, não só tem a realidade à sua disposição, se não que se impõe necessariamente desde a sua disponibilidade. (GARCIA, 2002, p. 29).<sup>69</sup>

Dessa mesma forma, a realidade do Mistério Pascal exerce sobre todos os celebrantes um poder de dominância ou de dominação com toda a sua estrutura e dinamismo e que, por sua vez, vai provocar um processo senciente intelectual. O fato de estar em frente dessa realidade que o domina já implica um processo senciente. Caberá ao homem como “animal de realidades” querer ir mais além da própria realidade que o afeta, neste caso, o Mistério Pascal. Somente a partir dessa provocação, o homem como “animal de realidades” poderá não só determinar o que na liturgia o Mistério Pascal é em realidade, bem como determinar a funcionalidade dessas realidades para sua vida cotidiana. Para Zubiri, o simples fato de o homem estar diante dessa realidade e instalado sencientemente nela, já implica um determinado conhecimento, é o que Zubiri chama de momento radical da apreensão de realidade:

Inteligir é sempre e somente apreender a realidade. Entender é somente um ato especial de intelecção, isto é, um ato entre outros de apreensão de realidade. Os demais atos especiais de inteligência são atos para apreender mais e melhor a realidade, que dizer para inteligir melhor. (ZUBIRI, 2011a, p. 181).

A força imperiosa e de dominância do poder da realidade sobre o apreensor, já implica esse primeiro momento que é o simples apreender a realidade como ela se apresenta sem nenhum processo secundário, ou tentativas racionais em busca de afirmação. A apreensão constitui ao nosso modo de ver o momento mais radical e determinante do processo senciente porque quanto mais apreendemos, mais entendemos a realidade na qual estamos instalados sencientemente. O simples fato de estarmos instalado na realidade já significa

---

<sup>69</sup> Es innegable que cuando el hombre actua ejecuta una “funcionalidad” sobre lo real, pero aquí la cuestión es otra. Al actuar, el hombre se encuentra con una determinación por parte de la realidad de carácter “físico”—Zubiri la contrapone a “intencional”—que lo hace estar frente a ella. Y esta determinación física es lo que Zubiri llama “dominación”. Es decir, el hombre, además de disponer de la realidad, se encuentra con que esa realidad se le impone, lo “domina” -de ahí el vocablo “dominación”. Por lo tanto, el hombre no sólo cuenta con una realidad que necesita ineludiblemente, no sólo tiene la realidad a su disposición, sino que lo real se le impone necesariamente desde su disponibilidad.

algum conhecimento primário. Por assim dizer, a experiência ritual do Mistério Pascal, assim como acontece em todas as outras realidades possui uma forte dimensão do sentir humano e da inteligência como um único ato intelectual: Liturgia não é só sentir; é também inteligir. Zubiri afirma: “Vertido para a realidade, o homem é por isso animal de realidades: sua inteligência é senciente, seu sentimento é afetante, sua volição é tendente” (ZUBIRI, 2011a, 208).

A realidade da Sagrada Liturgia não é só sentimentos e nem só intelecto, mas forma uma unidade fundamental entre *o usus rerum externum e actus animae*. É nessa dimensão unitária que se entende aquilo que Zubiri afirma como impressão de realidade: “A impressão de realidade tem, pois, uma estrutura precisa própria. Aprender algo impressivamente, o real como real é apreender a coisa como estando ‘diante de mim’ e em sua ‘nua’ realidade, e em sua ‘fruibilidade’, em sua ‘direção’, etc”. (ZUBIRI, 2011a, p. 77). A realidade enquanto algo que está diante de mim possui uma força de dominação:

O que Zubiri está propondo com o conceito de “dominação” é que a realidade não apenas exerce sobre o homem uma funcionalidade verificável entre coisas diferentes e, portanto, também com respeito a ele mesmo, mas algo mais que chama “fundamentalidade”, exercida por todas as coisas sobre a pessoa humana. É inegável que quando o homem age, ele executa uma “funcionalidade” no real, mas aqui a questão é outra. Ao atuar, ele o homem encontra uma determinação por parte da realidade de caráter “físico” –Zubiri opõe a “intencional” – o que o faz encará-la. E esta determinação física é o que Zubiri chama “dominação”. Ou seja, o homem, além para dispor da realidade, encontra-se com isso a realidade se impõe, ela o “domina” - daí a palavra “dominação”. (GARCÍA, 2003, p. 111).<sup>70</sup>

O que pretendemos afirmar à luz do pensamento de Zubiri é que reduzir o conceito da participação ativa dos fiéis leigos na ação litúrgica a um *actus animae* é tirar praticamente toda essa prerrogativa singular. Tanto quando os ministros sacros que presidem os mistérios da divina liturgia como os leigos possuem a mesma impressão da realidade: o Mistério Pascal que se está celebrando por meio de *ritus et preces* e ao mesmo tempo sendo prefigurado por meio de símbolos e sinais da realidade verdadeira do mistério celebrado. Mesmo que essa impressão seja diversa por causa dos diversos sentires e pelo nível intelectual de cada pessoa, por exemplo, uma criança, não faz a mesma experiência do mistério como

---

<sup>70</sup> Lo que Zubiri está planteando con el concepto de “dominancia” es que la realidad no sólo ejerce sobre el hombre una funcionalidad constatable entre las distintas cosas y, por lo tanto, también respecto de él mismo, sino algo diferente que llama “fundamentalidad”, ejercida por todas las cosas sobre la persona humana. Es innegable que cuando el hombre actúa ejecuta una “funcionalidad” sobre lo real, pero aquí la cuestión es otra. Al actuar, el hombre se encuentra con una determinación por parte de la realidad de carácter “físico” –Zubiri la contrapone a “intencional” – que lo hace estar frente a ella. Y esta determinación física es lo que Zubiri llama “dominación”. Es decir, el hombre, además de disponer de la realidad, se encuentra con que esa realidad se le impone, lo “domina” –de ahí el vocablo “dominación”.

acontece num adulto. Porreca tem razão ao afirmar que é possível inteligir o mistério da eucaristia por meio de *ritus et preces*. Zubiri, afirma que: “A força da inteligência não consiste primariamente em força de entender, mas em força de apreensão de realidade”. (ZUBIRI, 2011a, p. 181).

É preciso considerar que quando se fala de “esforço” intelectual senciante não se trata de um se debruçar sobre uma “escrivantina com papel e caneta na mão”, mas, sim, de um adentrar a realidade na medida em que a apredendemos. Em outras palavras, a realidade basta por si mesma: Costa nesse sentido, aplicando o pensamento de Zubiri para uma recuperação litúrgica à luz dos princípios fundamentais do Concílio Vaticano, afirma:

A liturgia é ação ritual da Igreja, que por meio de *ritus et preces* atualiza, a salvação em andamento na história e na vida de cada pessoa. Para isso a liturgia, em seu cristocentrismo trinitário, é dinâmica por natureza. Portanto, não precisa de nenhum adendo extra-ritual para sua eficácia, pois tornam-se interferências equivocadas que ferem o direito litúrgico dos fiéis de participar de uma liturgia autêntica e de qualidade. Por meio dos ritos, a liturgia significa e “realiza” o que significa. (COSTA, 2019, p. 697).

A realidade da liturgia, por sua vez, definida como *Ritus et Preces* é uma realidade muito mais complexa e abrangente, o que implica também toda uma dimensão simbólica e de sinais visíveis de que compõe uma parcela vital da realidade humana. A estrutura da realidade da liturgia implica desde o complexo de *ritus et preces*, símbolos, sinais e a realidade na qual está inserido o próprio homem enquanto realidade num dinamismo de alteridade, reciprocidade e funcionalidade. Costa, a respeito da complexidade da liturgia, afirma:

O espaço litúrgico é uma nota aderente de grande peso para a arquitetura do ambiente celebrativo. Vamos, com Zubiri, percorrer as formas do dinamismo da realidade para compreender o dinamismo do espaço litúrgico e da ação litúrgica. Tal dinamismo tem cinco modalidades: *Variação, Alteração, Mesmidade, Suidade e Convivência*. (COSTA, 2019, p. 707).

A realidade da liturgia é o Mistério Pascal que, por sua vez, é atualizada por meio desse complexo de preces e sinais que a Igreja custodiou ao longo dos séculos e que deve ser continuamente custodiada por nós que hoje temos a tarefa de anunciar o Mistério Pascal e manifestá-lo ao mundo como epifania por meio das celebrações litúrgicas da Igreja. Isso implica um dado fundamental ou, se quisermos, mais precisamente um imperativo que Jesus deixou para a sua Igreja iniciada e prefigurada na comunidade apostólica: “E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu o, e deu-lhe, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim. (Lc 22, 19). Tal imperativo constitui o centro do Mistério Pascal como obra divina atualizada pelo Espírito Santo na realidade do mundo e ao

mesmo tempo perpetuada pelos primeiros Apóstolos. Assim como outrora coube aos Apóstolos tal tarefa, agora cabe à Igreja, continuadora da missão apostólica, perpetuar esse mistério nos “anais” da realidade humana. Sendo assim, o homem como animal de realidades está todo implicado nessa realidade-mistério que se impõe sobre ele com força sacramental. Cabe ao homem corroborar para que esse Mistério Pascal seja atualizado nas entranhas do mundo e isso se dá e acontece justamente por meio do verbo “fazei isto”. Cabe à Igreja desde última ceia realizar este “fazer isto” ao longo da história, cumprindo o mandato de Jesus. Esse “fazei isto” tem seu pondo de partida no gesto ritual performativo de Jesus na última ceia com seus discípulos (Mc 26, 26-29; Lc 22, 15-26; ICor 11, 23-25) e que depois se prolonga como símbolo e ação prefigurativa da presença de Jesus Ressuscitado e Glorioso: “Finalmente apareceu aos onze, estando sentados na mesa juntamente, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem crido nos que o tinham visto já ressuscitado” (Mc, 16, 14); Ainda outro texto: “E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu. Abriam-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes”. (Lc 24, 29); Na aparição da narrativa do Evangelista João, temos o seguinte episódio: “Logo que desceram para terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima, e pão. Disse-lhes Jesus: Trazei dos peixes que agora apanhastes”. (Jo 21, 9).

Temos aqui em todas essas narrativas um projeto de continuidade histórica da pessoa de Jesus como um acontecimento do passado, como acontecimento no presente agora por meio *ritus et preces* e como acontecimento do futuro (Parusia). Somente por meio dessa mesma performance ritual, a Igreja garante a presença do seu Senhor na realidade do mundo. Trata-se de um único e mesmo evento real que continua se prolongando na realidade de cada homem e de cada mulher, bem como na própria realidade do cosmo.

Adam afirma:

O mistério pascal é um acontecimento único, e como tal acontecimento pertence ao passado. É verdade que o acontecimento muitas vezes contém um efeito duradouro, mas podem ser reiteirados no presente. Mas com o mistério pascal é diferente, na medida em que seu núcleo mais íntimo - autodoação e a obediência de Cristo até a morte de cruz - continua vivo e operante no Homem-Deus glorificado. Como sua vontade salvadora é universal. Ele quer que todos os homens se tornem participantes de sua obra frutífera. (ADAM, 2019, p. 14).

Adam coloca para nós o cerne da questão e do mistério que implica a atualização da presença do Homem-Deus Glorificado e como acontece essa atualização. A Tradição teológica da Igreja ao longo dos séculos se debruçou sobre esse mistério e encontrou uma via de interpretação pautada nos padres da Igreja, nos escolásticos que soa a mediação

simbólica e dos sinais dessa presença. Porém, ainda perdura uma lacuna em responder como acontece essa presença real objetivamente falando, ou melhor, essa epifania da realidade da pessoa do Homem-Deus Glorificado e como esta é notada pelos féis e como eles fazem a experiência do Homem-Deus-Glorificado.

Como vimos até agora, trata-se de um imensurável esforço no campo teológico de não somente recuperar a qualidade da liturgia e seu profundo significado ou o seu objeto, mas a sua devida unidade entre todos os elementos que constituem a realidade da Sagrada Liturgia que é composta por uma diversidade de elementos reais ou uma variedade de notas que se possa sentir cada uma se impondo a seu modo em sua funcionalidade e dominância. Considerar realidade da Sagrada liturgia em apenas um ou dois aspectos seria um retrocesso sem par e uma perda imensurável. Bernardes afirma:

O centro da filosofia zubiriana está na apreensão primordial da realidade pela inteligência senciente. Não há espaço para dois momentos cognitivos: o primeiro dos sentidos e o segundo da razão, como verificamos nas interpretações da tradição aristotélico-tomista. O ato de inteligência é unitário e acontece imediatamente. (BERNARDES, 2020, p. 64).

Reduzir tal realidade dinâmica a um mero conjunto de normas e rubricas ou a uma mera observação de tudo seria esvaziar não só seu sentido real profundo significado, mas também sua funcionalidade dinâmica em relação àquele que a apreende. Por isso, o caminho filosófico proposto por Zubiri nos serve como interface para não só uma releitura dessa recuperação, mas, sobretudo, uma nova via para um total e completa redescoberta da realidade da liturgia e sua variedade de notas que possa ser sentida e inteligida em direção a realidade do mistério. Assim, Zubiri recupera não só o objeto da realidade e das coisas reais, mas também a sua dimensão unitária. Para Zubiri não é uma questão relacional, mas de reciprocidade e de alteridade entre todas as coisas reais, inclusive o homem enquanto realidade.

Naquilo que se refere à questão do objeto e da mudança do eixo de reflexão teológica como vimos na tradição da teologia católica acerca da *Lex Orandi* e da *Lex Credendi*, ação litúrgica como expressão de fé e como “*locus*” de onde emana toda a afirmação dogmática da Igreja e, conseqüentemente, máxima geradora da fórmula dogmática da Igreja. Vagaggini afirma o seguinte a respeito da importância da filologia e do seu método na investigação teológica e o que ele deve considerar nessa investigação:

Essa fase, porém, está longe de constituir toda a pesquisa litúrgica. Ao contrário, não é senão o início. Os resultados não são, de forma alguma, os resultados definitivos aos quais os teólogos, ou o fiel possa ater-se. É necessário prosseguir uma nova fase de pesquisa. Essa fase ulterior começa

no momento de dar um juízo superior à luz da doutrina da fé, pela qual se admite como verdadeiro tudo aquilo que Deus revelou à Igreja Católica por seus organismos responsáveis, nos propõe crer. (VAGAGGINI, 2009, p. 445).

Assim como na percepção de Vagaggini, para a análise de um determinado objeto da realidade deve se ter um ponto de partida seguro e já constituído e como, já vimos, esse ponto de partida é a própria realidade constituída e que se impõe ao “animal de realidades”, determinado por uma intelecção que o obriga viver pensando (ZUBIRI, 2011a, 208). Assim como, toda e qualquer realidade em toda a sua estrutura, Deus se impõe em toda a sua estrutura por meio dessa realidade, já que Ele é fundamento de toda e qualquer realidade e para onde converge todo o esforço intelectual humano. Assim, como Vagaggini nos aponta um recorte, da maneira de analisar o objeto que se impõe e que os esforços primeiros da filologia e da história são apenas o começo de uma longa jornada intelectual porque a filologia e a história partem de um ponto concreto da realidade histórica da experiência de fé e não ao contrário, parte da realidade daquilo que se viveu e que está relatado em textos históricos, aquilo que realmente aconteceu para somente depois abrir a possibilidade de afirmar ou estabelecer um determinado juízo a respeito de uma determinada afirmação de fé que a Igreja definiu ao longo dos séculos. Em outras palavras, a fé não é formulação de conceitos prontos e acabados, mas é fruto de uma realidade concreta em que não se pode chegar rapidamente a uma afirmação ou a um juízo absoluto. A realidade “nua e crua” como afirma Zubiri é o que é em si mesma e por isso é absoluta em si mesma. Esse é o primeiro modo como a realidade se apresenta na intelecção sentiente, ou seja, como ela é de fato, como algo “de suyo”. Afirma Zubiri:

A visão me dá a “nua” realidade. O recobrimento dos dois modos de presença é obvio: tenho “diante de mim a nua realidade” (...) Trata-se de que o real me esteja presente “diante de” mim como “nua” realidade. O “diante de” mim é o modo próprio de apresentação do real na visão, e a “nua” realidade é modo de apresentação no tato. Esses modos de apresentação são os que se recobrem. (ZUBIRI, 2001a, p. 73).

Nesta singular afirmação de Zubiri, temos um exemplo do ponto de partida da reflexão filosófica zubiriana que por sua vez abre um novo horizonte para a reflexão teológica da Igreja, principalmente, no que diz respeito ao campo litúrgico. A realidade ou as coisas que afirmamos como real tem como ponto de partida o que ela é em realidade nua e crua. Aquilo que o tato e a visão e os outros sentidos podem recobrir. A nua e crua realidade que temos de uma determinada coisa real é a primeira impressão de uma determinada coisa, porém, esse momento primário não é capaz de dizer tudo sobre a coisa real. O ponto que distância Zubiri das posições clássicas, seja no modo de considerar um determinado

conhecimento do objeto analisado é justamente esse ponto do recobrimento por parte dos sentidos ao afirmarem que os sentidos não podem dar nenhum conhecimento de algo. Ao contrário, para Zubiri os dois modos de recobrimento da realidade “nua e crua” do que a visão me dá e do mero estar presente já me dá um determinado conhecimento de como vejo a coisa e de como ela está presente. Aqui os sentidos possuem um papel determinante no processo do conhecimento intelectual da realidade. Não são somente receptores da realidade, mas processo intelectual enquanto tal e estão profundamente implicados no processo do conhecimento de qualquer realidade, inclusive a realidade Sagrada da Liturgia. Particularmente, importante o que Muñoz afirma sobre a crise do sistema matemático godeliano:

A não contradição é principalmente um carácter da realidade dada, e não uma necessidade de um conceito. Zubiri quer dissipar o mal-entendido de aplicar a necessidade lógica como a priori para afirmações sobre a realidade. Ao contrário, a realidade é inconsistente e obriga a respeitar seu carácter em qualquer afirmação ou realização de uma simples apreensão nela. O alcance do princípio da contradição está na afirmação enquanto afirmada, não no ato da afirmação. (MUÑOZ, 1999, p. 15).<sup>71</sup>

Toda e qualquer realidade nos oferece dados a priori, assim como a matemática partindo do real numérico sustenta a tese fundamental de que não se pode conceituar nada ou até mesmo porque a realidade é abusoluta enquanto realidade “nua” e inconsistente enquanto os sentidos a recobrem e nos dão um conhecimento a priori dessa mesma realidade. A realidade da liturgia se dá a todos e se impõe sobre todos. Os *ritus et preces* bem como todos os sinais visíveis se fazem presente como uma realidade “nua” e, por sua vez, a afirmação dogmática também. Nesse sentido que a afirmação de Porreca toma sentido mais profundo:

Não basta a participação da alma, ocorre uma inteligência radicada na forma ritual da liturgia: per ritus et preces id (*eucharisticum mysterium*) bene intellegentes (SC, 48). É possível inteligir por ritos e preces na participação consciente, ativa e piedosa e responsável da ação litúrgica. (PORRECA, 2017, p. 334).<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> La no-contradicción es primariamente un carácter de la realidad dada, y no necesidad de un concepto. Zubiri quiere disipar el equívoco de aplicar la necesidad lógica como un a priori a las afirmaciones sobre la realidad. Por el contrario, la realidad es incontradictoria y nos fuerza a respetar este carácter suyo en toda afirmación o realización de una simple aprehensión en ella. El ámbito del principio de contradicción está en la afirmación en cuanto afirmado, no en el acto de la afirmación.

<sup>72</sup> Non basta la partecipazione dell'anima, occorre un'intelligenza radicata nella forma rituale della liturgia: per ritus et preces id (*eucharisticum mysterium*) bene intellegentes (SC, 48). È possibile intellegire l'Eucaristia per ritus et preces nella partecipazione consapevole, pia, attiva e responsabile dell'azione liturgica.

Dessa forma, a reflexão teológica da liturgia encontra seu ponto de sustentação na filosofia zubirina com a recuperação dos sentires e da sua pluralidade a partir de uma intelecção senciente. O sentir intelectual da liturgia, não é somente um sentir da alma, mas implica toda um movimento cinestésico que implica toda a constituição da estrutura da vida dos fiéis (ZUBIRI, 2011a, p. 12), esse é o momento primário e radical que Zubiri chama de momento de impressão de realidade. Toda uma estrutura intelectual senciente está implicada e que depois vai se desdobrar em outros momentos posteriores mais complexos. Zubiri afirma:

Para começar, convém explicar o uso do próprio vocábulo formalização. Formalização pode significar a estrutura cerebral pela qual apreendemos um conteúdo segundo sua própria formalidade. Nesse sentido, formalização é uma ação psicobiológica. Mas formalização pode significar também o fato de um conteúdo ficar em sua própria formalidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 22).

O que temos diante de nós é um grande salto dentro da reflexão filosófica tradicional que altera o seu ponto de partida mudando o eixo fundamental da dimensão e do conhecimento humano. Zubiri recupera não só o objeto de investigação, mas toda a estrutura cognitiva implicada no processo do conhecimento da própria realidade. Passa a analisar a partir de uma noologia como se dá e por meio de qual estrutura tal conhecimento. O que Zubiri faz, como um médico com um bisturi, vai abrindo a intelecção enquanto desdobramento intelectual no mais profundo de cada um de seus momentos e de seus atos significativos. Hoje acreditamos que com o auxílio da sua novidade filosófica é possível trilhar um novo caminho de reflexão da teologia em aprofundar a dimensão intelectual dos sentires da liturgia, o que, até então, pouco se falou ou quando se falou se tratou superficialmente dessa questão.

### **3.5. Recuperando o método da investigação litúrgica à luz do método zubiriano**

Então, a questão do conhecimento em Zubiri está dentro de um realismo que se dá porque é profundo e determinado por um reísmo. Zubiri em sua obra sobre Inteligência Senciente, ao apresentar a intelecção como um processo senciente nos ajuda a compreender mais a fundo sua proposta metodológica, ou seja, a sua noologia.

A Noologia consiste na análise de Zubiri dos atos de intelecção senciente em suas três dimensões (apreensiva, afetiva e volitiva), o que pressupõe os correspondentes estudos científicos do cérebro, como Zubiri expõe especialmente nos apêndices do primeiro volume de Inteligência senciente (posteriormente intitulado Inteligência e realidade). Há, então, uma conexão

entre a análise noológica e o conhecimento científico, especialmente neurobiológico. (CONILL, 2021, p. 134).<sup>73</sup>

O ponto de partida do seu caminho metodológico não são os conceitos, mas a própria realidade enquanto coisa real-substantiva que se constrói como realidade essencial. A essencialidade ou a dimensão conceitual de algo, mas por estar radicada na própria realidade. Somente a partir dessa se pode chegar a sua dimensão essencial que também possui seu caráter de ser real. Por assim dizer, a dimensão essencial de algo está na sua própria estrutura para que possa vir a ser real. Não se trata de algo abstrato ou conceitual, mas é essencial porque é real.

Gonzáles afirma:

A história é a entrega de formas de estar na realidade, com todos os seus momentos físicos, práticos e intelectuais. A revelação diz respeito e envolve todo o homem, não apenas sua inteligência. E a inteligência que a revelação envolve não é primariamente sua inteligência concipiente, seu logos, mas sua inteligência senciente, sua apreensão modesta e radical do real como real. (cf. DHC 369). Isso não exclui, é claro, que a revelação, em última análise, exija e inclua a própria reflexão. (cf. DHC 368). (GONZÁLES, 1993, p. 27).<sup>74</sup>

É preciso considerar à luz do pensamento de Zubiri que se trata de dois momentos da inteligência humana, tanto o seu momento radical ou primordial (apreensão primordial de realidade) e o momento de entender. São dois momentos intelectivos que se dão de um modo unitário na inteligência humana e que só o homem possui e não os outros animais. Por isso, somente o homem possui a capacidade de ter experiências reais das coisas e a compreensão das mesmas. Não se trata aqui de querer inteligir algo ou não. Para Zubiri, esse processo é imediato, já que é a realidade que impõe com força na inteligência e o homem, por sua vez, não tem escolha porque não só está circundado pelas realidades, mas está imersa nessas. Gracia afirma:

Todo ser humano tem uma experiência da realidade. Isso é algo elementar, sobretudo se partirmos dos pressupostos da filosofia de Zubiri. Para ele, como se sabe, a inteligência consiste na capacidade de apreender as coisas como realidades, de tal modo que todo ser dotado de inteligência as atualiza

<sup>73</sup> La Noología consiste en el análisis zubiriano de los actos de inteligencia sentiente en sus tres dimensiones (aprehensiva, afectiva y volitiva), que presupone los correspondientes estudios científicos del cerebro, tal como expone Zubiri especialmente en los Apéndices del primer volumen de *Inteligencia sentiente* (titulado más tarde *Inteligencia y realidad*). Hay, pues, una conexión entre el análisis noológico y los conocimientos científicos, en especial neurobiológicos.

<sup>74</sup> La historia es entrega de formas de estar en la realidad, con todos sus momentos físicos, práticos e intelectivos. La revelación atañe y envuelve al hombre entero, no solo a su inteligencia. Y la inteligencia que la revelación envuelve no es primariamente su inteligencia concipiente, su logos, sino su inteligencia sentiente, su modesta y radical aprehensión de lo real en tanto que real. (cf. DHC 369). Esto no excluye, por supuesto está, que ulteriormente la revelación exige e incluya la reflexión misma. (cf. DHC 368).

desse modo. Mas isso, sendo verdade, não é toda a verdade. E não é, porque o termo realidade é obra do logos, não da própria apreensão primordial. E o logos cria, constroe, não apenas descobre e atualiza. Com o qual resulta que o termo de realidade, e a conceituação do que é apreendido como realidade, é determinado culturalmente. (GRACIA, 2017, p. 68).<sup>75</sup>

Ainda sobre a força que a realidade tem na intelecção ou como ela se impõe e se instala na mesma Garcia afirma:

Introduzido o tema, é importante destacar que Zubiri distingue o poder do real da “poderosidade”. No *El hombre y Dios*, a poderosidade é muitas vezes entendida como um atributo do real como real, e portanto como um momento do “de suyo” equivalente ao poder. Isso não é estranho, porque as três partes do livro têm diferentes esxtratos de redação. Na *Inteligência Sensível*, ele os diferencia claramente. Identifique o momento da realidade, que tem primazia sobre a estrutura da coisa real, com “poder”. “Esta primazia tem nome muito preciso: é poder”, afirma Zubiri. (GARCIA, 2002, p. 28).<sup>76</sup>

Para ele, o homem está situado no mundo que é o campo no qual as realidades estão justapostas e em reciprocidade. Zubiri vai dizer que o conteúdo apreendido não possui somente uma nota, mas muitas, o que ele vai chamar de constelação de notas. O que é real, o que é “por si só”, não cada nota, mas apenas o todo como um todo. (ZUBIRI, 2011a, p. 202-203).<sup>77</sup> O esforço intelectual consiste em um momento ulterior individuar essas notas que constituem uma determinada realidade, ou seja, passando do momento de inteligir a formalidade de algo para a sua nova formalização. O primeiro momento desse inteligir é aprender a coisa real apenas como real na sua formalidade própria e o desdobramento intelectual consiste em continuar inteligindo o aprendido em apreensão primordial de realidade. Sendo a intelecção algo próprio e particular do homem e quase que um processo automático já que esse mesmo homem está imerso e circundado em um campo de realidades, não existe outra saída desse homem senão inteli-gi-las. Zubiri afirma: “É por isso, e apenas por isso, que surgem o logos e a razão, ambas as intelecções já acontecem dentro da realidade.

---

<sup>75</sup> Todo ser humano tiene experiencia de la realidad. Esto es algo elemental, especialmente si se parte de los supuestos de la filosofía de Zubiri. Para él, como es bien sabido, la intelecção consiste en la capacidad de aprehender las cosas como realidades, de tal modo que todo ser dotado de inteligencia actualiza las cosas de ese modo. Pero esto, con ser verdad, no es toda la verdad. Y no lo es, porque el término realidad es obra de logos, no de la propia aprehensión primordial. Y el logos crea, construye, no solo descubre y actualiza. Con lo cual resulta que el término de realidad, y la concepción del aprehendido como realidad, está culturalmente determinados.

<sup>76</sup> Introducido el tema, importa señalar que Zubiri distingue el poder del real de la “poderosidad”. En *El hombre y Dios*, poderosidad se entiende, muchas veces, como un atributo de lo real en tanto que real, y por tanto como momento del “de suyo” equivalente a poder. Esto no es extraño, porque las tres partes del libro tienen diferentes estratos de redacción. En *Inteligencia sentiente*, los diferencia nítidamente. Identifica el momento de realidad, que tiene primacía sobre la estructura de la cosa real, con “poder”. “Esta primacía tiene un nombre muy preciso: es el poder”, asevera Zubiri. (GARCIA, 2002, p. 28).

<sup>77</sup> Lo que es real, lo que es «de suyo», no entonces cada nota sino tan sólo el conjunto entero.

Isto é assim, repito, porque o logos é senciente e porque a razão é senciente”. (ZUBIRI, 2011a, p. 203). O papa João Paulo II na sua Carta Encíclica afirma:

A fé, que se fundamenta no testemunho de Deus e conta com a ajuda sobrenatural da graça, pertence efectivamente a uma ordem de conhecimento diversa da do conhecimento filosófico. De facto, este assenta sobre a percepção dos sentidos, sobre a experiência, e move-se apenas com a luz do intelecto. A filosofia e as ciências situam-se na ordem da razão natural, enquanto a fé, iluminada e guiada pelo Espírito, reconhece na mensagem da salvação a «plenitude de graça e de verdade» (cf. *Jo* 1, 14) que Deus quis revelar na história, de maneira definitiva, por meio do seu Filho Jesus Cristo (cf. *1 Jo* 5, 9; *Jo* 5, 31-32). (*FIDES ET RATIO*, n. 9).

É interessante que do ponto de vista dinâmico da Sagrada Liturgia, o próprio Cristo em sua nova formalização corporal gloriosa manifestada por meio de sinais e símbolos sensíveis só pode ser percebido por meio dos sentidos e por causa desse momento primordial inteligir essa presença como algo real que está se dando e se impondo. A liturgia em toda a sua constituição e estrutura se impõe sobre os sentidos dos fiéis que a apreendem de modo radical direta, imediata e unitária. A esse respeito Vagaggini afirma:

Mas exatamente porque o domínio da inteligência na psicologia litúrgica não é do tipo abstrato, metafísico, racional, dedutivo, mas do tipo concreto, visivo, intuitivo, histórico na liturgia, o sentimento, e a vontade, na harmonia total do ser humano, têm uma parte essencial. A liturgia não considera jamais o mundo objetivo do dogma e da história da sagrada que possui sempre presente no intelecto, sem responder imediatamente a ela com toda adesão e afeto e do querer, sob formas e nuances quase infinitas: admiração, aspiração, desejos, súplicas, humilde reconhecimento da própria miséria, atos de fé, de esperança, de caridade, de humildade, de compunção, etc. (VAGAGGINI, 2009, p. 286).

Podemos dizer que uma determinada realidade não só se impõe com poder, mas como afirma Garcia com “poderosidade” (GARCIA, 2002) em cada uma de suas notas como via intelectual para se chegar a sua compreensão dessa unidade constitutiva e do “de suyo” dessa unidade constitutiva. Não se trata de um mero conjunto numérico de notas, mas dentro desse conjunto sistémico cada nota enumera-se como sua realidade própria. Cada uma forma parte de um conjunto. Cada uma das notas das aparições possui uma virtude própria porque não é um elemento «en» conjunto, mas um elemento «de» de um conjunto.

Toda realidade possui uma dimensão fundamental ou como vai afirmar Zubiri, uma estrutura enclausurada, mas aberta o que ele vai chamar de dinamismo transcendental. Toda coisa real que se situa no campo das realidades possui em si mesmas uma dimensão transcendental. Dessa mesma forma, Mistério Pascal é uma realidade transcendental aberta, assim como também o foi outrora a pessoa do Jesus histórico que agora

age na liturgia por meio de uma determinada realidade de sinais e símbolos. A dimensão transcendental e a possibilidade de que qualquer coisa real possui um caráter transcendental além de si mesma, nos dá fundamentos sólidos do ponto de vista da filosofia zubiriana, para repensar a afirmação dogmática da presença de Jesus nas ações celebrativas da Igreja. Necessariamente precisar estar presente-visível para ser. O ser quanto coisa real sentida em impressão primordial possui seu fundamento na sua própria transcendentalidade. Cescon afirma:

Consequentemente, ir a Deus é penetrar cada vez mais na própria coisa, e supõe conhecer e experimentar mais de perto o que é a realidade. Deus não é transcendente “ao” mundo, como concebia a filosofia escolástica, mas transcendente “no” mundo. O transcendente pode ser, desta forma, o profundo, o “dentro”, o “fundo formal” da própria realidade (contra o agnosticismo). (CESCON, 2007, p. 115).

Ir a Deus ou chegar ao fundamento de todas as realidades é penetrar cada vez mais na própria coisa. Cada vez mais em que eu penetro na realidade visível dos sinais e símbolos respeitando o seu dinamismo próprio, mais eu me aproximo do fundamento dessa realidade, do seu “de suyo”. Esse penetrar aqui se trata propriamente desse processo intelectual senciante em que o homem imerso e diante da realidade eu se impõe com poder é convidado e instigado a entrar nesse processo nos moldes de uma intensa curiosidade da fé. Joao Paulo II segundo relata na *Fides et Ratio* também esse processo de penetrar profundamente no fundamento das coisas:

Entretanto, não se pode esquecer que a Revelação permanece envolvida no mistério. Jesus, com toda a sua vida, revela seguramente o rosto do Pai, porque Ele veio para manifestar os segredos de Deus; e contudo, o conhecimento que possuímos daquele rosto, está marcado sempre pelo caráter parcial e limitado da nossa compreensão. Somente a fé permite entrar dentro do mistério, proporcionando uma sua compreensão coerente. (*FIDES ET RATIO*, n. 13).

Como nos diz a *Ratio et Fidei*, o conhecimento humano possui um caráter parcial e limitado e que auxiliados pela razão e pela fé somos chamados a penetrar o mais fundo desse mistério e descobrir esse “rosto” de Deus que é o fundamento de toda as coisas reais. Por isso, esse esforço da razão e da fé “exigem um entrar dentro da realidade que é esse mistério que se impõe diante dos homens e lhe afetam-estimulam os sentidos da inteligência senciante. Como vimos esse penetrar na realidade já supõe um momento ulterior da intelecção humana ou aquilo que podemos chamar de desdobramento do momento intelectual do

processo senciente que tem seu momento radical na apreensão primordial de realidade. Toda e qualquer ação celebrativa da Igreja desde os sacramentos, como os sacramentais da ação celebrativa da Igreja desencadeia no apreensor um processo senciente que acontece sustentado por uma estrutura interna intelectual mais apurada ou que Zubiri vai chamar da estrutura do sentir impressivo composto de três momentos internos: suscitação, modificação tônica e resposta. Esse se trata de um processo interno intelectual no processo do conhecimento zubiriano. O sentir não é um mero momento que favorece impressões vagas ou sentimentos ou percepção de algo que é real, mas se trata de um momento intelectual ou uma das fases de fundamental importância. Neste ponto vemos a superação de Zubiri em destacar o papel do sentir enquanto parte integrante da dimensão intelectual diferente do que se pensavam os clássicos ao afirmar como Kant que os sentidos eram apenas receptores do conhecimento. Ferraz a esse respeito afirma:

Para Kant, a sensibilidade é caracterizada por sua capacidade de ser afetada por objetos no mundo exterior, é receptivo. Essas afecções da sensibilidade, a sensações, não carregue ordem, mas naquela massa desordenada – a “matéria” do conhecimento – se plasmam umas “formas” que têm a mesma sensibilidade; são o espaço e o tempo. Desta forma são representações ordenadas espacial e temporalmente das coisas que percebemos como integrados ao mundo. Essas representações são intuições, representações básicas para todo o conhecimento humano. (FERRAZ, 2005, p. 81).<sup>78</sup>

Tal afirmação clássica passa a direcionar, por sua vez, toda a reflexão teológica acerca do sentir do mistério presente na Sagrada Liturgia, na qual o sentir possui apenas um papel vago de percepção de algo que se sente. Zubiri vai mais a fundo apontando para o desdobramento dessa primeira percepção que, por sua vez, desencadeia outros modos intelectivos no apreensor. Para ele, como vimos anteriormente, o sentir não é um mero sentir, mas é um ato intelectual por si só. A intelecção é o ponto de partida do processo do conhecimento pelo qual já se tem conhecimento de uma determinada formalidade e da formalização dentro de um caráter direto, imediata e unitária. O sentir, do ponto de vista da análise noológica de Zubiri, é o primeiro momento radical do processo do conhecimento e sem esse momento não podemos falar dos outros momentos posteriores do conhecimento e muito menos falar de chegar ao fundamento das coisas reais. Para Zubiri essa é a via por excelência. Os sentidos não têm por função oferecer “dados” para que a intelecção-razão

---

<sup>78</sup> Para Kant, la sensibilidad se caracteriza por su aptitud para ser afectada por los objetos del mundo exterior, es receptiva. Estas afecciones de la sensibilidad, las sensaciones, no llevan consigo ningún orden, pero en esa masa desordenada – la “materia” del conocimiento – se plasman unas “formas” que posee la misma sensibilidad; son el espacio y el tiempo. Así se constituyen representaciones ordenadas espacial y temporalmente de las cosas que percibimos como integradas en el mundo. Estas representaciones son intuiciones, representaciones básicas para todo conocimiento humano.

possa processar e dizer algo sobre esses dados, como se pensam os grandes filões da filosofia clássica desde Platão, Aristóteles, passando por Kant chegando até Husserl e Heidegger. Para Zubiri esses dados já são processados nesse primeiro momento unitário. Afirma Zubiri:

A intelecção é formalmente apreensão direta do real, não através de representações ou imagens; é uma apreensão imediata do real, não fundada em interferências, raciocínios ou nada similar; é uma apreensão unitária. A unidade desses três momentos é o que constitui que o apreendido o seja em e por si mesmo. (ZUBIRI, 2011a, p. 187).

Como vimos até aqui o sentir enquanto processo se completa de modo unitário e imediato em outros modos intelectivos do ser humano e que somente esse caráter unitário pode dar ao mesmo um conhecimento total ou parcial de uma determinada coisa real. O primeiro momento de realidade em e por si mesmo: é a atualidade primária e radical. Zubiri afirma:

A atualidade tem o caráter mais visível, por assim dizer, o estar presente de algo em algo. Assim, aos dizermos que os vírus são algo que tem muita atualidade, dizemos que são algo que está hoje presente na mente de todos. Aqui já se percebe a diferencia essencial entre atualidade e atuidade. Algo é real em ato quando tem a plenitude de sua realidade. Os vírus são sempre realidade em ato. No entanto, seu estar presente para todos não é atuidade. Há muitos anos, os vírus careciam dessa presença: não tinham atuidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 99).

Atualidade de algo para Zubiri é como algo se apresente como presente e, por isso, podemos dizer que cada coisa real possui uma atualidade própria na sua forma de estar. Os outros momentos de articulação intelectual que acontece no momento da apreensão primordial de realidade ou modos de atualização do real na inteligência senciente. López afirma:

A liturgia cristã tem no memorial o grande sinal da presença do Senhor e da atualização dos mistérios de Cristo. A parte central da oração eucarística se chama precisamente *anamnese* para expressar que se cumpre o mandato institucional de Jesus, e seu mistério pascal se faz presente e operante. (LÓPEZ, 2006, p. 82).

No primeiro momento radical da apreensão primordial de realidade o que se tem na impressão em primeira mão é esse momento de atualidade e esse momento de atuidade, ou seja, o real como real. Um segundo momento desse processo intelectual senciente será individuar esse estado de atualidade e de atuidade para nova formalidade de Jesus presente nos sinais em cada celebração da ação litúrgica da Igreja. Zubiri acerca disso nos dá um exemplo que pode esclarecer melhor:

Façamos uma comparação. Um pedaço de cera sobre a minha mesa está seco. Se eu introduzir num recipiente com água fria, o pedaço de cera permanecerá seco; a água não atua molhando-o. mas a imersão fundou uma atualidade: seco é agora formalmente o caráter de “não molhado”. Não se produziu a *secura* (atuidade), mas sim atualidade da *secura*. Tomo esse exemplo apenas descritivamente, sem correr a nenhuma explicação física da molhadura. Sé é atualidade a presença neste “estar”. Atualidade não é mera presentidade, mas presente enquanto algo que “esta”. (ZUBIRI, 2011a, p. 100).

A noologia zubiriana na medida em que aprofunda o sentir enquanto processo intelectualivo senciente descobre um outro modo intelectualivo do processo senciente que é apreensão simples da realidade. Ao tratar da retração libertadora enquanto processo parte estrutural do processo senciente intelectualivo afirma:

Ou seja na retração inteligimos “a” realidade como algo aberto ao que as coisas possam ser nela. Portanto, estar desta forma na realidade é estar *liberto* por ora do que as coisas são em realidade, mas isso como já dissemos, não é abandoná-las. (ZUBIRI, 2011b, p. 62).<sup>79</sup>

Importante aqui notar que as notas que formam a realidade estão dispostas não de qualquer forma, mas de uma maneira sistematizada, trata-se de um conjunto complexo de notas. A realidade das aparições em si é um sistema unitário de notas reais. Essa formalidade das aparições desse sistema de nota pressupõe o seu caráter de clausura, ou seja, não é uma nota «en» um conjunto, mas nota «de». Espinosa afirma:

Toda nota é na coisa uma “nota-de”. De que? De todas as outras... Essas notas de uma coisa real são de dois tipos...”† Se percebermos, é fácil tentar dar uma resposta rápida ao problema colocado pelo termino realidade. Dependendo da intenção do leitor, pode-se ler que Zubiri entende a realidade por si mesma ou substantividade ou essência ou atualidade ou respectividade etc. (ESPINOSA, 2001, p. 31-32).<sup>80</sup>

Esse «de» uma determinada coisa implica uma clausura já que não se trata de uma nota solta, mas de um conjunto preciso. A construção ou o que Zubiri vai de *constructo* que vai se constituir um sistema de notas. A substantividade repousa das coisas reais nesse sistema substantivo de notas. No momento intelectualivo de retração as notas

<sup>79</sup> Pero en la retracción libertadora, la cosa queda en realidad desrealiza en otra dimensión, más. Todo «esto» es un sistema unitário de notas reales. Según este sistema unitário, la cosa no es un mero complejo de notas reales cualquiera, sino de estas notas sistematizadas y una cierta «manera»; de suerte que si lo estuvieran de otra ya no serían la misma cosa sino justamente con otra.

<sup>80</sup> Toda nota es en la cosa una ‘nota-de’. ¿De qué? De todas las demás... Estas notas de una cosa real son de dos tipos...”† Si nos damos cuenta, es fácil intentar dar en forma rápida una respuesta al problema que plantea el término realidad. Según la intención del lector, se podrá leer que Zubiri entiende realidad por de suyo o sustantividad o esencia o actualidad o respectividad etc.

apreendidas em apreensão primordial ficam como que suspensas na intelecção senciente. Vai afirmar Zubiri:

Esta retração não consiste num simples “prescindir”. Por que prescindir é sempre algo que afeta o conteúdo do apreendido, um conteúdo que compreende, como veremos em seguida tanto o que classicamente foi clamado de essência como o que é chamado de existência. Mas a retração conserva todo o conteúdo da coisa como realidade, e o que deixa em suspenso não é ‘a realidade’, mas o que a coisa é “em realidade”. A realidade continua a ser o “de suyo”, mas não sabemos o que é em realidade este “de suyo”. E isso não é mera sutileza. (ZUBIRI, 2011b, p. 65).

O momento da retração que acontece dentro do processo interno intelectual consiste já em um momento ulterior após a apreensão primordial de realidade. E somente a partir desse momento é possível começar a individuar o que o a coisa real em apreensão primordial é em realidade. Isso é o que Zubiri define como modo do logos da intelecção senciente. Esse momento, a coisa real em retração libertadora toma distância do objeto apreendido e passa a compreender o que real é em realidade a partir de suas notas individuais.

Portanto, essa impelência consiste em abandonarmos a coisa real, e sim em os mantermos ela, mas sometecomo ponto de apoio para um recolhimento intelectual que deixa suspenso o que essa coisa e “em realidade”. Esta suspensão é um movimento próprio: é um esforço de retração. Retração é intelecção da coisa real deixando em suspenso o que é em realidade. (ZUBIRI, 2011b, p. 61).

Sobre esse momento intelectual do logos como parte do processo senciente Espinosa afirma:

Por um lado, o momento segundo o qual a apreensão primordial não é apenas anterior ao logos, mas é incoativamente, ainda que incoativamente, logos. Mas há outro aspecto. O determinado, o logos, envolve então a própria apreensão primordial como algo em que ela se desdobra. Não há apenas precedência, mas há incoerção e desdobramento. O mesmo deve ser dito da razão: o logos e, portanto, a apreensão primordial, determinam a intelecção racional, que é então incoativamente determinada por essas duas intelecções como desdobramento delas. (ESPINOSA, 2001, p. 29).<sup>81</sup>

Somente a partir desse desdobramento intelectual se começa a individuar o que a coisa real é em realidade a partir desse movimento intelectual se constrói o sistema

---

<sup>81</sup> Por un lado, el momento según el cual la aprehensión primordial no es tan sólo anterior al logos sino que es incoativamente, bien que sólo incoativamente, logos. Pero hay otro aspecto. Lo determinado, el logos, envuelve entonces la aprehensión primordial misma como algo en la que esta se despliega. No hay sólo anterioridad sino que hay incoacción y despliegue. Lo propio debe decirse de la razón: el logos, y por tanto la aprehensión primordial, determinan la intelección racional la cual está entonces incoativamente determinada por dichas dos intelecciones como un despliegue de ellas”.

como realidade substantiva de uma determinada coisa real. Em outro momento, Espinoza afirma: “O logos semítico† descreve o que lhe é imposto. E o que se impõe é construtivamente físico, ou seja, neste tipo de logos descrevem-se notas físicas articuladas entre si, em estado de construção”. (ESPINOSA, 2001, p. 42)<sup>82</sup>. Em um outro momento, sua obra sobre a Inteligência Senciente vai dizer que a substancialidade do sistema não está composta pela substantividade de suas notas, que servem apenas como efeitos da sua *actualidade* intelectual, ou seja, a substantividade daquilo que consideramos real é a capacidade ou suficiência do conjunto inteiro de notas porque somente o conjunto inteiro possui substancialidade. Por isso, podemos dizer que aqui reside um dos aspectos dinâmicos de umas das dimensões da realidade, isto é, a substantividade da realidade é algo em *constructo* (construção) que vai se dispondo com o princípio de inteligibilidade de maneira sistematizada dentro de um conjunto inteiro. Cada nota por assim dizer pertence a um «de *suyo*» próprio diferente daquilo que pensavam os clássicos da filosofia que pesavam as notas ou acidentes como “inerentes” a um sujeito substancial e nem predicados. Para Zubiri, as notas de cada coisa real são «*co-herentes*» a um sistema construtivo.

Nessa direção fica cada vez mais claro o Zubiri, em primeiro lugar possui uma estrutura própria constituída de notas e que essas mesmas notas dentro de um sistema formam a constituição do real. Em outras palavras, a substancialidade das coisas nada mais nada menos é a actualização do ser da coisa real na realidade, já que ser real supõe uma certa realidade substantiva. Fica claro, no entanto, que substantividade enquanto sistema de notas organizadas é parte essencial da estrutura do real. Uma outra dimensão da estrutura da realidade é a essência. Isto equivale dizer que essa estrutura repousa sobre algo mais profundo e que as notas dessa realidade expressam apenas um aspecto dela. Isto quer dizer que as notas em este sistema substantivo e constitucional de muitas notas não são suficientes para descrever todos os aspectos da realidade. “Pois bem, o sistema básico e constitutivo de todas as notas necessárias e suficientes para que uma realidade substantiva seja o que é, é precisamente o que chamei de essência. É a unidade de coerência primária” (ZUBIRI, 2006. p. 35)<sup>83</sup>.

Por assim dizer, o sistema substantivo não só possui um caráter constitucional enquanto sistema de notas, mas um caráter constitutivo o que nosso autor chama de essência. Para ele, esse caráter constitutivo é a unidade primária da própria estrutura da realidade. O autor quer dizer que cada nota e, conseqüente, todo conjunto de notas estão

---

<sup>82</sup> El logos semítico† describe lo que se le impone. Y lo que se impone es constructamente físico, es decir, en este tipo de logos se describen notas físicas articuladas entre sí, en estado constructo.

<sup>83</sup> Pues bien, el sistema básico y constitutivo de todas las notas necesarias y suficientes para que una realidad sustantiva se lo que es, es justamente lo que he llamado de esencia. Es la unidad coherencial primaria.

não somente em relação com as outras em um movimento que se determinam e co-determinam dentro da realidade, mas também em relação com a sua essência pela qual não só pela qual cada nota está determinada, mas que nessa encontra a sua própria dimensão constitutiva. Uma determinada nota apesar de possui a sua substancialidade própria como ele, o próprio autor, cita no exemplo do albinismo que apesar de ser uma nota de uma “mutação” da cor corpo do ser humano, ele está radicado na sua constituição genética. Sendo assim, o albinismo quanto anomalia da cor da pele é apenas uma nota do sistema constitutivo da realidade do ser pessoa. Ser albino é apenas um aspecto da nota do ser humano. A nota do albinismo não só está determinada com as outras notas e não se co-determinam com elas, mas com a sua essência que a sua dimensão constitutiva genética. O albinismo neste exemplo possui a sua dimensão constitutiva no aspecto genético. Seguindo, o pensamento de Zubiri, é nota «de» desse momento de genitividade. Pode-se dizer que a nota de uma determinada coisa real possui uma realidade primária e radical que é sua dimensão constitutiva. Tal sistema básico e primário é condição determinante para a construção do real. Zubiri vai dizer que ser nota «de» confere ao sistema esse caráter de *constructo*.

Além da dimensão substantiva de notas reais, a noologia zubirina nos aponta para uma realidade muito mais ampla e rica que é a estrutura de cada realidade. O processo intelectualivo senciente não somente individua através da apreensão simples uma determinada nota de uma determinada realidade substantiva, mas também é capaz de individuar a sua estrutura. A liturgia da Igreja possui notas individuais e uma determinada substantividade do Mistério Pascal. O processo intelectualivo senciente passa a individuar as notas e a substantividade a partir de uma determinada estrutura. No âmbito da apreensão senciente tendo o seu momento radical na apreensão primordial direta, imediata e unitária como ponto de partida e, somente em segundo momento, dentro dessa unidade fundamental intelectualiva o fiel passa a individual intelectivamente e sencientemente cada um desses aspectos que constitui essa estrutura dinâmica. Acabamos de ver que a realidade possui um sistema básico de notas que forma o seu caráter de substantividade ou sistema constitucional de notas e que, por sua vez, possui um sistema básico constitutivo ou coerência primária.

A estrutura é a atualidade da unidade primária em um sistema de construção de notas. Nela, esta atualidade, o efeito formal do sistema consiste em determinar a posição de cada uma das notas dentro do sistema. Não consiste que cada nota emerge de um sujeito, mas em que cada nota ocupe um lugar perfeitamente determinado dentro de outras notas. (ZUBIRI, 2006, p. 37)<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> Estructura es la actualidad de la unidade primaria en un sistema constructo de notas. En ella, en esta actualidad, el efecto formal del sistema consiste en determinar la posición de cada una de las notas dentro del

Interessante notar que nessa estrutura se atualiza a unidade primária ou a dimensão constitutiva da realidade. Na dinâmica da realidade a estrutura possui um papel fundamental, já que nessa cada nota ocupa um lugar determinado. A unidade radical ou primária se expressa nessa multiplicidade de notas ou unidade. A constituição do que chamamos de real depende essencialmente dessa construção de notas onde cada uma dentro de um sistema unitário ocupa o seu lugar determinado. Essa coerência de notas entre si e com a sua realidade primária é o que vai determinar o que chamamos de realidade. Cada ser possui uma unidade estrutural composta de um sistema unitário de notas de uma realidade primária radical que é a sua essência ou genitividade. Podemos dizer que essência ou realidade primária de cada ser encontra sua forma de expressão real nessa estrutura que atualiza o sistema unitário de notas. Espinosa afirma:

Esse estar “com” e “na” coisa em que consiste apreender a realidade é o físico da nota. As notas são notificadas como um estar (físico) na apreensão com e na coisa. O estar como e as notas se articulam umas com as outras. E por esta razão, na minha compreensão, a inteligência senciente é a única coisa que efetivamente explica a realidade. (ESPINOSA, 2001, p. 43).<sup>85</sup>

Em sua obra *Inteligência Senciente* vai dizer que na substantividade sistemática a unidade do sistema constitui um «*suin*», «*su intus*». Vai dizer que esse *constructo* possui uma interioridade que está atualizada em «*in*», ou seja, nas notas que se plasam em modo de coerência.

Para ele a realidade como estrutura-*constructo* possui estas duas dimensões fundamentais, uma interior que é o sistema de notas que possui uma unidade em si mesma e a exterioridade que é a sua dimensão externa. Para ele se trata de dois momentos físicos não conceptivos, mas dois momentos físicos apreensivamente descritos do *constructo* sentido. A substantividade do real, por assim dizer, é a projeção nas notas na medida em que elas são atualizadas como *constructo*. Por isso, pode-se afirmar que o real é uma substantividade estrutural e dimensional.

Cada vez fica mais vez mais evidente que para Zubiri a realidade não é algo estático, mas algo dinâmico tanto internamente como externamente e que mesmo tendo seu ser em si mesmo seja na substantividade ainda que de caráter provisional de cada nota ou na

---

sistema. No consiste que cada nota emerge de un sujeto, sino consiste en que cada nota ocupe un lugar perfectamente determinado dentro de otras notas.

<sup>85</sup> Ese estar ‘con’ y ‘en’ la cosa en lo que consiste aprehender la realidad, es lo físico de la nota. Las notas se notifican como un estar (físico) en la aprehensión con y en la cosa. El estar con y en es como las notas se articulan entre sí. Y por esto que ni la conciencia ni la comprensión sino la inteligencia sentiente es lo único que da cuenta de modo efectivo de la realidad.

sua realidade primária da unidade de todas as notas justapostas, é algo que está em construção na medida em que é atualizada na intelecção. O último momento da realidade como estrutura é a sua realidade como constituição essencial.

Constituição é a maneira como algo é um. Todos os sistemas substantivos têm cada um sua unidade essencial, mas cada um é “um” à sua maneira, determinado por suas notas. E o modo como as notas constitutivas modulam a unidade primária e radical é precisamente o que chamei de constituição. (ZUBIRI, 2006, 38).<sup>86</sup>

O autor é claro em colocar a questão de que a realidade é precisamente algo “de *suyo*” e que esse é radicalmente estrutural. Aqui nosso autor distingue duas coisas importantes, a realidade enquanto constituição estrutural não é substância, mas, sim, estrutura de um “de *suyo*” se atualiza de modo automatizado numa relação de dependência e independência com o seu “de *suyo*” e com suas notas. A substancialidade do real, por assim dizer, é projeção da realidade primeira e radical da estrutura desse “de *suyo*”.

Sendo assim, podemos sintetizar até aqui que para Zubiri a realidade é uma dimensão muito complexa e cheia de elementos determinantes para a constituição da sua noção de realidade. A realidade em si mesma está constituída de um *devenir*, de um ser substantivo e de uma estrutura. Tais elementos lançam uma nova luz para a compreensão do dinamismo da ação litúrgica da Igreja. O mistério da liturgia implica como temos percebido até aqui não somente um esforço dos sentidos, mas um esforço intelectual. Estando instalado nessa se passa distinguir as suas outras notas da construção de um sistema de outras que se articulam livremente entre em um estado de abertura e somente dentro desse processo se pode chamar como afirma Zubiri a essência do que são as coisas reais. Podemos dizer que toda coisa real assim como as aparições passam do seu momento de constructo para seu momento constitutivo, enquanto sistema coerente para se chegar a sua substantividade essencial. Espinosa vai dizer que cada nota na sua individualidade possui um caráter físico que os afeta sencientemente e que, por isso, determina algo com real em si mesmo. Podemos dizer que as aparições são um sistema de nota unitário. “As notas se sentem impressivamente. Eles nos afetam como outra coisa que se impõe. A característica da nota é se impor fisicamente”. (ESPINOSA, 2001, p. 43)<sup>87</sup>.

<sup>86</sup> Constitución es lo modo como algo es uno. Todos los sistemas substantivos tienen cada uno su esencial unidad, pero cada uno es «uno» a su modo, determinado por sus notas. Y el modo como las notas constitutivas modulan la unidad primaria y radical es justamente lo que he llamado constitución.

<sup>87</sup> Las notas se sienten impresivamente. Ellas nos afectan como algo otro que se impone. Lo propio de la nota es imponerse físicamente.

Podemos dizer que a ação litúrgica enquanto realidade estrutural também possui tais elementos ou ao menos similares como o *devenir* enquanto movimento entre o ser e o não-ser, podemos dizer, também, que possui uma substantividade, um sistema de notas que se determinam e que são coerentes entre si e uma estrutura que é algo de “de *suyo*”. A limitação da reflexão litúrgica talvez repouse em se limitar a dizer que todas as ações litúrgicas são apenas uma realidade da fé, mas não o que é em realidade essa realidade da fé. Responder essa segunda pergunta já implica um esforço intelectual que vai se aprofundando os modos ulteriores que tem seu ponto de partida da apreensão primordial de realidade. O que se pretende aqui à luz do autor é lançar mais uma luz sobre o Mistério Pascal Cristo e como este se constitui um sistema unitário em cada ação litúrgica da Igreja. Beckhause afirma:

O mistério é em si um só e abrange toda a realidade. O mistério, como entendea liturgia, certamente não é uma verdade que se descobre simplesmente, ou uma verdade oculta que se revela somente à inteligência humana; mistério é antes, uma verdade que, revelado-se se cumprem, um desígio ou plano de Deus que se realiza. (BECKHÄUSER, 2004, p. 52).

A liturgia cristã é uma realidade muito rica e polivalente que é analisada sobre muitos aspectos, tanto sobre os aspectos da fé como da realidade humana, mas também agora podemos acrescentar do ponto de vista intelectual senciente. Assim como outras posições teológicas ainda não esgota sobre o que e como se constitui a dinâmica da realidade. Seriam esses muitos “aspectos” as notas que formam o sistema da liturgia da Igreja? A liturgia possui um sistema de notas coerentes entre si? Qual seria o fundamento primeiro e radical da liturgia? A liturgia possui uma realidade estrutural que repousa na constituição de algo como “de *suyo*”? Até aqui já é suficiente a noção zubirina do real que pode iluminar essas questões ainda não trabalhadas dentro da reflexão teológica da ciência litúrgica.

### 3.6. A recuperação do sentido teológico da estrutura dinâmica da liturgia

Estes atos arbitrários causam incerteza na doutrina, dúvida e escândalo para o povo de Deus e, quase inevitavelmente, uma violenta repugnância que confunde e aflige com força a muitos fiéis em nossos tempos, em que freqüentemente a vida cristã sofre o ambiente, muito difícil, da “secularização”. (RS, n. 11).<sup>88</sup>

A estrutura dinâmica da liturgia, como vimos, é algo transcendental, senão a liturgia cristã não seria uma realidade. Após termos tratado acerca da recuperação do objeto

---

<sup>88</sup>Hinc consequuntur incertitudo quoad doctrinam, dubitatio et scandalum populi Dei atque, paene necessarie, repugnationes violentae, quae omnia in nostra aetate, ubi saepe vita christiana etiam ob «saecularizationis» ventus perdifficilis evadit, christifideles multos vehementer confundunt et contrastant.

do estudo da Sagrada Liturgia e seu método e o sentido teológico dos ritos e dos sinais e símbolos implicados na ação ritual, bém da *actuosa participatio* ou a *Ars Celebrandi* dos fiéis por meio da dinâmica ritual, agora vamos nos debruçar sobre outro aspecto fundamental da Sagrada Liturgia que também assim como todos os outros elementos foi objeto de investigação e de grandes debates, principalmente, em contexto latino-americano no que diz respeito a aproximação da dinâmica ritual na realidade do povo de Deus. Acredito que essa tenha sido uma das grandes preocupações e o eixo condutor de todos as reformas litúrgicas na vida da Igreja. De que serviria uma estrutura litúrgica se não servisse para nada? Cescon afirma:

(Em Cristo) Deus mesmo é o acesso a Deus», porque «não só está na história, como também está historicamente nela». Nesta ótica, toda a experiência teologal da humanidade é a experiência da “dei-formidade”: é cristianismo “dei-forme”. Significa que a criação, e nela o homem, são projeção da própria vida intra-trinitária ad extra. (CESCON, 2007, p. 119).

Não teria funcionalidade alguma. De que serviria toda uma estrutura litúrgica se não tivesse o povo de Deus? A liturgia divina da Páscoa da Aliança instituída por Deus no Antigo Testamento tem como objeto o povo escravizado dentro desse contexto essa liturgia pascal torna-se instrumento de Salvação.

E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando eu ferir a terra do Egito. E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. (Ex 12, 14).

Nesse mesmo horizonte, seguindo a tradição da memória pascal do povo eleito, Jesus Nosso Senhor também instituiu um novo rito da páscoa para que também esse fosse prefiguração e sintetizasse as ações sagradas de Deus na história da humanidade:

A mesma Igreja não tem nenhum poderio sobre aquilo que tem sido estabelecido por Cristo, e que constitui a parte imutável da Liturgia. Posto que, caso seja rompido este vínculo que os sacramentos têm com o mesmo Cristo que os tem instituído e com os acontecimentos que a Igreja tem sido fundada, nada seria vantajoso aos fiéis, mas sim poderia ser gravemente danoso. (RS, n. 10).<sup>89</sup>

Nesse rito estão condensados os acontecimentos salvíficos passado, presente e futuro. Ali está a prefigurada a Páscoa antiga do povo do Antigo Testamento; a Nova Páscoa do Cristo que em si mesma pela força do Espírito potente que Deus Pai enviou sobre Jesus

---

<sup>89</sup>Ipsa Ecclesia nullam habet potestatem circa ea, quae a Christo sunt statuta et quae Liturgiae partem immutabilem constituunt. Si autem vinculum frangeretur, quod sacramenta habent cum ipso Christo, qui ea instituit, et cum eventibus, quibus Ecclesia fundata est, id nihil fidelibus prodesset, sed eis graviter noceret.

(Lc 4, 17-190), e sobre os Apóstolos e sobre toda a humildade (Jo 20,19-23), os gestos e as palavras sagradas da Última Ceia e o Jesus da Paixão do Senhor e seu retorno glorioso. Todo este grande mistério está ali e se reatualiza cada vez que a Igreja movida pelo Espírito potente celebra cada uma das suas ações Sagradas, principalmente, quando a Igreja celebra o augustíssimo Sacramento da Eucaristia e que, por consequência, dessa e seus efeitos de salvação são irradiados em todos os outros sacramento e sacramentais da vida Igreja, começando pelo Sacramento do Batismo até o rito das Exéquias dos fiéis defuntos. Sendo assim, podemos afirmar que o rito está impregnado da presença de Deus, é um dom dado aos homens para que esses possam se salvar, santificar-se e prestar o autêntico culto a Deus: “Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai” (SC, n. 7). O imperativo de Jesus: “Fazei isto em memória de mim”. (Lc 22, 19) não só estabelece um elo com a memória dos efeitos salvíficos de Iahweh no passado, mas agora com a mesma intensidade ecoa dentro da Igreja através de cada sinal que é celebrado dentro da Igreja. Iluminador também é o número 9 da instrução ao tratar desse grande dom que pode vir a ser “ofuscado” e “corrompido” por meio de decisões arbitrárias, seja por parte dos ministros sagrados ou de outras figuras implicadas na organização ou na presidência dos atos litúrgicos da Igreja. A RS afirma:

O Mistério da Eucaristia é demasiado grande «para que alguém possa permitir tratá-lo ao seu arbítrio pessoal, pois não respeitaria nem seu caráter sagrado, nem sua dimensão universal». Quem age contra isto, cedendo às suas próprias inspirações, embora seja sacerdote, atenta contra a unidade substancial do Rito romano, que se deve cuidar com decisão, e realiza ações que, de nenhum modo, correspondem com a fome e a sede do Deus Vivo, que o povo de nossos tempos experimenta, nem a um autêntico zelo pastoral, nem serve à adequada renovação litúrgica, mas sim defrauda o patrimônio e a herança dos fiéis com atos arbitrários que não beneficiam a verdadeira renovação e sim lesionam o verdadeiro direito dos fiéis à ação litúrgica, à expressão da vida da Igreja, de acordo com sua tradição e disciplina (RS, n. 11).<sup>90</sup>

A instrução aponta em três direções, ou seja, no grande dom que o Sacrifício da Missa é para o povo e através do qual Deus salva, alimenta e sustenta o seu povo até a parusia, o cuidado para que os pastores e outros tenham para não “dirimir” ou “corromper” ou

---

<sup>90</sup>Mysterium Eucharistiae maius est «quam ut quisquam sibi permittat proprio id arbitrato tractare, unde nec sacra eius natura observetur nec universalis ratio». Qui e contra ita agit, etiamsi Sacerdos sit, suo indulgens ingenio, substantialem unitatem Ritus romani, quae strenue servanda est, offendit actiones patrat, quae nullo modo cum fame ac siti Dei vivi congruunt, quas populus aetatis nostrae experitur, nec authenticae navitati pastorali aut rectae renovationi liturgicae inservit, sed potius christifideles patrimonio et haereditate eorum defraudat. Acta enim arbitraria verae renovationi non prosunt, sed laedunt verum christifidelium ius ad actionem liturgicam, quae Ecclesiae vitae expressio est, iuxta eiusdem traditionem ac disciplinam.

“ofuscar” a unidade substancial do Rito Romano e a sua relação com a vida do povo. Cabe somente a Igreja proteger e custodiar tão grande dom para a salvação de toda a humanidade e para continuar santificando todo o corpo místico que são todos os fiéis batizados. A instrução insiste em recuperar o fundamento e autêntico sujeito da liturgia que Jesus Home-Deus-Glorificado, Ele é o centro e o ponto de convergência de toda ação sagrada dentro da Igreja: “A mesma Igreja não tem nenhum poderio sobre aquilo que tem sido estabelecido por Cristo, e que constitui a parte imutável da Liturgia”. (RS, n. 10).<sup>91</sup> Como podemos constatar, a Liturgia da Igreja possui uma realidade divina, mas está destinada para cada homem e cada mulher que se aproximar, tomam parte dos sinais sagrados por meio da Igreja que os administra e podem obter a salvação e contínua santificação pessoal e ao mesmo tempo é chamado a corroborar para a transformação de todas as realidades humanas. Nesse sentido Costa afirma:

Se Cristo, ao se Dar em impressão primordial de realidade, não nos impelisse para realidade campal, onde o primordialmente apreendido é distanciado em retração desrealizadora (libertadora) para livremente reverter-se à coisa real com discernimento, o cristianismo noa seria estruturalmente uma realidade libertadora. (COSTA, 2020, p. 51).

A estrutura da sagrada liturgia com seus *ritus et preces* está fundada na realidade de cada pessoa humana e abarca todos os “realismos humanos”. A liturgia do Cristo é uma liturgia encarnada na história e que, por sua vez, assume a história de cada homem, suas dores e fadigas, projetando-os diariamente nesse movimento dinâmico nas entranhas da realidade do povo de Deus, não fora dela. Podemos dizer que a realidade do Mistério Pascal como realidade dinâmica está em profunda “confluência” com a realidade humana e, por isso, cada homem e mulher de boa vontade com as disposições de fé pode apreendê-lo e estabelecer uma relação de encontro-comunhão. Grilo ao tratar da dinâmica ritual na sua relação com a existência humana afirma:

O “rito litúrgico” não é agora uma espécie de ponderação da relação direta entre Cristo e o cotidiano, mas invés, o elemento unificante, o, *medium* que coloca em comunicação os dois “polos” na comunicação que se atua entre “uma volta por todas e o agora. (GRILLO, 2011, p. 44-45).<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup>Ipsa Ecclesia nullam habet potestatem circa ea, quae a Christo sunt statuta et quae Liturgiae partem immutabilem constituunt.

<sup>92</sup> Il “rito litúrgico” non è allora una sorta di appesantimento del rapporto diretto tra Cristo e il quotidiano, ma piuttosto l’elemento, il *medium* che mette in comunicazione i due poli nella comunione che si attua tra l’ “una volta per tutte” e il “qui ed agora”.

Uma liturgia separada da vida das dores e dos sofrimentos do povo, da “realidade” do povo não só “traí” e “desvirtua” o modo da ação salvífica de Deus na história da humanidade, mas também tornam os sinais e símbolos vazios, que não significam e não servem para a nada. Essa é uma das grandes preocupações da instrução ao chamar a atenção, principalmente, daqueles que tem por *officium* presidir a ação sagrada a cura de evitar qualquer elemento estranho que venha a causar dano para a vida dos fiéis. A presente instrução vai afirmar que o povo de Deus tem direito a participar de uma autêntica liturgia na qual possam apreender o mistério na sua totalidade e usufruir de toda graça de salvação contida no mesmo. Costa afirma:

É uma grande preocupação não só para os que lutam no campo da ciência litúrgica, mas sobretudo, para o povo de Deus, que está cansado desse tipo de criatividade e tem direito a uma liturgia autêntica e de qualidade, para poder celebrar sua fé com eficácia. Há também os que apoiam tais liturgias, servindo-se delas com a finalidade de diversão. Neste caso, faz pena, porque tal distorção beira o “pão e circo” do paganismo romano. (COSTA, 2019, p. 699-700).

Uma das grandes preocupações ao longo da Igreja desde os primeiros séculos, principalmente, com Movimento Litúrgico, com a carta Encíclica *Mediator Deido* papa Pio XII, com a *Sacrossanctum Concilio* e carta Apostólica *Desiderio Desideravi* do papa Francisco e presente instrução do papa João Paulo II que estamos analisando sempre foi de levar toda a Igreja a experiência como verdadeiro encontro com Deus na realidade humana. A tarefa árdua sempre foi entender e celebrar a dinâmica ritual a partir da vida e dos “realismos” de todo povo de Deus. Paranhos nos ajuda a entender essa problemática da separação entre a rito e a vida do povo.

O povo, distanciado da liturgia, responde com as inúmeras práticas de devoções, e abre-se dessa forma, uma outra frente de divisão, devido às incompreensões e aos atritos entre a liturgia e a piedade popular. A mesma celebração eucarística será entendida como uma devoção como as outras: entre os fiéis, cresce o desejo de ver a hóstia consagrada com a esperança de visualizar o rosto do Senhor; nesse clima devocional, em 1246 é introduzida, em Liegi, a festa de *Corpus Domini*, e em 1264, na Cúria Romana. (PARANHOS, 2022, p. 85).

A teologia litúrgica sempre procurou levar ao justo equilíbrio a relação entre o eixo fundamental da ação ritual da Igreja e da vida cristã. Sempre buscou equilibrar o eixo central da vida da iniciação cristã liturgia, sacramentos e mistério pascal com a vida cotidiana. Costa afirma:

O silêncio real nos ajuda a realizar um encontro igualmente real com Deus porque é um encontro verdadeiro, e também fantástico, porque preenche o nossos ser com o ser divino como nenhuma experiência nessa vida

consegue fazê-lo. Não se trata de uma realidade comum, pois Deus supera toda e qualquer realidade que os sentidos capitam. Deus é realidade e, por isso, transcende à realidade sensível e limitada do nosso conhecimento pela via dos sentidos. Então, estamos falando de um encontro que trafega na via do Espírito e mergulha na plenitude do Mistério para atingir patamar do Tabor de Deus, onde Deus se revelava assim como ele é. E ao fazer isto, revela também o ser humano a si mesmo e, desta forma, mostra a grandeza da vida. (COSTA<sup>1</sup>, 2010, p. 49).

Costa sintetiza de uma forma surpreendente o que realmente se propõe a ação sagrada da Igreja com seus *ritus et preces*, ou seja, conduzir o fiel ao patamar do Tabor de Deus para esse encontro sentido de si mesmo e grandeza da vida e da realidade na qual está inserido. Dessa forma se recupera o justo equilíbrio teológico-mistagógico e pastoral do axioma fundamental da *Lex Orandi* e da *Lex Credendi*, da *Intellectus Ritus* e da *Intellectus Fidei*. Uma das grandes contribuições de Zubiri no seu labor filosófico intenso foi justamente mostrar essa unidade fundamental entre dimensão intelectual da fé e sua prática e seu ponto de partida que é a realidade. A fé possui um princípio intelectual fundamental porque partindo daquilo que consideramos real pretende-se chegar ao fundamento de todas as verdades passando do modo primário que é a apreensão primordial de realidade, pelo seu segundo momento que é a o momento próprio do logos que é a o momento de perguntar o que é aquilo que considero como real até culminar na razão ou momento de afirmação dessa mesma coisa real. Cescon nos fala dessa unidade fundamental em Zubiri:

Zubiri afirma a unidade conhecimento-fé. Se, de um lado, a fé não pode reduzir-se a uma mera adesão intelectual (contra o racionalismo), de outro, é necessário sublinhar o imprescindível momento intelectual de qualquer tomada de atitude e de qualquer fé possível, mesmo não se tratando de fé teologal (contra o fideísmo). (CESCON, 2007, p. 115)

Como já nos afirmava Grillo se recupera a comunicação entre os dois polos mediado *per ritus et preces* que é o “uma volta por todas” e o agora”. (GRILLO, 2011, p. 44-45). Vale a pena ressaltar que para que esse retorno ao mistério que hoje tanto almejamos e para que possamos acessá-lo é fruto de uma metodologia particular da reforma do Concílio Vaticano II que deve ser levada em consideração. Vaticano segundo não só recupera a centralidade do Mistério Pascal, mas apresenta as vias necessárias para que o povo de Deus possa traçar a vida rumo ao patamar do mistério. Iniciativas como a recuperação do lugar da Palavra de Deus na liturgia, a possibilidade do uso da língua vernácula das traduções dos livros litúrgicos e um maior entendimento da cultura local, seja ela nacional ou regional ajudou a liturgia da Igreja a adquirir um “colorido” novo. Principalmente em contexto latino-americano, os esforços foram inúmeros nesse sentido e muitos teólogos e pastoralistas trabalharam arduamente para que essa realidade fosse

possível. O que sempre se desejou era uma liturgia encarnada na realidade do povo. Uma liturgia divina do povo para o povo que diga algo de salvação para esse mesmo e que ao mesmo tempo seja um “locus” do encontro entre seu povo e seu Deus revelado e manifestado em seu Filho Unigênito. Como fruto desses esforços, quero destacar aqui essas três iniciativas da recuperação da liturgia como parte do dinamismo da realidade. No que diz respeito a recuperação da centralidade da Palavra de Deus na liturgia, afirma a constituição litúrgica:

É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais. (SC, n. 24).

A recepção da Palavra de Deus em território brasileiro é exemplo e ao mesmo tempo modelo de todo esse esforço anterior, pois não é possível separar toda o movimento de reaproximar *ritus et preces* do cotidiano produzido no contexto conciliar para recuperação da centralidade da Palavra de Deus daquele que vai acontecer sucessivamente aqui no Brasil. A Sagrada Escritura não é só um elemento “fontal” que nos mostra a revelação de Deus na história, mas nos mostra que essa experiência da revelação divina se dá no seio da história. Os hinos, cantos, preces de louvor, orações, hinos litúrgicos a esse Deus que se revela a seu povo brotam da realidade do povo e sempre expressam as fadigas, dores e alegrias de um povo. Por isso, a Sagrada Escritura toma parte fundamental na dinâmica da estrutura da liturgia como *medium* (GRILLO, 2011, 44-45) entre os acontecimentos que já se sucederam na história e os que continuam acontecendo no “aqui e agora”. É nesse ponto que os ritos e os sinais da estrutura dinâmica da liturgia tomam força e significados de realidade. Seja nos acontecimentos do passado da economia da Salvação, principalmente, na Última Ceia de Jesus com seus Apóstolos, mesmo de modo implícito pelo menos na narrativa dos sinóticos (Mateus 26, 26-29, Marcos 14, 22-25 e Lucas 22, 14-20) se supõe que tenha acontecido dentro da estrutura da Última Ceia a leitura da Tora o que, certamente, não poderia ser algo suprimido nesse contexto ritual da “confluência” da páscoa judaica e da nova páscoa instituída por Jesus. Nesse sentido, Carmine afirma:

A liturgia é o terreno privilegiado deste conhecimento e desta atitude de escuta. Nela, mais do que em qualquer outra expressão da tradição hebraica, estão resumidos os inexauríveis tesouros bíblicos e espirituais, que desde o início até hoje inspiram e alimentaram. Desta liturgia, dos seus símbolos e “de suyo”s ritos, dos seus ecos e do seu silêncio, alimentaram-se o próprio

Jesus, a Virgem Maria, os Apóstolos, as comunidades primitivas, os primeiros cristãos. (CARMINE, 2004, p. 17-18).

Essa Palavra de Deus como realidade atualizadora dos eventos salvíficos da história que convida o seu povo através da dinâmica ritual como estrutura mediadora entre o que Deus realizou no passado e aquilo que Ele mesmo continua realizando no “aqui e agora” de cada ação litúrgica a Igreja. Nas aparições de Jesus ressuscitado, o elemento da palavra de Deus se torna explícito no contexto eucarístico. No relato da aparição de Jesus aos discípulos de Emaús temos esse exemplo:

E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras. (Lc 24, 25-27).

Ainda na narrativa da ceia fraterna no ceio da comunidade cristã temos outro exemplo clássico: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”. (At 2, 42). Em outro texto das aparições de Jesus Ressuscitado temos o seguinte exemplo:

E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos. Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos, E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. (Lc 24, 44-48).

Podemos afirmar que o que move este movimento são os princípios gerais da Constituição *Sacrosanctum Concilium* que de uma forma extraordinária procurou recuperar a realidade e o significado profundo do objeto e da estrutura dinâmica da ação ritual da Igreja, principalmente, no número fundamental que toca a participação ativa dos fiéis:

É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, activa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; (...) (SC, 48).

O princípio que rege este número é claro, ou seja, diz que os fiéis não só participem ativamente de toda ação litúrgica, mas que possam também ser instruídos pela

Palavra de Deus e alimentem-se do Corpo e do Sangue do Senhor. Temos aqui um salto enorme. Os fiéis não são somente convidados a ouvirem e a serem instruídos moralmente pelas verdades fé, mas são instruídos e alimentados pela Palavra de Deus porque é o próprio Deus que faz ressoar a sua voz.

Atitudes corporais, os gestos e as palavras com que exprime a ação litúrgica e se manifesta a participação ativa dos fiéis, não recebem seu significado unicamente da experiência humana, de onde são tirados, mas também da Palavra de Deus e da economia da Salvação, a qual se referem. Por isso, os fiéis tanto mais participam da ação litúrgica, quanto mais se esforçam, ao escutar a Palavra de Deus nela proclamada por aderir ao Verbo de Deus encarnado em Cristo. Assim, procurem que o que celebra na liturgia seja uma realidade em sua vida e costumes e, inversamente, o que fizerem em sua vida se reflita na liturgia. (IGM e IL, 6).

Aqui implica não somente um crescimento moral, bem como um crescimento espiritual, fruto da escuta atenta da Palavra de Deus. Neste mesmo horizonte se apresenta promulgação do Elenco da Leituras impressa em 1969 e promulgada em 25 pelo papa Paulo VI, segundo as normas da Constituição da Sagrada Liturgia que tinha como objetivo oferecer as Conferências Episcopais indicações sobre cada uma das leituras bíblicas e para que se pudesse preparar a tradução do lecionário das línguas vernáculas das diferentes nações. O uso da língua vernácula para a tradução dos textos do elenco dos textos para missa se constitui um passo grandioso e significativo para as Igrejas particulares em todo mundo, inclusive para a Igreja do Brasil. Tamanha a importância dessa reaproximação é que somente através dela o homem pode se religar ao seu fundamento por meio de ritus et preces e ir começar o processo intelectual até o seu fundamento. Nesse sentido em toda a estrutura dinâmica da liturgia, a Palavra de Deus encontra seu pleno sentido e seu papel fundamental na atualização dos eventos salvíficos de Deus na história. A assembleia não só escuta fatos do passado, mas ao mesmo tempo anuncia a ação de Deus no presente “de suyo” povo. Sendo assim, a Palavra de Deus como presença de Deus que continua presente e falando aos homens na sua história concreta como rege a constituição litúrgica: “Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura”. (SC, n. 7), possui uma força de religar os féis tanto aos acontecimentos do passado como o dinamismo de Deus no presente do seu povo. “A luz deste pleiteamento, se pode dizer que a religação – cuja essência é a precisão da tensão teologal – o caminho intelectual da experiência de Deus representa a dimensão teologal do homem”. (SAVIGNANO, 2006, p. 13).<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> A la luz de este planteamiento, se puede decir que la religación -cuya esencia es precisamente la tensión teologal- el camino intelectual y la experiencia de Dios representan la dimensión teologal del hombre.

Em outras palavras, a libertação que Deus outrora realizou nas entranhas da história do povo hebreu, agora continua realizando na história concreta do povo da Nova e Eterna Aliança através do Mistério Pascal. Essa dimensão teologal do homem não só indica a possibilidade de um contato maior dos féis com a Palavra de Deus, através das leituras e da oração comum, mas também de uma abertura para um futuro exercício do Ministério da Palavra. Vale a pena notar que a recuperação da centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja impulsiona ao mesmo tempo a recuperação ministerial dos fiéis. Tudo isso é fruto dos esforços dos encíclicas anteriores dos papas Leão XIII, Pio X e do papa Paulo VI em proporcionar uma compreensão mais adequada das verdades de fé e dos seus efeitos na vida dos fiéis.

Argote, ao tratar sobre a via dialética como única forma primária de acesso a Deus, afirma:

Porém, não é a forma primaria como o homem vai a Deus, e “está” efetivamente em Deus. Não vai pela via da indigência se não pela plenitude “de suyo” ser, na plenitude de sua vida e de sua morte. O homem vai a Deus na experiência individual, social e história de sua indigência, esta intervém secundariamente. Vai a Deus e deve ir sobre toda a pessoa. No ser pessoal, no ser relativamente absoluto da pessoa, é onde encontra Deus, dando-se ao homem na sua experiência. (ARGOTE, 2006, p. 108).

O sentir senciante de Deus na experiência liturgia, não acontece no âmbito da pura via intelectual, dos conceitos ou da dialética, mas no plano da realidade social e histórica. O Deus da dinâmica da revelação que se revela epifanicamente se revela e manifesta da história social na qual o ser pessoal e absoluto está situado. Acerca do dinamismo transcendental Zubiri afirma: “Pois bem, não só a transcendentalidade não é priori, e não só ela é aberta, mas também, de fato, esta abertura é dinâmica. Certamente não poderia não sê-lo, mas de fato se trata de uma abertura dinâmica”. (ZUBIRI, 2011a, p. 92). Na liturgia por meio do exercício da dinâmica ritual Deus fala abertamente e diretamente ao homem. Trata-se de um Deus que vem ao encontro para lhe falar ao coração e conduzi-lo ao coração do Mistério. Por isso, a tradução dos textos litúrgicos possui um sentido muito mais profundo do que apenas uma mera necessidade de adaptação, é mais que isso essa urgência. Deus ao “irromper” a eternidade e entrar na história pessoal e absoluta de cada ser humano vem ao encontro desse para lhe falar e revelar os seus mistérios. Deus se utiliza do mesmo plano linguístico simbólico-ritual do homem para se fazer entender e para que o homem possa pela via intelectual acolher sua mensagem de salvação, dando-se conta com quem Ele está em diálogo. “A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas

ovelhas, e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. (Jo 10, 3-4).

## Conclusão Geral

Em caráter de conclusão final, podemos afirmar que o pensamento filosófico de Xavier Zubiri é um vasto tesouro e um marco tanto para a reflexão filosófica quanto teológica atual. Assim, como provoca a filosofia a repensar suas categorias fundamentais como a metafísica, noologia e a fenomenologia, também provoca a reflexão teológica a “aventurar-se”, a repensar seus conceitos sobre Deus dentro do enquadramento zubiriano da realidade

À luz do seu pensamento zubiriano, a teologia e, em especial a liturgia, analisadas como “realidade” ganham uma profundidade jamais vista, saindo das regiões periféricas do pensar. É uma novidade garbosa e consistente que nos leva a profetizar que metafísica e a noologia do futuro estão condensadas no pensamento deste grande autor basco que trabalhou até a morte para clareá-lo.

Na questão que nos propusemos estudar, dando um reforço ao clamor da *Redemptionis Sacramentum* contra os abusos litúrgicos fica muito mais clara que tais abusos são fruto de uma ignorância “filosófica”, pois só um estulto pode achar que a realidade não tenha sua dinâmica por si e em si mesma. Tais abusos mostraram o papel da ignorância com a sua ridícula configuração. Ficam os questionamentos de como pode se dar bem na vida quem navega na contramão do saber

Então, assim foram constituídos os três capítulos de uma tese que termina de forma aberta, para que outros possam dar continuidade. Uma das coisas mais impressionantes do pensamento de Zubiri a “transcendentalidade” que não permite que nada seja “fechado” em seu saber. É esta abertura fundamental que possibilita o enriquecimento até aos dogmas da fé.

O nosso estudo, sobretudo no segundo capítulo, mostrou ao modo de um refrão, como a liturgia é dinâmica. Para isso fizemos dois passos. O Primeiro foi tratar a liturgia como “realidade”. Isso não é nenhuma novidade, pois os melhores liturgistas dizem abertamente que a liturgia é realidade, e nós o mostramos em citações. O que é novidade e isto constitui a nossa tese é mostrar que, segundo o pensamento de Zubiri, toda realidade é naturalmente dinâmica em si e por si mesma. Logo, aqui está o coração da nossa tese: se toda realidade é naturalmente dinâmica, e liturgia é realidade, então as tentativas de dinamizar a liturgia com adendos e intromissões extrarrituais, que foram chamadas de “abusos” pela autoridade eclesial (RS), são fruto de uma concepção equivocada do que seja realidade. Infelizmente isso acontece devido a um tipo de cultura na qual se navegou sem nenhuma crítica e que Xavier Zubiri chamou de inteligência “concupiente”. Neste expediente, parte-se de conceitos e não de coisa real. Conceitos sempre existirão e são necessários porque é dom

humano conceituar. Mas quando esses conceitos vão repousando uns sobre os outros sem partir do real, a crise está instalada. Esta crise deixou o Ocidente em petição de miséria. Isso respingou em toda a ação pastoral da Igreja, que se acostumou a ensinar conceitos soltos da realidade. Fracasso total.

Para chegar a este ponto foi necessário, no primeiro capítulo, aprofundar o realismo zubiriano e nos apropriarmos do coração do pensamento de Zubiri, conhecendo assim como uma grande tese o que ele chama de “inteligência senciente”. É claro que o realismo zubiriano foi despontando, junto com outras dimensões da filosofia do pensador basco.

Daí, então, o segundo capítulo trabalha a liturgia como realidade dinâmica, abordando as dimensões desse dinamismo. Não podíamos senão dedicar algumas páginas desse capítulo apresentando a Instrução *Redemptionis Sacramentum* em seu contexto. Ficou muito claro que os abusos refletem total ignorância do que seja a realidade e a noologia do pensamento de Zubiri, que veio em boa hora nos ajudar no conhecimento já tão comprometido com uma inteligência “concupiente” totalmente fracassada, que deixou sobretudo o Ocidente numa crise da qual não encontra saída sem um caminho radicalmente novo. Finalmente, então, a filosofia mostra-se como uma ciência cujo patamar é necessário para que o ser humano elabore um conhecimento sólido.

Por fim, o terceiro capítulo propõe oferecer elementos para colocarmos em prática o que o nosso estudo aprofundou. Fizemos, então, algumas sugestões de como repropor a liturgia, enquanto celebração e estudo, partindo da ideia zubiriana discutida nesta tese. Pensamos que o propósito desta tese foi cumprido.

## Bibliografia

- ADAM, Adolf. **O ano litúrgico**. Sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica. São Paulo: Loyola, 2019.
- AGOSTINHO. **Tratados sobre o Evangelho de João LXXX**. In: Antologia Litúrgica. 2º ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 926.
- AGOSTINHO, Santo. **Doutrina Cristã II**. In: Antologia Litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. 2º ed. Fatima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.
- ALDAZÁBAL, José. **A eucaristia**. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ALDAZÁBAL, J. **A mesa da PalavraI**: elenco das leituras da missa. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ANTÔNIO, González. La via cósmica hacia Dios según Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.7, p 91-107, 2005. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2005/pdf/xzr\\_2005.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2005/pdf/xzr_2005.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2022.
- AQUINO, Tomás. Suma teológica IX: os sacramentos. v. 9. III parte – Questões 60-90. São Paulo: Loyola, 2006.
- AQUINO JUNIOR, Francisco de. Teologia e hermenêutica: da “teologia como hermenêutica” ao momento hermenêutico da teologia. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 68.
- ARBAZÚA, Esteban Vargas. El problema de la formalidad de realidad y estimulidad a partir de la filosofía de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.9, p 5-17, 2007. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/esteban\\_07.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/esteban_07.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2021
- ARGOTE, Germámn Marquínez. **Paul Tillich y Xavier Zubiri**: Planteamiento del problema de Dios. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.8, p. 103, 2006. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2006/pdf/xzr\\_2006.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2006/pdf/xzr_2006.pdf)>. Acesso em 22 de Agosto de 2022.
- ARGOTE, Germámn Marquínez. **Paul Tillich y Xavier Zubiri**: Planteamiento del problema de Dios. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.8, p. 108, 2006. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2006/pdf/xzr\\_2006.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2006/pdf/xzr_2006.pdf)>. Acesso em 22 de Agosto de 2022.
- ARGOTE, Germán Marquinez. Inteligência, realidade, possibilidade: história de quatro palavras. 2º ed. online. [s. l.]: Fundación Xavier Zubiri, 2015. Disponível em: <[https://www.zubiri.net/portada3/pluginfile.php/1465/mod\\_resource/content/1/IVpalabras.pdf](https://www.zubiri.net/portada3/pluginfile.php/1465/mod_resource/content/1/IVpalabras.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2021. (tese doutoral).
- AUGÉ, Matias. L'instruzione redemptionis sacramentum. In: Rivista Liturgica: Dal 40º di Sacrossanctum concilium all'anno dell'eucaristia. n. 5. (2004), p. 895-900.

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BECHHÄUSER, Alberto. **Orientações litúrgicas para bem celebrar**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Sacramentum Caritatis*: Disponível em: [«https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis.html»](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html). Acesso em 22. 08. 2022.
- BERNARDES, Matheus da Silva. **Introdução a Xavier Zubiri**. Pensar a realidade. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA DE JERUSALEM. Ed. rev. amp. 3º impr. São Paulo: Paulus, 2004.
- BONACCORSO, Giorgio. **Il rito e l'altro**: la liturgia come tempo, linguaggio e azione. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.
- BOZZOLO, Andrea. **Il rito di Gesù**: temi di teologia sacramentaria. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2013.
- BOURGEOIS, Henri. **La testimonianza della chiesa antica**: una economia sacramentale. In: SESBOÜÉ, Bernard (et al). *Storia dei Dogmi: i segni della salvezza XII-XX secolo*. Casale Monferrato: Piemme, 1998, p. 43-44.
- CALVENTE, Martin Ruiz. El Urfaktum del la intelección sentiente segun Xavier Zubiri: el noema es alter qua realitas. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.2, p 7982, 1999. Disponível em: <http://www.zubiri.org/general/xzreview/1999/ruiz1999.htm>. Acesso em 07 Abril. 2021.
- CALVENTE, Ruiz Martín. El Urfaktum de la intelección sentiente según Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.2, p 80, 1999. Disponível em: <http://www.zubiri.org/general/xzreview/1999/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 17 de Abril. 2022.
- CAPONIGRI, A. Robert. A propósito de sobre a essência: o realismo de Xavier Zubiri. In: SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 47-64.
- CARTA ENCÍCLICA MEDIATOR DEI, PAPA PIO XII. Disponível em: [«https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hfp\\_xii\\_enc\\_20111947\\_mediator-dei.html»](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hfp_xii_enc_20111947_mediator-dei.html). Acesso em: 22.04.2022.
- CARTDITA, Ângelo Manuel dos Santos. **Reforma litúrgica para quê?** Revisando a *Sacrossanctum Concilium*. São Paulo: Loyola, 2018.
- CASEL, Odo. **O mistério do culto cristão**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.
- CASTILHO, José M. **A humanidade de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 10º ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CENTRO STUDI SANGUINIS CHRISTI. Il sangue di Cristo nella teologia (continuatio medievalis) II Chiesa latina e greca VIII secolo. Veglinati, Tullio (cura). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008.

CENTRO STUDI SANGUINIS CHRISTI. Il sangue di Cristo nella teologia (Continuatio Medievalis) III Chiesa latina IX secolo: prima metà. Veglinati, Tullio (cura). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008.

CESCON, Everaldo. **A "trilogia teologal" de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos.** *The Xavier Zubiri Review*, Washington, DC, v.9, p 115, 2007. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr\\_2007.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr_2007.pdf)>. Acesso em 17 de Abril. 2022.

CESCON, Everaldo. **A "trilogia teologal" de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos.** *The Xavier Zubiri Review*, Washington, DC, v.9, p 120, 2007. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr\\_2007.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr_2007.pdf)>. Acesso em 17 de Abril. 2022.

CESCON, Everaldo. **A "trilogia teologal" de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos.** *The Xavier Zubiri Review*, Washington, DC, v.9, p 114, 2007. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr\\_2007.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr_2007.pdf)>. Acesso em 17 de Abril. 2022.

CESCON, Everaldo. **A "trilogia teologal" de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos.** *The Xavier Zubiri Review*, Washington, DC, v.9, p 112, 2007. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr\\_2007.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2007/pdf/xzr_2007.pdf)>. Acesso em 17 de Abril. 2022.

CHERUBIN, Felipe; TEJADA José Fernandez. **O que é a inteligência: filosofia da realidade em Xavier Zubiri.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Frei Frederico (coord.). 31º ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Animação da vida litúrgica no Brasil.** <https://pt.slideshare.net/josevieira68/cnbb-doc-43-animao-da-vida-litrgica-no-brasil>. Acesso em: 22. Agosto. 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Instrução Geral do Missal Romano e Instrução ao Lecionário.** Brasília: Edições CNBB, 2008.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Redemptionis Sacramentum** sobre alguns aspectos que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONILL, Jesús. Noología en tiempos de neociencias e inteligencia artificial. *The Xavier Zubiri Review*, Washington, DC, v.15, p 133, 2019. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2020/xzreviewtoc\\_2020.html](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2020/xzreviewtoc_2020.html)>. Acesso em 07 Abril. 2021.

CONILL, Jesús. Noología en tiempos de neurociencias e inteligencia artificial. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.15, p 134, 2019. Disponível em:<[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2020/xzreviewtoc\\_2020.html](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2020/xzreviewtoc_2020.html)>. Acesso em 07 Abril. 2021.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO: CELAM. *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. Paulus, 2004.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13-31 de Maio de 2007. São Paulo: Edições CNBB, 2007.

COSTA, Valeriano Santos. **A estrutura dinâmica da liturgia**: uma abordagem na perspectiva do realismo de Xavier Zubiri. PQTEO. v. 23, n. 63, p. 697-717, set./dez. 2019.

COSTA, Valeriano Santos. **A relevância teológica da filosofia de Zubiri**. In: Xavier Zubiri: Interfaces. São Paulo: Ideias & Letras, 2020, p. 33-57.

COSTA<sup>1</sup>, Valeriano Santos. **Encontro com Deus na liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2010.

COSTA, Valeriano Santos. **Liturgia**: peregrinação ao coração do mistério. São Paulo: Paulinas, 2009.

COSTA<sup>2</sup>, Valeriano Santos. **Viver a ritualidade como momento histórico da salvação**: participação litúrgica segundo a Sacrossanctum Concílium. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DE ZAN, R. **Os múltiplos tesouros da única Palavra**. Petrópolis: Vozes, 2015.

DRISCOLL, Jeremy. **Cosa accade nella Messa**. Città di Castello: Dehoniane Bologna, 2009.

ELLACURÍA, Ignacio. **Filosofia de la realidade histórica**. Salvador: UCA, 1999.

ELLACURÍA, Ignácio. **Principalidade de la esencia em Xavier Zubiri**. Universidade de Madrid (tesis doctoral). Madri. 1965, p. 1063.

ELLACURÍA, Ignácio. **Uma abordagem da filosofia de Zubiri**. SECRETAN, Philibert. (org.). Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): por uma filosofia da realidade. São Paulo: É Realizações, 2014.

ENTRALGO, Pedro Laín. Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.7, p. 112, 2005. Disponível em:< <http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ENTRALGO, Pedro Laín. Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.7, p. 113, 2005. Disponível em:< <http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ENTRALGO, Pedro Laín. Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.7, p.113-14,2005. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad” el “mas” y el “hacia”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.5, p 57-58, 2003. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad” el “mas” y el “hacia”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.5, p 48, 2003. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad” el “mas” y el “hacia”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.5, p 49, 2003. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad” el “mas” y el “hacia”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.5, p 29, 2003. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad” el “mas” y el “hacia”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.5, p 44, 2003. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2003/web/lolas2003.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad”, el “de suyo”, y el “prius”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 76, 2002. Disponível em:<[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/lolas\\_XZR2002.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/lolas_XZR2002.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. Algunas reflexiones sobre la “formalidad”, el “de suyo”, y el “prius”. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 77, 2002. Disponível em:<[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/lolas\\_XZR2002.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/lolas_XZR2002.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. El logos nominal constructo em el pensamiento de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 32, 2001. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/lolas2000.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. El logos nominal constructo em el pensamiento de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 43, 2001. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/genett>>Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. El logos nominal constructo em el pensamiento de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 42, 2001. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/lolas2000.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. El logos nominal constructo em el pensamiento de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 39, 2001. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/lolas2000.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. El logos nominal constructo em el pensamiento de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 41, 2001. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/lolas2000.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ESPINOSA, Ricardo A. Lolas. El logos nominal constructo em el pensamiento de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 31-32, 2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/lolas2000.pdf> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

FABRIS, Rinaldo, (et al) (trad.). **Os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1990.

FAYOS, Antônio Ferraz. **A trilogia sobre a inteligência**. SECRETAN, Philibert. (org.). Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): por uma filosofia da realidade. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 65-76.

FAYOS, Ferraz. **Zubiri: el realismo radical**. Madri: Ediciones Pedagógicas, 1995.

FERNÁNDEZ, Oscar Barroso. La unidad radical de inteligencia, sentimiento y voluntad. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 133-148, 2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/web/fernandez2000.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

FERRAZ, Antônio. Filosofia, ciencia y realidad: apuntes zubirianos. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.7, p 81, 2005. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/lolas2000.pdf> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

FINELON, Vitor Gino; SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. **Teologia do mistério: aspectos bíblico-patristicos, teológico-litúrgicos e magisteriais**. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.

F. NASINI. Il “gioco” liturgico in Romano Guardini e Odo Casel, «Rivista Liturgica» 99 (2012) 484-509. In: BOZZOLO, Andrea Il rito di Gesù: temi di teologia sacramentaria. Roma: Las, 2013.

FOWLER, Thomas, B. Introduction to the Philosophy of Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.1, p 60, 1998. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/1998/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 15 Abril. 2022.

FOWLER, Thomas. **Las limitaciones de la inteligencia artificial a la luz de *Inteligencia sentiente de Zubiri***: In: V Congresso Internazionali Xavier Zubiri, Universidad de Bari, 27 de septiembre de 2019.

FRADE, G. S. Medellín e a liturgia. In: NEY, S; EMERSON, S (Org.). **Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis, 2018.

FRANCISCO, papa. Carta Apostólica **Desiderio Desideravi**: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2022.

FRANCISCO, papa. Carta Apostólica **Traditionis Custodes**: sobre o uso da liturgia anterior à reforma de 1970. São Paulo: Paulus, 2021.

FRANCISCO, João Manoel. **Comunhão: ápice da celebração e da participação na Eucaristia**. In: COSTA, Valeriano. Liturgia: peregrinação ao coração do mistério. São Paulo: Paulinas, 2009.

GARCÍA, José Manuel Lopez. **Essencia y transcendentalidade en el realismo de Zubiri**. Espanha: Departamento de filosofia. Facultad de filosofia de la UNED, 2013. (tese doutoral). Disponível em: <[https://www.zubiri.net/portada3/pluginfile.php/378/mod\\_resource/content/1/TESIS%2DOCTORAL%20-%20J-M-L%20C3%93PEGARC%20C3%8DA.pdf](https://www.zubiri.net/portada3/pluginfile.php/378/mod_resource/content/1/TESIS%2DOCTORAL%20-%20J-M-L%20C3%93PEGARC%20C3%8DA.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2021.

GARCIA, Juan José. El poder de lo real en Xavier Zubiri y su lectura de los padres griegos. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 28, 2002. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/xzreviewtoc\\_2002.html](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/xzreviewtoc_2002.html)>. Acesso em 15 Abril. 2022.

GARCÍA, Juan José. El poder de lo real em Xavier Zubiri y su lectura de los padres griegos. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 19-66, 2002. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/Garcia\\_XZR2002.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/Garcia_XZR2002.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2021.

GARCÍA, Juan José. El poder de lo real em Xavier Zubiri y su lectura de los padres griegos. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 28, 2002. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/Garcia\\_XZR2002.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/Garcia_XZR2002.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2022.

GARCÍA, Juan José. El poder de lo real em Xavier Zubiri y su lectura de los padres griegos. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 29, 2002. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/Garcia\\_XZR2002.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/Garcia_XZR2002.pdf)>. Acesso em 07 Abril. 2022.

GARCÍA, Juan José. Poder de lo real y “kairós” en la filosofía de Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.5, p 111, 2003. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2004/pdf/xzr2004.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

GARCÍA, Juan José. Realidad e y cosa-sentido en la filosofía de Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.6, p 89-97, 2004. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2004/pdf/xzr2004.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

GIRALDO, Cesare. **Stupore Eucaristico**: per una mistagogia della Messa «atraverso i riti e le preghiere. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.

GONZÁLEZ, Antonio. **La metafísica del futuro**. In: V Congresso Internazionale Xavier Zubiri. Pensare la metafísica nell’orizzonte del XXI secolo, 2019, Bari – Itália. Abstract [...] Bari: Università Degli Studi di Bari Aldo Moro/Dipartimento di Studi Umanistici, 2019. p. 1-2.

GONZÁLES, Antonio. *La novedad teologica de la filosofía de Zubiri*. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, 1993.

GRACIA, Diego. **El poder de lo real**: leyendo a Zubiri. Madrid: Triscatela, 2017.

GRACIA, Diego. Amicus Plato: **La filosofía como profesión de verdad**. In: V Congresso Internazionale Xavier Zubiri. Pensare la metafísica nell’orizzonte del XXI secolo, 2019, Bari – Itália. Abstract [...] Bari: Università Degli Studi di Bari Aldo Moro/Dipartimento di Studi Umanistici, 2019. p. 1.

GRILLO, Andrea. **Introduzione alla teologia liturgica**: approccio teorico alla liturgia e ai sacramenti cristiani. Padova: Messaggero di Sant'Antonio, 2011.

GRILLO, Andrea. **Para além de Pio V**: a reforma litúrgica após a Traditionis Custodes. São Paulo: Paulus, 2022.

GRILLO, Andrea. Il toccare nella prassi sacramentale: la cura del tatto pela la contingenzia della grazia. *Servitium Quaderni de ricerca spiritule*. n. 209. Settembre/ottobre 2013, p. 50-58.

GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. 2º ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

HUNERMAM, Denzinger. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola, 2006.

JAVIER FLORES, Juan. **Introdução à Teologia Litúrgica**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2003.

JOAO PAULO II, papa. Carta Apostólica **Die Domini**, 31 de Maio de 1998, nn. 31-34: ASS 90 (1998) p. 713-766.

JOAO PAULO II, papa. Carta Encíclica **Ecclesia de Eucharistia**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/holy\\_father/special\\_features/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_20030417\\_ecclesia\\_eucharistia\\_po.html](https://www.vatican.va/holy_father/special_features/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_ecclesia_eucharistia_po.html)>. Acesso em 22. 08. 2022.

JOÃO PAULO II, papa. Carta encíclica **Fides et Ratio**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html). Acesso em 15.04.2022.

JUAN, José Sázhes Álvares Castellanos. El espacio y las estructuras cognitivas humanas: Zubiri y Kant. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.2, p 103-128, 1999. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/1999/sanchez1999.htm>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

JUNG, Gustav Carl. **O símbolo da transformação da missa**. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JÚNIOR, Francisco de Aquino. **A teologia como inteligência do reinado de Deus**: o método da teologia da libertação segundo Ignacio de Ellacuría. São Paulo: Loyola, 2010.

JÚNIOR, Francisco de Aquino. **A teologia e filosofia**: problemas de fronteiras. São Paulo: Loyola, 2010.

LIRA, B. C. **Princípios Litúrgicos do Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LÓPEZ MARTÍN, Julián. **Teologia, História, Espiritualidade e Pastoral**: a liturgia da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARCHINI, Lancieri Welder. **Paróquias Urbanas**: entender para participar. Aparecida: Editora Santuário, 2017.

MARCONCINI, Benito. **Os Evangelhos Sinóticos**: formação, redação teologia. São Paulo: Paulinas, 2012.

MARILI, Salvatore. **Sinais do mistério de Cristo**: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARINI, Piero. **Presidir a celebração da eucaristia**: ars celebrandi. Brasília: Edições CNBB, 2018.

MARTÍNEZ, Castro Rafael, “**La metafísica de Zubiri**: Uma especulación sobre la substancia”. In: Juan Antonio Nicolás e Oscar Barroso (eds.). *Balance y Perspectivas de la filosofía de X.Zubiri*. Granada: Comares, 2004.

MEINHARDT, Giovanni. **Zubiri no Brasil**: enconbrimento e descobrimento: In: Xavier Zubiri: Interfaces/ VALERIANO, Costa; (Org.). (et al.). São Paulo: Ideia & Letras, 2020, pp. 1-15.

MOLINA, Vladimir. **Realidad y realismo en Xavier Zubiri**. Chile: Universidad Alberto Hurtado Facultad de Filosofía y Humanidades Departamento de Filosofía, 2016. (tese doutoral).

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus crucificado**: a cruz e Cristo como base da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011.

MORENO, Luiz Jiménez. Sobre el sentimiento – conocer y querer – en Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.1, p 31-37, 1998. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/1998/xzreview1998photo.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

MUÑOZ, Guillerma Díaz. Zubiri, Lakatos y la crisis gödelaina del fundamento matemático. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.2, p 15, 1999. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/1998/xzreview1998photo.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2022.

ORSI, João Carlos. Aspectos canônicos da instrução “Redemptionis Sacramentum”. *Teocomunicação*. Vol. 36, n. 151 (2006), pp. 209-238.

ORRINGER, Nelson R. Cognitive intertexts of estructura dinámica de la realidad, or aristótle. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 5-15, 2002. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/xzr2002.pdf>>. Acesso em 30.03 Março. 2022.

ORRINGER, Nelson R. **The idea of dynamic in the structure of reality**. *The Xavier Zubiri Review*, Washington, DC, v.1, p 23-29, 1998. Disponível em:< <http://www.zubiri.org/general/xzreview/1998/conceptofdynamism.html>>. Acesso em 07 Abril. 2021.

ORTEGA, Francisco. **La teología de Xavier Zubiri**: su contextualización em la teología contemporanea. Huelva: Hergué, 2005.

PARANHOS, Washington. **O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica**. São Paulo: Paulus, 2022.

PINTOR-RAMOS, Antônio. **Gênesis y formamación de la Filosofía de Zubiri**.3ª edición. Salamanca: Pontificia Universidad Salamanca, 1996.

PINTOR-RAMOS, Antônio. **Realidad y verdad**: las bases de la filosofía de Zubiri. Salamanca: Pontificia Universidad Salamanca, 1994.

PINTOR-RAMOS, Antônio. **Uma filosofia da religião**. SECRETAN, Philibert. (org.). Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): por uma filosofia da realidade. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 77-108.

PIO XII. CARTA ENCÍCLICA MEDIATOR DEI. Disponível em: «[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hfp\\_xii\\_enc\\_20111947\\_mediator-dei.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hfp_xii_enc_20111947_mediator-dei.html)». Acesso em: 22.04.2022.

PORRECA, Agostinho. L'Eucaristia, cuore della Chiesa a partire dal Concilio Vaticano II. Trapani, Il pozzo di Giacobbe, 2017, p. 333-336.

QUIRINO, A. T. **A Palavra de Deus na liturgia**. Uberlândia: A Partilha, 2016.

RATZINGER, Joseph. **Teologia da liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. v. XI. 2º ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

RICCA, Paolo. L'ultima cena, anzi la prima: La volontà tradita di Gesù. Torino: Claudiana, 2013.

REYES, Linares Pedro. **El papel de la imaginación e el conocimiento de Dio. The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.4, p 133-146, 2002. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2002/pdf/xzr2002.pdf>>. Acesso em 07 Abril. 2022.

RIVENA, Jorge Eduardo. Zubiri y Heidegger In: JUAN, Antônio Nicolas; ESPINOZA, Ricardo (eds.). **Zubiri ante Heidegger**. Barcelona: Herder, 2008.

RUIZ, Basílio Rojo. **Sentires, sentido y poesia en Xavier Zubiri. The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.1, p 39-47, 1998. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/1998/sentires.html>>. Acesso em 07 abril. 2021.

SÁEZ CRUZ, Jesús. *La accesibilidad de Dios*: su mundanidad y transcendecia em X. Zubiri. Salamanca: Pontificia Univerddidad (Bibliotheca Salamanticens nº 174), 1995.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OCULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução **Eucharisticum Mysterium**, 25 de Maio de 1967, n. 6: AAS 59 (1967) p. 545.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OCULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução **Imensae caritatis**, 29 de Janeiro de 1973: AAS 65 (1973) p. 266.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OCULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução **Inaestimabile Donum**, 03 de Abril de 1980: AAS 79 (1980) p. 333.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OCULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Liturgiam Authenticam**. «Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20010507\\_comunicato-stampa\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20010507_comunicato-stampa_po.html)». Acesso em: 22. 08. 2022.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OCULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução **Liturgicaei instaurationes**, 05 de Setembro de 1970: AAS 62 (1970) p. 694.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OCULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução **Varietatis legitimae**: AAS 87 (1995) p. 288-314.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 103, 2000/2001. Disponível em:<<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 113-115, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 118, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p. 114, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 110, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 108, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 109, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 111, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinámica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 113-114, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALADO, Manuel Calleja. Realidad, esencia, y estructura dinâmica em Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 115, 2000/2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/xzreviewtoc.html> >. Acesso em 07 Abril. 2021.

SALAMOLARD, Michel. **A eucaristia onde tudo se transforma**: falar da presença real hoje. Petrópolis: Vozes, 2013.

SANTI, Carmine di. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

SAVGNANO. La dimensión teologal del hombre en Xavier Zubiri. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.8, p. 13, 2006. Disponível em: <[http://www.zubiri.org/general/xzreview/2006/pdf/xzr\\_2006.pdf](http://www.zubiri.org/general/xzreview/2006/pdf/xzr_2006.pdf) >. Acesso em 22 de Agosto de 2022.

SCHMEMAMM, Alexandre. **Per la vita del mondo**: il mondo come sacramento. Roma: Lipa, 2012.

SECRETAN, Philibert. (org.). **Introdução ao pensamento de Zubiri**(1898-1983): por uma filosofia da realidade. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 47-64.

SOUZA, Chaves Vitor; GOTO, Akira Tommy. Deus senciente: o lugar de Xavier Zubiri na filosofia da religião. In: MARCOS, Vieira; BENARDES, Matheus S. COSTA, Valeriano dos Santos (Org.). **Xavier Zubiri**: interfaces. São Paulo: Ideais e Letras, 2020, p. 75-101.

TEJADA, José Fernández; SANTOS, Antônio Tadeu Cherrif. **Anotações críticas Sobre a Essência**: eliminando “a densa neblina” sobre a Filosofia da realidade de X. Zubiri. In: **Revista portuguesa de filosofia**, Braga, v. 69, fasc. 1 p. 93-124, 2013.

TEJADA, José Fernández. Prefácio. ZUBIRI, X. **Inteligência e Realidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.

TEJADA, Fernández; CHERUBIN, Felipe. **O que é a inteligência**: filosofia da realidade em Xavier Zubiri. Rio de Janeiro: Lumem Juris, 2016.

TEJADA, Fernández. Antonio Consajero: documento vivo de la realidad humana. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v.3, p 69, 2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/xzreview2000.pdf> >. Acesso em 30.03 Março. 2022.

TEJADA, José Fernández. Antônio Consajero: documento vivo de la realidade humana. **The Xavier Zubiri Review**, Washgton, DC, v. 3, p. 68, 2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/tejada2000.pdf>>. Acesso em 07.Abril. 2021.

TEJADA, José Fernández. Antônio Consajero: documento vivo de la realidade humana. **The Xavier Zubiri Review**, Washgton, DC, v. 3, p. 113-115, 2001. Disponível em: <<http://www.zubiri.org/general/xzreview/2000/pdf/tejada2000.pdf>>. Acesso em 07.Abril. 2021.

THE XAVIER ZUBIRI FOUNDATION OF NORTH AMERICA. Disponível em: <<http://zubiri.org/general/xzreview/xzreview.html>> FUNDACIÓN XAVIER ZUBIRI. Disponível em: <<https://www.zubiri.net/bienvenida/>>.

THISSEN, Gerard. **La dinâmica rituale dei sacramenti nel cristianesimo primitivo**: da azioni simbolico-profetiche a riti misterici. Roma: Citadella Editrice, 2013.

VAGAGGINI, **O sentido teológico da Liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

WARD, Anthony, The discipline of the Eucharist: The instruction redemptionis sacramentum. Ephemerides liturgicae. 2004., vol. 118, n. 118, pp. 209-243.

ZIZIOULAS. Ioannis. Eucaristia e regno di Dio. Torino: Edizioni Qiqajon, 1996.

ZUBIRI, Xavier. **El hombre e Dios**. Madri: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2003.

ZUBIRI, Xavier. **Estructura dinámica de la realidad**. 1. ed. Madri: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 1995.

ZUBIRI, Xavier. **Estructura dinámica de la realidad**. 1. ed. Madri: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2006.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e logos**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações; 2011b.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Razão**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações; 2011c.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações; 2011a.

ZUBIRI, Xavier. **O problema teologal do homem**. In: OLIVEIRA, M.; ALMEIDA, C. (org.). O Deus dos filósofos modernos. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre el hombre**. 1. ed. Madri: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 1998.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la esencia**. 2. ed. Madri: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2018.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la realidad**. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

ZUBIRI, Xavier. **Três dimensões del ser humano**: individual, social, histórica. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

ZUBIRI, Xaver. Reflexiones filosóficas sobre algunos problemas de teología. Madrid: Alianza Editorial, 2019.